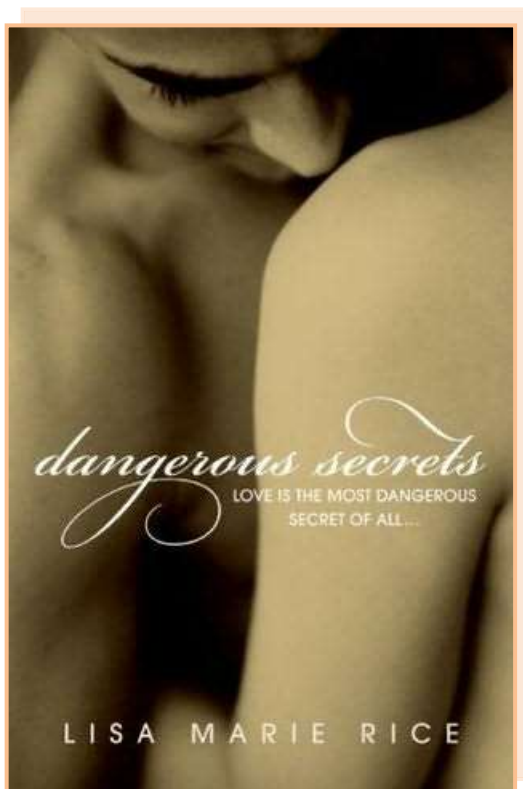




Lisa Marie Rice

Segredos Perigosos

Dangerous 02

Charity Prewitt, uma bibliotecária de uma pequena cidade, jamais sonhou conhecer e apaixonar-se por um homem como Nicholas Ame. O bonito, rico, encantador e sedutor milionário que apareceu em Parker's Ridge, Vermont, e que pôs seu mundo para cima imediatamente. Nick é poderoso, sensual, o homem perfeito, e sabe o que dizer e onde tocar, para obter que Charity alcance, novas e ardentes, cotas de ditoso abandono. Nunca antes, a afetada e decente Charity se deitou com um perfeito desconhecido, e agora está aí com ele, e nada poderá impedi-lo.

Mas Nick Ame não é o que diz ser. Em realidade, é Nicholas Ireland, aquele a quem chamam "O Homem de Gelo". Um ex-agente do Delta Force, que agora é um agente de alto nível que trabalha encoberto, e que fará tudo o que lhe peça seu governo: mentir, seduzir, trair... inclusive matar, se for necessário, pelo bem da missão. E desta vez sua missão é Charity Prewitt.

De repente uma mulher tem aberto uma fenda em seu frio controle e inflamou completamente suas paixões. E antes que o sonho erótico se converta em um pesadelo, será capaz Charity de derreter o coração do Homem de Gelo?







Comentário da Revisora Waleria: é um suspense policial que possui uma história romântica entre uma bibliotecária (mais uma, para o tormento de uma das revisoras que está pensando em cursar biblioteconomia para encontrar um homem saradão e gostosão, tudo de bom) e um agente em uma missão para desmascarar um criminoso perigoso. tem cenas quentes e sensuais e uma história de romance que nos deixa com vontade de quero mais. Espero que gostem da leitura.

Comentário da Revisora Danielle Aguiar: Gostei da história e dos personagens.....agente disfarçado, durão, macho, mandão.....e uma bibliotecária bem espertinha.....
Vale a pena, apesar dos inúmeros nomes impronunciáveis.....máfia russa.....rsssssss
Espero que conte as histórias dos outros agentes.....

Prólogo

Parker's Ridge, Vermont
28 de novembro

A missão de Iceman, o homem de gelo, tinha terminado. Então, por que continuava ainda ali, no topo daquela gelada colina, contemplando o funeral que estava ocorrendo no vale abaixo?

Fazia frio, mesmo se tratando do mês de novembro. Os ajudantes do coveiro tinham dificuldades para cavar no chão gelado o oco necessário para o amplo caixão de mogno e metal, que jazia sobre a grama a uns metros de distância. O som de suas pás tilintava com o ruído do aço e se expandia pelo ar ensolarado e frio. Várias pessoas sacudiam os pés sobre o terreno nevado, tratando de esquentar-lhe e olhando ao redor com inquietação. Não era correto parecer incômodo durante um enterro, de modo que se esfregavam os braços e se abrigavam tristemente em suas blusas de frio com a esperança de que tudo acabasse logo.

Iceman se encontrava em seu esconderijo situado a sessenta metros por cima da mastreada ladeira, observando através de seu binóculo Steiner 8 x 30, lembrança de seus dias no exército.

Ele não sacudia os pés nem se escondia em seu casaco. O frio não lhe incomodava. Tampouco o calor. E não se importava com o sentimento dos que estavam presentes no funeral.

Estava ali pela viúva.

Ela se encontrava à parte, pálida e rígida, sem véu, vestida de preto. Não parecia notar o frio nem se movia de forma nervosa. Simplesmente estava imóvel, pequena e erguida, observando tudo com olhos secos enquanto os ajudantes cavavam.

Aquilo pareceu durar uma eternidade.



O fôlego dos coveiros surgia em forma de brancas nuvens de bafo e sua respiração se tornava cada vez mais áspera, semelhante à de um burro de carga carregando de um pouco de peso. Finalmente, no chão se abriu um buraco em forma de tumba, e seu trabalho foi interrompido.

Os presentes se reuniram em torno da viúva como guiados por um sinal. Um cavalheiro idoso, vestido com uma blusa preta de caxemira, tomou brevemente do cotovelo e se inclinou para ela. Mas a viúva negou com a cabeça e ele deu um passo para trás.

O sacerdote, um homem jovem de pele pálida, abriu sua pesada Bíblia e leu uma página que tinha sido assinalada previamente com um grande marca páginas de seda branca. Suas palavras eram pausadas e solenes enquanto seu nariz adotava uma cor vermelha viva.

Quando chegou ao final do parágrafo, fechou a Bíblia e inclinou a cabeça. Todos fizeram o mesmo menos à viúva, que continuou com a vista cravada à frente de forma rígida. A mulher mais velha, elegantemente vestida, que estava junto ao ancião cavalheiro, aproximou-se dela, mas se deteve quando seu acompanhante pôs a mão sobre seu braço e sacudiu a cabeça, lhe lançando um olhar de advertência. A anciã pareceu confusa, e depois retrocedeu.

Os ajudantes tinham colocado cordas de mais de cinco centímetros de grossura sob o caixão que tinham situado sobre o profundo buraco, e o estavam baixando lentamente. Os homens balbuciaram pelo esforço e a tensão, e o som chegou até a colina acima.

Ao fim, o enorme e pesado caixão chegou ao fundo e os operários se afastaram com respeito.

O sacerdote disse umas palavras à viúva e esta se moveu pela primeira vez, agachando-se com agilidade para agarrar um punhado de terra. Aproximou-se da borda do buraco, jogou a terra sobre o caixão e elevou o olhar, carente de expressão.

Iceman retrocedeu bruscamente. Não o fez por medo de ser visto. Era um mestre da camuflagem e tinha escolhido seu posto de observação com muito cuidado. Não existia a menor possibilidade de ser descoberto. O que lhe impactou, como se levasse um soco no estômago, foi à dor que refletia no semblante da viúva.

Um rosto de uma beleza incomum. Um rosto que tinha beijado em mais ocasiões das que podia contar.

“Tenho que deixar de pensar nela e me centrar na missão”, recriminou-se Iceman.

Elevou seus potentes binóculos de novo e a cena junto à tumba voltou a surgir frente a seus olhos.

A tranquila cerimônia tinha acabado. Os assistentes se afastavam lentamente, agradecidos de retornar ao calor e à vida, e de afastar-se da fria mão da morte que voando sobre o vale. A viúva foi à última a sair, segurando do braço do ancião.

De repente, ela ficou rígida e parou. Deu meia volta e pôs-se a correr para a tumba, onde os coveiros já estavam cobrindo o caixão com a terra enlameada. A viúva se deteve justo a beira do buraco, e as lágrimas que tinha contido se derramaram como esteiras brilhantes por seu rosto. ajoelhou-se no barro e se tirou o anel bodas do dedo. O levou aos lábios, beijou-o e alargou o braço para colocar cuidadosamente o aro dourado sobre a tampa do caixão. Sua mão se atrasou



ali durante um longo tempo, como se fosse impossível suportar cortar esse último contato.

O ancião se aproximou lentamente. Quando a viúva não mostrou nenhum sinal de levantar, tirou-a dos ombros insistindo para que ela se levantasse. A jovem o fez finalmente e permitiu que a afastassem, detendo-se em uma só ocasião para voltar e lançar com suavidade um último beijo.

Aquela cena resultava tão dilaceradora que Iceman sentiu que o coração lhe encolhia de pena; logo sacudiu a cabeça.

Estupidez, disse-se a si mesmo com impaciência, enquanto se dispunha a tomar precauções para apagar qualquer rastro de sua presença.

Tinha que partir imediatamente. Não devia estar ali. A missão tinha terminado no que a ele concernia.

Embora, certamente, nem todos os dias podia presenciar seu próprio funeral.

Capítulo 1

Indústria Nuclear do Krasnqyarsk, Rússia

Dez dias antes. 18 de novembro

Ao amanhecer do dia, o piloto esperou, sozinho, ao pé da escada secundária, tal como estava combinado. Aquele era um voo não declarado em um avião que oficialmente não existia; e a presença de um copiloto não seria bem-vinda. Quanta menos gente estivesse envolta naquilo, melhor.

Encontrava-se na pista mais afastada de um aeroporto militar que tinha sido confiscado quando os soviéticos perderam o poder.

De repente, apareceu o engenheiro nuclear que estava esperando.

Só se haviam dito o primeiro nome; Lyosha e Edik. Ambos eram falsos, mas isso não tinha importância.

O engenheiro nuclear, cujo nome real era Arkady Sergeyevitch Andreyev, só sabia uma coisa sobre o piloto que era necessária: tratava-se de um zek, um antigo prisioneiro do Gulag russo. Ambos eram membros desse exclusivo clube; homens que não tinham morrido no braço cruel da extinta União Soviética.

Não se estreitaram as mãos. Mas quando o piloto estendeu a sua para ajudar ao Arkady a manipular o carrinho de mão elevadora e assim transferir o pesado contêiner da caminhonete a uma plataforma de carga, Arkady viu o que esperava ver: um arame de espinheiro tatuado ao redor do pulso do piloto.

Os antigos prisioneiros levavam sua experiência no Inferno gravada em suas carnes, não só na alma. Arkady estava coberto com aquelas tatuagens, das estrelas em seus joelhos, que significava que não se dobrava ante nenhum homem, às cruzes que eram símbolos dos anos passados no Gulag. Levava-os com orgulho.



A única parte de sua pele que estava limpa era um comprido e reluzente parte de pele cicatrizada sobre seu coração, que uma vez tinha estado ocupado pelos característicos rasgos tártaros com cavanhaque do Lénin. Os guardas da prisão soviética eram supersticiosos e jamais disparariam à imagem sagrada do pai da revolução russa.

O dia em que foi liberado, roubou um ferro incandescente das barracas desertas dos guardas e queimou a cabeça do Lénin. Nem sequer tinha sentido dor; estava muito feliz de retirar de seu corpo da imagem que proclamava seu sofrimento.

Os dois homens, Arkady e o piloto, repararam em silêncio nas tatuagens um do outro. Não havia nada mais que acrescentar. Eram membros da Bratva, a Irmandade. Isso era tudo que tinham que saber.

O pesado contêiner de chumbo foi levantado até o compartimento de carga do avião Tupolev Tu154, onde o piloto o segurou cuidadosamente. Dentro do contêiner havia um recipiente recoberto de chumbo cheio de cézio 137; suficiente para fabricar uma bomba de uma potência capaz de acabar com o centro da cidade de Londres, Nova Iorque, Paris, Roma, Berlim ou Washington D. C, e apagar a face da terra, convertendo-a em um deserto de concreto proibido para os humanos ou qualquer outra forma de vida durante dez mil anos.

O piloto fechou o portão de carga e entrou na pequena cabine de onde Arkady tinha contemplado o armazenamento do contêiner.

— Vai tudo bem? — perguntou o piloto em voz baixa.

Arkady sabia exatamente a que se referia. Não se sentia ofendido. Aquele era um assunto perigoso. O era um engenheiro nuclear magnificamente adestrado e tinha tomado todas as precauções necessárias, mas o piloto não tinha como saber.

Em vez de responder, Arkady abriu sua maleta e extraiu um pequeno contador Geiger. Acendeu-o, foi para a zona de carga, e o passou por cima do contêiner. Ambos escutaram o agradável som do suave e sob tic-tac. O contador Geiger estava percebendo a radiação ambiental, um pouco mais alta do normal, que poderia dar-se nos arredores de uma central nuclear, mas nada mais.

O piloto assentiu, satisfeito, e sem falar se dirigiu à cabine. Arkady baixou os degraus até a pista.

Ficava uma coisa mais por fazer antes de voar: dizer-lhe ao Vor¹ que a primeira fase da operação tinha concluído.

Se aquela viagem fosse bem-sucedida, haveria muito mais no futuro. E seu Vor, influente e rico por si, converter-se-ia em um dos homens mais poderosos na história da humanidade.

Arkady abriu a lapela do telefone móvel verde. Tinha três deles, um para cada fase de sua longa viagem. Três telefones móveis novos, de um só uso. Marcou uma extensa sequência de dígitos, conectando com uma remota mansão no Estado setentrional de Vermont, nos Estados Unidos.

O móvel estava decodificado. Se havia algo que a bom seguro chamava a atenção da temível

¹ Chefe da máfia russa. Equivalente russo à figura do «padrinho» da máfia italiana. (N. da T.)



e poderosa agência de vigilância eletrônica americana, a NSA, era uma mensagem de um telefone móvel codificado aos Estados Unidos. De modo que não haveria codificação, nem nada sobre pacotes a caminho ou tempo de entregas.

Os inumeráveis bancos de excelentes computadores da NSA, que processavam diária e incessantemente um terabyte de dados ao longo e largo do planeta, estavam programados para detectar imediatamente uma série de palavras chaves, entre as que se encontravam “pacote” e “entrega”.

O dinheiro do Vor tinha comprado os serviços de um dos jovens agentes da NSA e a lista afortunada de palavras trabalhava já em seu poder. O Vor pensava em tudo.

Nem pacotes, nem entregas. Seu código era o tempo. O celular respondeu imediatamente; também seria destruído depois da mensagem. Arkady tinha memorizado cada um dos números dos móveis descartáveis do Vor, em que pese a que constavam de doze dígitos cada um.

Um exercício irrisório. Um jogo de meninos. Na Kolyma, os números lhe tinham mantido cordato. Tinha memorizado o número “Pi” até o trigésimo decimal, os números primos até o quinhentos, e tinha aperfeiçoado em sua cabeça um método de cálculo de riscos que o Vor continuava utilizando hoje em dia.

O próprio Vor, um gênio literário, tinha memorizado cada palavra da obra “Rainha de espadas” do Pushkin. Sim, Vassily Worontzoff era um homem extraordinário. O homem que lhe tinha salvado a vida na Kolyma e, talvez mais importante, sua prudência. Seu Vor.

—Slushayu —lhe disse, lhe indicando em russo que lhe escutava. A grave voz de seu Vor, com seu culto acento moscovita, tranquilizou profundamente o engenheiro, lhe assegurando que tudo estava bem.

—Saudações — respondeu Arkady, elevando o olhar às escuras nuvens que turvavam o céu. Soprava um violento vento siberiano, e a temperatura era absolutamente gélida. Amassou-se na jaqueta de pele de ovelha que lhe tinha comprado seu Vor. - Me ocorreu que gostaria de saber que por aqui o tempo está perfeito. Céus ensolarados. Temperatura muito quente.

— Excelente — replicou o Vor. — Cuide-se, meu amigo.

Satisfeito com que aquele importante projeto tivesse um bom começo, Arkady extraiu o cartão SIM do móvel, jogou-a no bosque, onde desapareceu na densa mata em meio de um sussurro de rangentes folhas, e esmagou a carcaça de plástico do telefone sob sua pesada bota.

Subiu de novo os degraus que lhe levavam a avião, sentou-se no assento de couro da cabine, grampeou-se o cinturão e ficou cômodo. Aquela era a primeira fase do que ia ser uma longa viagem.

A cabine estava tranquila e em silêncio. O piloto tinha elegido bem. O avião poderia decolar com facilidade da pista de cascalho situado no abandonado campo de aviação militar e sobrevoar o resto do tráfico aéreo russo.

Encontravam-se nos subúrbios da Sibéria, a maior massa de terra desabitada do mundo. Chegariam a seu destino, um longínquo aeródromo próximo a Odessa, em umas doze horas,



realizando uma única parada para repor combustível. Logo, Arkady iria de ônibus até Budva, no Montenegro. Ali lhe estaria esperando um navio para lhe levar a ele e a seu carregamento até o Canadá. O lance final consistiria em cruzar os Estados Unidos em uma caminhonete, até Vermont.

O piloto anunciou com tranquilidade que se separariam ao cabo de um minuto. Exatamente sessenta segundos depois, o reluzente avião rodou pela pista e decolou rumo ao oeste.

Parker's Ridge, Vermont
18 de novembro

O homem com as mãos e a alma feitas pedaços utilizou seu ponteiro óptico para apertar o botão de desconexão de seu celular. Ainda era capaz de usar seus dedos polegares e índice, mas só para fazer pinça. Os entusiastas guardas da prisão que lhe tinham amassado as mãos com um martelo tinham sido conscienciosos. Mas ainda podia empregar o ponteiro óptico para teclar letras em um teclado ou em um painel numérico, alimentar-se só e segurar um copo de vodca.

Isso era suficiente.

Vassily Worontzoff jogou uma olhada pela janela panorâmica de seu escritório, precavendo do vento que açoitava com força os grandes ramos de um carvalho. Na primeira hora da tarde, o céu estava completamente nublado. O prognóstico previa neve durante a noite e temperaturas abaixo dos zero graus. O meteorologista tinha declarado tudo àquilo com o tom de voz fúnebre de um homem anunciando um desastre seguro.

Vassily devia se lançar a sorrir se ainda fosse capaz disso. Que fracos eram os americanos! Com que facilidade se desesperavam! O era um sobrevivente da Kolyma, o campo de concentração mais cruel da União Soviética, onde os prisioneiros tinham que trabalhar nas minas de ouro a temperaturas inferiores aos sessenta e sete graus abaixo de zero.

No inferno onde viviam os prisioneiros, o frio era tão intenso que as lágrimas se congelavam nas bochechas e caíam com um arrepiante tinido ao duro chão gelado em forma de cristais. Os zeks chamavam a aquilo “o sussurro das estrelas”.

Quantas lágrimas tinha derramado quando perdeu a sua amada!

Katya. Como tinham sussurrado as estrelas por ela!

Tinha escrito um poema sobre isso, com tinta fabricada a partir de couro queimado de um sapato, sobre uma peça de camisa intacta doada por um zek que, dificilmente, iria ser liberado. Tinha sido publicado em Moscou. Quando se soube, mesmo a oito mil quilômetros de distância, que o zek Vassily Worontzoff havia escrito um poema sobre Kolyma, os guardas entraram em sua cela e lhe amassaram as mãos com tamanha crueldade, pensando que seria impossível a um escritor escrever sem elas.

Que homens tão incrivelmente estúpidos.

Muitas coisas haviam mudado desde então.

Se os guardas que o tinham atormentado não tinham morrido por causa do vodca, estariam vivendo no equivalente russo a um buraco de cinquenta dólares ao mês. Em troca, ele já era mais rico do que eles jamais chegariam a compreender, e estava a ponto de converter-se em um dos



homens mais poderosos da Terra (Terra planeta é maiúsculo, terra relativo a chão é minúsculo), capaz de aniquilar grandes cidades com a mesma facilidade com que se apaga uma lâmpada.

Capaz de estar com sua amada Katya.

Tinha-a perdido na Kolyma, mas a tinha encontrado de novo naquele pequeno e bonito reduto americano, com seus abedules e arces, tão parecido aos bosques que rodeavam os subúrbios de Moscou.

Charity, era como se chamava agora. Charity Prewitt. Um ridículo nome ianque. Detestava chamá-la Charity. Ela era Katya. Sua Katya, mesmo que ela ainda o ignorasse.

Mas aquela charada logo terminaria e ela estaria novamente com ele.

Ele era o Vor; um homem imensamente poderoso.

Tanto que poderia fazer com que Katya retornasse de entre os mortos.

Parker's Ridge

— Tem lido algum livro bom ultimamente?

A bonita jovem que empilhava livros e ordenava documentos na biblioteca do condado do Parker's Ridge, girou-se surpreendida. Estava a ponto de fechar, e a biblioteca sempre estava deserta naquelas horas. Nick Ireland era consciente disso, já que estava a uma semana vigiando.

— OH! Olá, senhor Ames. — As bochechas femininas se ruborizaram de agradecer ao ver-lhe —. Precisa de alguma outra coisa? — Jogou uma olhada ao velho e enorme relógio da parede—. Estamos fechando, mas posso ficar mais quinze minutos.

Nick havia passado ali pela manhã, e ela se mostrou foi encantadoramente solícita com ele. Ou, melhor dizendo, com o Nicholas Ames, corredor de bolsa saiu da agitação de Wall Street depois de passar vários anos realizando investimentos muito afortunados com grandes resultados, agora pretendia fundar sua própria empresa de investimentos. Filho do Keith e Amanda Ames, banqueiro especialista em investimentos e advogada de família respectivamente, ambos falecidos tragicamente a quando era pequeno.

Nicholas Ames tinha trinta e quatro anos; era um Capricorniano divorciado depois de um efêmero casamento surpresa quando tinha vinte e poucos anos, que colecionava vinhos. Parecia afável e inofensivo, um bom tipo dos pés a cabeça.

Nenhuma só palavra disso era certa. Nenhuma apenas.

Estavam sozinhos na biblioteca, o que agradava e irritava ao Nick ao mesmo tempo. Agradava-lhe devido a que contaria com a total e absoluta atenção do Charity Prewitt. Irritava-lhe por que... porque sim.

Porque através das enormes janelas da biblioteca, a jovem parecia um encantador cordeirinho preso a uma estaca preparada para os depredadores. Fazia uma hora que tinha anoitecido naquele gélido estado nortista. Na bem iluminada biblioteca, Charity Prewitt equivalia a um objeto exibido em uma cristaleira contra a escuridão da noite. Uma bela mulher só em um espaço fechado; a isca perfeita para qualquer delinquente.

Não havia nada que um delinquente gostasse mais do que encontrar um cenário assim. Se



havia algo que Nick sabia com todas as fibras de seu ser, era que o mundo estava cheio de criminosos. Levava toda a vida lutando contra eles.

Ela lhe sorria, e era muito, “mas que muito”, mais bonita que nas fotografias que se incluíam nos documentos que havia examinado.

—Não, obrigado, senhorita Prewitt —respondeu, conseguindo que sua voz grave, ronca por natureza, resultasse suave—. Não preciso seguir investigando. Você foi muito útil esta manhã.

Ela inclinou a cabeça, fazendo que seu sedoso cabelo loiro escuro acariciasse seu ombro direito.

—Então, teve você um bom dia?

—Sim. Obrigado por perguntar. Vi três fábricas, o início de um sugestivo desenho de páginas Web, e uma serraria antiga que tem muitas ideias inovadoras a respeito da utilização das lascas de madeira reciclada. Em conjunto, muito satisfatório.

Na verdade, tinha sido um dia péssimo, simplesmente um dos muitos dias aborrecidos daquela missão. Uma total perda de tempo passado em uma caminhonete de vigilância com dois homens pestilentos sem obter nenhum resultado, à exceção de uma crítica chamada ao Worontzoff em que este pedia a um amigo que se cuidasse. Nick sorriu com uma satisfação que não sentia. —Assim, é hora de fechar, certo? Devolveu-lhe o sorriso.

— Certamente. Fechamos às seis. Mas como já lhe falei, se precisar de alguma coisa...

— Bom, para lhe ser sincero... —Nick baixou timidamente a vista a seus sapatos, como se reunisse valor para lhe pedir algo. Adorava olhar os sapatos. Eram italianos e custavam mais de trezentos dólares; muito longe de suas habituais e cômodas, embora maltratadas, botas de combate que se remontavam a seus dias no exército.

Ser Nicholas Ames, um bem-sucedido homem de negócios, significava vestir-se de forma adequada, e o governo tinha que fazer frente à fatura. Tinha um completo guarda-roupa que combinava com aqueles magníficos sapatos. Poderia inclusive ficar com os dois Armani que tinham sido confeccionados exclusivamente para seus largos ombros.

E melhor ainda era tratar com aquela bibliotecária, Charity Prewitt, uma das mulheres mais belas que já viu. Não muito alta, curvilínea, com classe, e uns grandes olhos da cor do mar ao amanhecer.

Nick levantou a vista de seus reluzentes executivos negros e sorriu ao ver os formosos olhos cinza femininos.

—De fato, esperava poder convidá-la para jantar para lhe agradecer por sua ajuda. Se não tivesse iniciado minha investigação inicial, com sua ajuda, o dia não teria sido nem a metade de produtivo. Convidá-la para jantar é o mínimo que posso fazer para lhe mostrar meu agradecimento.

Ela piscou.

—Bom... —começou a dizer.

—Não precisa ter medo de mim —se apressou a tranquilizá-la. —Sou um cidadão modelo, só tem que perguntar a meu contador e a meu médico. E sou totalmente inofensivo.

É obvio, não o era. Ao contrário. Tratava-se de um homem extremamente perigoso. Dez



anos como agente dos Delta Force antes de unir-se à Unidade o demonstravam. Tinha passado os últimos dez anos realizando operações ilícitas, aperfeiçoando a arte de matar.

No entanto, era completamente inofensivo para “ela”.

Charity Prewitt tinha a pele mais deliciosa que tinha visto jamais em uma mulher, de um tom marfim claro com uma pincelada rosada debaixo; parecia tão delicada que a machucaria só de respirar próximo a ela. Aquela pele estava feita para que a tocassem e a acariciassem, não para que lhe causassem nenhum dano.

—Senhorita Prewitt? —Não tinha respondido a seu convite para jantar. Simplesmente estava ali, quieta, com a cabeça inclinada, lhe observando como se ele fora algum tipo de problema que devesse resolver, para o que precisava de mais informações.

De certo modo, aquilo lhe agradou. A jovem não se apressou a aceitar, o qual era um grato alívio comparado com seu último encontro; melhor dizendo, com seu último pó. Não tinham acontecido nem sequer cinco minutos desde que se conheceram em um bar e ela já tinha seu membro na mão. Ao menos ao Charity não excitava a dor extrema ao igual à Consuelo.

Charity Prewitt lhe estava avaliando em silêncio e lhe deixou que fizesse, compreendeu que tentar convencê-la não lhe serviria de nada. O silêncio sim o faria, de modo que ficou imóvel. Os soldados das forças especiais tinham esse dom; quem carecia dele, morriam jovens e de forma terrível.

Por sua parte, Nick também estava levando a cabo sua avaliação.

Essa manhã havia ficado surpreso ao ver o Charity Prewitt. Com um nome como esse, e seu trabalho como diretora da biblioteca de uma tranquila cidade, não tinha esperado muito.

As fotografias dela que havia em seu envelope eram imprecisas, tomadas com lentes telescópicas, e tão somente mostravam a uma mulher com uma cor de cabelo e a pele do seu rosto eram habituais, e uma estatura e figura comuns. Uma mulher completamente normal. Um pouco baixa, sem nada de diferente.

Entretanto, certamente tinha resultado ser uma beleza autêntica. Uma beleza tranquila. A gente tinha que olhar duas vezes para sentir o impacto de seus enormes olhos cinza, sua preciosa pele de porcelana, o brilhante cabelo loiro escuro e a figura esbelta e curvilínea. Além disso, possuía uma elegância natural e uma voz suave e atraente.

Nick estava acostumado a levar a cabo missões nas que tinha que atuar de incógnito e tratar com tipos duros e corruptos, não com mulheres jovens e bonitas.

De fato, também havia um canalha no meio da missão em que se encontrava agora, um filho de cadela chamado Vassily Worontzoff, reverenciado por todo mundo por ser um magnífico escritor, à exceção de pelos agentes da Unidade. Nomeado inclusive para o prêmio Nobel, mas que, como a Unidade sabia mesmo que não pudesse mostrá-lo ainda, estava à frente de uma grande rede internacional do crime organizado. Nick tinha intenção de destruí-lo.

De certo modo, naquela operação se enfrentava a um perigoso Vor da máfia russa, mas também implicava unir-se com uma bela mulher, e a gastos do governo, além disso.

Não podia haver nada melhor.

—De acordo — aceitou Charity de repente. Quaisquer que tivessem sido suas dúvidas,



pareciam haver se dissipado —. Que hora deseja me buscar?

Ao escutar aquilo, ele sentiu uma rajada de energia que nada tinha que ver com a missão e sim com a mulher a sua frente.

—Bom... —Nick sorriu, dando a imagem de um executivo completamente afável, seguro e digno de confiança—. Perguntava-me se lhe importaria que fôssemos agora. Descobri um magnífico restaurante italiano perto do Rockville. A área reservada do bar é tranquila e pensei que poderíamos conversar enquanto tomamos um drinque e esperamos o jantar.

— Da Emilio's — disse Charity —. É um lugar muito agradável e a comida é excelente. — Jogou uma olhada a seu traje —. Mas não estou vestida para sair para jantar. Deveria ir casa a me trocar.

A jovem tinha posto um suéter azul claro que fazia jogo com seus olhos e se amoldava a seus voluptuosos seios e a sua cintura estreita; uma saia reta preta; umas brilhantes meias da mesma cor e umas bonitas botas. Uma gargantilha e uns brincos de pérolas complementavam seu traje. Inclusive com sua roupa de trabalho, era a mulher com mais classe que tinha visto em muito tempo.

—Está você... —As palavras “perfeita” e “fodidamente sexy”, foram a seus lábios e teve que apertar a mandíbula para não as pronunciar. O soldado irlandês e briguento que era poderia dizer algo semelhante, mas Ames, o sofisticado executivo, não era assim. Mesmo sendo a pura verdade.

— Você está bem, acredite-me. Poderia ir jantar à Casa Branca vestida como está.

Aquilo a fez sorrir, que era o que ele desejava. Seu sorriso equivalia a uma arma secreta.

— De acordo. — Charity deixou escapar um suspiro —. Tão somente terei que despachar e fechar.

Despachar e fechar consistia em fechar a porta da biblioteca e girar uma vez a chave na fechadura.

Nick esperou. Charity elevou o olhar para ele, franzindo levemente o cenho quando viu sua turva expressão.

—Acontece algo?

—Isso é tudo? Nisso consiste jogar o fechamento? Em girar uma vez a chave na fechadura? Ela sorriu brandamente.

—Esta é uma cidade pacífica, senhor Ames.

—Meus amigos me chamam Nick.

—De acordo, Nick. Não sei se teve a oportunidade de dar uma volta pela cidade. Isto não é Nova Iorque, nem sequer Burlington. A biblioteca, caso não o tenha notado, está cheia de livros e pouco mais, além de algumas mesas riscadas. O que iriam roubar? E, em qualquer caso, não me lembro do último delito que se cometeu no Parker's Ridge.

A euforia que Nick sentia ao pensar em passar no encontro com o Charity Prewitt se esfumou.

Parker's Ridge hospedava a um dos criminosos mas perigosos do mundo, o responsável direto da perda de centenas de vidas, assim como de inumerável tristeza e sofrimento.

E dito homem era o melhor amigo do Charity Prewitt.



Capítulo 2

Um encontro. Ela, Charity Prewitt, tinha uma “encontro”! Não tinha tido nenhuma desde... Deus, nem sequer podia recordar a data.

Havia dez solteiros no Parker's Ridge, sem contar ao Vassily, naturalmente, que tinha cinquenta e quatro anos e que estava terrivelmente desfigurado devido às torturas que sofreu em um campo de concentração soviético. Todos e cada um dos solteiros em um raio de sessenta e cinco quilômetros lhe tinham pedido sair em repetidas ocasiões. Todos e cada um deles tinham alguma carência importante: dente, inteligência... E, certamente, todos careciam de senso de humor.

Não se podia dizer nada melhor das localidades vizinhas. A maioria dos homens eram solteiros por um bom motivo, e bastava um encontro, mais ou menos, para descobri-lo.

A jovem poderia viajar mais frequentemente, mas Mary Conway, sua amiga, primeiro a maternidade a pegou e depois tinha deixado o trabalho para cuidar de seu filho, que tinha nascido prematuro e com problemas, o que obrigava ao Charity a levar a biblioteca praticamente sem ajuda de ninguém. A diretora aposentada, a anciã senhora Lambert, iria a caso de emergência, entretanto, tinha setenta e quatro anos e estava quase surda. Por outro lado, a prefeitura da cidade continuava postergando o orçamento para contratar a outra bibliotecária. De modo que Charity era o que havia.

Além disso, é obvio, seu tio Franklin e a doentia tia Beira requeriam constantemente sua presença e ajuda. Charity tinha um alcance de uns sessenta e cinco quilômetros e os solteiros com uns requisitos mínimos não abundavam precisamente nesse raio.

Assim sendo, que o senhor Nicholas “me chame Nick” Ames lhe pedisse para sair, que era o homem mais atraente que tinha visto jamais, acrescentando que conservava todos seus membros e dentes, era todo um acontecimento.

Ele tinha entrado naquela manhã na biblioteca para investigar um pouco sobre a região, dizendo que estava considerando realizar alguns investimentos. Havia impressionado a Charity o quanto ele já sabia sobre a zona, mas supôs que um homem de negócios tinha que estar bem informado. Depois tinha comentado discretamente que se dedicou a trabalhar na bolsa para uma companhia importante e que sua intenção era abrir um escritório de investimentos próprio.

Era tão incrivelmente atraente... Charity não pôde evitar lhe lançar olhadas de soslaio quando não lhe emprestava atenção, avaliando-o. Era alto, de cabelo muito negro, tinha uns olhos azul escuro rodeados por umas cílios impossivelmente largas, um nariz estreito e largo, e uma boca firme.

E... um corpo duro.

Segundo a experiência do Charity, os executivos não tinham aquela musculatura nem estavam tão bronzeados, devido ao tempo que passavam atrás de uma mesa fazendo dinheiro. Ou



perdendo-o. Nick Ames não parecia ter ficado muito tempo fazendo o segundo.

Tudo nele proclamava que era um próspero empresário. O elegante traje azul, do Armani, supôs, os reluzentes sapatos, a custosa maleta de pele, as unhas cuidadas, um caro relógio plano...

Mas aí se terminavam as semelhanças com um típico homem de negócios. Debaixo de seu elegante traje havia sem dúvida um corpo muito forte e em forma, com uns ombros assombrosamente largos, que não encaixavam com a quantidade de tempo que devia passar analisando dados, recortando artigos, e fazendo o que fizesse um corredor de bolsa.

Fazia uma noite preciosa. Muito fria, mas isso era um fato para o mês de novembro em Vermont. A tormenta de neve da que todos os meteorologistas tinham estado falando se mantinha ainda afastada e o céu estava abarrotado de brilhantes e longínquas estrelas. Charity adorava aquelas limpas noites geladas, e menos mal que era assim, pois mudar-se a algum lugar mais quente estava totalmente descartado. Inclusive passar um longo fim de semana em Aruba resultava impossível enquanto sua tia Beira estivesse tão doente.

Para sua surpresa, o senhor Ames — Nick —, tirou-a do cotovelo, como se a ela pudesse lhe resultar complicado manobrar pelo amplo e regular meio-fio que se desdobrava sob seus pés ou necessitasse que a guiassem pela pequena localidade em que tinha crescido. Entretanto aquilo resultava realmente agradável. Eram raras as ocasiões em que um homem segurava seu braço.

Seu tio Franklin o fazia frequentemente quando acompanhava a algum lugar, mas era para não perder o equilíbrio.

De perto, Nick parecia mais alto. Era muitos centímetros mais alto apesar de que ela levava saltos. Também parecia mais corpulento e seus ombros resultavam incrivelmente largos sob seu casaco de caxemira azul escura costurada à mão. Tio Franklin tinha igual.

Charity se perguntou, por uma fração de segundo, o que estava fazendo, aceitando sair para jantar com um homem a quem não conhecia.

Surpreendeu-se a si mesma. Quando o pediu, ela sabia que deveria dizer não ao jantar, embora talvez sim a tomar um drinque na cidade. Mas... abriu a boca e dela tinha escapado um simples “sim”.

É obvio, que se sentisse tão atraída por ele e que tivesse um sorriso devastador poderia ter tido algo que ver nisso.

Suas maneiras a surpreenderam. Colocou-se na parte exterior, perto do meio-fio. Fazia anos desde que tinha visto um homem situar-se deliberadamente entre a mulher e a rua. O último ao que tinha visto fazê-lo, além do tio Franklin, tinha sido seu pai, que sempre se mostrou instintivamente cortês com sua mãe. Isso tinha sido há mais de quinze anos, quando ambos viviam ainda.

Nick e ela percorreram o quarteirão e ele a fez girar à direita, para o Sparrow Road, empurrando-a brandamente com a mão. Logo, Nick se deteve justo ao lado de um grande carro preto de luxo. Um Lexus, pensou Charity, embora não poderia assegurá-lo. O único que sabia era de que provavelmente custasse o equivalente ao salário de um ano de uma bibliotecária.

Conduziu-a até a porta do passageiro, que abriu eletronicamente com a chave, e ajudou a jovem a subir ao assento como se fora a rainha do Parker's Ridge.



A menos de um segundo, ele se encontrava no assento do condutor e colocava o cinto de segurança de Charity. Para seu assombro, Nick não se afastou uma vez que o fechamento fez click, mas sim se inclinou para diante e a beijou brandamente na boca. Charity ficou olhando.

—O que...?

O já tinha posto o grande carro em marcha. Lançou-lhe um breve olhar e sorriu amplamente. Seus dentes se viam brancos na escuridão do carro, enquanto saía com lentidão do estacionamento.

— Supus que íamos passar-nos toda a noite nos perguntando se nos daríamos ou não um beijo de despedida, de modo que me ocorreu que podia me adiantar. Já nos beijamos, assim não vamos ficar obcecados com isso. Já está feito.

Ela cruzou as mãos sobre o colo.

—Eu não ia ficar obcecada por um beijo.

Estava mentindo. Esteve-se atormentando com isso desde que tinha aceitado o convite para jantar. Para ser completamente honesta consigo mesma, coisa que no geral, estava obcecada com um beijo desde que lhe tinha posto os olhos em cima essa manhã.

Entretanto, ele tinha razão.

Não tinha sido mais que um beijo casto, um roce, como o teriam chamado um século atrás. Mas tinha posto fim à tensão sem dúvida alguma. Beijaram-se. Agora poderiam desfrutar de um relaxado jantar juntos.

Sabe muito bem o que quer, pensou. Não é de estranhar que seja de fato rico.

Nick conduziu tranquilamente para fora da cidade. Muito tranquilamente, de fato. Para surpresa do Charity, manteve o limite de velocidade por debaixo dos limites da cidade. Por algum motivo, algum burocrata aborrecido tinha estabelecido um limite de velocidade de cinquenta e seis quilômetros por hora dentro do raio de dezesseis quilômetros da cidade. Nenhum cidadão estava o bastante louco para respeitar o limite, à exceção do Nick Ames. Conduzia o seu veículo potente como se levasse um carregamento extremamente frágil por um terreno acidentado.

Inclusive pisou no freio a fundo diante da intercessão entre o Somerset e a Quinta, de onde podia ver-se o Canadá em um dia ensolarado/ com o céu limpo. “Ninguém” parava naquele cruzamento a menos que viesse algum carro, ao qual poderia ver quilômetros de distância em cada direção. Os habitantes do Parker's Ridge se limitavam a reduzir um tanto a velocidade, mas jamais paravam.

Nick Ames se deteve enquanto a luz esteve em âmbar e esperou com paciência até que esta ficou em vermelho e mais tarde em verde.

Resultava agradável ir a um carro com um condutor precavido, mas Charity se encontrou apertando o pé direito contra o chão, desejando que também ele o fizesse, lhe insistindo para seu interior que fosse apenas um pouco mais depressa. Existia uma pequena linha que separava o conduzir com precaução e fazê-lo com parcimônia, e ele a tinha transpassado em diversas ocasiões. Conduzir com lentidão no Parker's Ridge, onde a gente tinha que esforçar-se ao máximo para ver-se envolto em uma pequena batida, era exagerado.

Encontrar Da Emilio's não era fácil. Terei que realizar vários voltas e a sinalização era



escassa. Todos os cidadãos sabiam onde estava, mas resultava complicado chegar para os forasteiros. Entretanto, Nick Ame não pareceu ter problemas e conduziu diretamente até ali.

O estacionamento vizinho ao restaurante estava virtualmente vazio. Mais tarde se encheria, mas no momento os únicos clientes eram os que se encontravam ali para tomar um drinque antes do jantar. Estacionou no primeiro lugar vazio que encontrou e apagou o motor.

Charity lhe sorriu quando ele entrou em estacionamento.

— Tem um bom sentido da orientação ou uma memória excelente, ou possivelmente ambas as coisas.

Ele se voltou para ela, com sua grande mão sobre o volante.

— Ambas as coisas, de fato. Parece-me que estão na mesma parte do cérebro. Também tenho boa memória para as caras e não me perco com frequência. — Baixou a vista até as nuas mãos femininas —. Pode que queira colocar novamente as luvas, faz muito frio fora.

— Sim, mamãe — se mofou Charity, pondo os olhos em branco. Mas foi uma perda de tempo. Ele já rodeava o carro e estava abrindo sua porta, ajudando-a a sair.

O beijo havia mudado de algum forma a dinâmica do encontro. O convite para jantar tinha passado de ser um agradável gesto de agradecimento, a um encontro de verdade. O sexo flutuava no ambiente de um modo prazeroso. Nada carregado, apenas umas pequenas faíscas suspensas entre eles.

Encantada, Charity inspirou profundamente. O ar estava impregnado pelo aroma de cento e sessenta quilômetros de pinheiral e pelos aromas provenientes dos condutos de ventilação das cozinhas do Emilio's. Todo parecia indicar que o encontro seria maravilhosa.

Sua vida tinha sido um tanto cinza ultimamente. Em realidade, não cinza, a não ser um pouco... monótona, rotineira. Desagradava-lhe admitir o muito tempo e energia que dedicava a sua tia Beira e a seu tio Franklin. Quando chegava à sexta-feira a noite, depois de cinco dias trabalhando na biblioteca, passando para ver como estavam seus tios três vezes na semana, de fazer tudo o que fosse necessário para que se encontrassem cômodos e a salvo, tão somente ficavam forças suficientes para fazer as tarefas da casa durante o fim de semana.

Pouco a pouco e sem se dar conta, tinha começado a sair cada vez menos, a ir poucas vezes ao cinema ou a ver um concerto. Unicamente fazia uma exceção pelo Vassily. Sempre que ele a chamava, tirava tempo e vontades.

Nick lhe abriu a porta e a fez entrar no restaurante, colocando a mão em suas costas. Uma mulher poderia chegar a acostumar-se a essas maneiras tão deliciosas.

Da Emilio's resultava tão quente e acolhedor como de costume, com um enorme fogo aceso em cada habitação. Nick a conduziu para a agradável zona da barra que aparecia a sua direita.

Quando o corpulento maître se aproximou deles, Nick se deteve e disse em voz baixa:

— Temos uma reserva a nomeie de Ames. — A seu nome. Mas o maître não emprestou a menor atenção ao Nick, mas sim se limitou a equilibrar-se para ela. Charity suspirou e se preparou.

— Signorina Chaaariteee! — A jovem se viu imersa no abraço dos sólidos braços e o duro e grande ventre do homem. Um abraço com aroma de Versace e alho.

— Sergio. — Charity lhe sorriu quando ao fim a soltou. O cunhado do Emilio tinha uma



personalidade muito mais extrovertida que o dono, por isso desempenhava seu trabalho à perfeição.

— Bem-vinda, querida. Onde se meteu? Por que não passou aqui para comer? — Afastou-a a distância de um braço e a olhou de acima a abaixo com olho crítico —. Está muito magra. Comeu bem ultimamente? — Franziu o cenho e meneou a cabeça —. Mas o que digo? É obvio que não. Emilio! —gritou ao tempo que tomava seu casaco e, depois de pensá-lo melhor, o do Nick —. Vem aqui agora!

Alguns clientes entraram no restaurante, mas Sergio fez caso omisso deles.

— Emilio! — mugiu.

Charity fez uma careta, elevando o olhar para o Nick. O parecia divertido e depravado.

— Emilio estará encantado de verte, Charity. Precisamente o outro dia te mencionou. Anna veio para casa a passar o fim de semana Y...

— Charity! — Emilio, um arrumado homem alto e magro, saiu da cozinha. Sua comida era tão boa que Charity não entendia como demônios conseguia não engordar. Provavelmente porque trabalhava muito duro. Tinha aterrissado nos subúrbios do Parker's Ridge fazia mais de vinte anos, sendo um jovem estudante italiano de Bolonha que cruzava os Estados Unidos fazendo carona ao terminar a universidade. Depois se trouxe para sua prometida, a sua irmã e a seu cunhado da Itália.

Só Deus sabia por que tinha elegido o norte de Vermont para instalar-se, mas seus habitantes estavam agradecidos de que o tivesse feito. O seu restaurante era o melhor e mais concorrido daquela parte do Estado.

Emilio a envolveu em seu abraço e a seguir a fez retroceder um pouco para olhar a de forma crítica, tal como havia feito Sergio.

— Não estiveste...

— Comendo o suficiente — concluiu Charity, deixando escapar um suspiro —. Sim, Sergio já me disse isso. Mas não é certo, já sabe. Nem todos somos tão afortunados de ter a figura da Silvia.

Emilio sorriu para ouvir mencionar o nome de sua amada esposa, que levava as contas e dirigia a sua família de forma implacável, deixando tempo a ele para criar. Silvia pesava treze quilogramas mais que Charity e cada grama estava composto de espetaculares curvas que funcionavam como ímãs para os olhos masculinos.

— Isso é certo — reconheceu o restaurador com orgulho—. Mesmo assim, deveria comer mais.

Charity se absteve de pôr os olhos em branco sabendo que seria inútil. Emilio era perfeitamente capaz de voltar ao tema uma e outra se o permitisse.

— Mas já basta! —O restaurador levantou uma imperiosa mão e um garçom, que Charity tivesse jurado que se encontrava ao fundo da habitação, materializou-se a seu lado ao segundo. Sem girar-se, Emilio lhe ordenou—: Darío, duas taças de nosso melhor Prosecco e uns aperitivos quentes.

O garçom desapareceu de novo com rapidez.

—Vamos, sentem-se. —Emilio lhes conduziu à parte da cozinha mais bonita; cômodas



poltronas, estofas em brocado vermelho vivo, alinhavam-se em torno de uma antiga porta que servia como mesinha de café, justo a um lado da enorme chaminé acesa.

O restaurador sentou-se com eles, como se tivesse todo o tempo do mundo, apesar de que se aproximava à hora do jantar e o restaurante começava a encher-se.

— Como...? —começou Charity, mas Emilio a ignorou. Girou-se e olhou fixamente ao Nick, franzindo suas grossas sobrancelhas negras.

— E bem? —perguntou, mostrando uns dentes brancos ao esboçar algo que não se assemelhava a um sorriso—.Você é um colega de trabalho da Charity?

Nick se recostou, relaxado.

—Não, absolutamente. Sou um conhecido. Charity me fez um favor e eu a convidei para jantar para agradecer-lhe

— Faz muito tempo que se conhecem?

Nick nem sequer se alterou ante a natureza pessoal da pergunta.

—Não. Conhecemos-nos hoje.

Emilio entreceirou os olhos.

—De modo que, você mora por aqui ou está só de passagem?

Charity sufocou um grito. Emilio estava interrogando Nick, como se ela fosse sua filha e Nick um pretendente não desejado. Abriu a boca para contestar quando captou o risonho olhar do Nick. Piscou-lhe e sacudiu a cabeça, mostrando que estava tudo bem.

— Na realidade vivo em Manhattan, mas estou pensando em me mudar e estive explorando algumas locais. Também quero realizar algum investimentos. Faz alguns meses deixei meu trabalho em uma das agências de bolsa mais importantes do país e fiz algumas operações com êxito. Gostaria de montar minha própria empresa e estou decidindo onde o farei. Não há nada que me prenda em Manhattan e não me importaria fixar minha residência em outro lugar. Assim, minha vida está em suspense neste momento.

Muito inteligente de sua parte, pensou Charity. Dizendo somente umas poucas frases havia explicado que era solteiro e que estava disposto a assentar-se ali. Não tinha ideia de se era certo ou não, mas aquilo acabou com a resistência do Emilio.

O rosto do restaurador relaxou.

—Bem, desfrutem da velada. Foi um prazer lhe conhecer, senhor... —interrompeu-se com delicadeza.

—Ame. Nicholas Ame. E o prazer foi meu.

Emilio ficou em pé quando o garçom chegou com uma garrafa do Prosecco, duas taças grandes e uma fonte repleta de aperitivos que desprendiam um aroma delicioso e que situou sobre a mesinha de café.

Parecia que Nick tinha passado em alguma espécie de prova. E não só com o Emilio.

Charity se levou a boca uma azeitona recheada, empanada e ligeiramente frita, e apenas conseguiu não gemer.

—Prova uma destas —lhe animou—. São...

— Azeitona ascolana — terminou Nick por ela. Charity o olhou, surpreendida, e ele sorriu —



. Tenho meu próprio Emilio em Manhattan. Está frente à rua Bleecker, só que se chama Mario e que provém da Ancona. Faz umas azeitonas ascolana fabulosas e o melhor molho bolonhesa do mundo. — Mastigou pensativamente —. Mas estas azeitonas são melhores que as do Mario. Deverá ser nosso segredo.

— Lhe piscou os olhos de novo. Não me atrevo a contar ao Mario. Negar-me-ia a entrada para sempre.

Um dos troncos da enorme chaminé se partiu, convertendo-se em brasas em meio de uma chuva de faíscas. O calor alagou a habitação, tingindo a pele do Charity com seu brilho.

Não era só o fogo o que a fazia acalorar-se, embora fosse uma desculpa conveniente para o calor que tinha surgido em seu interior devido à piscada do Nick; incandescente, quase surpreendente por sua intensidade.

Podia sentir o calor que emanava do corpo masculino, mais ardente que o que desprendia o fogo. Ou, ao menos, assim o sentia.

Charity não era nenhuma ingênua. Nick estava flertando com ela, o fazia de forma discreta, tratava-se inconfundivelmente do antigo jogo entre homem e mulher, jogou tão bem e com tanta agilidade que fazia tempo e que quase tinha se esquecido. Quanto tempo fazia que não saísse para jantar com alguém atraente e que não flertava? Muito, a julgar por sua exagerada reação.

Ele teria notado? Aqueles escuros olhos azuis pareciam muito observadores. O mais provável era que se ruborizou. A pele da jovem era igual a um farol, anunciando todos seus estados de ânimo.

Aquilo não era conveniente. Apesar de ter os nervos à flor de pele, Charity se obrigou a recostar-se e a sorrir ao tempo que olhava para Nick nos olhos quando, surpreendentemente, sua vontade era a de subir em seu colo, lhe acariciar essa mandíbula com o nariz, averiguar com suas mãos se estava duro debaixo do elegante traje tal como suspeitava. Colocar os lábios justamente em sua garganta, ali onde podia apreciar o final de sua incipiente barba. Saborear aquela pele suave e bronzeada.

Basta. Pensa em outra coisa.

Para quando tiveram dado conta das bolas fritas de mussarela, os diminutos calamares e das enormes alcaparras da Pantelleria, a mesa estava preparada.

Darío apareceu como por arte de magia e os acompanhou a sua mesa com grandes dramalhões. Era a melhor mesa do restaurante e lhe levou uns bons dez minutos acomodá-los. Sentou ao Charity como se fora uma imperatriz, retirou-lhe com presteza um recipiente de água como se tivesse estado cheio de baratas, e lhes aconselhou com seus pedidos. Inclusive sugerindo-lhes que permitissem a ele ocupar-se de escolher o vinho.

—Algo especial para você, senhorita Charity.

Retornou com uma garrafa do Barolo proveniente de sua reserva especial, desenvolveu-a habilmente e serve um dedo na taça do Nick. E, embora este assentisse com prazer, Darío não relaxou até que Charity não tivesse tomado um gole e sorrido.

Não tinha do que preocupar-se. Aquele vinho equivalia a beber felicidade engarrafada.

—Maravilhoso — murmurou à jovem.



Dário sorriu de orelha a orelha e desapareceu dentro das cozinhas.

— Bom. — Nick se recostou em sua cadeira. Não tinha deixado de observá-la durante o tempo em que levou o vinho a ser servido —. Não me tinha precavido de que tinha convidado à realeza para jantar. Por que não me disse que foi a rainha do Parker's Ridge?

— Foi um pouco exagerado, não? — admitiu sorrindo.

— De tudo. — Nick lançou um olhar ao Emilio por cima do ombro, quem estava conversando com alguns clientes, e logo retornou a ela —. Estão aparentados de algum jeito?

— Não, certamente que não. — Embora em ocasiões, pertencer à barulhenta e grande família Luraghi parecia maravilhoso. Ela era filha única e seus pais haviam falecido. Sua única família eram seus frágeis e doentios tios —. Eu, isto... ajudei à filha do Emilio o ano passado, quando veio à biblioteca para fazer uma investigação.

— Por isso vi, estão agradecidos por algo um pouco mais sério que explicar o sistema decimal Dewey a uma estudante — comentou antes de tomar outro gole daquele maravilhoso veio.

— Utilizamos o sistema de classificação da Biblioteca do Congresso.

— Charity...

Ela deixou escapar um suspiro e lhe contou uma versão adoçada da verdade.

— A família do Emilio é estupenda. É grande e estão muito unidos. Mas, algumas vezes, pertencer a um clã assim pode ser um tanto... apavorante. Sua filha mais nova, Anna, sentia-se asfixiada e vinha muito pela biblioteca para seus projetos de documentação. Fizemo-nos amigas. Estava tendo problemas com o álcool, mas depois de um tempo, voltou para bom caminho.

O que não lhe disse foi que Anna Luraghi se esteve saltando as classes, paquerando com as drogas, e encaminhando-se diretamente para o abismo. Tinha acreditado estar apaixonada por um companheiro, de quem Charity suspeitava que fosse um idiota.

Charity tinha se dedicado a ela. Tinha passado horas e horas conversando com a Anna, que necessitava de um guia adulto que não pertencesse a sua família, a quem pudesse respeitar e falar. Emilio era um pai maravilhoso, pormenorizado e que se envolvia, mas sua ideia de enfrentar um problema era discutir gritando até que o conflito desaparecesse.

Anna estava agora no Instituto de Engenharia de Cambridge, fazendo-o magnificamente bem, e saía com o estudante de informática mais brilhante e atraente desta costa. Após, Emilio e sua família a tratavam como se pudesse caminhar sobre as águas.

Nick a tinha escutado com um ligeiro sorriso nos lábios, e os olhos entrecerrados e penetrantes. Seus olhos eram simplesmente magníficos. De um profundo azul cobalto, emoldurados por umas densas pestanas negras pelas que qualquer mulher mataria. Eram formosos, mas de algum modo conseguiam encaixar em seu rosto puramente masculino.

— Há mais, mas já que não vai me contar isso podemos passar a outro tema de conversação. Do que poderíamos falar? Do tempo? Sobre livros? De cinema? Preferiria descartar a política e a religião em princípio. Além disso, parece-me bem algo que escolha.

Isso resultava surpreendente. Charity não estava acostumada a que um homem emprestasse verdadeira atenção ao que dizia, que deixasse que fora a mulher quem levasse o



rumo da conversação.

A maioria dos homens que conhecia escutavam pela metade até que a conversa girava em torno de seu tema de conversa preferido: eles mesmos. Faziam exceções para falar de seus empregos, de carros e, ultimamente, sobre televisores de plasma, mas isso era tudo.

De modo que Nick Ame não só era o homem mais sexy que jamais tinha conhecido, mas também era inteligente e perspicaz. O que significava que devia reprimir o leve tom irônico que estava acostumado a empregar de vez em quando, e que sempre planejava para os seus encontros.

Charity sorriu.

—Bom, sempre é bom falar de livros.

—Já imagino, já que é bibliotecária.

—Nada de piadas sobre Maria a bibliotecária² — Ihe advertiu, alarmada. Tinha-os ouvido todos.

Nick levantou uma mão grande, com os dedos estendidos indicando o coração, sem poder conter um sorriso.

—Nenhum só, palavra do Scout.

—Foi Boy Scout?

—Sim. Pertencia à categoria das Águias e fui o que mais pontos conseguiu de minha tropa. Mas, voltando para ti, como acabou de bibliotecária no Parker's Ridge?

Não prolongue a história, pensou Charity.

— Bom, eu adoro os livros e tendo a ter uma mente razoavelmente organizada, assim me pareceu bem inclinar-se para a biblioteconomia na universidade.

Depois de licenciar-se teria gostado de ir a Paris, seu sonho de toda a vida. E quase tinha conseguido, graças a uma bolsa para estudar literatura francesa na França e um bilhete de ida em classe turista. Tinha armazenado suas escassas posses e estava a ponto de tomar o avião quando o tio Franklin tinha telefonado para lhe dizer que sua tia já não podia recordar os nomes dos dias da semana.

Não tinha tido a menor dúvida do que era o que devia fazer. No dia seguinte estava de retorno ao Parker's Ridge, depois de devolver o bilhete, solicitando o emprego da idosa senhora Lambert.

—E por que está aqui? —Escutava-a com tanta atenção, que alguém pensaria que lhe contava uma história emocionante—. Por que assentar-se no Parker's Ridge? É bonito, embora pequeno.

Charity se absteve de suspirar. Sim, era pequeno. E isolado. E certamente, não era Paris.

Estava ali porque era seu dever. Mas era muito deprimente dizê-lo, sobre tudo nesses termos. Charity tinha aprendido que no mundo moderno era necessário utilizar a palavra “dever” com seriedade, por isso evitou dar uma resposta direta:

² Faz referência a um musical da Broadway chamado The Music Man. Manam the labrarian é uma de suas canções. (N. da T.)



—Minha família leva mais de duzentos anos residindo aqui. —Carecia de importância que tivesse ansiado escapar de qualquer vínculo, pois precisamente isso era o que lhe havia fato retornar.

Nick preencheu as taças e elevou a sua.

—Bom, se tiver sido capaz de manter feliz à família Prewitt durante mais de duzentos anos, esta cidade deve ter uma boa quantidade de virtudes ocultas. Um brinde pelo Parker's Ridge.

Ela também levantou sua taça e brindou com o Nick. O fino cristal soou com nitidez, e Nick lhe deu de presente um sorriso por cima das taças, cheias de vinho cor rubi intenso.

Seu sorriso a atravessou como se de um raio se tratasse e a sacudiu por inteiro. De repente, tudo pareceu ficar magnífico. O fogo da estadia ardia com mais força, os deliciosos aromas das mesas ao redor eram mais potentes, a baixela de prata brilhava com maior intensidade. Era consciente de tudo o que a envolvia e, sobre tudo, do homem alto sentado frente a ela que a observava atentamente.

Não havia modo de confundir o interesse masculino. Tinha-o visto em muitos homens para equivocar-se, embora ultimamente não com muita frequência. Era como se nos últimos tempos tivesse estado vivendo em uma zona em que o sexo tivesse ficado congelado. Mas nesse preciso instante, no restaurante Emilio's, o sexo flutuava no ambiente... e Charity estava disposta a isso.

O coração da jovem deu um tombo diante da ideia e assombrou a si mesmo. Estava pensando em ter relações sexuais com aquele homem, naquele mesmo instante. Nunca lhe ocorreu nada igual. Nem sequer uma só vez.

Levava-lhe um pouco de tempo sentir-se preparada para deitar-se com um homem. Semanas, em alguns casos.

Mas agora, com uma clareza que a aturdiu, sabia que ia deitar-se com o Nick. A não demorar muito. Possivelmente inclusive essa noite. Em lugar de ir à cama com uma bolsa de água quente e o último livro do Michael Connelly, poderia deitar-se com aquele homem tão sexy e atraente que acabava de conhecer essa mesma manhã.

Seus tensos músculos internos se contraíram de só pensá-lo. Resultava inquietante e estimulante de uma vez.

Sua mente se tornou precavida imediatamente, confeccionando razões pelas que não deveria fazê-lo. Não lhe conhecia. Poderia ter uma enfermidade... embora, francamente, dado seu aspecto... nem sequer seu preocupado subconsciente contemplava essa possibilidade seriamente. Irradiava saúde e força. Ou... poderia ser um assassino em série. Talvez achassem seu cadáver em um atoleiro de sangue e nenhuma pista. Interrogariam ao Emilio e ele diria que Nick não lhe pareceu raro, e muito menos um monstro.

Ou... ou poderia ir algum tipo de perversão, algo que ela detestasse, como por exemplo o sadismo.

Felizmente, seu corpo não estava emprestando a menor atenção a sua inquieta e neurótica mente. Em realidade não tinha por que fazê-lo, pois qualquer possibilidade de perigo estava unicamente dentro de sua cabeça. Seu corpo não captava nenhuma vibração de que Nick pudesse ser um assassino em série ou um perverso. Tão somente recebia um homem arrumado e



saudável com um saudável interesse por ela, o qual era recíproco.

Sustentou a taça em alto e viu que lhe tremia a mão. O líquido se bamboleava contra as paredes de cintilante cristal. Ele a observava com atenção. Aqueles penetrantes olhos azuis eram perspicazes. Olhava-a como se pudesse passear por sua mente, de modo que podia ver sua mão tremer e precaver do rubor que subia desde seus peitos. Tinha que esforçar-se por regularizar de novo sua respiração.

Aquilo há assustava um pouco. Charity era uma leitora compulsiva e tendia a viver em seu próprio mundo. Sentia-se mais cômoda vivendo à margem, observando. Por conseguinte, estava acostumada a estudar as pessoas sem submeter-se em troca a seu escrutínio. Resultava desconcertante pensar que ele estava decifrando seu desejo. Que pudesse decifrar a “ela”.

Aquilo devia retomar uma aparência leve e impessoal.

—Eu também proponho um brinde. Suas taças se chocaram novamente, com um nítido tinido de cristal: Por... pelo Nick Ames. E porque fique um tempo no Parker's Ridge.

Capítulo 3

Caminhonete de vigilância

A uma milha da mansão do Vassily Worontzoff 18 de novembro

John Dava Stefano levantou uma lata de coca-cola e desejou com toda sua alma que fosse cerveja. Mas estava de serviço, e, para sua tristeza, o álcool e o trabalho não se misturavam. Entretanto, naqueles momentos, tomar uma cerveja parecia uma ideia fantástica. Ao menos serviria para desfazer do sabor a frustração que alagava sua boca.

Por uma missão impossível. Sustentou a lata em alto o tempo suficiente para realizar um brinde em silêncio, bebendo a seguir seu conteúdo.

Levava desde na semana anterior escondido em uma caminhonete de vigilância junto ao Nick Ireland, aliás Iceman, e Alexei Nestrenko; e o interior do veículo tinha todo o aspecto e o aroma do prolongado fechamento. Havia caixas empilhadas de pizza rançosa em cima de recipientes de cartão de comida e macarrão chineses, e um penetrante fedor de suor impregnava o ambiente fechado. Além disso, o frio era cada vez mais intenso, pois acender o motor com muita frequência para pôr a calefação produziria uma reveladora coluna de gases de combustão.

A caminhonete de vigilância estava grafite com bolinhas em tons verdes que se fundia bem com os pinheiros que a rodeavam. Estavam mais ou menos há um quilômetro e meio da mansão do Vassily Worontzoff, no alto das colinas, com um ângulo direto de visão que lhes permitia que o raio laser de micro frequência recolhesse as vibrações das janelas francesas do escritório de Worontzoff e as transformasse em som.

Os telefones estavam grampeados, mas Worontzoff poucas vezes utilizava a linha de terra. Iceman tinha desejado que dez antenas mais circundassem a mansão. Tinha chamado a uma boa



quantidade de despachos, o qual estava acostumado a funcionar — um agente de suas características era extremamente apreciado —, mas esta vez todas as portas tinham permanecido fechadas. Um só dispositivo de escuta. Um sozinho. Larry, da seção tecnológica, havia dito que era o melhor modo de manter uma vigilância à distância.

Tinham escutado todas as conversações que Worontzoff tinha mantido em seu escritório, assim como as levadas a cabo pela linha terrestre. Ainda não havia dito nada concreto, mas segundo Alexei, algo estava a ponto de ocorrer. A NSA tinha interceptado uma mensagem entre dois terroristas no Islamabad a respeito “do russo de Vermont” e uma toupeira dentro de uma rede da máfia na Bulgária, dirigida pela organização do Worontzoff, tinha afirmado que havia algo grande em marcha. Mas tudo isso não eram mais que peças desconexas.

Alexei era o analista mais inteligente da Unidade e sabia falar russo, georgiano, búlgaro, polonês e ucraniano. Passou mais de uma semana sentado, com uns pesados auriculares postos, escutando todos os movimentos do Worontzoff e seu pessoal. E ouvindo música.

Havia provavelmente perto de três mil pessoas de ascendência russa em Vermont, mas só um “russo”. O grande homem em pessoa. Vassily Worontzoff não era o literato que todos acreditavam, a não ser o chefe da máfia russa na América, chegado para pôr ordem entre seus compatriotas desorganizados e maus advindos de Brighton Beach, que ganhavam apenas uns milhões cometendo fraude fiscal com o combustível e explorando garotas, quando se podiam tirar trilhões traficando medicamentos falsos e transplantes de órgãos e membros.

Quanto maiores fossem os benefícios, melhor.

Di Stefano quase se engasgou com um bocado de nachos rançosos ao escutar sons provenientes dos auriculares de seu companheiro. Algo acontecia! Ao fim!

—O que? O que é o que diz? —perguntou Dava Stefano ao Alexei com a boca cheia, contendo o impulso de agarrar pela jaqueta do sujo homenzinho e sacudi-lo para lhe tirar as palavras.

Lenta e pausadamente, Alexei se apartou o auricular da orelha. A outra ficou tampada por um receptor de espuma. Ao Alexei tinham devotado fones e inclusive uns reluzentes e caros auriculares Bang & Olufsen que conduziam o som através do tímpano, mas o tinha rechaçado. Queria ouvi-lo tudo, disse, e para isso necessitava as velhas esponjas que cobriam totalmente as orelhas.

Não podiam utilizar o raio laser de noite, pois sua luz era visível na escuridão. Mas desde o nascer até o por do sol, Alexei estava de serviço, escutando em todo momento enquanto comia, bebia, e cumpria com suas funções corporais.

Assim se trabalhava na Unidade: uma agência secreta do governo com a função de estudar e combater os crescentes contatos entre o terrorismo e o crime organizado internacional, formada por antigos soldados e agentes da lei.

Alexei piscou como se sísse de um transe.

— Não muito. Agarrou o telefone e saudou, escutou e logo disse “excelente”, depois escutou um pouco mais e a seguir há dito “que tenha boa viagem, amigo meu”. Isso é tudo.

A cabeça do John não cessava de dar voltas.



— Bem. Está contente por algo que está em marcha. Ou por alguém, melhor dizendo. — Di Stefano fechou os olhos ante a ideia de todos os pertencentes ao crime organizado que poderiam estar deslocando-se —. Assim agora só temos que averiguar por que está tão feliz, se vier para cá e quando.

Alexei, que era um excelente jogador de videogames, sorriu de orelha a orelha e tomou sua lata de coca-cola.

—Considera-o feito.

Capítulo 4

Parker's Ridge Da Emilio 's

Nick elevou sua taça e bebeu a sua saúde. Ou mas bem, a do Nicholas Ames, bem-sucedido corretor de bolsa à busca de um novo investimento, que não existe.

Ames estava levando a melhor parte, sentado à mesa nesse elegante restaurante, frente a uma das mulheres mais belas que tinha visto em sua vida.

Não cabia a menor duvida de que aquilo superava em muito a sua última missão disfarçado, sob a identidade do Seamus Haley, ex-combatente de um grupo terrorista, que se vendia ao melhor preço como mercenário depois de declarada a paz em Belfast. Nick obteve inclusive adquirir um acento norte-irlandês muito aceitável — provavelmente o levasse nos genes —, mesmo que Guillermo González não pudesse distinguir a diferença entre um irlandês e um francês. No que concernia a González, Nick era outro estrangeiro corrupto ao que pagava para quebrar pernas e entregar pacotes.

Nick tinha passado doze longos meses subindo na organização do González, degrau a degrau. Vivendo, respirando e representando o papel de um mercenário.

Inclusive tinha tido que foder Consuelo, a irmã do González. Deus, que duro lhe tinha resultado. Não porque era feia; não, Consuelo era bonita e, além disso, esforçava-se por sê-lo. Gastava uma grande soma, maior do que o orçamento em educação de qualquer país do terceiro mundo em roupa, joias e cirurgia plástica.

Assim que pôs os olhos nele, tinha-lhe reclamado para si. A aquilo Guillermo resultava gracioso. Uma vez se tinha tropeçado com Consuelo enquanto fazia um boquete e ficou olhando, criticando seu estilo.

Nick tinha praticado mais sexo nesses doze meses que uma estrela adolescente do pop, e cada segundo tinha sido um verdadeiro inferno. Consuelo se excitava com a dor extrema: sua própria dor, não a do Nick. Aí tinha esboçado seu limite.

Contudo, “sua” dor tinha sido bastante mau. Adorava ser amarrada com brutalidade, os chicotes, e que utilizassem com ela um infernal sortido de brinquedos e artefatos sexuais perigosos que guardava em um grande cofre vermelho. Gostava de sexo extremamente duro que



algumas vezes passava o resto da noite no banheiro quando finalmente conseguia arrastar-se até seu quarto.

Nick jamais se acostumou a isso e nunca lhe resultou fácil. Quando a fodia de forma brutal, sabendo que lhe estava fazendo mal, o rosto da mulher avermelhava, os olhos ficavam vidrados, grunhia e logo gritava enquanto gozava, lhe excitando para que lhe causasse mais dor.

Aquilo tinha sido o mais penoso que havia feito em toda sua dura vida.

Já tinha visto muito dor durante sua infância. Sua missão era impedir que os inocentes sofressem qualquer dano. Ver-se obrigado a infligir dor a uma mulher revolvía o estômago, punha-lhe doente.

Estava considerando seriamente abandonar quando de repente, com vertiginosa atividade, González organizou o maior contrato de troca de armas por cocaína que Nick nunca tinha visto. Duas toneladas de pó branco em troca de armas suficientes para manter viva durante anos uma guerra civil, que tinha sido, precisamente, o objetivo.

Tinham um sistema disposto para que Nick falasse e González tinha caído na rede, apanhado em um fogo cruzado tão sangrenta que a única coisa que restou dele foi um atoleiro de sangue e carne chamuscada.

A cocaína tinha ido parar em um armazém em vez de virar consumo humano, o arsenal tinha sido destruído e cinquenta e sete pessoas foram presas. Trabalho suficiente para manter ocupado durante os próximos dez anos a um exército da DEA. Em termos de resultados, não tinha estado mal por tratar-se de sua primeira missão com a Unidade. Mas foi um inferno. A missão tinha durado um ano, entretanto, tinha-lhe parecido um século. Esta missão era melhor. Muito melhor.

O garçom se aproximou com um carrinho até sua mesa e começou a servir a comida, que desprendia um aroma celestial. Nick inspirou profundamente e Charity lhe brindou um sorriso.

— Vai ficar encantado.

— Não pode cheirar melhor.

Aguardou a que ela pegasse o garfo, e depois afundou o seu no que parecia um volumoso ravióli que no cardápio se denominava fagottino. Quando o levou a boca, esteve a ponto de gemer: nata, cogumelos e trufa, finamente ardidos, dentro de uma massa finíssima.

Charity também estava com os olhos fechados, mastigando delicadamente. Ela tinha escolhido um risoto com cogumelos.

A jovem tinha o comportamento mais elegante que já viu. Saboreava sua comida e, a diferença de muitas das mulheres que conhecia, não a tratava como se fosse algo radioativo. Entretanto, apesar do prazer que sentia ser evidente, cada um de seus movimentos era delicado.

Nick observou à suave e esbelta garganta feminina mover-se enquanto ela ingeria, e ele tragou com força. Foi incapaz de deixar de olhar de forma voraz como a jovem tomava o seguinte bocado. Seus olhos estavam cravados no garfo do Charity ao tempo que suas pontas espetavam o pedaço de cogumelo, e o seguiram centímetro a centímetro até chegar a sua boca. A essa bela, deliciosa e suave boca rosada.

De repente lhe veio à imagem de Charity abrindo essa preciosa boca sobre seu membro. Era



uma visão perturbadoramente intensa e muito, muito detalhada. Podia vê-lo com a mesma nitidez como se estivesse acontecendo naquele preciso instante, justo diante de seus olhos.

Estavam nus, estendidos sobre um tapete diante de uma chaminé, igual a que havia no restaurante. Nick estava de costas e Charity se achava inclinada sobre ele. As lisas e brilhantes pontas de seu cabelo lhe faziam cócegas nas coxas, enquanto o observava com seus felinos olhos claros elevados para ele. Ela abriu sua suave boca e Nick pôde sentir seu fôlego contra a sensibilizada pele de seu membro. Lambeu-lhe uma vez e...

Maldita seja! O que estou fazendo?

Nick deixou a um lado sua fantasia; uma fantasia tão luxuriosa e tentadora que seu membro se sacudiu com força dentro de suas calças. Por Deus! Com tantos lugares e momentos... tinha que excitar-se como nunca em um restaurante elegante enquanto jantava com uma mulher a que precisava surrupiar informações.

Entretanto, sua mente se viu alagada com outra visão. Esta vez era uma imagem do Charity estendida debaixo dele enquanto seu grosso membro a penetrava uma e outra vez.

Era como se estivesse no teto, olhando para baixo. Via a tudo. As magras coxas do Charity lhe rodeando os quadris, seus esbeltos braços em torno de seu pescoço, seu próprio traseiro contraindo-se enquanto entrava e saía de seu corpo...

Nick ficou completamente ereto.

Justo ali, na elegante sala de jantar do Emilio's, em meio a pelo menos outros cinquenta clientes que estavam jantando e bebendo calmamente, alheios de que um dos convidados se achava completamente excitado. Por sorte tinha o colo coberto com a toalha de linho cor pêssego, mas não se atrevia a mover-se.

Se tivesse levado postos seu jeans, talvez tivesse podido dissimulá-lo, mas vestia umas calças longas muito caras de pura lã virgem que se ajustavam a seus quadris como uma segunda pele.

Se alguém gritasse “fogo!”, era um homem morto.

Aquilo era inédito. Seu membro lhe obedecia em todo momento; quando lhe dizia “adiante”, esta o fazia. Quando lhe dizia “para”, detinha-se. Quando lhe dizia “abaixo”, mantinha-se assim.

Não estava desesperado por ter sexo. Certo que não tinha estado com uma mulher fazia um par de semanas, à exceção da garota que lhe tinha recolhido em um bar a noite posterior ao assalto, quando a adrenalina ainda fluía por todo seu ser. Quatro uísques e estava mais que disposto para a morena que se aproximou furtivamente a ele e lhe havia dito justo o que desejava. Entretanto, despertar à manhã seguinte junto a ela tinha sido deprimente, devido ao fato de que não podia recordar seu nome.

Se pensasse nisso, todo o sexo que tinha praticado durante o último ano tinha sido deprimente.

O sexo com Consuelo tinha sido infernal, e a morena, como se chamasse, o tinha deixado insatisfeito.

Transar com Consuelo bem que poderia passar a formar parte de um capítulo de um manual



de psiquiatria de perversões sexuais. Quase tinha conseguido que Nick repudiasse o sexo. Só pensar nisso lhe provocava náuseas.

A ideia de manter relações sexuais com o Charity Prewitt era algo completamente distinto.

Tudo no Charity era delicioso: sua pele; sua voz; suas maneiras; seu aroma. Era feminina e elegante. Absolutamente tentadora.

Não era de estranhar que seu membro estivesse duro e desejoso de possuí-la.

— Está-me olhando — assinalou Charity desconcertada. Ele cruzou o olhar com esses assombrosos olhos, como se olhasse diretamente um claro céu estival ao meio dia.

— Sim, realmente — confessou—. Mas é que isso é o que fazem os homens: olhar às mulheres que nos atraem. É o que nos diferencia de, digamos, as árvores.

Ela sorriu. Charity parecia carecer do gene para a paquera com o que nasciam algumas mulheres. Não sorria como uma tola, nem agitava as pestanas em que pese a sua extraordinária longitude, nem respirava profundamente para mostrar seus peitos. Nick tinha recebido durante anos de todos e cada um desses ardis e poderia escrever um guia. Charity simplesmente continuou comendo de forma serena. Era necessário que Nick se centrasse e começasse a lhe surrupiar informação. Havia um motivo para estar ali, e não era o de ficar olhando os preciosos olhos do Charity Prewitt e fantasiar estando dentro dela. E muitíssimo menos se encontrava ali para comer os deliciosos fagottini do Emilio's, embora esse fosse outro afortunado benefício extra. Nick deveria estar com seus companheiros em uma fria caminhonete de vigilância, lavando suas meias três - quartos e sua cueca em um cubo de água fria, e realizando suas funções corporais mais básicas em um bote ou no bosque, tal e como faziam seus companheiros. A razão de que não o estivesse, era que tinha fama de que se dava bem com as mulheres.

E, é obvio, porque era extraordinariamente bom mentindo. Um trabalho duro, mas alguém tinha que fazê-lo.

Entretanto, que todo seu sangue se apressasse a abandonar sua cabeça para dirigir-se a seu pênis não eram boas notícias. Necessitava que esse sangue se mantivesse acima de seu pescoço para poder tirar informação de Charity. Algo difícil de fazer com uma potente ereção que resultava dolorosa.

Pensa no Worontzoff, disse-se. Pensa em tudo o que tem feito. Vassily Worontzoff. Homem de letras, novelista, o último dos intelectuais russos enviado ao Gulag. A União Soviética tinha terminado por desintegrar-se, mas como um escorpião que conserva ainda um ferrão em sua moribunda cauda, esta se tinha agitado, levando-se ao Worontzoff por diante.

Supunha-se que não devia ter sido assim. Quando foi feito prisioneiro sopravam ventos da Perestroika e abertura. Os jornais floresciam, o muro do Berlim tinha caído. Os intelectuais eram o tempero da vida.

Mas algo saiu errado e Worontzoff e sua amante, Katya, foram enviados a um lugar onde a humanidade se esquecia: Kolyma. O mais célebre dos campos do Stalin, onde os prisioneiros eram utilizados como escravos nas minas de ouro. Tinham morrido tantos homens naquele lugar que o caminho a Kolyma se denominava “estrada dos ossos”. Incluso se dizia que cada grama de ouro custava uma vida humana. A Katya havia custado a sua.



Nick quase podia sentir lástima pelo Worontzoff, salvo pelo fato de que no campo se uniu aos Vory V Zukone, os Ladrões da Lei. Uma organização de marginais cuja obsessão era vingar-se da sociedade. Os Vory rechaçavam tudo o que tinha que ver com as leis e a sociedade preestabelecida.

Depois da queda da União Soviética, os Vory clamaram pelo poder; uma máquina que tinha estado parada, aguardando que caíssem os freios. A Rússia pós-soviética era um gigante que tinha sido derrubado, expondo seu corpo amadurecido para ser estripado. E isso é o que fizeram.

A máfia russa fez eclosão. Em pouco mais de uma década e meia, tinha monopolizado mais poder que o Estado. Possuía fábricas e ferrovias, companhias telefônicas e poços petrolíferos. Ostentavam o poder sobre a vida e a morte de algo mais de duzentos milhões de cidadãos. Inclusive assinavam contratos e tratados como se tratasse de um país independente.

Os poderosos Vory — os chefes da máfia russa —, surgiram das cinzas da União Soviética, tal como a ave fênix. Os Vory mantiveram a boca fechada, mas os chechenos e azerbaijanos não tinham jurado manter o segredo, e a informação se filtrou paulatinamente. O Vory mais importante de todos era um *kulturny chelovek*, um homem culto; um sobrevivente do Gulag. Tinha as mãos inutilizadas e cheias de cicatrizes, sem possibilidade de recuperação.

Tão somente havia um homem que encaixasse com essa descrição: Vassily Worontzoff, um homem reverenciado dentro da Rússia, uma lenda em todo mundo. O escritor, cuja obra “Dry Your Tears in Moscow” era considerada como uma das novelas clássicas do século vinte. Depois do Gulag, nunca havia tornado a escrever outra palavra para consumo público. Muitos especulavam sobre o motivo, mas Nick sabia o porquê. Os Vory juraram que jamais voltariam a desempenhar um trabalho legal. De modo que a lenda do Worontzoff crescia enquanto ele lançava os fios de uma, cada vez mais poderosa, poderosa rede.

À medida que se expandia seu poder e seu alcance, fazia assim sua lenda. Seu nome só era pronunciado em sussurros pelas esquinas. Estava protegido por dezenas de advogados e lacaios, e poucos conheciam sua verdadeira identidade.

Um deles tinha sido Sergei Petrov, um ex-agente das Força Especiais Russas com quem Nick tinha trabalhado para acabar com o funcionamento da rede nuclear do Khan no Uzbequistão. Irmãos de armas. Um tipo direto que dirigia à sua perfeição GHs18. Um bom homem ao que gostava muito de vodca e que não tinha rival como guarda-costas.

Encontravam-se em uma missão no Waziristan, rastreando possíveis ninhos do Qaeda quando Sergei tropeçou com uma operação de drogas que segundo seu contato no Peshawar, estava organizada pela máfia russa. Sergei farejou um pouco e obteve o nome do Worontzoff, o qual a sua vez aconteceu com Nick. Farejar um pouco mais resultou letal. Ao cabo de quarenta minutos de passar o nome ao Nick através de um celular, tinham-lhe fatiado o pescoço com tal profundidade que a faca lhe tinha talhado ligeiramente a coluna vertebral. Haviām-lhe cortado o pênis e o introduziram em sua boca; o símbolo universal para fazer calar aos delatores.

A lembrança de estar ajoelhado sobre o sangue do Sergei ajudou Nick a afrouxar sua ereção.

Havia dois modos de transgredir e Worontzoff cobria ambos. Podia destruir coisas ou pessoas. A Nick não importavam os delitos contra a propriedade, mesmo que Worontzoff



encabeçasse a lista dos dez homens que mais danos causavam à economia mundial. Graças a ele, a economia russa estava ávida de dinheiro, tinham quebrado vários bancos e um par de economias terceiro-mundistas tinham ficado em bancarrota enquanto que seus presidentes vitalícios se dedicavam a jogar com seus membros e com seu dinheiro em Genebra. Fraudes de contrabando de petróleo, trilhões em dinheiro lavado, venda da Mercedes roubados; tudo isso eram práticas criminosas, sem dúvida, mas Nick podia viver com isso. Com o que não podia viver, aquilo contra o que se dedicou a lutar toda sua vida, era com que se fizesse mal às pessoas.

Por isso Nick sabia do relatório, Worontzoff tinha ido a um campo de prisioneiros como escritor e tinha saído convertido em um monstro. Durante os últimos quinze anos, tinha sido pessoalmente responsável por morte e sofrimento a uma escala inimaginável.

Meninas moldavas de doze anos sequestradas e vendidas para o tráfico de brancas, usadas brutalmente a nível industrial, e mortas aos vinte. Montanhas de armas de última geração postas em mãos de meninos soldados de Serra Leoa apenas grandes o bastante para suportar seu peso. Heroína, atalho para assegurar-se de matar a quão viciados se drogavam nas ruas de centenas de cidades.

Nick ia acabar com ele. Aquela era sua missão. Vivia para isso. Tinha dedicado sua vida a acabar com tipos como Vassily Worontzoff.

Era uma lástima que o atalho de destruição do Worontzoff conduzisse diretamente até a bela mulher que estava sentada frente a ele, sorrindo-lhe.

—E bem? —Deixou o garfo e se inclinou ligeiramente para frente. Podia sentir o calor da chama da vela em seu rosto—. O que faz para se divertir no Parker's Ridge? Quais são as atrações locais?

Charity meneou a cabeça. Era fisicamente impossível, mas parecia que seu aroma cobria a Nick quando se movia, como se tratasse uma fina camada de pó.

Deixa de pensar bobagens. Agora mesmo!

— Parker's Ridge não é Manhattan, Nick. —Seus lábios desenharam um tenro sorriso—. Aqui os prazeres são mais provincianos do que talvez esteja acostumado. Mesmo assim, dispomos de algumas atrações. E sempre ficam encontros musicais do Vassily Worontzoff. Di um jeito de atrair músicos mundialmente conhecidos a nosso pequeno canto do mundo.

Nem sequer uma leve piscada delatou emoção alguma no Nick. Franziu o cenho, como se tratasse de um executivo sem a menor ideia que trata de se localizar um nome que sabia deveria conhecer, mas sem obtê-lo.

— Worontzoff — repetiu carrancudo —. Não é o russo que... o russo que era o que? Músico? Bailarino?

— Escritor. — Charity riu —. Um escritor russo. Um grande escritor, autor do Dry Your Tears in Moscow, uma das maiores obra mestras da literatura do século vinte. Todos os anos é nomeado ao prêmio Nobel de literatura. Foi um dos últimos dissidentes enviados a um campo de prisioneiros soviético. Não voltou a escrever nada desde que foi liberado.

O rosto e a voz do Charity se tornaram sérios. Baixou o olhar à toalha, riscando um desenho com sua unha grafite de rosa, e levantou a vista para ele com os olhos igual a gemas brilhantes de



emoção.

— Nunca fala disso. É um homem maravilhoso e nos temos feito amigos desde que se mudou para cá. Casualmente, na quinta-feira Di uma reunião musical.

Nick sentiu que o coração deixava de bombear. Amigos. Que demônios significava isso? A estava “fodendo”? Já era bastante mau que fora a passar na próxima quinta-feira no quartel da máfia, para além de imaginar Charity debaixo do Worontzoff, rodeando os quadris daquele bode com suas esbeltas pernas.

Era um assunto ruim. Nem sequer desejava pensar nisso. Aquilo era pior que a arca dos brinquedos de Consuelo, muitíssimo pior.

Nick observou ao Charity com atenção. Olhou aos olhos com calma e serenidade, e Nick relaxou. Se tivesse sido a amante do Worontzoff, teria mostrado algum sinal. Um leve rubor, o olhar esquivo, um ligeiro sorriso. Algo. Mas não havia nada.

De modo que esse bastardo não a estava comendo. Embora não é que lhe importasse.

Não muito.

Ou possivelmente sim.

Merda. O pelo da nuca lhe pôs de ponta. Acabava de conseguir tirar o tema para conseguir ser convidado à casa do Worontzoff graças ao Charity. Era uma oportunidade de ouro, o motivo pelo que estava ali e não na fedorenta caminhonete de vigilância, e o primeiro que lhe tinha cruzado pela mente não tinha sido que estava a ponto de conseguir seu objetivo, mas sim se o maldito filho de puta a estava fodendo.

Se havia afastado completamente da missão; algo que ia contra do treinamento que tinha recebido toda sua vida, por não falar de que era um excelente modo de conseguir que lhe matassem.

O trabalho disfarçado é igual à proctologia. A gente coloca o dedo procurando algo mau e logo o destrói. Seu trabalho requeria de concentração absoluta, dia e noite.

Se Nicholas Ames cometia um engano grave, perdia dinheiro. Nick Ireland pagava seus enganos com sangue. Era o momento de retomar sua missão, rapidamente.

—Não tenho lido nada dele, sinto muito. Quanto tempo leva ehh... como se chama? Worontzoff? Charity assentiu.

—Quanto tempo leva Worontzoff vivendo no Parker's Ridge? Parece um lugar estranho para que se assente um russo exilado.

—Bom, talvez não tão estranho. Hão-me dito que o norte de Vermont se assemelha muito à zona que circunda Moscou, só que nossas árvores têm as folhas maiores. E Vassily não é um exilado russo. Em Moscou, teve a mesma acolhida que um rei quando foi liberado. Ainda o recordo. Acabava de ler Dry Your Tears in Moscow e segui o que lhe acontecia pelos jornais.

Nick fez os cálculos rapidamente.

— Santo Deus, devia ter...

— Doze anos. — Deu de ombros, e Nick voltou a sentir-se fascinado por ela —. Era uma menina muito precoce. Y... esse verão dispus de... muito tempo para ler.

Muito certo. O verão de 1993, quando Worontzoff foi liberado para retornar como um herói



conquistador a Moscou, Charity Prewitt tinha estado no hospital. Seu pai a tinha jogado pela janela da habitação de um terceiro piso em uma tentativa desesperada por lhe salvar a vida durante o incêndio de um hotel. Os Prewitt pereceram, e Charity sofreu uma fratura na vértebra T12. Tinha sido submetida a três operações e se passou o verão e a maior parte do inverno engessada de pés a cabeça.

Nick esperou a que lhe contasse sua história, mas não o fez.

Muito interessante.

Segundo a experiência do Nick, a gente que tinha sofrido um trauma estava sempre ansiosa por falar disso. Era como levar uma medalha à honra e todo mundo queria mostrá-la.

A história do Charity era particularmente dramática. O fogo foi originado por um empregado descontente que irrompeu no quinto andar do hotel de cinco estrelas em Boston onde ela se hospedava junto a sua família. Seu pai a envolveu em mantas e a jogou pela terraço tratando de salvá-la, logo retornou rapidamente dentro para fazer o mesmo com sua esposa. Era muito tarde. A habitação demorou dois dias em esfriá-lo suficiente para recolher os ossos calcinados e levar a cabo o funeral. Charity não chegou a assistir ao enterro. Para então, já tinha sido submetida a duas operações e estava sedada.

Por que não lhe falava sobre aquilo?

Não dizia nada, e tampouco se sentia incômoda com o silêncio, como o fariam a maioria das pessoas. Tão somente tomou outro gole de vinho e lhe observou com tranquilidade. Nick rompeu finalmente o silêncio.

— Assim deixa a Rússia e se muda aos Estados Unidos? Por que? Refiro-me a que, depois de tudo, já tinha caído o regime soviético. Por que não ficar? Sobre tudo tendo em conta que ali era uma celebridade.

Nick sabia exatamente o motivo pelo que Worontzoff estava ali. Nesse preciso instante o tinha frente dele. Charity Prewitt. O vivo retrato de uma mulher morta fazia muito tempo, a amante de Worontzoff, Katya Amartova, que tinha perecido no campo de prisioneiros.

Nick tinha visto fotos da Amartova, e parecer com Charity era extraordinário. Um homem normal jamais esperaria que uma mulher que se parecia com aquela a quem tinha amado pudesse ser ela, mas Worontzoff fazia anos que não era normal.

Charity guardou silêncio durante um instante mais, e logo apoiou a cabeça sobre um punho.

— Em realidade não sei por que Vassily se mudou aqui. Nunca fala disso. Tão somente supus que queria iniciar uma nova vida, e que emigrar aqui era o primeiro passo para deixar atrás o passado.

Bom, também para levantar um império criminal. “Isso” era tudo.

— Não falamos de seu passado — prosseguiu a jovem com voz fraca —. Principalmente conversamos sobre livros. Vassily tem uma mente excepcional. É um privilégio passar uma tarde em sua presença.

Filho de puta, pensou Nick com amargura. Logo se precaveu horrorizado de que estava divagando de novo. O segredo do trabalho disfarçado é continuar metido no papel, inclusive na própria mente. Tinha estado sustentando um monólogo interno todo esse tempo, e de ter estado



conversando com alguém menos inofensivo que Charity Prewitt, como Guillermo González, já estaria morto.

Aquilo jamais tinha acontecido. Nick era uma máquina de precisão. Sempre. Quando formava parte do exército e agora que era membro da Unidade.

Tinha que pensar com a cabeça fria e fingir que estava morto da cintura para baixo de agora em diante.

Charity voltou à cabeça para as amplas janelas. A neve tinha começado a cair ligeiramente, cobrindo as plantas de folhas perenes do iluminado jardim que se estendia fora do restaurante; uma cena tirada de uma postal natalina. Suspirou e afastou seu prato de tiramisú sem terminar. Limpou seus lábios com o grande guardanapo de linho e o deixou sobre a mesa.

Não era necessário que se tivesse incomodado em limpá-la boca, mas mesmo assim, o fez. Nick nem sequer podia imaginá-la sendo descuidada com suas maneiras. Seus movimentos eram cheios de graça que só observá-la era um prazer.

Para de pensar nela. Continuava se repetindo frequentemente, assim poderia ter o domínio.

—Nick.

Ele levantou a cabeça bruscamente. Charity acabava de retirar-se da mesa e sua linguagem corporal era clara. Maldição! Ainda não lhe tinha surrupiado a suficiente informação sobre o Worontzoff e seu membro voltava a estremecer-se dentro das calças.

Baixou a mão esquerda até seu colo, perguntando-se se deveria beliscar-lhe Talvez sentisse dor suficiente para que desaparecesse sua ereção.

Sim?

Charity lhe brindou um sorriso.

— Está começando a nevar. Não tenho pneus de neve, assim deveria chegar a meu carro antes que as ruas fiquem muito escorregadias.

Uma gota de suor baixou rodando pelas costas masculina. Não desejava que terminasse a velada. É obvio, não tinha obtido tanta informação como tivesse querido, mas tampouco... desejava que concluísse a noite. Era a melhor noite que tinha passado desde fazia... merda! Desde antes da missão do González, que tinha durado uma eternidade. E antes disso tinha estado no Afeganistão durante anos.

Relaxou o semblante.

—Eu te levarei a casa, não se preocupe. Acabo de lhe instalar ao carro pneus de neve. Ainda podemos tomar café. Ou prefere um conhaque?

Charity sorriu. Tinha uns olhos tão claros, que era como olhar dois limpos poços de água.

— É muito amável ao oferecer, mas amanhã necessitarei do meu carro. Assim, se me aproximar até a biblioteca, ficarei bem.

- E conduzir com uns pneus não adaptados? disse-se Nick. Nem pensar.

Mas esse bonito e bicudo queixo parecia um tanto teimosa, de modo que, por muito que queria fazê-lo, não podia proibir conduzir até a sua casa com aquele péssimo tempo sem uns pneus adequados.

Também Nick deu uma olhada pela janela. A neve caía já com maior densidade. Voltou-se



para ela.

— Te direi o que vamos fazer. eu adoro tomar um café depois de comer. Ofereça-me uma xícara e não só te levarei a casa, mas também amanhã pela manhã pegarei você e te levarei a biblioteca.

Charity piscou, indecisa por um instante.

Nick era todo um especialista em encontrar pequenos pontos débeis para conseguir que as pessoas fizessem o que ele desejasse. Era um dom que possuía sempre.

— Por favor — disse com suavidade, inclinando-se para diante —. Não posso suportar a ideia de que dirija para casa sozinha na escuridão com um tempo tão ruim e sem os pneus adequados. Minha mãe colocou a força esse tipo de coisas na cabeça e se revolveria em sua tumba se te deixasse fazê-lo. De qualquer forma, conduzirei atrás de ti para me assegurar de que chega bem em casa, assim estaria me fazendo um grande favor se deixar que te eu leve. Charity deixou escapar uma risada contida.

—Bom, se o puser assim...

—Assim é. Fale-me que horas devo te apanhar para ir à biblioteca e buscar seu carro, e ali estarei.

Ela sacudiu a cabeça; as suaves pontas de seu cabelo loiro escuro se balançaram e desprenderam um aroma de xampu repleto de feromônios.

—Não tem nada que fazer amanhã? Nick a olhou diretamente aos olhos.

—Nada importante. —Sua voz era baixa, sedutora—. Não tão importante como isto.

Aquele era seu primeiro movimento direto. Seu significado não podia ser mais claro: estava deixando que ela decidisse se passavam juntos a noite.

Charity não sorriu como uma tola, nem se ruborizou ou afastou o olhar. Olhou aos olhos durante um prolongado momento, e finalmente sussurrou:

—De acordo.

Já era dela.

Capítulo 5

Vou deitar-me com ele, pensou Charity aturdida. Com o Nicholas Ames, o executivo novaiorquino ao que conheci hoje. Sim, ia deitar-se com ele.

E não em um momento impreciso do futuro, depois de pensá-lo imensamente, lhe dando voltas a vários cenários em sua cabeça, tal e como estava acostumado a fazer, a não ser aquela noite. Talvez. Provavelmente.

Não havia fato nada semelhante em toda sua vida. Nem sequer acreditava ser capaz disso. Sua companheira de habitação na universidade dizia que era uma estreita. E o era. Algumas vezes demorava semanas em decidir se queria ou não deitar-se com alguém que a atraía, e se o homem perdesse interesse antes disso, problema.



Sua última aventura tinha tido lugar na faculdade, depois de sair durante dois meses com um companheiro, e não tinha sido nada memorável. De fato, não conseguia recordar seu rosto ou tão sequer seu nome. Mickey. Chamava-se Mickey... não sei o que.

Isso tinha sido justo antes que, supostamente, tivesse que partir para Paris. Uns poucos dias depois, um aflito tio Franklin tinha chamado para lhe dizer que a tia Beira estava doente, assim Charity havia retornado apressadamente ao Parker's Ridge, e isso tinha sido tudo. O novo noivo, Mickey não sei o que, desvaneceu-se no ar, junto com sua viagem a Paris.

Seu emprego, seus tios... Era muito para ela. Depois não tinha tido tempo nem forças para quase nada mais. Sem dúvida alguma, não para as aventuras amorosas.

Com uma lentidão tal, que ela apenas se precaveu, o mundo se fechou a seu redor. Um aborrecido e lúgubre mundo cinza.

Agora não era aborrecido nem cinza. Sentia-se como se um raio elétrico lhe tivesse sacudido uma descarga que tinha despertado seus sentidos. Sua pele estava tão sensibilizada que podia sentir os movimentos no ar da mão do Nick quando o garçom se aproximou. Era consciente de cada objeto de roupa que levava posta e de que suas calcinhas de renda lhe cravavam levemente nos quadris, da sensação de suas meias com ligas, do sutiã contra seus duros mamilos.

Quando ele a olhava, era como se a tocasse com suas mãos. Aquelas grandes mãos, toscas, tão pouco de acordo com sua profissão apesar de suas cuidadas unhas.

O mundo estava saturado de cor. As chamas da enorme chaminé do salão matizavam o lado esquerdo da cara do Nick de um tom rosa violeta. Seu cabelo preto brilhava como reluzente ébano e seus olhos eram de um ardente azul. Tinha a boca masculina mais formosa que jamais tinha visto: firme, flexível e de um vivo tom vermelho. Mais vermelha depois de que começasse a paquerar com ela. Tinha sido algo fascinante ver como a observava.

Não cabia dúvida de que estava excitado. O fogo azul de seus olhos ao olhá-la era igual a receber um murro no estômago.

O que resultava assombroso era que ela correspondia a aquele desejo. Foi então quando Charity compreendeu que tinha estado vivendo em uma pequena bolha de tristeza, em um mundo onde não entrava a cor nem o desejo.

Rapidamente percebeu que se encontravam junto à porta. Nick devia ter se organizado para pagar a conta, pegou seu casaco e ajudou-a a vesti-lo, saíram de Da Emilio's sem mais.

Pararam pó um momento sob o beiral e Nick baixou o olhar para ela.

— Não deixaram que pagasse a conta — comentou irritado. Charity deixou escapar um suspiro.

— Pensei que poderia ocorrer. Tampouco me deixam que pague. Por isso tento não vir muito frequentemente. É uma pena, porque a comida é realmente boa.

O levantou uma de suas mãos grandes e lhe acariciou a bochecha com o dorso do dedo indicador.

— Acredito que lhes tem enfeitiçado. — Sua profunda voz rouca se tornou suave —. Compreendo perfeitamente.

— Não. — Charity lutou contra o impulso de esfregar a bochecha contra sua mão, ao igual a



fazia Folly, o gato de tia Beira, quando alguém lhe arranhava a cabeça —. Parece-me que tem mais que ver com uma adoção que com um feitiço.

Um floco de neve extraviado caiu sobre sua bochecha e Charity levantou o olhar. Grossos flocos, que pareciam sair de nenhuma parte, flutuavam no escuro céu noturno. Completamente satisfeita, elevou a cabeça e inspirou fundo.

Nick pareceu sair de sua contemplação. Olhou ao céu, logo depois de novo para ela, e depois tirou o seu cachecol.

—Toma. —antes que Charity pudesse protestar, colocou o objeto no pescoço e lhe deu duas voltas —. Começa a gelar. E por bonito que seja seu casaco, temo-me que é muito fino.

O cachecol, incrivelmente suave, era de cor azul meia-noite. Caxemira, triplo fio. Ainda albergava o calor de seu corpo e seu aroma; um aroma essencial, almíscar masculino e pinheiro, com uma leve nota de limão.

— Já está. — Atou-a fortemente, deu-lhe um pequeno toque e deu um passo atrás, satisfeito —. Assim está melhor.

De fato, assim era. Charity não se abrigou o suficiente.

— Obrigado, mas agora você terá frio — protestou.

Ele simplesmente a olhou, mas era um olhar que dizia muito; a classe de olhar que um homem já não lançava a uma mulher. Charity a reconheceu como quão mesma seu pai dirigia a sua mãe quando ela tratava de levantar um pouco pesado e ele se apressava a tirar-se o das mãos.

Era o olhar que certa classe de homem podia lançar a uma mulher e que fazia muito tempo que não tinha visto. Um olhar politicamente incorreto, e tremendamente sexy.

Nick voltou a fazer graça de suas elegantes maneiras. Acompanhou-a porta do passageiro, ajudou-lhe a subir como se fosse uma rainha do Parker's Ridge — talvez devesse comprar uma tiara e acabar com aquilo —, grampeou-lhe o cinturão e a seguir subiu ao carro.

Indicou-lhe a direção e ficaram em marcha. Aquele carro escandalosamente luxuoso e potente ia a uns cinquenta quilômetros por hora.

O coração do Charity pulsava com força, tinha as mãos firmes, dobradas em seu colo. Entretanto, uma sensação de antecipação percorria seu corpo como um raio. Não conseguia recordar sentir-se tão viva. Ou tão incrivelmente feminina.

Nick apenas a havia tocado, mas tinha a sensação de ter desfrutado já dos preliminares. Seus peitos estavam tão sensibilizados que podia sentir as taças de renda de seu sutiã cada vez que respirava. Quando o carro dobrava uma esquina notava a pressão entre suas pernas. Inclusive era completamente possível que já estivesse úmida.

Se o encontro acabasse com sexo, estaria emocionada. Se não era assim, seguiria emocionada. Tinha passado muito tempo desde que havia sentido “um pouco” parecido. Essa noite, Nick tinha conseguido que se sentisse feminina, suave Y... viva.

Deslizaram-se com lentidão através de uma densa zona florestada no entorno da cidade. Os ligeiros flocos de neve que caíam brandamente formavam duas colunas horizontais iluminadas pelos potentes faróis. A paisagem parecia encantada, atemporal. Poderiam ter sido um príncipe e uma princesa em uma carruagem atirada por cavalos.



As ideias que se formavam em sua cabeça fizeram sorrir ao Charity, tão diferentes ao zumbido de fundo causado pela preocupação e dever que formavam parte de seu dia a dia.

Voltou à cabeça para observar o magro e contundente perfil do Nick, delineado pela tênue luz do painel. Fosse o que fosse que estava passando entre eles, devia lhe agradecer pelo presente daquela noite.

Sorriu quando ele a olhou rapidamente.

Nick não disse uma palavra alguma. O silêncio no interior do veículo continuou. A Charity agradeceu que ele não sentisse a necessidade de conversar. Havia algo mágico no ar e, as palavras, as palavras equivocadas, poderiam romper a magia.

Nick alargou o braço e pegou sua mão, levando-lhe aos lábios e depositando um beijo em sua palma. Estava tão excitada que se esqueceu de colocar luvas. Seu fôlego era quente, como se fora vapor, e sentiu esse pequeno beijo no mais profundo de sua alma. Ele voltou a lhe colocar a mão no colo e Charity a fechou ali onde a tinha beijado e esperou, com o coração desbocado, o que a vida lhe proporcionaria a seguir.

Era igual a estar fechada em uma bolha mágica. Algo grande, algo maravilhoso estava a ponto de acontecer e justo aquele era o momento prévio. O ambiente mesmo estava carregado de antecipação. Inclusive o tempo estava ajudando, consciente de que era uma noite muito especial.

Charity detestava o mau tempo, mas aquela noite o tempo era... perfeito. Grandes flocos de neve flutuavam no céu e se posavam brandamente sobre o chão formando uma magra capa. A visibilidade não era boa, mas não parecia importar enquanto o carro percorria com parcimônia a rua. Era igual a uma bola de neve, sem comunicação com o resto do mundo.

Ele se arranjou para dirigir sem vacilar até sua casa, sem necessidade de que Charity tivesse que lhe dar mais indicações. O carro subiu o pequeno caminho de entrada e Nick desligou o motor.

A luz da rua que se encontrava a uns três metros lançava luz suficiente para poder decifrar sua expressão quando se girou para ela, com um braço apoiado sobre o volante. Nick não estava sorrindo, tentando seduzi-la com seu encanto. Estava pálido, a pele aparecia tensa em seus maçãs do rosto e podia notar a intensidade de seu olhar apesar da escuridão lhe reinem.

— E bem? — disse ele em voz baixa —. O que tem que essa taça de café que me prometeu?

Charity esperou um instante, pois o coração lhe pulsava rapidamente e sentia a garganta oprimida. Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu dela. Nada absolutamente. Inclusive se tivesse sabido o que dizer, não teria encontrado o fôlego necessário para fazê-lo. A excitação acendeu uma bola de fogo em seu peito, fazendo com que o fosse impossível falar. De modo que assentiu.

No que pareceu um segundo, Nick saiu do carro e se encontrou na porta do passageiro, ajudando-a a baixar com uma forte mão. Permaneceram imóveis durante um momento junto ao veículo. Nick devia ter ativado o fechamento automático a suas costas, pois todas as portas do Lexus se fecharam com um silencioso e aparentemente caro clique, muito diferente ao ruído que emitia seu carro.

Estava tão perto dela que Charity teve que jogar a cabeça para trás para lhe olhar aos olhos,



que a estavam observando. Grandes e esponjosos flocos roçavam sua pele como se tratasse de frios beijos, mas tinha tanto calor que se fundiam imediatamente.

O silêncio se voltou denso, como se o mundo inteiro estivesse aguardando a que dessem um salto ao desconhecido. Certo era que Charity vivia em uma rua tranquila, mas não se escutava ruído algum. Poderiam ter sido os últimos habitantes da terra.

Nick inclinou a cabeça com tanta lentidão que Charity poderia ter objetado ou voltado à cabeça se quisesse, mas tal ideia não lhe passou pela mente. Em todo caso, ficou ligeiramente nas pontas dos pés para sair a seu encontro.

Nenhum dos dois moveu as mãos, em que pese a que a jovem teve que fechar os dedos para conter-se e não lhe tocar. Parecia que tivesse desejado lhe tocar toda a noite, acariciar aquele corpo atlético, tão atípico de um homem de negócios, oculto sob o formal traje de executivo.

Seus lábios se roçaram apenas um instante e depois se uniram. Charity abriu a boca para ele enquanto seus olhos se fechavam pausadamente. Não queria que nada lhe impedisse de sentir sua boca sobre a sua, quente e suave de uma vez. Quando a língua do Nick tocou a sua, nada mais que um mero roce, Charity o sentiu por todo seu ser.

Sobre tudo entre as pernas.

Deus! Um beijo suave, um ligeiro roce de sua língua, e Charity estava mais excitada do que o tinha estado em toda sua vida.

Nick girou a cabeça para conseguir um melhor acesso à boca do Charity. Ela estava nas pontas dos pés e se cambaleou. Ou o haveria fato se Nick não a tivesse rodeado imediatamente com os braços, atraindo-a fortemente contra si e terminando de desequilibrá-la. Mas Charity não caiu. Antes sequer de ter tempo de precaver-se, seu mundo se inclinou e ele tomou em braços.

— Não quero que se danifiquem essas botas tão bonitas — sussurrou Nick contra sua boca antes de pôr-se a andar.

Aquele gesto tão romântico a comoveu. Não pôs objeções, não lutou nem gritou. Essa sensação de leveza era muito deliciosa. Tinha lido muitos livros e provavelmente muitas novelas românticas, sabia. Assim não era de estranhar que, em sua cabeça, aquele amável executivo nova-iorquino e uma séria bibliotecária de uma pequena localidade de Vermont se transformassem em um cavalheiro que leva a sua dama até seu castelo.

Nick a sustentava sem esforço, como se não pesasse nada, o que lhe revelou que era tão forte como parecia. O não baixou o olhar, mesmo o chão estando escorregadio e gelado. Nem sequer olhou à frente, caminhou até a porta. Seus olhos continuaram cravados nos seus, seu olhar era tão intenso que parecia como se mentalmente se dirigisse lá onde tinha que ir.

Tudo parecia mágico, especial...

Charity era consciente de que a magia não existia e sabia no que se estava colocando. Certamente aquilo não seria mais que uma transa de uma noite. Duas noites, talvez, se tinha sorte. Depois de tudo, começava o fim de semana. Mas quando terminasse, Nick Ames subiria em seu flamejante Lexus preto e se largaria do Parker's Ridge, que não tinha muito que oferecer a um sofisticado nova-iorquino.



De modo que Charity estava decidida a espremer cada gota de prazer mágico a essa noite, temendo que não voltasse a repetir-se.

Todos seus sentidos se centraram no Nick. Seu calor, seu aroma. Seus braços, que eram mais cómodos que a mais branda das camas.

Tudo era tão incrivelmente tentador. Sem pensá-lo, posou a mão sobre seu ombro e fechou os olhos para poder senti-lo com mais intensidade. Tinha o queixo apoiado contra a suave caxemira de seu casaco. Quando abriu os olhos, pôde ver o lugar onde começava sua barba. A linha de sua mandíbula era tão contundente que quase formava dois ângulos retos, e seus maçãs do rosto eram marcados. Como era de esperar, o único mole nele era seu casaco. Esfregou a bochecha contra o objeto, sentindo o sólido músculo que cobria. Sob suas mãos também havia músculo duro como uma rocha, contraindo-se e relaxando-se enquanto a levava pelo gelado caminho da entrada, com a mesma desenvoltura que se passeasse sob o quente sol.

Sua respiração não se alterou, ainda que levasse em braços a uma mulher adulta com tanta facilidade como se fosse um menino.

Quando baixou o olhar para ela, Charity lhe sorriu sem ocultar que tinha estado observando-o atentamente.

—Tem as chaves à mão? —perguntou Nick em voz baixa.

Sim, tinha-as em um bolso à parte em sua bolsa. O tomou e ato seguido subiu os quatro degraus que levavam a alpendre. Inclinando-se com ela ainda em braços, abriu a porta principal e cruzaram a soleira.

Pode ser que aquela fosse à única vez em sua vida que um homem cruzava com ela em braços a soleira e Charity desejava gravá-lo em sua memória. Desejava gravar tudo. Absorver até a última sensação, precavendo-se de que todo seu corpo estava vivo e acordado, captando cada detalhe desse momento.

Era maravilhoso lhe sentir sob suas mãos, forte e duro, coberto com o suave traje de um executivo, aspirar seu masculino aroma, mais potente agora que lhe tinha mais perto. Resultava difícil não ceder à tentação de lhe lambe para provar seu sabor.

A porta estava aberta a suas costas, visível depois dos largos ombros do Nick. Era a viva imagem de um quadro antigo; a amarelada luz da rua perfeitamente centrada na entrada, a porta emoldurando uma cena nevada tirada de uma postal, flocos de neve caindo igual a estrelas ligeiras do escurecido céu noturno...

Nick fechou a porta com o pé e a fez escorregar por seu corpo até deixá-la no chão. Não havia modo algum de confundir sua ereção, apesar de suas calças e seu casaco. O estômago de Charity se contraiu ao sentir aquela dura coluna de aço e se estremeceu.

Um segundo mais tarde, o cachecol e o casaco da jovem jaziam sobre o chão e Nick segurava seu rosto entre as mãos enquanto a beijava, desta vez com beijos mais duros e prolongados. Deliciosos, intensos e eletrizantes.

Charity estava quase nas pontas dos pés, agarrada a seus grossos pulsos quando ele levantou a cabeça e aqueles hipnóticos olhos azul cobalto se cravaram nos seus. Tinha as asas do nariz levemente dilatados e sob seu intenso bronzeado se apreciava cor nas bochechas. Sua



formosa boca apresentava um aspecto avermelhado e úmido. Contudo, apesar da firme ereção que se apertava contra seu ventre, parecia completamente controlado.

Em troca, Charity tremia visivelmente. Por dentro estava excitada, vibrante de desejo, apenas capaz de tomar fôlego por causa da pressão que comprimia seu peito. Quão único a mantinha em pé eram suas mãos em torno dos pulsos do Nick. De outro modo se derrubaria a seus pés.

Algo estava soando em algum lugar na distância, uma espécie de campainha. O broche final. Uma campainha festiva era a banda sonora idônea para o que estava tendo lugar no interior da jovem. Seu aturdido cérebro demorou quase um minuto em precaver-se de que o que soava era o telefone. A secretária eletrônica da sala de estar saltou e pôde escutar sua própria voz pedindo a quem quer que chame que deixasse uma mensagem. Fosse quem fosse, não poderia tratar-se de nada importante, pois se ouviu um clique quando penduraram.

Por sorte não se tratava de seu tio Franklin chamando para lhe contar outro problema com sua tia. A Charity agradava pensar que “poderia” ter quebrado o feitiço do momento se seus tios a tivessem necessitado, mas se alegrava de não ter que fazer a prova.

Nick se comportava como se o telefone não tivesse tocado. Estava-a observando intensamente, com o olhar fixo em seu rosto, como se estivesse procurando algo.

Algo que desejasse seria dela.

— Charity — disse com sua profunda voz grave. Logo se deteve. Em realidade, não havia nada mais que acrescentar. O que desejava estava claro. Todo seu corpo estava tenso de desejo.

Só havia uma resposta possível.

—Sim — sussurrou ela.

Mansão do Vassily Worontzoff

Vassily utilizou seu ponteiro ótico para marcar o número de telefone da Charity e escutou, com crescente apreensão, o silêncio ao outro lado da linha desocupada e o assobio ausente, seguidos da preciosa voz da jovem lhe pedindo que deixasse uma mensagem. Não desejava deixar uma mensagem; desejava falar com ela.

Não estava em casa. Por que não estava em casa? Onde estava? Charity quase não saía. Poderia estar com seus tios, mas tinha passado a noite anterior com eles. Além disso, eram tão mais velhos que jantavam as seis e as nove já estavam deitados.

E já eram quase as dez.

Pendurou o telefone carrancudo e sua mão em forma de garra ficou suspensa sobre o telefone. Não se atrevia a chamar de novo. Devia racionar suas chamadas a Katya... Não, a Charity.

Limitava-se a não realizar mais de duas chamadas à semana e às espaçar. Dois, três vezes ao mês. Não se atrevia a mais. Ainda não.

Mas isso logo mudaria.

Já tinham ficado para tomar o chá esse mês, e se tinha deixado cair pela biblioteca para lhe



levar um pacote de piroshki que tinha pedido especialmente e feito trazer de Moscou só para ela. Charity o ignorava, é obvio. Havia-lhe dito que um amigo havia trazido várias caixas e que muitos doces não eram bons para sua saúde.

E logo, é obvio, ficava a reunião que estava organizando para a quinta-feira. Suas reuniões eram para ela, só para ela. Adorava a música, mas possuía uma grande coleção dos CDs e viajava a Nova Iorque ou a Boston cada vez que desejava escutar música ao vivo. Nova Iorque em particular tinha resultado ser muito satisfatória a esse respeito. Mantinha um apartamento em Park Avenue, propriedade de uma corporação com dez empresas que serviam de camuflagem. Ninguém saberia jamais que pertencia a ele.

O apartamento tinha sido decorado com as cores bolo que Charity adorava, abastecido com seus CDs de música preferidos e com um sortido de seu chá predileto. Tinha comprado todo um guarda-roupa de desenho de seu tamanho, que estava esperando que ela chegasse. Tudo estava preparado. Sua nova vida estava ali, resplandecendo além de seu alcance. Com cada dia que passava, seu sonho se fazia mais e mais sólido, mais consistente.

Logo. Muito em breve.

Logo ela veria e compreenderia. Logo seria dela. Tinha estado esperando, esforçando-se por aquilo desde que se mudou fazia cinco anos. Charity foi feita para ele... Sua Katya reencarnada. Tinha estado trabalhando para obtê-lo, sem dar-se conta, desde em 12 de dezembro de 1989, quando o KGB tinha ido por eles. Aquela era uma data gravada com ácido em seu coração. Nunca esqueceria o dia em que tinha deixado de ser humano.

Katya e ele acabavam de fazer o amor. Tinha descoberto que apenas uma vez não lhe era suficiente, de modo que enquanto estava deitado a seu lado, seu membro estava ainda meio ereto, contaminava a habitação que cheirava a seu perfume e a sexo.

Desejava-a continuamente. Fazia um ano que eram amantes, e sabia que podia tê-la tanto e como desejasse, mas o desejo de possuí-la sempre estava presente. Aquela primeira ânsia frenética com a que se deitou com ela tantas vezes como foi possível, durante horas ao dia, atenuou-se um tanto. Não porque a desejasse menos, mas sim porque sabia que era dela. Quão único tinha que fazer era estender a mão, e ali estava ela.

Katya, sua formosa Katya, encontrava-se de barriga para baixo, saciada, ruborizada e sorridente. Ele se achava deitado de lado junto a ela, com a cabeça apoiada em uma mão e a outra na parte inferior de suas costas. Estava compondo um poema mentalmente, uma ode à mulher, pois naquele momento lhe parecia que Katya encarnava a todas as mulheres formosas e desejadas do mundo.

O ar estava impregnado de aroma a mulher, e era consciente de que gerações de homens tinham vivido e morrido por aquele aroma; o aroma do esquivo e ardente amor.

Tinha começado a compor preguiçosamente uma "Ode à mulher", um poema que brotava em seu interior. O primeiro poema de sua vida que tinha surto perfeito e completo, por inteiro, de uma só vez.

Essa tarde tinha sido tocado pela mão dos deuses.

As palavras tinham chegado, poderosas e douradas, com uma cadência perfeita. Não



precisava as escrever; as palavras estavam gravadas em seu coração quando foram a ele. Levou o ritmo do poema com seu dedo indicador, sobre a elevação da perfeita nádega branca da Katya, como o compasso de uma canção; a música da poesia contra a pele de sua mulher.

Ela sabia o que estava fazendo, certamente. Katya lhe conhecia bem, conhecia-lhe até o fundo de sua alma. Não lhe teria surpreendido que ela pudesse ler as palavras em sua mente.

Acabava de finalizar o poema, o melhor que já havia escrito, quando chamaram bruscamente à porta.

Nem sequer lhe tinha dado tempo para levantar-se, para ficar um pouco de roupa e armar-se de dignidade. Os sicários do KGB derrubaram sua porta a patadas, com as armas preparadas, e o levaram a arrastado do lado de Katya.

É impossível, pensou freneticamente. Não! Este país mudou! O mundo mudou! Acaba de cair o muro do Berlim!, gritou, antes que a culatra de um rifle lhe golpeasse na cabeça, lhe fazendo cair.

Sacudiu a cabeça, aturdido. Aquilo não estava acontecendo, não podia estar acontecendo. Gorbachev tinha introduzido a abertura, a Perestroika. A União Soviética estava se abrindo, por fim. O longo pesadelo estalinista se acabou.

E, em qualquer caso, Vassily não era dissidente. Era apolítico. Um escritor. Um escritor da nova a Rússia, sem mais propósito que escrever boa literatura. Era procurado nas esferas intelectuais, um novo russo, um homem livre do jugo do passado.

Mas os homens que tinham derrubado sua porta eram relíquias: homens brutais e cruéis, saindo do vestibulo ao escuro corredor, como se fossem monstros emergindo de uma tenebrosa cova, das trevas, antes de tempo.

Aquilo era um engano. O era Vassily Worontzoff. Dry Your Tears in Moscow era um best-seller. Uma de suas histórias curtas tinha sido levada a cinema e tinha ganhado um Leão de ouro no festival de Veneza. Tinha sido entrevistado em televisão em muitas das novas cadeias que se estavam abrindo na sociedade soviética. Acotovelava-se com os novos empresários, com os preferidos pelos meios de comunicação.

Tinham-lhe renomado Cavaleiro da República na França.

Tinha que contatar com alguém, conseguir que se esclarecesse tudo, pensou, enquanto os esbirros lhe arrojavam as calças e, ato seguido, tiravam-lhe arrastados do vestibulo com o peito nu.

E então seu coração se deteve, assim, sem mais, quando o terceiro oficial retornou ao interior da casa e arrastou a Katya, que não deixava de gritar, ao vestibulo.

Seus olhares se cruzaram.

O grande escorpião soviético estava morrendo, mas sua cauda envenenada ainda tinha poder para levar umas quantas vidas. O seria acusado de escrever propaganda antissoviética; uma coisa ridícula, tendo em conta que a União Soviética se estava desintegrando. Todos os dias se arrancavam partes dela, como blocos de um enorme iceberg que flutuavam à deriva pelas marés da história.

Seria acusado e conduzido a um campo de prisioneiros; uma sentença segura de morte.



Uma longa e prolongada sentença de morte. Não sairia vivo.

Pensou que quão pior poderia lhe passar era que lhe prendesse a KGB. Mas tinha estado equivocado. O pior era que agora tinham a Katya. Aquilo superava seu pior pesadelo.

Gritando, desejando, lutando cada passo do caminho, desesperado por proteger Katya, tiraram-lhes pela força do edifício à rua Arbat e lhes meteram em um veículo para prisioneiros.

Em doze de dezembro de 1989. O dia em que morreu Vassily Worontzoff.

Capítulo 6

Nick sabia que a resposta a sua pergunta tácita seria sim. Convidar-lhe a tomar café em sua casa naquelas circunstâncias significava que Charity conhecia suas intenções e as aceitava. A resposta era sim. Sim.

Nick não pensava em outra coisa enquanto conduzia até sua casa. Tinha-lhe dado os gestos em um murmúrio, mas não as necessitava. Tinha conduzido com tanta frequência a casa do Charity durante sua operação de vigilância, que poderia encontrar o caminho com os olhos fechados.

E agora que tinha passado um encontro com a jovem, provavelmente poderia encontrá-la a “ela” com os olhos fechados, só por seu aroma. Seu aroma o enlouquecia. Todo o carro estava impregnado dele. Um perfume fresco, primaveril, misturado com xampu, sabão e calor de mulher. Único, embriagador.

No carro, tinha bastado com seu aroma para fazer com que seu membro se erguesse e emprestasse atenção, embora não é que necessitasse estimulação alguma. Menos mal que tinha posto seu caro casaco de caxemira.

Nick era bom estrategista. Fixava-se metas e descobria como as alcançar com as ferramentas das que dispunha. Esta era a fase prévia, anterior à batalha. O momento em que seu corpo começava a preparar-se para o combate. Seus sentidos se aguçavam, diminuía o ritmo de seu coração, via e escutava com inusitada claridade.

A fase seguinte era crucial. Tinha que convencê-la para que confiasse nele. Graças a sua vasta experiência, sabia que levar uma mulher à cama era a melhor forma de consegui-lo. De modo que deveria estar pondo as coisas lentamente em marcha para possuí-la.

Nick sabia com precisão como deveria fazer para conseguir alcançar seu objetivo. Acompanhá-la até a porta, um beijo ligeiro antes que ela abrisse, só para quebrar o gelo outro depois de que Charity tivesse servido duas xícaras de café. Sentar-se no sofá, escutar a música que ela pusesse, conversar despreocupadamente. Outro beijo ligeiro, logo outro, mais apaixonado esta vez, com um pouco de língua...

Tudo lentamente, com classe, lhe dando tempo para que se acostumassem a ele.

Podia fazê-lo. Havia-o feito com antecedência em inúmeras ocasiões. Sempre se mantinha frio durante o sexo. Com Consuelo poderia ter recitado de cor passagens inteiras do manual de



campo do exército enquanto transavam, tratando de não fazer caretas de dor enquanto as afiadas unhas da colombiana se cravavam em suas costas. Manter-se frio antes, durante, e depois do sexo era singelo; levava fazendo-o toda sua vida.

Seria equivalente a outorgar o apaixonado ato sexual a uma audiência; parte dele permanecia afastado e às vezes inclusive era capaz de comentar os trâmites, como se estivesse em um espetáculo.

Nesses momentos necessitava de um prazer sem afeto. Era seu trabalho. Um trabalho prazeroso, sem dúvida, e que se merecia depois das circunstâncias pelas que tinha passado no Afeganistão e de passar um ano trabalhando para um chefe da droga, saído dos pesadelos de Dante, e para sua irmã, uma louca depravada. Conhecia a dinâmica, sabia à perfeição de tanto pô-la em prática; conhecia as palavras, tudo isso formava parte de seu arsenal. Aquela noite com o Charity seria uma das partes mais singelas da missão.

Manter relações sexuais, assegurar-se de lhe dar agradar, granjear-se sua confiança, lhe surrupiar informação sobre o Worontzoff mediante a sedução, obter um convite ao encontro musical que o maldito russo estava organizando... essa era sua missão. Fazia coisas muito mais difíceis em sua vida, e esta poderia fazê-la sem complicações.

De modo que, por que encontrava tão complicado centrar-se na missão enquanto a tinha entre seus braços?

Não se conteve mais entrou e encostou contra a porta por um momento. Seus joelhos fraquejavam quando ela encontrou sua língua. Era uma loucura. Talvez fosse por causa da garrafa de vinho que tinha tomado durante o jantar, entretanto era famoso por tolerar bem o álcool. Além do mais, era irlandês.

Assim que talvez não fosse pelo vinho, mas sim por sua boca. Seu sabor, pessoal, sexy, com um toque a nata e chocolate da sobremesa.

Retirou a boca um momento para olhá-la. Seu cabelo se derramava por cima do pescoço de seu casaco, em claro contraste com a cor escura de sua roupa. Seus lábios estavam avermelhados, levemente inflamados; os olhos cinza muito abertos, as pupilas dilatadas. Uma veia palpitava em seu pescoço e Nick desejou, desesperadamente, sentir aquele pulso contra seus lábios.

A observava, captando seus sinais, embora o único sinal que poderia obter nesses momentos era o pouco que faltava para que a levasse a cama. Deveria fazer com que as coisas fossem mais devagar? Charity fechou os olhos lentamente e elevou a boca até a sua em um beijo que foi muito breve.

Talvez não tivesse que ir mais devagar. O qual, contudo, estava muito bem, pois não sabia se poderia fazê-lo.

—Gosta de um café? —sussurrou a jovem finalmente, retrocedendo e olhando-o aos olhos.

Queria um café? Merda, não, não queria café, não necessitava nenhum estimulante. Tal e como se sentia nesse momento, o que precisava era uma ducha gelada.

— Não — respondeu entre sussurros.

Deus, ela era bonita. Não, não era simplesmente bonita. Era formosa. Não havia muitas



mulheres formosas, apesar dos artigos das revistas que diziam o contrário. Arrumavam-se, e muitas delas, que não eram nada especial, faziam-no tão bem que em realidade não sabia que aspecto tinham debaixo de tanto maquiagem. E, é obvio, estavam o bisturi e a agulha, que proporcionavam a metade da população feminina da América o mesmo nariz arrebitado e os mesmos lábios carnudos e inchados.

Charity possuía uma beleza natural que não chamava a atenção. Entretanto, uma vez observada, era virtualmente impossível afastar os olhos dela.

Sua maquiagem quase tinha desaparecido, mas não necessitava dela. Essa fina e imaculada pele de porcelana, que parecia mais suave do que qualquer ser humano, seus grandes e claros olhos enviesados e felinos, a delicada forma de suas maçãs do rosto e mandíbula... equivaliam a um ímã.

— É foddidamente formosa — sussurrou —. Ehh... Sinto muito.

— Obrigado — murmurou rendo-se com suavidade —. Por que estamos sussurrando?

Faziam-no porque era momento para falar em sussurros. De fato, era um momento mágico. Era uma sensação tão agradável senti-la em seus braços... Tudo era agradável. À noite, a mulher...

Rodeava-os um pesado silêncio, como se fossem as únicas pessoas em um mundo nevado e silencioso. Ela lhe sorria de forma ardente, bonita e acolhedora.

Aquele era o melhor lugar no que tinha estado desde... merda, nem o recordava.

Nick se apoiou contra a porta com ela em seus braços, porque estava ali e porque lhe tremiam os joelhos.

Não se devia ao peso da Charity. Ela era magra, leve inclusive. Apostaria os impostos de um ano que não pesava mais de cinquenta e cinco quilos, no máximo. Nick tinha escalado uma montanha no Kush, carregando com uma mochila de mais de trinta e seis quilogramas de parafernália militar, dezesseis litros de água, e sua arma com nove carregadores, que pesavam mais de nove quilos. Não tinha sido fácil mas o fez.

Sustentar Charity não era nada em comparação. Assim, por que suas pernas tinham problemas para lhe sustentar?

Seus olhares se cruzaram e se moveram como uma só pessoa. Nick se inclinou de novo para ela ao mesmo tempo em que Charity elevava o rosto para ele. O beijo foi longo e profundo, e seu membro se erguia dolorosamente cada vez que suas línguas se roçavam. Nick levantou novamente a cabeça e lhe brindou um sorriso.

— E bem... vamos ao quarto? — Não precisa perguntar mais, mas necessitava que a resposta fosse sim. Do contrário, ficaria a uivar. Aquela noite precisava afundar sua tremenda ereção em Charity.

Ela assentiu.

“Sim!”

Deram-se outro beijo que fez que os músculos de suas coxas se contraíssem. Estava a ponto de levá-la ao quarto quando os três neurônios que ficavam deram a voz de alarme.

A casa era ampla, sobre tudo para uma mulher solteira. Tinha pertencido a sua família e era grande o bastante para ter que perguntar onde se encontrava seu quarto.



Nick sabia perfeitamente onde estava. Tinha entrado duas vezes em sua casa, forçando as fechaduras enquanto a jovem se encontrava na biblioteca. Era necessário registrar a casa em busca de pistas sobre quem era ela.

No início, era para achar um ponto débil, coisas que pudessem lhe servir para obter informação. Não teria estado mal encontrar drogas. Tampouco toneladas de álcool. Talvez descobrir o esconderijo de inoportunos vibradores e brinquedos sexuais, mesmo que no momento sinceramente tinha esperado que não fosse assim.

Vícios, afeição ao champanha ou um orçamento para cerveja, perversão sexual: todos eram pontos débeis, que não duvidaria em utilizar.

Entretanto, não tinha encontrado nada. E, na verdade, Consuelo lhe havia aborrecido com tudo aquilo. Se jamais voltasse a ver umas algemas forradas de pele, se não voltasse a transar com outra mulher drogada em toda sua vida, morreria feliz.

Resultou que na casa de Charity não havia outra coisa que bonitos móveis, livros e quadros. Sua vida era tão fácil de ler como um livro, um pouco apropriado, uma vez que a sua casa estava repleta deles. Também dos CDs, originais, o qual lhe parecia exagerado para uma cidadã honrada. Era um agente da lei e não tinha comprado música desde 2001. Charity sim o fazia, o qual dizia muito.

Havia aquarelas em qualquer parte, assinadas pela Clarissa Prewitt. Sua mãe.

A casa, precaveu-se agora, era um reflexo dela: elegante, com classe, feminina.

Outro beijo e suas coxas voltaram a contrair-se.

— Como se chega a seu quarto? — perguntou contra sua boca, apesar de conhecer a resposta.

— O corredor à esquerda — a respondeu —. Primeira porta a direita. — Nick ficou em marcha tão logo disse aquelas palavras. Charity elevou o olhar para ele, com os olhos como pratos —. Vai me levar em seus braços até minha habitação?

— OH, sim. — Era o melhor modo de chegar ali. Tinha que dar-se pressa porque estava a ponto de explodir. Devia apressar-se antes que seus joelhos cedessem e caísse de cara com ela ao chão.

Caíam-se ao chão, se a foderia ali mesmo, não seria nada bom. Não era romântico, e isto tinha que ser. Mas poderia converter isso em romântico, ou não? Desde quando tinha perdido o controle?

Desde há cinco minutos, ao que parece. Quando entrou no dormitório a estava beijando entre ofegos e se obrigou a deixá-la no chão com cuidado. Seria mais simples tirar-lhe a roupa se parasse de beijá-la, mas isso parecia impossível. Com uma mão lhe segurava a parte traseira da cabeça e com a outra se esforçava de forma desajeitada com a roupa.

Maldita seja! Por que não tinha “três” mãos para poder despir-se ao mesmo tempo?

Trabalhou depressa. Suéter, sutiã, saia, meia-calça —com cintas-ligas! “Bem!”—, calcinhas e sapatos. Charity já estava nua. Voltou a agarrá-la em seus braços e deitando-a sobre a cama. Um observador pouco caridoso haveria dito que a tinha arremessado à cama com tanto ímpeto que quicou.



Agora era sua vez.

Bateu o recorde em despir-se. Casaco; camisa; camiseta interior; calças; cueca; sapatos e meias três - quartos. Colocou uma camisinha em apenas um instante.

Menos mal que não levava sua roupa de trabalho, porque então teria demorado minutos em tirá-la mochila das costas, desfazer-se da pistola do tornozelo, desenganchar os carregadores sobressalentes e as granadas de mão, desfazer da faca de combate e embainhar...

Não era de estranhar que os soldados não trepavam no campo. Necessitavam uma hora para despir-se.

Por fim estava nu e olhando para Charity, que estava no mesmo estado, estendida sobre a cama como um petisco delicioso, disposto unicamente para seu deleite.

Por mais excitado que estivesse, por mais que desejasse equilibrar-se sobre ela, deteve-se por somente um instante para olhá-la, para contemplar sua pálida perfeição. Além desse delicado e esbelto corpo, pleno de feminina elegância, a expressão de seus bonitos olhos bastou para que parasse. Encontrou neles suavidade, humor, afeto...

Aquilo não era o que estava acostumado a ver em suas companheiras sexuais. Estava habituado a ver luxúria e desejo, e nenhuma emoção absolutamente.

Nick franziu o cenho. Estava excitada? Ou se encontrava completamente perdida naquela romântica fantasia que tinha criado para ela?

Só havia uma maneira de averiguar.

Nick se segurou à cama, inclinou-se e lhe agarrou do tornozelo jogando um pouco de sua perna. Distraiu-se por um segundo ao ver seu bonito pé emergindo de seu escuro punho.

Deus, inclusive seu pé era bonito. Arqueado e de dedos estreitos com as unhas pintadas de rosa. Para comer-lhe mas se começava pelos dedos dos pés, demoraria toda a noite.

O faria em outro momento.

Seus olhos a percorreram desde seus bonitos pés, subindo pelos estreitos tornozelos, a ampla longitude de suas pernas e... OH. Aí estava, a fonte de todo prazer.

Ali, também, era a mesma perfeição. Uma pequena nuvem de pálido pelo púbico rodeando a inflamada e brilhante malha rosada. Já era oficial. Charity estava excitada; podia continuar.

Bom, uma última coisa.

Nick lhe soltou o tornozelo e as gemas de seus dedos subiram por sua perna, desfrutando de cada centímetro do percurso. Ela era doce, ardente e fascinante. Sua mão foi mais devagar para saborear as sensações, observando suas pálpebras descender levemente.

OH, sim. Agora suas bochechas estavam tintas de rosa, ao igual a seus mamilos. Podia apreciar o batimento de seu coração no peito esquerdo, estremecendo sua deliciosa pele. Estava-se excitando com o dedo do Nick sobre sua perna.

OH, e talvez pelo que podia ler em seus olhos.

— Nick — sussurrou.

— Já chegamos aí — respondeu.

Deus, Charity era uma verdadeira delícia.

Sua mão chegou finalmente onde desejava estar, contra sua suave feminilidade. Estava



úmida e se molhava mais com cada segundo que acontecia. Seu dedo bastava para fazer surgir à umidade de seu corpo, que estendeu sobre os lábios de seu sexo. Afundou o dedo em seu interior, só um pouco, e a sentiu estremecer-se e suspirar. Apertou a outra mão contra seu joelho, empurrando-a contra a cama, abrindo-a mais para poder tocá-la.

No mesmo instante em que Charity compreendeu o que ele desejava, separou as pernas. Nick apenas podia afastar os olhos dela; rosa, inflamada e úmida.

Agora ela tinha os olhos fechados e Nick soube que devia estar se concentrando na sensação que lhe produzia ter sua mão sobre seu corpo. Charity deixou escapar um suspiro.

Poderia continuar com aquilo eternamente, acariciá-la tão somente no silêncio da noite, mas quando baixou o olhar para seu palpitante membro, compreendeu que seria melhor fazê-lo a antigo uso antes que se gozasse sobre seu ventre e pusesse a ambos em uma situação embaraçosa.

O pênis do Nick era enorme, vermelho, inchado e duro como o aço. Sua mão estava passando em sua cabeça, mas seu membro estava protestando. Sempre tinha sido inflexível, assim que ele teve que ceder.

Com a mão direita cobrindo seu púbis por inteiro, apoiou a esquerda sobre o colchão, justo ao lado do pequeno osso sobressalente de seu quadril e se colocou escarranchado sobre ela.

Agora as sensações mudaram. Já não sentia um prazer etéreo, como se estivesse aturdido. Nesse momento as sensações eram mais potentes, mais violentas e agudas. Profundas e definidas.

Deixou atrás os movimentos pausados e sutis, que tinham satisfeito a quase todos seus sentidos. Agora tinha um único sentido e estava concentrado entre suas pernas.

Abriu-a utilizando dois dedos, posicionou-se e investiu com maior força da que pretendia. Chiou os dentes a causa do prazer, mantendo erguido seu estremecido torso com o apoio de um braço a fim de não esmagá-la, enquanto respirava fortemente pelo nariz.

Deus, que apertada estava. Incrivelmente apertada. A cabeça de seu pênis emergiu ligeiramente manchada de sangue. Nick franziu o cenho. “Muito” apertada.

Baixou o olhar para ela. Charity parecia incômoda, quase como se sentisse dor. Maldita seja!

— Charity — a insistiu com voz rouca —. Por favor, me diga que não é virgem.

Ela levantou o olhar para ele, horrorizada.

— OH, Deus — sussurrou —. Isso não acrescenta nada, certo?

Uma gargalhada rompeu do amplo peito masculino, fazendo que de algum modo seu membro se saísse, e Nick se derrubou em cima dela, rendo e gozando como nunca.

Capítulo 7

Vassily cravou o olhar no fogo, escutando o silêncio da casa. Normalmente ouvia música pelas noites. Algumas vezes isso lhe relaxava o suficiente para poder dormir. Mas no geral se sentava em sua poltrona, esperando manter a raia as lembranças.



Não queria música ou vodca, nem sequer a companhia de um de seus homens.

Necessitava-a “ela”, precisava falar com ela. Quanto desejava essa conexão com a Katya... com o Charity. Essa suave energia feminina envolta em um pacote tão belo era verdadeiramente um presente dos deuses. Katya tinha sido sua alma gêmea; tinha conseguido que seguisse em frente quando se afundava em suas depressões.

Sentia-se incompleto. Tinha acreditado que sua alma e seu coração tinham morrido com a Katya, mas esta nova Katya os fazia reviver. Agora voltaria a estar completo. Assim que Katya fora inteiramente sua uma vez mais, faria retroceder o tempo. Possuía o poder para fazer o mesmo que os deuses, para trazer de novo a sua Katya.

“Charity”.

Lançou uma maldição. Ultimamente se pegou várias vezes chamando Katya de Charity. Interrompia-se na primeira sílaba e Charity pensava que estava chamando a seu gato.

O dissimulava dizendo que recordava a uma gata: elegante, independente, grácil, com uns brilhantes olhos claros. Ela sempre sorria.

E entretanto... e entretanto ela “era” Katya. Nada poderia convencer ao Vassily de que Charity não era a reencarnação de seu mesmo coração.

Não foi capaz de salvar a Katya. Tinha sido jogada em um escuro buraco com uns monstros vorazes de afiados dentes.

A cena ia a ele todas as noites, acompanhada de suor escorregadio e dor persistentes. A imagem era sempre a mesma: a tundra gelada estendendo-se imensamente, cinza e monótona; a cerca mais resistente imaginável, mas de dezesseis mil quilômetros de gélida nada. Jamais ninguém tinha conseguido escapar com vida por aquela infinita grade gelada.

Os prisioneiros — em sua maioria doentes, desidratados, meio mortos de fome e sem roupa suficiente para suportar as temperaturas baixo zero —, tinham sido tirados dos vagões do trem como se fossem gado. Piscando com atordoamento na escassa luz solar do inverno, a primeira que tinham visto desde fazia dez dias, saíram a tropicções do vagão de carga com os membros trementes, meio mortos pelas terríveis condições do trajeto.

Vassily tinha tentado proteger a Katya o melhor que pôde durante a interminável viagem. Tinha-lhe dado seu casaco e com esforço tinha conseguido levá-la contra a parede, dando ele as costas ao grupo para lhe proporcionar um mínimo de privacidade.

Não tinha comida nem água que lhe dar, nem comodidades. Ambos eram conscientes do que se aproximava. Tinham ouvido histórias. Vassily tinha entrevistado em uma ocasião a um zek dos campos do Stalin para o artigo de um jornal.

Os dois sabiam; Katya sabia.

Falaram pouco durante a eterna viagem; não havia muito que dizer.

Vassily fazia o impossível para ocultar a Katya dos guardas quando baixaram a rampa a tropicções, mas foi em vão... não podia funcionar. Katya se movia como uma mulher formosa.

Tinha-lhe coberto a cabeça com seu casaco e ordenado que caminhasse encurvada, como se fora uma anciã. Mas os formosos tornozelos da Katya tinham ficado à vista. E mechas de seu glorioso cabelo claro se escaparam do apertado coque para curvar-se em torno de suas orelhas.



A Vassily lhe parou o coração quando ouviu gritar ao primeiro dos guardas, como um lobo cheirando carne fresca. Ao cabo de um segundo, todo o grupo se tornou sobre ela, arrancando a de seus braços e levando-lhe como carne para o jantar.

Vassily ainda podia escutar seus gritos, ver seu esbelto braço branco estirado, afogando-se em uma espiral de violência. Ele tinha lutado com todas suas forças. Mas se tratava de homens brutais, que se encontravam um degrau por cima dos prisioneiros a quem custodiavam, e faziam uso de uma brutalidade demolidora. Um golpe com a culatra do rifle de um guarda lhe fez cair ao chão como a um touro derrubado.

Recuperou a consciência ao escutar os gritos da Katya, que se prolongaram incessantemente durante todo o dia e toda a noite. Através de uma pequena janela no barraco gelado onde os prisioneiros tinham sido amontoados, Vassily pôde ver os guardas em fila, a maioria com as calças abertas e os membros fora, esperando seu turno para violar à bela intelectual moscovita. Rindo e fumando, e colocando-se de novo ao final da cauda uma vez que acabavam seu turno.

Alguns não tinham visto uma mulher em décadas. Ao segundo dia, os gritos cessaram.

Vassily tinha sido completamente incapaz de salvar a Katya. Um zek em um campo de prisioneiros não era nada, nem sequer digno do ar que respirava. Menos que a suja neve na sola das botas do guarda da prisão. Menos que a merda das latrinas.

Tinha perdido a Katya, mas agora havia tornado a encontrá-la. O amor de sua vida tinha voltado para ele. E já não era um zek desamparado, não mais. Era rico e incrivelmente poderoso. Possuía trilhões de dólares, milhares de homens e mulheres. Comprava governantes de países e os dobrava a sua vontade.

Era o Vor.

E logo teria em suas mãos o poder para destruir cidades, para destruir tudo em sua vingança contra o mundo. Tudo era possível com a Katya a seu lado.

Parker's Ridge

19 de novembro

Nick despertou no paraíso, ou ao menos assim lhe pareceu. Uma suave música de harpa soava de fundo, tão doce e harmoniosa como tinha imaginado que seria a música celestial, embora não é que alguma vez tivesse imaginado realmente que conseguiria escapar do inferno.

Sim, sem dúvida se encontrava no paraíso, com um fofo edredom de plumas com grandes casulos de rosas cobrindo com leveza seu corpo nu e a cabeça apoiada sobre um almofadão de plumas mais fofo ainda.

Deus, inclusive cheirava ao paraíso. A rosas e a lavanda. Até ele chegava o aroma a lençóis limpos e a móveis polidos, a pães doces de canela recém assados e a algo leve e floral, absolutamente feminino. E sobre todos aqueles aromas, prevalecia o aroma de sexo. OH, sim. Se existia o paraíso, haveria sexo como o que tinha desfrutado de toda a noite. Exatamente igual.

Nick sorriu, passou a mão por cima do colchão e abriu os olhos quando não encontrou nada



mais que o lençol. Bom, quase era o paraíso. Faltava algo; alguém.

Retirou o edredom perfumado com lavanda e se levantou, olhando a seu redor. A noite anterior tinha estado muito consumido pela luxúria para fixar-se, mas como não percebeu a beleza do dormitório feminino quando tinha entrado na casa para registrá-la?

Parecia algo retirado de uma revista, só que habitado, não um espaço vazio. Chão de madeira polida. Uma grande cama alta com uma cabeceira antiga de madeira esculpida, uma antiga e reluzente cômoda com gavetas, duas pequenas cadeiras de cor rosa de chá em torno de uma charmosa mesinha redonda. Bonitos frascos de cremes e perfumes, pequenos botões de rosa em um vaso, algumas preciosas paisagens à aquarela, uma estante repleta de livros... Tudo bem ordenado. O fiel reflexo de um precioso dormitório feminino. Deu uma olhada pela janela; nevou toda a noite e lá fora havia ao menos trinta centímetros de neve. No jardim, havia inclusive um grande árvore que parecia uma esponjosa nuvem. Sim, era o paraíso.

Nick desceu da cama, ficou na ponta dos pés e se espreguiçou, sentindo-se como novo, acelerado inclusive. Não só se devia ao sexo fabuloso da passada noite, entretanto não havia nada melhor para pôr em funcionamento o organismo. A diferença da horrível experiência que tinha compartilhado com Consuelo e que lhe deixava com uma sensação de vazio e esgotamento, o sexo com Charity era como estar dentro de um foguete, decolando.

Além disso, tinha dormido. Dormido “de verdade”, pela primeira vez no que parecia uma eternidade. Um sonho profundo que apagou todo rastro da aguda fadiga que obstruiu sua cabeça durante um ano passado.

Nunca tinha dormido toda a noite de uma vez durante o tempo que passou infiltrado no clã do González. Cada segundo que passava podia surgir algo que o fizesse saltar da cama, algo completamente fora de seu controle. E se González decidia lhe atacar, fá-lo-ia de noite.

Nick se obrigava a dormir em lugar de dormir e a despertar a intervalos regulares, a examinar seu entorno em busca de sinais de perigo, e logo voltava a lançar-se em um sono tão leve que podia estar preparado para o combate em um segundo.

Assim era como dormia um soldado no campo, sob o fogo. Em combate, um sono pouco profundo podia te salvar a vida. Em uma situação de perigo, a gente estava em ação em questão de segundos. Não obstante, como estilo de vida, enchia o corpo de cortisol, consequência do estresse, que certamente debilitava os rins caso usasse muito. No caso do Nick, a situação se prolongou durante muito tempo; no Afeganistão e durante o ano vivendo com o González. Provavelmente tinha os rins tocados.

Morreria jovem, de qualquer forma; era algo que sabia no fundo de sua alma. Sempre tinha sido consciente disso. Era o que o fazia tão temerário como soldado. Bem poderia cair lutando.

De modo que a noite de sono tinha sido como um pequeno presente da vida. Sabia por que tinha dormido tão profundo e tranquilo, além da incrível experiência sexual que tinha compartilhado com Charity. No mais profundo de seu ser, essa parte dele que lhe dizia que se agachasse uma milésima de segundo antes que a bala passasse assobiando, que lhe sussurrava que voltasse a comprovar sua arma e seu paraquedas por enésima vez, dizia-lhe que na casa de Charity não havia perigo para ele. Nenhum absolutamente.



Nada havia ali com intenção de lhe causar nenhum mal, diferente do que acontecia no mundo em que tinha passado a maior parte de sua vida.

Seu corpo o tinha sabido inclusive antes que sua mente. A julgar pela falta de tensão muscular sabia que se encontrava em um local seguro. Seguro, bonito e acolhedor.

Ninguém sabia onde estava. Não lhe tinham seguido; assegurou-se de que fora assim. Embora Di Stefano e Alexei pudessem suspeitar que tivesse seduzido à bonita bibliotecária, não podiam estar seguros. De modo que ninguém conhecia seu paradeiro, e essa casa não possuía nenhum perigo para ele.

Nenhum perigo absolutamente. Nem sequer havia facas por perto. Tão somente finos móveis em tons pastel, boa música, aromas agradáveis e uma mulher incrivelmente linda. Falando do qual...

Nick dividiu sua roupa no chão. Não sentia o menor desejo de ficar seu traje formal: calças e camisa de vestir, jaqueta... Tinha uns jeans e um pulôver em uma bolsa dentro do porta-malas do carro; os usaria hoje. Mas nesse momento, desejava Charity.

O leve ruído proveniente da cozinha indicou onde se encontrava ela. Cruzou nu a sala de estar e se deteve na porta da cozinha, observando-a. A jovem estava de costas, cantarolando em voz baixa.

Nick tinha sido treinado duramente para mover-se em silêncio; Charity não tinha nem a menor ideia de que ele estava ali, assim pôde olhá-la com prazer.

Tinha posto um CD de música celta variada. Nick reconheceu a canção que estava soando, mas ignorava o título. Falava sobre campos verdes e a volta a casa, que era mais ou menos o que diziam quase todas as canções irlandesas que tinha ouvido. Os irlandeses não eram muito dados às canções de amor. A música celebrava a sobrevivência e a camaradagem, os elementos básicos da vida do Nick até o momento.

Charity sabia a letra e estava cantando em voz baixa. Tinha posto um moletom rosa que se amoldava a suas esbeltas curvas e seu cabelo loiro escuro se movia sobre seus ombros ao mesmo tempo em que balançava a cabeça ao ritmo da música. Aquele bonito traseiro também rebojava enquanto se trabalhava na cozinha.

A habitação era tão bonita como ela. Azulejos cor creme e pêssego, uma fileira de florescentes ramalhetes dentro de potes cor bege no suporte da janela, cortinas de tom claro e grandes potes de cerâmica ao longo da bancada contra a borda decorada de lajotas sem respingos da pia da cozinha.

E os aromas eram quase melhores que os que impregnavam o quarto. O surpreendentemente atraente aroma de chá se misturava com aromas de algo com canela que assava no forno. Havia dois serviços de chá dispostos em uma pequena mesa de madeira de pinheiro, com fatias de pão, manteiga, um sortido de geleias e geleias, e pedaços de maçã. Nick podia prever um fantástico café da manhã em seu futuro imediato.

Observou-a balançando-se ao ritmo da música e a escutou cantar. A sua voz era suave, resultava surpreendentemente afinada. A cena inteira era preciosa.

Uma mulher bonita; uma boa música; uma habitação arrumada: puro deleite.



Nick sentiu algo estranho se remexendo em seu interior, algo que não reconheceu. Percorreu-lhe de acima para abaixo e, fosse o que fosse, a seu passo deixou paz e satisfação.

Ficou ali parado, pensando naquilo. Paz e satisfação. Não eram coisas sentidas frequentemente em sua vida. Jamais as procurou e nunca as desejou. Sua vida era uma longa missão e fazia o necessário para cumpri-la. A paz e a satisfação simplesmente não contavam.

Sua missão no orfanato e, posteriormente, em alguns lares brutais de acolhida, tinha sido a de salvar Jake e sobreviver. Mais tarde, como agente Delta, seu objetivo era o de levar a cabo uma missão, independente do que acontecesse. No geral, a operação compreendia grandes doses de perigo. E agora, desde que tinha passado a formar parte da Unidade, a missão era acabar com a máfia russa.

Assim, o que era aquilo? Apoiar-se contra o marco de uma porta, observando a uma mulher cozinhando diante do forno, o que era? A missão? Uma operação?

Não, era algo mais, algo completamente diferente. Algo que o fazia sentir-se confortável com o que estava acontecendo em seu interior. Sabia o que desejava na vida e, pelo geral, iria por isso direto como uma bala. Mas isto parecia... diferente.

E parecia bom. Definitivamente bom. De fato, sentia-se melhor do que recordava nunca havia se sentido assim.

Charity se deu a volta como se de repente houvesse sentido sua presença, e lhe brindou com um sorriso.

Ao final de um instante, essa sensação sobrenatural de bem-estar desapareceu como se jamais tivesse existido. Em seu lugar apareceu o ardente, premente impulso de tocá-la, de acariciar aquela pele suave e cremosa que sabia que se encontrava debaixo do fino algodão rosa do moletom. De lhe pôr as mãos em cima e não soltá-la nunca.

— Olá, já está acordado... — Sua voz se foi apagando quando seu olhar descendeu e seu rosto passou de ter o leve rubor de alguém que está cozinhando a um vermelho vivo. A flexível boca de Charity formou uma “Ou”.

OH, sim, claro que estava acordado. Mas que muito acordado. Era como se seu membro estivesse se estirando para tratar de cruzar a habitação até ela.

Não podia fazê-lo, é óbvio, mas ele sim. Demorou um ou dois segundos para endireitar-se e seguir até ela, sem afastar-se de seu olhar. Charity baixou de novo o olhar para ele e Nick se sentiu arder, como se caminhasse diante da porta aberta de um forno. O calor refletia inclusive por suas veias.

Tinha a mandíbula apertada com tal força que lhe doíam os dentes.

Tratava-se de sexo, mas ia muito mais à frente. Não estava desesperado por ter relações sexuais como o tinha estado virtualmente toda a noite. Sem a menor dúvida, deveria estar esgotado.

Nesse preciso instante, em compensação, era como se nunca antes houvesse transado, como se não houvesse tocado a uma mulher em toda sua vida. Era uma sensação premente, seu corpo estava repleto de toda a adrenalina do campo de batalha, mover-se era tão necessário como agachar-se sob o fogo inimigo ou escapar a rastros de um incêndio ou das balas.



Aquilo era algo que jamais tinha experimentado, uma zona desconhecida. Nick não se deixava levar pelo desejo urgente e urgente. Era o Iceman.

Sempre que transava, parte dele — uma grande parte —, permanecia distante, observando. O sexo fazia com que os homens baixassem suas defesas. Eram muitos os que tinham morrido enquanto davam uma trepada. Nick não. Não havia modo de que ninguém pudesse lhe atacar enquanto mantinha relações sexuais porque sempre era consciente do que acontecia, sempre se mantinha frio. Gélido.

Mas agora não era Iceman. Estava ardendo, respirava com dificuldade, e todo seu ser se centrava no Charity.

Nem sequer pensava no que estava fazendo. Seu corpo tinha assumido completamente o controle.

Moveu-se a toda pressa, enganchando uma cadeira com o pé e sentando-se pesadamente nela ao tempo que estendia as mãos para Charity. Em um abrir e fechar de olhos, tinha-lhe tirado as calças e as calcinhas, tinha-a colocado sobre ele, aberto com os dedos e penetrado. Justo dentro de seu suave sexo.

Deus!

Nick tinha a cara empapada de suor. Uma gota escorregou por um lado de seu rosto e caiu sobre o ombro de Charity. Segurava-a com tanta força que provavelmente ela tinha dificuldades para respirar, mas parecia não poder soltá-la, ou nem sequer afrouxar seu abraço. Agarrava-se a ela da mesma forma que a se agarra a um salva-vidas, não a uma mulher bonita.

Inclinou a cabeça contra a dela, com os olhos fortemente fechados.

— Desculpe-me — sussurrou com voz rouca.

Porra. Não estava úmida, não estava preparada para a penetração. Movimentava seu corpo levemente para achar uma posição cômoda, tratando de adaptar-se a ele. Os dedos de seus pés apenas tocavam o chão, de modo que estava afundada nele com todo o peso de seu corpo. Porra, esperava não estar lhe machucando, mas não ia arriscar se a deixá-la escapar.

— Não se desculpe — lhe respondeu Charity em um sussurro —. Não há absolutamente nada para se desculpar.

Nick abriu os olhos. Tinha mantido os olhos fortemente fechados porque o que estava acontecendo em seu interior resultava entristecedor, mas também porque o que ficava de seu cérebro lhe dizia que ela estaria furiosa. Um que não se avançava sobre uma mulher, a despia e lhe coloca o pau sem sequer dedicar uns segundos as preliminares. Em parte esperava que Charity lhe dissesse que a largasse e que não queria vê-lo mais.

Mas, contra todo prognóstico, não estava de saco cheio. Como tinha acontecido? Quando abriu os olhos, estavam a escassos milímetros dela. Olhou-a fixamente, hipnotizado, observando aqueles cristalinos olhos cinza claros, igual ao céu a primeira hora da manhã. Pequenas rugas se formavam ao redor deles, como se estivesse sorrindo. O olhar do Nick se fixou em sua boca, ligeiramente curvada. Não cabia dúvida de que isso era um sorriso.

Beijou-a, no que foi um prolongado assalto a aquele sorriso. Quando sua língua acariciou a dela, Charity se apertou em torno dele, ofegando-se em sua boca.



Não estava furiosa por havê-la tratado com dureza, pela brutalidade com a que a tinha agarrado, por segurá-la com ferocidade.

— Não, tem razão. Não o sinto — reconheceu com voz rouca quando se incorporou em busca de ar. Merda, não, não o lamentava. Mataria por permanecer justo onde estava, nu sobre uma cadeira de madeira com a membro afundada na mulher mais encantada que jamais tinha conhecido.

Nick lhe devolveu o sorriso. Ou tratou de fazê-lo. Sua boca tentava realizar os movimentos adequados. Como podia sorrir quando cada molécula de seu for estava concentrada nela, em sentir seu corpo contra o seu e, acima de tudo, na acolhedora e quente sensação das tensas paredes de sua vagina rodeando seu membro?

Algo naquele pensamento fez saltar o alarme em algum canto de sua cabeça. Senti-la... tensa e um pouco mais molhada agora, e quente...

Havia algo diferente. Ou, melhor dizendo, a sensação era muito boa. Nunca havia sentido nada melhor.

Porra. Esqueci de colocar o preservativo. A cabeça esteve a ponto de lhe explodir.

Aquilo era impossível. Nick nunca transava sem uma camisinha. Nunca. Jamais. Sabia bem o que acontecia e embora esperasse morrer jovem, queria morrer de um tiro ou de uma facada e não conectado a máquinas em um hospital. Era melhor morrer por uma bala que por uma enfermidade, sem a menor dúvida.

Usar o preservativo era um hábito enraizado, que formava parte do ato sexual. Era algo tão natural como escovar os dentes. Não ia a nenhuma parte sem camisinhas e inclusive as levou ao Afeganistão, mesmo que não existia a menor possibilidade de utilizá-las naquele inferno. Tinham perdido a validade em seu bolso e provavelmente já não eram mais que pó em seu colete aprova de balas no porão de sua casa.

Havia vários pacotes de camisinhas de grande qualidade lhe esperando no bolso de suas calças, no chão do dormitório da jovem. O melhor modo de ir colocá-las seria sair de dentro da Charity, levantar-se e ir até lá, mas todo seu ser rechaçava a ideia. Não poderia sair dela embora lhe apontassem uma pistola contra a sua cabeça.

Por não mencionar a seu pênis... esse sim que era instável. Sim, Nick Ireland, senhor Gelo, o muito mesmo Iceman, que se havia fodido a Consuelo durante horas enquanto calculava as probabilidades de que o idiota do seu irmão estivesse planejando sua morte, estava quase a ponto de explodir.

Podia senti-lo, uma pressão vulcânica surgindo de sua virilha, a leve pontada elétrica ao longo de suas costas, reações com as quais estava familiarizado. Tão somente a respiração de Charity provocava um pequeno murmúrio em seu organismo, lhe aproximando perigosamente de ejacular. O menor movimento faria com que perdesse o controle.

Sair dela significaria fricção, deslizar-se fora daquelas escorregadias, suaves e quentes paredes...

OH, Deus. Teve que contrair os músculos de seu coxa para evitar gozar só de pensá-lo. Se retirasse, faria o ridículo ejaculando no ar. Ou pior, em cima dela.



Olhou-a fixamente nos olhos, tremendo levemente devido ao esforço de não gozar.

— Não colocar preser... — Sua voz soou rouca, como se tivesse passado horas gritando. Tinha a garganta tensa. Umas enormes bandas de aço lhe constrangiam o peito —. Eu sinto muitíssimo.

Se Charity queria tirar-lhe de cima, estaria em todo seu direito. Nem sequer podia fazer uma careta, porque qualquer movimento lhe faria gozar. A única coisa que podia fazer era olhá-la fixamente nos olhos e aguentar como um homem. Charity guardou silêncio.

— Sinto-o — disse uma vez mais, virtualmente resfolegando. Com cada segundo que transcorria, tudo nele se esticava. Seu membro se alargou e engrossou dentro dela, e então... Charity se apertou a seu redor. Seu membro respondeu imediatamente com um potente estremecimento. Apertou os dentes com tal força que resultava surpreendente que não lhe partisse algum.

Iria lhe explodir a cabeça. E logo após, o pênis.

Estava tremendo, tratando de conter-se.

— Deus, Charity, vou A...

— Está bem. — O rosto da jovem estava a poucos centímetros do dele. Parecia séria, mas seu corpo se estremecia. As estreitas paredes de seu sexo se contraíram novamente por iniciativa própria e ambos gemeram —. Não é o momento adequado do mês, assim não deveria haver nenhum proble...

Independente do que ia dizer se perdeu na firme boca masculina. Nick pôs fim à distância que os separava abraçando-a fortemente e assaltando seus lábios, investindo em seu interior com ferocidade enquanto gozava em longos, quase violentos espasmos que lhe sacudiram dos pés a cabeça. Devorou sua boca, como se sua vida dependesse disso. Talvez fosse assim. Sentiu um interminável e quente jorro de sêmen sair de seu corpo, desde seu testículo até seu membro, alagando-a.

Nick se sacudiu e gemeu durante todo o tempo que durou o clímax, cravando-se em seu interior, completamente fora de controle. Separou-se de sua boca porque temia mordê-la por causa da excitação, e afundou a cara em seu cabelo, aferrando-se a ela como se estivesse afogando e Charity fora sua tábua de salvação.

Nunca havia sentido sua pele tão sensível e seu coração pulsava loucamente; estava ardendo vivo. Sentia-se especialmente quente na virilha, justo ali onde se unia a ela. Quente e molhado. Tinha ejaculado com tal força que ambos tinham as coxas molhadas. A experiência não seria tão boa com outra mulher, mas com Charity resultava extremamente excitante. Saber que sua semente estava dentro dela e, em particular, saber que Charity estava molhada.

Não molhada porque tivesse conseguido realizar certos preliminares, não, não era esse tipo de umidade. Mas certo era que estava molhada, de qualquer forma. E isso significava que poderia mover-se dentro dela sem lhe machucar.

Entretanto, primeiro tinha que reparar a ofensa.

— Sinto-o — sussurrou. Seu fôlego fez mover uma mecha de seu brilhante cabelo loiro escuro. Nick não acreditava em Deus, mas era assim, merecia um raio que o fulminasse



imediatamente porque não lamentava. Não estava arrependido absolutamente.

Não só não lamentava nem pelo mais remoto estar fundo até o punho na vagina mais quente e apertada em que recordava ter estado, mas sim não lamentava a situação. Seus suaves peitos estavam esmagados contra seu torso, esfregando-se contra ele cada vez que respirava e seus braços a rodeavam fortemente à altura da caixa torácica.

— Não tem problema — conseguiu dizer ela de forma entrecortada. Mesmo com dificuldade, Nick afrouxou levemente seu abraço. Charity tinha que respirar.

Dado que sua boca estava ali mesmo, retirou de seu pescoço outra mecha perfumada de seu cabelo soprando, e começou a beijá-la percorrendo com os lábios aquele suave lugar, atrasando-se na ainda mais suave pele detrás da orelha. O cabelo do Charity lhe caiu sobre a cara e foi como estar em uma amaciada e perfumada nuvem de cor loira escura.

Captou com seus lábios o ritmo de seu coração, rápido e ligeiro. Também podia sentir esse pulsado sob seu peito esquerdo. Acaso era excitação?

Só havia um modo de averiguá-lo.

Inclinou-se levemente para trás, perguntando-se que mão empregar, pois ambas as se sentiam felizes justo onde estavam. Se houvesse justiça neste mundo, crescer-lhe-ia uma terceira mão para poder tocá-la ali onde seus corpos se uniam sem necessidade de soltá-la, mas fazia muito que tinha aprendido que não era possível.

De modo que, que mão utilizar? A que se cavava na parte posterior de sua cabeça ou a que rodeava sua estreita cintura? Deus, difícil escolha.

Finalmente e a contra gosto, sua mão direita abandonou a cintura de Charity, passou por suas costas, por cima de sua coxa e se posou sobre seu púbis.

Charity se moveu levemente sobre ele, e Nick se inflamou e expandiu em seu interior. Ao senti-lo, a jovem conteve o fôlego de forma audível no silêncio da cozinha.

— Ainda está, mmm... — meneou-se novamente e seus movimentos foram tão excitantes que ao Nick lhe contraíram os músculos do abdômen —. Ainda está... duro — concluiu sem fôlego.

Duro? E tanto que o estava.

Aproximou a boca até a do Charity e a beijou profundamente, como se inundasse em um mar quente perfumado de flores. Abriu mais a boca, saboreando-a com maior intensidade.

Charity lhe rodeou o pescoço com os braços, ao mesmo tempo em que sua mão brincava com o pelo de sua nuca.

Nick lhe agarrou o cabelo com a mão e atirou com delicadeza. A cabeça de Charity caiu para trás e assim pôde admirar a larga linha de sua branca garganta, que lhe incitava a afundar com força seus dentes nela. A falta daquilo, mordiscou-lhe justo onde o pescoço convergia com a suave linha de seu ombro.

Charity se estremeceu por inteiro. As paredes de seu sexo se contraíram bruscamente e Nick se dilatou ainda mais em seu interior. Ela ofegou e enganchou as pernas em torno dos pés da cadeira, empalando-se mais profundamente nele.

Isso era tudo que ele necessitava. Abraçando-a estreitamente, Nick começou a mover-se em seu interior com movimentos violentos e curtos, que não a machucaram pois um pouco antes



gozou com tal intensidade que a alagou com seu sêmen.

Era uma sensação tão intensa que parecia impossível que durasse. Quando ela soluçou grosseiramente e começou a gozar, ele grunhiu e investiu com força uma última vez antes de explodir.

Nick desconhecia por completo como era possível que tivesse tanto sêmen em seu interior, a julgar pelo orgasmo que acabava de ter. Talvez sua coluna vertebral se fundisse e ido parar diretamente a seu membro. Talvez estivesse esgotando todo o líquido que tinha no corpo e acabaria por secar-se e converter-se em pó. Quem sabe.

— Vá! — sussurrou Charity. Apoiava a bochecha sobre seu ombro, tinha os braços ao redor de seu pescoço e o corpo completamente relaxado contra o do Nick.

Suas virilhas estavam completamente empapadas pelos fluidos de ambos. E, entretanto, Nick ainda estava o bastante duro para permanecer em seu interior. Se ela se movia, sairia.

Mas por agora Charity estava imóvel e Nick adorava estar dentro dela.

Era... agradável. Mais que agradável. Charity era o mais suave que jamais tinha tido em suas mãos, doce, cálida e perfumada. Nick tinha a sensação de que poderia ficar assim para sempre.

Charity posou a mão sobre suas costas em uma pequena carícia, e logo se deteve, desconcertada, enquanto esfregava a bochecha contra seu ombro.

Nick sabia muito bem o que estava sentindo: uma cicatriz circular franzida frente à outra exatamente igual nas costas.

— Essa é minha cicatriz mais vergonhosa — comentou à ligeira, lhe acariciando as costas —. Nunca contei a ninguém a história, mas lhe contarei isso se me promete me dar um pouco do que seja que assaste.

— Conta com isso. São pães doces de canela. — Nick podia sentir os lábios de o Charity mover-se quando sorriu contra seu ombro —. A menos que se queimaram. Em cujo caso, é tua culpa.

— Muito justo. — Depositou um beijo em seu cabelo —. Os pães doces bem merecem que te conte minha história. Quando tinha dezoito anos, minha tia Milly se mudou a viver ao lado de minha casa. Só ficou uns meses, mas durante esse tempo me escolheu para que fora seu escravo pessoal. Ajudei aos da mudança a colocar os móveis e me carregou com um montão coisas que devia levar ao banheiro de cima. Um dos operários da mudança deixou cair uma pouco de sabão nas escadas, tropecei e caí justo sobre a barra de aço das cortinas. Atravessou-me. Charity se estremeceu.

— OH, sinto muito. — A jovem seguiu a cicatriz de suas costas com o dedo, e depois depositou um tenro beijo em seu ombro —. Deve ter doído.

Endiabradamente.

E não tinha sido causada pela barra de umas cortinas; tinha sido provocada por uma bala de 9 milímetros. O projétil tinha roçado o pulmão e terminou com sua carreira no exército.

Nick se tornou para trás e sorriu olhando-a aos olhos.

—E agora, alguns dos pães doces?



Capítulo 8

Parker's Ridge
19 de novembro

Nick seguiu Charity de volta a sua casa, olhando fixamente a parte traseira de seu carro como se pudesse fazer que parasse, saísse e deixasse-o ficar ao maldito volante.

Detestava aquilo. Por que não podia Charity ter deixado o carro onde estava? O tinha insinuado várias vezes, inclusive tinha pensado na ideia de ordenar-lhe mas, entretanto ela comunicava seus desejos sem levantar a voz, Charity era como uma rocha. Limitava-se a levantar aquele queixo bicudo e isso era tudo. Queria seu carro e ia recolhê-lo, com ou sem ele. Com o tempo que fazia, ir sem ele não era uma opção, de modo que Nick a levou com os lábios formando uma fina linha até seu veículo, estacionado perto da biblioteca, e agora a seguia até sua casa.

Que o tempo tivesse piorado — as estradas estavam escorregadias a causa do gelo e da água que cai com a neve —, era uma circunstância que Charity tinha passado completamente por alto. Nick tinha tido que segurar com força o volante para evitar adiantá-la e obrigá-la a reduzir a velocidade.

Não esperava que a sua refinada bibliotecária adorasse a velocidade. Isso estava bem, mas não em um dia de cães como aquele e não quando, conforme suspeitava Nick, ela poderia não ser capaz de dirigir seu carro. Este patinava quando Charity freava e tomava as curvas, e Nick apertava a mandíbula cada vez que isso passava.

Olhou com desejo o celular que se estava sobre o assento de passageiro. Podia chamá-la e lhe dizer que fosse mais devagar. Fazer que parecesse que não podia segui-la, o que era ridículo para qualquer um que lhe conhecesse. Não existia veículo no mundo que não pudesse conduzir tão rápido como desejasse, quaisquer que fossem as condições climatológicas. Era um instrutor de combate qualificado; um dos melhores.

Seu celular vibrou, mas não era Charity. Nick sorriu ao ver a tela. tratava-se do Jacob Weiss, seu melhor amigo. Pulsou a tecla de mãos livres do móvel e falou:

— Olá, Jake. Como o leva? — Aquela era sua saudação habitual e pelo geral a resposta não era apta para todos os ouvidos.

— Olá, grandalhão, sabe? Consegui-o! — Jake estava muito emocionado para brincar como de costume. Nick podia apreciá-lo em sua voz—. “Yujuuuuuuuuu!” ou “uauuuuu!” ou como dizem os militares. Consegui!

Nick pôs os olhos em branco. Em um dado momento, Jake era capaz de conseguir algo, e amassar mais dinheiro que um país e terceiro mundo não era a menor delas. “Consegui-o” podia significar que tinha comprado Microsoft, duplicado os ganhos de um príncipe saudí, ou elevado o valor mundial do ouro sem ajuda de ninguém. Jake era um dos maiores gênios financeiros do mundo, e não era Nick o único que o pensava, mas também Bloomberg.



Independente do que tinha conseguido, Jake estava eufórico.

— Isso é genial. Alegro-me de ouvi-lo. — Jake não podia ver o Nick encolher-se de ombros mas provavelmente podia apreciá-lo por sua voz. Nick não se preocupava tanto com o dinheiro, para o perpétuo pesar de seu amigo —. O que é o que conseguiu? Comprar Córsega?

—Não, embora tenha comprado um complexo turístico em... Não importa. Escuta, recorda esses bônus russos dos que te falei? — Jake esperou a que seu amigo fizesse memória. Deveria Nick mentir e dizer que o recordava? Não, Jake era muito preparado e não acreditaria. Sabia quando Nick estava mentindo. Embora, sim, recordava algo... vagamente.

Jake não deixou que aquela lembrança cristalizasse.

— Se tivesse um celular decente em lugar desse lixo por satélite, ver-me-ia pôr os olhos em branco. Faz seis meses te falei de investir em bônus russos. Passei-me “duas horas” te falando disso, Nick. Nem sequer você é capaz de esquecê-lo.

Ah, sim. Nick se tinha tomado uma tarde livre quando ainda trabalhava como infiltrado no clã González e tinha passado a ver Jake e a sua família. Estar com o Jake e com a Marja equivalia a um sopro de ar fresco, menos quando Jake falava de dinheiro, que era o momento em que Nick se dedicava a divagar.

— Recordo-o, mais ou menos. Pensava que seria um bom negócio, não?

— Resultou ser um negócio excelente, obrigado. Pagaram-se quatro a um. Não esperava que isso acontecesse até a primavera que vem, mas estou vendo a confirmação por email agora mesmo.

Nick, pelo contrário, observava o para-lama traseiro do Charity. Isso tinha sido uma sacudida? Se estiver tendo dificuldades para seguir a estrada, ia pedir lhe por gestos que parasse e a obrigaria a voltar para seu carro. Podiam deixar ali o de Charity e ele passaria a recolhê-lo tão logo se limpasse o tempo. Observou com atenção quando a jovem dobrou a esquina, exalando ao fim o fôlego retido. De acordo, Charity o havia feito bem. Mas, maldita seja, seus pneus não era adequados para esse tempo. Tinha-lhes jogado uma boa olhada antes que ela subisse no carro e teve que mordê-la língua para não dizer nada a respeito.

—O que? O que te pareceu isso? —Jake havia dito algo que lhe tinha extremamente emocionado. Nick lhe emprestou parte de sua atenção; a outra estava centrada no Charity.

Os bônus eram sem dúvida menos importantes para ele que assegurar-se de que a jovem não se estrelasse com o carro.

—Se me tivesse estado “escutando” —lhe recriminou Jake, com um tom exageradamente paciente—, ter-me-ia entendido à primeira. Mas lhe repetirei isso. Recorda que lhe disse que te faria milionário? E que você me deu todo seu dinheiro?

Nick sorriu. O bom do Jake.

—Claro.

Eu, milionário? Nunca me preocupei com a gestão do dinheiro. Gastava muito pouco e o resto deixava no banco, acumulando pó.

Levado pela exasperação, Jake lhe havia fato tirar tudo e dar-lhe a ele. Tratava-se de uma boa quantia; Nick tinha economizado seu salário na íntegra enquanto estava no Afeganistão, onde



se manteve a base de água rançosa e rações do exército, não havendo nenhum lugar onde gastá-lo. A isso terei que acrescentar o salário que se acumulou enquanto estava com o clã do González.

Claro, Nick o recordava. Cento e cinquenta mil. Mais ou menos tudo o que tinha e provavelmente o que ganhava Jake em um minuto.

—Perdeste-o?

—Não, acabo-lhe isso de dizer! É que não me escuta? Investi seu dinheiro em bônus russos e no mercado do ouro em Hong Kong. Mantiveram-se durante um tempo, e não me importa dizer que... — Nick franziu o cenho. Charity conduzia de novo a muita velocidade. Voltou a emprestar atenção ao que Jake lhe estava dizendo—... e estive investindo e retirando seu dinheiro em ações públicas hindus, que te reportou um grande benefício. De fato, nestes momentos... — Nick podia escutar um teclado de computador —, seu valor nítido é de um milhão três mil dólares. Felicidade, Nick. Agora é milionário. Quintupliquei seu investimento, tio. Meu deus, que bom sou. Sou o melhor. Espera um momento que faço o baile da vitória.

Nick lhe ouviu sapatear e sorriu. Jake se tinha submetido a onze operações durante os dez últimos anos para endireitar sua coluna; e ser capaz de caminhar sem sentir dor e mover-se rapidamente eram duas enormes vitórias.

Mas, o que é que havia dito sobre um milhão de dólares?

—Rebobina, quer? —Nick finalmente se concentrou no que seu amigo lhe dizia—. O que disse? Pareceu-me ouvir que dizia que...

— Que é milionário. Rico, grandalhão, é “rico”. Bem-vindo ao clube dos milionários — disse rompendo a risada. De fato, Jake era multimilionário, mas Nick apreciava sua delicadeza.

— Deus... — Nick inspirou profundamente uma vez, logo outra —. Sou... rico. — A cabeça lhe dava voltas —. Sou rico. — Soltou uma gargalhada quase sem fôlego.

— Sim. Não lhe gaste isso tudo de uma vez, e me diga quão bom sou.

— É um gênio — afirmou Nick, pondo em cada palavra a maior seriedade—. É um puto gênio. —Jake riu de novo.

Nick tragou saliva e lhe veio à cabeça o momento em que conheceu o Jake.

Tinha onze anos e aparentava dezesseis, enquanto que Jake tinha nove e aparentava cinco. Jake tinha aparecido de repente no orfanato; um menino traumatizado, gasto e de aspecto estranho, com as costas encurvada e pernas extremamente magras. Sua família tinha emigrado de Israel no ano anterior e seus pais acabavam de morrer em um terrível acidente. Não ficava mais família, que o Estado soubesse, e lhes era impossível encontrar uma família disposta a acolher a um aleijado, de forma que foi arrojado ao orfanato, onde seria uma vítima segura.

Logo arranhava o inglês, estava pouco desenvolvido e a escoliose tinha transformado suas costas em uma enorme S (como uma corcunda). A morte de seus pais lhe tinha traumatizado tanto que não podia falar.

Aquilo tinha sido como jogar um peixe aleijado em um lago com piranhas. Ao final de cinco minutos após ter chegado, Jake estava sangrando.

Nick tinha estado fora, fazendo exercício, quando viu o maior dos valentões do orfanato dando patadas a um vulto pequeno e branco que se encontrava no chão. Um minuto mais tarde,



estava tirando de cima aos valentões, quebrando um braço e um nariz e levando a um inconsciente Jake à enfermaria. Não pesava nada.

A enfermaria, imposta por lei, estava atendida por uma diplomada medíocre que, conforme suspeitava Nick, traficava analgésicos. Não tinha o menor desejo de cuidar de Jake e apenas o fez quando Nick a encarou.

Curou a Jake e Nick se assegurou de permanecer perto do moço a maior parte do tempo e de que todos soubessem que meter-se com ele supunha fazê-lo com o próprio Nick. Jake era uma vítima, mas não Nick. Ninguém se metia com ele ou com aqueles a quem protegia.

Durante os anos que seguiram, Nick teve uma sombra pálida e silenciosa. Jake não falava, apenas comia, e só conciliava o sono se Nick estivesse na mesma habitação.

Passaram de um lar de acolhida a outro. A assistente social era uma mulher mais velha com um enjoativo acento sulino e olhos mesquinhos, que ganhava dez por cento do benefício dos lares de acolhida que designava aos meninos.

Ela desejava separá-los. Jake iria a uma casa que estava especializada em meninos com necessidades físicas e mentais especiais. Davam um extra de quinze por cento para esses meninos. Nick tinha ouvido histórias sobre essa casa que faziam que lhe pusesse a tremer. Dois gurus tinham morrido ali nos dois últimos anos, assim pôs a assistente social contra a parede com uma navalha apontando ao flanco e lhe disse que lhe tiraria um rim se Jake não fosse com ele. Depois disso, nunca mais os separaram.

Quando Nick tinha dezessete e Jake quinze, chegaram uns estudantes de sociologia ao lugar em que se estavam nesse momento. Os estudantes estavam realizando uma pesquisa dos meninos atribuídos a lares de acolhida que tinham ficado um tempo em um orfanato. A pesquisa consistia em um teste para averiguar o coeficiente de inteligência, um teste de personalidade Rorschach, e em uma entrevista. Jake se negou a responder às perguntas e se manteve em silêncio quando lhe realizaram o Rorschach.

O teste de inteligência foi outra história.

A equipe de pesquisa se negou a acreditar os resultados iniciais e fizeram Jake repetir a prova. Uma e outra, e outra vez.

Cada vez, a equipe de pesquisa era mais numerosa, até que finalmente, um professor do instituto tecnológico de Massachusetts chegou e levou Jake.

Os resultados de Jake se saíam dos gráficos, sobre tudo em matemática. O termo “gênio” não bastava para descrevê-lo. Daí em diante, as fundações competiam por ter o privilégio de lhe educar. Aos dezoito já tinha um mestrado em economia e em matemática; aos vinte e um doutorado em economia. Também naquela época, Jake sabia o que queria. Dinheiro, em grandes quantidades.

E o tinha, pensou Nick com satisfação. Aos montes. Toneladas de massa. Bom para ele! Ganhou cada moeda.

— Agora é rico, amigo — disse Jake em voz baixa —. E bem? O que vai fazer com tanto dinheiro? Não tem sentido morrer jovem quando é rico, não? Os tipos ricos morrem velhos. Em suas camas, com uma mulher ao lado.



Nick fez uma careta de dor. Em uma ocasião, entre uma missão e outra, embebedou-se com o Jake. Tinham morrido quatro homens que estavam a suas ordens, e ele via suas caras todas as noites em sonhos. Em seus pesadelos.

Jake se sentou para lhe escutar em silêncio, tomando uma taça a cada dez que tomava Nick, até que este havia tocado fundo. Não tinha ficado nada dele, tão somente um homem exausto e esmagado. E foi então quando confessou ao Jake que estava convencido de que morreria jovem.

Depois disso, Jake se negou a deixá-lo passar, como se de um cão com um osso se tratasse. Dizia que tirar seu amigo do exército se converteria na missão de sua vida. Quando Nick foi ferido e licenciado no exército, Jake comprou uma adega inteira de champanha para celebrá-lo... e assim obteve um desgosto que o irritou como um saco de mil demônios quando Nick passou a formar parte da Unidade e começou com as missões secretas.

De repente a voz do Jake soou rouca:

— Não vou deixar que morra jovem, Nick. Não penso permitir que ocorra, e ponto. Morrerá em sua cama, sendo um homem rico e não há mais que falar. Acostume-se.

Sem dizer mais, desligou o telefone.

Nick continuou conduzindo, concentrado em observar a Charity na frente dele e no que Jake acabava de dizer.

Não morrer jovem. Pequena ideia. Embora bem pensado, já tinha trinta e dois anos. Talvez fora muito velho para morrer jovem.

Pela primeira vez em sua vida, Nick pensou no futuro. Não no futuro imediato, mas em longo prazo. Ter quarenta, cinquenta, sessenta... Deus, talvez setenta e oitenta. A ideia de que ia morrer jovem estava tão arraigada em sua cabeça que jamais parou para pensar em chegar a ser um homem de meia idade e mais tarde ancião. Isso não ia acontecer.

Mas... suponhamos que acontecesse. Suponhamos que vivia e que tinha muito dinheiro. Bom, isso mudava as coisas.

E suponhamos que, tal e como Jake insistia, deixava de realizar missões perigosas e se casava, assentando-se e criando uma família.

Claro, para o Jake era muito fácil falar. Tinha a esposa mais bonita do mundo e três estupendos filhos. Marja era uma beleza espetacular. Uma loira platina que tirava uma cabeça ao Jake, uma mãe magnífica e uma esposa fantástica. Todos davam por fato que, com seus trilhões, Jake tinha comprado uma esposa troféu, mas o certo era que tinha conhecido a Marja, uma estudante sueca de intercâmbio, enquanto ainda estava estudando e tratando de sobreviver com uma bolsa do Instituto Tecnológico de Massachusetts. Marja e ele eram um casal apaixonado.

A Nick jamais lhe tinha ocorrido que pudesse ter algo assim. Menos mal, porque nunca tinha conhecido a ninguém por quem pudesse sentir o mesmo que Jake sentia pela Marja.

Mas, e se...? Jogou uma olhada ao veículo que tinha diante, que conduzia Charity a muita velocidade para sua habilidade e seus pneus. Seu carro era igual a ela: inesperadas labaredas de uma fogueira sob uma fachada doce e singela.

E se assentasse? E se simplesmente sentava cabeça com o Charity? Viver com essa bela



mulher, nessa preciosa casa, em uma bonita e tranquila cidade.

Nick esperou a que aparecesse a sensação de opressão, de claustrofobia que sempre se apoderava dele quando pensava em sentar cabeça. Mas não fez ato de presença.

Charity baixou sua rua como uma bala e tomou muito às pressas o caminho de entrada até sua casa. Nick chiou os dentes e estacionou junto a seu para-lama traseiro. Se ela quisesse sair de novo, ia ter que lhe pedir que retirasse o carro. E por ele, não pegar o volante até que o tempo estivesse limpo.

Chegou até sua porta antes que ela pudesse afastar-se do veículo, lhe estendendo a mão.

— Dirige muito depressa — a resmungou. Maldita seja, aquilo parecia uma queixa.

Ela se pôs a rir e lhe afundou um dedo nas costelas.

— E você dirige muito devagar. Para o caso, poderia dirigir um veículo em lugar de seu precioso carro.

Nick tinha passado um verão trabalhando como piloto de provas para uma empresa de carros, e em uma ocasião tinha posto um carro a mais de duzentos e oitenta quilômetros por hora em uma reta.

Mas se limitou a dedicar um sorriso ao Charity.

— Acho que terei que melhorar minhas habilidades de condução.

Capítulo 9

Parker's Ridge

Meia-noite, 20 de novembro

— Mais? — sussurrou Nick ao ouvido do Charity no domingo de noite. De suas costas, retirou a um lado uma mecha molhada de seu cabelo e lambeu a pele de detrás de sua orelha.

A jovem se estremeceu.

Mais? Deus, Nick estava profundamente sepultado em seu interior e quase, embora não de tudo, doía-lhe. Como demônios podia ela querer mais? Mais do que ele pudesse lhe dar?

Já era completamente dela; estava completamente em seu poder. Nick estava arqueado sobre suas costas, com uma musculosa coxa entre os dela, lhe separando as pernas. Uma de suas mãos estava sobre seu peito enquanto que a outra mantinha abertos os lábios de seu sexo em torno de seu pênis.

— Eu gosto tanto esta sensação, que nem sequer quero me mover — murmurou. Seus lábios estavam tão perto de seu ouvido que Charity podia sentir as vibrações de sua voz no torso do Nick contra suas costas —. Mas talvez... — moveu a mão que torturava suas delicadas dobras, abrindo-a ainda mais —... talvez queira mais.

Nick se esticou sobre ela e, por impossível que parecesse, deslizou-se um pouco mais à frente, até um lugar profundo de si mesmo que não sabia que existia.



Um intenso calor emanava do lugar no que uniam seus corpos e podia sentir como que a cada segundo que passava se umedecia mais e mais, tão somente tendo ao Nick ali, dentro dela, quente, pesado e imóvel. Tão imóvel que Charity poderia ter jurado que nem sequer respirava.

Tudo nele era maravilhoso. Suas mãos grandes, fortes e poderosas, embora delicadas, capazes de tocá-la com uma ternura extrema. O pelo de seu peito lhe fazendo cócegas nas costas e o áspero pelo de sua virilha lhe raspando o traseiro. Suas fortes e peludas pernas contra as suas. E, é obvio, seu enorme pênis enterrado nela até o punho.

Charity fechou os olhos enquanto seu corpo se convulsionava involuntariamente ao redor dele. Nick reagiu imediatamente, alargando-se e engrossando-se mais ainda em seu interior em menos de um segundo.

Mais. Nick lhe tinha perguntado se queria mais e o estava dando. Não lhe tinha respondido, mas sim seu corpo. E o do Nick reagiu imediatamente.

O se retirou só um par de centímetros, mas a fricção que se produziu contra as paredes de sua vagina parecia um fogo indolor. Voltou a afundar-se nela. OH, Deus bendito, Charity começava seu delicioso caminho para o orgasmo. Como Nick conseguia?

Charity sempre tinha sido lenta em alcançar o orgasmo. Um ou dois amantes se queixaram inclusive. Agora não era lenta. Nick só tinha que tocá-la, penetrá-la, e estava pronta para estalar.

Nick começou então a mover-se com pausados e lânguidas investidas, de forma lenta e preguiçosa, com o queixo apoiado sobre seu ombro. Respirando calma e profundamente. O coração pulsava forte e tranquilo contra suas costas. Tinha os músculos duros, mas não tensos.

Entretanto, Charity não poderia seguir assim durante horas. O coração lhe desbocou em um instante, o calor se apoderou de suas veias, de todas as partes onde ele a tocava, dentro de sua vagina... contra suas costas... O aroma almiscarado a sexo impregnava o ar. Começava a deslizar-se para...

Soou o telefone.

Nick cessou de cavalgá-la durante um instante e Charity ficou com vontade de gritar. Estava tão perto! Necessitava que voltasse dentro, agora. Um gemido escapou de seus lábios. Suas coxas tremeram. Apertou ao redor dele e sentiu que seu grosso membro vibrava em resposta.

O telefone soou de novo. Nick continuava imóvel. O que estava esperando? Seu pênis continuava seguia dentro dela, estava justo em sua entrada e seu apertado canal se contraiu violentamente, ansioso por ser invadido uma vez mais.

O telefone soou outra vez. Estava situado o bastante longe como para que não pudesse estirar-se a agarrá-lo. Se o fizesse, afastar-se-ia do pênis do Nick. Impensável.

Soou novamente.

O coração de Charity pulsava com força e sentia suspensos os pulmões. Tremia dos pés a cabeça. Estava tão perto. Estava tão fodidamente perto...

Seu olhar foi ao grande relógio que havia sobre a cômoda. Às doze e quinze. Passava da meia-noite. Quem demônios...?

De repente, a realidade golpeou Charity, esfriando seus sentidos.

A única pessoa que a chamaria a essas horas era seu tio Franklin. E só existia um motivo



para tal coisa: necessitava-a.

Charity se moveu retirando-se completamente do pênis do Nick, enquanto a preocupação aumentava como se tratasse de uma escura maré, tão entristecedora que nem sequer teve tempo para lamentar deixar seu abraço.

— Sinto-o — ofegou ao tempo que se equilibrava sobre o sem fio —. Tenho que atendê-lo.
— Quanto tempo levava tocando? Acaso chegava muito tarde?

— Olá? — Sua voz lhe pareceu exausta até a ela mesma.

— Charity? — A tremente voz de tio Franklin soou débil, como se falasse do fundo de um poço.

A ansiedade do Charity aumentou um pouco mais.

— Tio Franklin? O que aconteceu?

Sustentando o fone entre a orelha e o ombro, a jovem trabalhou em excesso para vestir-se. Fosse o que fosse que tivesse passado, não era bom. Tinha que vestir-se. Calcinhas... estavam no canto onde Nick as tinha jogado. Calças... sobre uma cadeira. Suéter... ao pé da cama.

— É sua tia, carinho. Foi-se. Eu não... — A trêmula voz de tio Franklin foi se apagando, como se a última palavra tivesse sido falada longe do telefone.

— Tio Franklin! — gritou Charity com voz aguda por causa da preocupação —. Onde? Onde foi a tia Beira?

Silêncio.

Saltando desesperadamente sobre seus pés para colocar as calças, Charity tomou um segundo para dar uma olhada pela janela do quarto, para os grossos flocos de neve que caíam do céu. Era uma preciosa visão se estivesse na cama com seu amante secreto; e um pesadelo para uma mulher anciã e confusa.

A voz de seu tio Franklin voltou a escutar-se com um pouco mais de clareza.

— Sinto muito, carinho. Acreditei vê-la pela janela, mas me equivoquei.

— Quanto faz que se fosse? — As botas. Charity olhou freneticamente pela habitação em busca de suas botas. Equilibrou-se no armário e tirou um par de botas de água, tremendo pela urgência.

— Não-não sei. — A voz do ancião tremia tanto que a jovem apenas lhe entendia —. Despertei porque queria um copo de água. Mas tinha esquecido deixar como de costume meu garrafa sobre a mesinha porque tivemos uma vazamento no banheiro de baixo e tive que chamar um encanador, e quando este partiu, já era hora de jantar e saiu completamente da cabeça.

Seu tio poderia seguir com o tema eternamente. Por um instante, Charity teve saudades do tio Franklin de toda sempre. O juiz Franklin Prewitt, com sua mente acordada e sua língua mordaz. Sua férrea inteligência envolta em uma conduta reta; seu agudo engenho, que frequentemente tirava reluzir no tribunal. O infortúnio se abatia sobre o advogado defensor que não houvesse fato os deveres, vendo-se obrigado a abandonar o tribunal com o rabo entre as pernas. Charity via cada vez menos a esse homem. E quanto a sua tia Beira: elegante, irônica e culta. Devota da música de câmara e do teatro, que lia ao Rimbaud em francês e a Isabel Allende em castelhano. Essa tia Beira se foi para sempre.



— I-irei de ônibus - procurá-la...

— Não! — exclamou Charity com aspereza. Deus, o que menos precisava era que seu tio também se perdesse na neve —. Não se mova. Vou em seguida.

Pendurou o telefone para que ele não tivesse tempo de protestar. Era muito possível que sua tia estivesse no porão ou perambulando pela adega. Não seria a primeira vez.

Charity tirou sua jaqueta com capuz impermeável do armário de um puxão, fazendo vibrar o cabide, deu a volta com o coração encolhido. Em meio da ansiedade, ainda podia sentir Nick em seu interior, a quente coluna de dura carne que o fazia arder, suas grandes mãos aferrando-a, seu poderoso peito contra suas costas. Seu corpo mostrava ainda os sinais do sexo: suas calcinhas estavam empapadas e seus hipersensibilizados mamilos roçavam o suéter que acabava de ficar, mas seu corpo se sentia vazio, perdido e frio sem Nick.

De fato, esse poderia ser o ponto de ruptura. O momento em que Nick decidisse que não valia a pena todas as moléstias que lhe causava. Não havia tempo para explicar que tinha que sair a toda pressa, que era seu dever. Ele estaria em todo seu direito de zangar-se. Supunha-se que os companheiros de cama não desapareciam em metade da noite. Muito menos enquanto faziam amor.

Nick era muito bom para ser real, em qualquer caso. Talvez fosse melhor que partisse antes que começasse a abrigar esperanças de...

Subindo o zíper da jaqueta, voltou à cabeça para ele enquanto se apressava para a porta.

— Nick, sinto muito, de verdade. Tenho que...

Mas ele não estava na cama. Não lhe via na habitação. Largou-a enquanto ela corria de um lado para o outro na escuridão? Por acaso não pensava se despedir?

Acendeu o interruptor da luz e ali estava ele, completamente vestido, esperando junto à porta. Deus bendito, partia.

— Nick, sinto muitíssimo, mas minha tia Beira desapareceu e tenho que ir. Acredite se te disser que não iria a menos que tivesse que fazê-lo. — Tragou saliva com dificuldade —. Mas, você não gostaria de ficar a passar a noite? Pode ser que não demore muito.

Só a ideia de voltar e encontrar a casa vazia fazia com que lhe encolhesse o coração.

Ele não respondeu, limitando-se simplesmente a abrir a porta.

— Vamos, Charity. — Tinha uma expressão séria que não pôde decifrar. A jovem tinha pressa, mas se deteve o ver seu rosto. Era ira? Não, ira não. Mas o que era?

— Ir?

A neve já se acumulava no parque do vestíbulo através da porta aberta.

— Não penso deixar que dirija neste tempo. Pode me contar isso tudo no carro. Vamos, se mova.

Charity se sobressaltou para ouvir o tom de sua voz.

— Mas... — Falava com ar. Nick tinha desaparecido de repente.

A jovem o seguiu tão rápido como pôde pelo caminho escorregadio coberto de gelo até a rua, onde estava estacionado o carro do Nick. Que pesadelo de noite.

Com o coração encolhido, rogou à Virgem das mulheres boas e anciãs que sua tia só tivesse



perambulado até o porão ou a garagem.

Pareceu uma eternidade, embora provavelmente não fosse mais que um minuto, antes que o reluzente para-lama negro do Lexus aparecesse entre capas de neve.

Ao que parece iriam com o carro do Nick. Aquilo tinha suas vantagens e desvantagens. O Lexus estava indubitavelmente melhor equipado que seu carro para enfrentar o mau tempo. Era potente e aguentaria melhor a viagem pela rodovia. Essas eram as vantagens. A desvantagem era que Nick conduzia muito devagar e era muito precavido. Charity desejava chegar à casa de seus tios o mais rápido possível e Nick demoraria um século em fazê-lo.

Fazendo bom tempo demorariam uns vinte minutos para chegar. Com um tempo como aquele, seriam quarenta. Sendo Nick um condutor cauteloso, poderia demorar quase uma hora em realizar o trajeto. E nessa hora, sua tia poderia morrer.

Nick se encontrava ao volante, com o motor aceso, os limpador de para-brisas ligados emitindo um ruído como um sussurro, e a porta do passageiro aberta. Charity indicou com a cabeça.

— Nick, ehh... quer que eu conduza? Conheço o caminho e...

— Não — respondeu cortante, com os dentes apertados.

— Mas...

— Sobe. Rápido. — Sua voz desprendia um verdadeiro tom autoritário, terminante e imperativo —. Agora, Charity. Olhou-a rapidamente. Isso bastou.

A jovem obedeceu de forma instintiva, sentando no assento do carona tão rápido como pôde. Com o potente motor em marcha, as vibrações eram como um grave burburinho debaixo dela, como se estivesse sentada sobre um tigre no momento em que este saltasse.

— Prenda o cinto. — Charity girou a cabeça. Nick mostrava um semblante impassível, desprovido de expressão. Ela estava tão desorientada e assustada que se esqueceu por completo de prender-lhe. Ir de carro em meio de uma tormenta de neve sem ter posto o cinto de segurança era procurar problemas.

— Me diga aonde vamos. — O tom do Nick era taxativo, distante.

— Ao Ferrington. É uma pequena cidade a vinte e quatro quilômetros...

— Sei onde é Ferrington. Segure-se.

Que se segurasse? Charity o fez, perguntando-se por que tinha que agarrar-se, quando o carro pôs-se a andar de repente, colando-a ao encosto da cadeira como se fora um astronauta durante a decolagem. Ao fim do que pareceu um segundo, encontravam-se ao final de sua rua, surpreendentemente ainda vivos. O qual era um milagre, tendo em conta que ela jamais se atreveu a conduzir tão rápido durante um dia seco e ensolarado, e que era uma mulher a quem gostava de conduzir rápido.

Por estradas geladas e em metade da noite, aquela velocidade era suicida.

Um grito rondava sua garganta mas Charity apertou os lábios fortemente. Dar rédea solta a esse grito poderia distrair Nick e isso poderia resultar fatal à velocidade em que se moviam, no meio daquele tempo infernal. Um movimento em falso e morreriam.

Nick continuou pisando fundo no acelerador do carro grande e pesado, sabendo de algum



modo o momento em que se aproximavam da seguinte curva, mesmo que a visibilidade fosse quase nula. Apenas podia ver-se a estrada à frente em alguns momentos, quando a cortina de neve se abria durante muito breves instantes. O Lexus ia disparado a uma velocidade impossível, dobrando a esquina para o Wingate em poucos segundos. A jovem apertou os lábios com força para evitar gritar. Estavam patinando violentamente fora de controle. Não.

Não patinavam fora de controle. O carro se endireitou e permaneceu firme na estrada, indo a muita velocidade, mas em linha reta.

Preparada para morrer, Charity inspirou profundamente ao fim. Era a primeira vez que o fazia no que lhe parecia uma eternidade. Nick conduzia tão depressa que lhe aterrorizava, mas parecia ter um controle absoluto. Justo quando acreditou que foram chocar contra uma caminhonete estacionada na rua ou a subir à calçada e a estelar se contra uma árvore, Nick arrumava para endireitar o carro sem pisar nos freios. Parecia possuir um sexto sentido para saber do que era capaz o Lexus nas estradas geladas e o levava até esses limites, mas nunca mais à frente.

— O que há em Ferrington e por que vamos ali? — A voz do Nick estava completamente serena enquanto evitava uma placa de gelo no mesmo instante em que as rodas patinavam. Era uma sorte que não houvessem mais lunáticos na estrada além deles, ou já teriam morrido. Charity se armou de valor quando dobraram outra esquina e Nick tomou o que reconheceu como um atalho até o Ferrington.

A jovem tinha que se lembrar de respirar, paralisada como estava pelas brilhantes colunas de luz dos faróis, que criavam dois túneis amarelos em meio do branco pesadelo.

Nick lhe tinha perguntado algo...

Charity tinha estado absorta olhando a estrada que se estendia diante deles, preparada para dar ao Nick indicações a imprestáveis gritos. Girou a cabeça ao escutar sua voz serena e lhe observou durante um segundo —tranquilo, absolutamente controlado —, e relaxou um pouco, justo o suficiente para recompor seus pensamentos.

— Meus tios vivem em Ferrington, ou mas bem no campo, aos subúrbios da cidade. São idosos. Meu tio chamou para me dizer que minha tia desapareceu. Não pode encontrá-la por nenhuma parte.

— O quanto idosos?

— Meu tio Franklin tem oitenta e sete, e tia Beira oitenta e quatro.

Um músculo se contraiu na mandíbula do Nick.

— Assim, está me dizendo que poderia haver uma mulher de oitenta e quatro anos à intempérie com este tempo?

Por impossível que fora, o carro cobrou maior velocidade ainda, fazendo que ao Charity lhe subisse o coração à garganta.

— Sim — sussurrou. De vez em quando, minha tia se sente um pouco... desorientada.

Era uma situação muito dura. Seu tio Franklin se negava inclusive a aceitar a ideia de que sua amada esposa estava se deteriorando mentalmente. Cada vez que acontecia algo, atribuía-o a gripe, a que não tinha dormido bem, ou a que se esqueceu de algo sem querer. Negava-se a



reconhecer sua deteriorada saúde mental ante outros, ante ela e, talvez o mais trágico de tudo, ante si mesmo.

Por isso tinha chamado Charity em lugar de à polícia quando sua esposa tinha desaparecido em meio de uma tormenta de neve. Charity o compreendia. A polícia do Ferrington consistia em um xerife com sobrepeso, que se mantinha sóbrio muito poucas vezes e vivia a trinta e dois quilômetros de distância. O estúpido de seu ajudante seria inclusive de menos ajuda. O xerife Hodgkins não seria capaz de encontrar a sua tia Beira nem em um milhão de anos. Podia apenas encontrar o caminho de sua casa após passar uma noite na cidade.

E quando seu tio chegasse até a patrulha de estrada ou até algum agente da lei que pudesse ser realmente eficaz, teriam transcorrido horas e sua esposa poderia estar morta.

— A que se refere como desorientada? — Nick não a olhou, mas podia sentir sua atenção como se tratasse de uma mão que a tocasse.

A que se referia com desorientada? Muito boa pergunta. Seu tio Franklin ficaria destroçado se desse muita informação. O que acontecia a sua esposa o estava devorando por dentro. Não desejava que a mulher que amava ficasse exposta às críticas ou as brincadeiras.

— Ela, isto, é sonâmbula. Algumas vezes.

— Algumas vezes? Com que frequência?

Ultimamente, cada vez mais.

— Com certa frequência. Acredito que é o que deve ter acontecido esta noite. Meu tio despertou e ela não estava. Espero de todo coração que não tenha saído com este tempo. Uma vez a encontramos no porão. Outra havia... subido ao apartamento de cobertura. Meu tio precisa de mim para que lhe ajude a procurar porque seus joelhos não estão bem e tanto às escadas que descem ao porão como as que sobem à água-furtada são muito inclinadas.

Nick estava franzindo o cenho.

— Não faz soar o alarme quando sai da casa?

— Mmm. — A jovem inspirou profundamente —. A casa não tem alarme.

— Maldita seja. — O cenho se fez mais marcado, e uns profundos sulcos surgiram entre suas sobrancelhas.

Deus, até suas sobrancelhas eram bonitas: grossas, pretas e elegantemente arqueadas. Como podia estar tão incrivelmente bonito inclusive quando franzia o cenho e conduzia a um milhão de quilômetros por hora através de uma tempestade de neve? E como podia ela fixar-se sequer nisso quando estava aterrada por sua tia e, francamente, por ela mesma, voando pelas estradas geladas?

Foi então quando Charity compreendeu o quanto o sexo estava enraizado na sua mente. Estava morta de preocupação por sua tia e aterrorizava de morrer em um acidente de carro. Mesmo assim, esses pensamentos desapareceram por um segundo quando observou o rosto sério do Nick à luz do moderno painel.

A tênue iluminação ressaltava suas bonitas maçãs do rosto, o forte contorno de sua mandíbula, os músculos de seu pescoço, tensos pela adrenalina que produzia ao conduzir a tanta velocidade com o tempo que fazia. Era tão bonito que o coração encolhia ao lhe olhar.



Inclusive depois de sair da cama e vestir-se, parecia preparado para qualquer evento. Charity estava segura de que ela tinha aspecto de ter dormindo no chão à noite e que tinha essas pequenas rugas causadas pela preocupação que só seus tios podiam fazer que aparecessem.

— Dois anciões vivendo sozinhos em meio de parte alguma e nem sequer contam com um sistema de alarme? — Nick afastou os olhos da estrada durante um segundo para lhe lançar - Isso olhar está muito mal, Charity.

Sim, estava muito mal. Tinha pedido a seu tio um milhão de vezes que instalasse um alarme antirroubo, mais por tia Beira que por impedir uma suposta onda de crimes. Em Ferrington não existiam muitos ladrões, mas um alarme impediria que sua tia ficasse a perambular.

Charity deixou escapar um suspiro.

— Meu tio sempre me promete que instalará uma. Mas não sai frequentemente e não sabe muito de sistemas de alarme.

— Eu sim. — Os músculos da mandíbula do Nick voltaram a se contrair —. Investi em... uma empresa de segurança e me informei a fundo, assim sei bastante sobre o tema. Amanhã terão um sistema de segurança. Farei o pedido e me ocuparei pessoalmente de instalá-lo.

Incrível!

— Isso... isso é muito amável de sua parte. — Charity piscou. O interesse do Nick era um território completamente inexplorado, que não estava refletido em nenhum livro de etiqueta sexual que ela soubesse.

Os amantes ocasionais não assumiam esse tipo de responsabilidades. Muito menos com os parentes anciões de um companheiro de cama de apenas três noites. Era incrivelmente generoso de sua parte. Nem tanto pelo aspecto econômico, o qual, sem dúvida, não era problema para ele, senão a partir do ponto de vista do tempo perdido. Ignorava por completo quanto ganhava por hora um executivo rico, mas certamente, comprar um sistema de segurança e ocupar-se depois de sua instalação, consumiria milhares de dólares de seu tempo. Se é que seu tio aceitasse, o que poderia não ser assim.

— Embora não estou muito convencida de que meu tio acep... Gira à esquerda! — indicou com brutalidade.

Tinha estado tão ocupada fantasiando com o Nick e sobre sua oferta que quase lhe tinha passado por cima. Teriam perdido um tempo precioso dando a volta.

Agora que estava perto da casa de seus tios, o coração do Charity começou a pulsar com força. Pela primeira vez, desejou com toda sua alma que o carro fora mais rápido, mesmo que isso fosse impossível. Nick ia tão depressa como qualquer ambulância. Mais, inclusive.

Deu uma olhada pela janela consumida pela ansiedade. A neve tinha aumentado durante a viagem. Grandes capa brancas caíam do céu em ondas cada vez mais rápidas. Levantou-se um vento cortante, que jogava geladas partículas de água e neve contra o para-brisa.

Sua tia podia estar em alguma parte da enorme casa ou nos edifícios ao redor. Ou caminhando pela rua, só e aturdida.

Talvez morta.

A garganta de Charity se fechou por causa das lágrimas não derramadas. Abriu a boca para



lhe dizer ao Nick que virasse à direita, mas não pôde articular palavra. Agitou a mão para indicá-lo e ele compreendeu. Dobraram a esquina até o caminho de entrada do Hedgewood, a casa de seus tios, com Nick conduzindo virtualmente às cegas.

— Para — sussurrou Charity. Mesmo sendo capaz de ver a escura silhueta da casa na agitada noite, a repentina descida dos pneus no lugar onde os resíduos líquidos das bocas de lobo tinham gravado uma depressão no chão, indicou-lhe que tinham chegado à entrada. Tragou saliva com dificuldade —. Já chegamos.

Nick apagou o motor imediatamente.

— Fique aqui — lhe ordenou. Antes que ela pudesse objetar, Nick abriu sua porta e baixou como um raio. A porta tão somente esteve aberta um par de segundos, mas nesse tempo, o calor do carro se dissipou no gélido vento. Ao fim de um segundo, sua porta se abriu e Nick a levantou pela força.

Teve que fazê-lo para que ela saísse do carro porque ela ficou petrificada. A reticência de seu corpo em enfrentar à temperatura extrema era instintiva. Partículas de gelo ferroavam suas bochechas e seus olhos, e teve que levantar o braço para proteger o rosto. Confusa, tratou de averiguar onde estava o caminho que conduzia à porta principal. Era impossível distinguir qualquer coisa.

Algo forte a suas costas a instigou a avançar, uma força tão premente que não foi capaz de resistir a ela. Foi obrigada a caminhar enquanto seus pés escorregavam sobre uma placa de gelo. Antes sequer de que tivesse tempo de gritar, agarraram-na por um braço e a apressaram a continuar.

Nick virtualmente a subiu voando pelos grandes degraus de mármore até a entrada; seus pés mal tocavam os degraus.

Seu tio devia estar alerta, pois a grande porta principal se abriu em seguida.

— Charity! Conseguiu! — Rodeou-a com os braços e lhe devolveu o abraço, alarmada por sua leveza e fragilidade. O fato de que não fora impecável e elegantemente vestido a assustou ainda mais. Nunca antes lhe tinha visto com um roupão. Era um homem que gostava de arrumar-se, ir sempre recém barbeado e penteado, e cheirando a uma água de colônia especial que elaboravam para ele na Inglaterra.

Agora tinha posto seu roupão, e uma incipiente barba branca sombreava seu enxuto rosto. Cheirava a medo e a leite azedo. Charity pôde sentir tremer seu corpo ao lhe abraçar.

Deu um passo atrás.

— Tio Franklin, apresento ao Nick Ames, um... um amigo. Nick, este é meu tio, o juiz Franklin Prewitt. — Não deveria haver-se incomodado em considerar como explicar a presença de um homem depois de meia-noite. Seu tio nem sequer reparou nisso.

— Juiz Franklin. — Nick tomou a mão do homem e a estreitou rapidamente —. Quando foi a última vez que viu sua esposa?

O ancião piscou. Pela primeira vez em sua vida, Charity pôde ver seu tio perdido. Sacudiu a cabeça com tanta brutalidade, que o pele solto em torno de seu queixo se agitou.

— Costumam deitar-se as nove ou nove e meia — interveio a jovem —. Não é assim, tio?



Ele assentiu, agradecido.

— Sim. — Sua voz era fina como o papel, trêmula —. Deitamos pouco depois das nove e meia. Eu despertei às onze e meia porque tinha sede. Procurei a Vera e ela... não estava. — Levantou o olhar para o Nick como se fosse seu salvador —. Não estava — repetiu.

— O que vestia?

O ancião piscou ao escutar o premente tom do Nick. — OH, uma camisola rosa e umas sapatilhas combinando.

— De acordo. — Nick assentiu —. Verificou todas as portas?

O juiz parecia estar em branco. — Não. Não, não me ocorreu... Nick se voltou para a jovem.

— Charity — ordenou —. Mostre-Me todas as portas que deem à rua. Rápido. Se tiver saído, está em perigo. Se não, se continuar na casa, estará bem durante um tempo. Entretanto, temos que eliminar a possibilidade de que tenha saído da casa.

Charity lhe conduziu pela enorme mansão. Comprovou cada estadia com minúcia antes de prosseguir. As portas francesas do escritório do tio Franklin estavam ligeiramente abertas e o vento fazia com que as grossas cortinas de tom cru se balançassem com suavidade.

Nick olhou para ela com o rosto sério.

— Saiu por aqui. Fica com seu tio. Faça-o que beber um pouco de uísque, encontra-se em estado de choque leve.

Charity ofegou, inquieta.

— Vou contigo! Temos que procurá-la juntos. Conheço bem estas terras e você não. E de todo modo, dois sempre é melhor que um.

— Não. — Nick sacudiu a cabeça energicamente —. Neste caso, dois é pior que um. Fará com que a busca fique mais lenta. Confia em mim; sei o que faço. Seu dever é cuidar de seu tio. Quando encontrar a sua tia, estará em um estado de hipotermia. Será leve ou severo, dependendo de quanto tempo tenha estado exposta. Assim necessito que se assegure de ter muitas mantas quentes à mão. Ponha para ferver uma panela grande com água e assegure-se de ter preparada uma taça de chá quente com açúcar.

Charity abriu a boca para discutir, mas ele a segurou pelos ombros com suas grandes mãos e a sacudiu.

— Mantas. Uma panela grande de água fervendo. Chá com açúcar. E não pense em vir comigo. Não quero ter que acabar perseguindo seu bonito traseiro aí fora.

Nick desapareceu antes que ela pudesse responder e se perdeu em meio da violenta tormenta.

Nick tinha aprendido a rastrear com melhor de todos os rastreadores. O coronel de instrução Lucius Merle se criou nos Orzarks com uma escopeta nas mãos e tinha cinco gerações de caçadores Merle a suas costas. Rastrear formava parte de seu DNA. Por estranho que pareça, o coronel tinha realizado seu trabalho de rastreador profissional nas ruas da cidade e essa era a tradição que lhe tinha passado ao Nick no Bagdá e Basra, no Kabul e Kandahar, em Caracas e Cartagena.



Tinha-lhe ensinado que uma pista, por leve que fosse, era importante.

Nick explorou o chão próximo das portas francesas. Estas davam a um terraço coberto, de modo que a neve não se acumulou em grandes quantidades. Tinha pisadas em claras na neve um centímetro menos profundas que as do terreno circundante. Nick as seguiu quando se desviaram bruscamente para a esquerda.

Gostaria de conhecer melhor o terreno. Maldita seja! Não lhe tinha ocorrido dar uma olhada à casa dos parentes de Charity enquanto a tinha investigado. Agora desejava havê-lo feito. Era necessário encontrar rápido à anciã. Depois de passar uns minutos no exterior, já estava gelado, e isso que ele era jovem, tinha boa saúde e estava em forma. Não se atrevia a pensar no que lhe estava passando à frágil e velha mulher.

O coração se encolheu ao ver o tio de Charity tremendo e indefeso, quase apavorado.

Os meninos e os anciões sempre lhe comoviam. Os adultos podiam valer-se por si mesmos; a vida era como era, e a aceitava tal qual e seguia adiante, mas sentia um carinho pelos anciões e pelas crianças.

O vento deslizava seus gélidos dedos através de seu grosso casaco. O frio era incrivelmente intenso.

Por um instante, Nick recordou a sensação de possuir Charity. A sentia quente e molhada. Contraía-se violentamente a seu redor, de uma forma tão ardente que equivalia a colocar o membro em um pequeno forno. Tão somente a lembrança fez que uma rajada de calor se apoderasse dele para desaparecer a seguir.

Deixa de pensar com o membro, Ireland, disse-se a si mesmo. Já!

Por sorte, a nevada estava amainando. Onde antes estava virtualmente coberto por uma manta branca, agora podia distinguir grandes sombras escuras, salpicadas pelo débil resplendor das luzes. Ao menos o ancião tinha mantido as luzes de fora acesas. Os delinquentes do lugar simplesmente assumiriam que os enriquecidos anciões tinham um sistema de segurança a toda prova que acompanhasse ao sistema de iluminação. Do contrário teriam invadido a casa há muito tempo.

Nick não acreditou nem por um segundo na tolice que Charity havia dito de que aquele era um lugar carente de delinquência. Não existia tal coisa. Onde havia humanos, havia roubos, crimes e violações. Esse casal de anciões que vivia sozinha sem segurança de nenhuma classe era a vítima perfeita para um roubo ou algo muito pior. Nick não tinha passado mais que uns poucos minutos dentro da casa, falando com Charity e seu tio, mas era um bom observador.

Os Prewitt eram milionários. Dinheiro velho, com montões de coisas caras pedindo a gritos que algum desgraçado, que preferia roubar a trabalhar, as levasse. Grossos e antigos tapetes persas, autênticas obras de arte nas paredes, montões de prata antiga... Eram afortunados de seguir ainda com vida.

Seguiu as pegadas que desciam do terraço aos jardins e durante um segundo perdeu o rastro. Merda! A mulher levava menos uma hora fora com aquele frio, provavelmente mais. Com cada minuto que passava, suas possibilidades de sobreviver se reduziam.

Nick se apressou, tirando a potente lanterna que sempre tinha guardada no carro. Esta



possuía um estreito e potente feixe de luz, que enfocou sobre a superfície nevada.

Vislumbrou uma pequena fenda na neve e apertou os dentes. Sabia o que uma pequena depressão assim significava: que a tão somente uns poucos passos da casa, ela já ia arrastando os pés. Provavelmente já tinha perdido a sensibilidade. Isso não era bom.

Ainda em cócoras, sustentando a lanterna em um ângulo oblíquo, seguiu as depressões enquanto o chão se afundava baixos seus pés. Havia um grande carvalho a três metros a sua direita e um edifício que parecia uma garagem a sua esquerda. Mais à frente se divisava outra edificação.

Voltou a perder o rastro durante um aterrador momento, e logo reparou em um pequeno farrapo de tecido rosa que pendurava de um arbusto de louro e, junto a este, outra pequena fenda. Os rastros corriam em paralelo aos densos arbustos que acabavam abruptamente junto a outro amplo edifício. Este era fato de cristal e se apreciava uma tênue iluminação no interior. Nick pôde distinguir fileiras e fileiras de plantas em vasos de barro de terracota.

Uma estufa. Ou jardim de inverno, tal como o teria chamado a geração do juiz Prewitt.

Seguiu as pouco profundas depressões em torno da edificação, esperando que lhe levassem até a estufa. Aqueles edifícios estavam acostumados a estar aquecidos. Era o único lugar no que uma anciã poderia ter esperanças de sobreviver a uma tormenta de neve.

Nick abriu a porta lateral da estufa, tratando de distinguir sombras na penumbra. A temperatura interior era ao menos quinze graus mais quente que o gélido inferno de fora, mas continuava sendo fria. Tinha que revisar o lugar rapidamente. Caso não lhe encontrasse ali, terminaria o tempo.

Percorreu rapidamente os corredores, do mesmo modo que se estivesse limpando uma habitação em combate, explorando em quadriculado. Ao final de cinco minutos, tinha voltado para a porta com os dentes apertados. A anciã não estava ali. Era muito possível que já estivesse morta. Charity ficaria desolada.

Ficou imóvel com a mão na porta, ainda em silêncio. Tinha que atuar depressa, entretanto, algo lhe deteve. Um pressentimento. Confiava em suas intuições, pois lhe tinham salvado a vida em mais de uma ocasião.

Algo...

Conteve a respiração durante quase um minuto. O som do ar em seus pulmões lhe estava distraindo.

Havia algo... Outra vez! Uma... uma espécie de gemido. As dois em ponto (direção).

Nick se dirigiu para o som às pressas, fazendo que suas pesadas botas ressonassem formando um eco estrondoso no amplo espaço.

De repente viu um comprido e ossudo pé branco dentro de uma sapatilha rosa. Aí estava à anciã, aconchegada detrás de uns sacos.

A parte animal que vivia nela tinha achado o único lugar no que poderia sobreviver fora de sua casa. No canto noroeste havia uma pilha de sacos de aniagem vazios e outros cheios de fertilizante. Fazia seu ninho neles, e lhe tinham salvado a vida.



Nick levantou um saco e a encontrou enrolada como um novelo, magra como um junco. Deveria ter sido uma mulher muito bela em outra época, embora agora estivesse abatida, tiritando de frio, perdida e desamparada. Mas, apesar de tudo, estava viva.

A mulher girou a cabeça; seus pálidos olhos azuis tinham um aspecto frágil e estavam desprovidos de expressão.

— Franklin? — Piscou rapidamente, a boca lhe tremia —. Franklin, quero ir para casa. Me leve para casa. Tenho frio.

Nick se agachou a seu lado e ela levantou o braço e lhe tocou a cara. Tinha uma mão magra, de dedos largos, pele fina como o papel e cheia de manchas. Tremia quando a pousou sobre a curtida bochecha masculina.

— Franklin — suspirou. Uma lágrima rodou por sua enrugada bochecha —. Me leve para casa.

Nick sentia o peito encolhido.

— Sim, sou Franklin — disse em voz quebrada, tirando o casaco e cobrindo-a com ele —. Já te tenho. — A tomou em braços com a mesma facilidade que se fosse uma menina e seguiu com passo firme para a porta. Vim para te levar a casa.

Capítulo 10

Charity jamais esqueceria aquela visão em toda sua vida. Tinha aberto as cortinas da sala de estar e aceso à luz do alpendre antes de começar a consolar seu tio.

Estava envelhecendo muito depressa. A pele lhe pendurava na mandíbula por causa da perda de peso que tinha sofrido durante a semana que fazia que não lhe visse e estava lívido. A estrutura óssea interna era facilmente visível. Se perdesse mais peso, sua cabeça se assemelharia a uma caveira. Ele passou uma ossuda mão pela cara e Charity pôde escutar o som áspero de sua incipiente barba.

— Por que demora tanto?

Charity lhe tirou da mão e fez uma careta ao notar seu tremor.

— Só faz dez minutos desde que saiu, tio Franklin, embora pareçam mais — lhe tranquilizou —. Não se preocupe. Nick a encontrará.

De certo modo, as palavras não eram mais que um consolo vazio, mas Charity ficou atônita ao dar-se conta de que na realidade o que falava era sério. Como era possível? Como demônios podia estar segura de que Nick soubesse o que fazia? Não podia sabê-lo. E entretanto o instinto lhe dizia que podia confiar que ele encontraria a sua tia.

Era um homem de negócios que levava uma vida tranquila, fazendo dinheiro na cidade. Nada nele sugeria que tivesse crescido em uma fazenda ou que se dedicasse à caça. Segundo sua experiência, a maioria os caçadores eram propensos a falar de suas armas. Nick não tinha mencionado nenhuma só vez que caçasse ou realizasse safáris. O que poderia saber um agente da



bolsa sobre rastrear a alguém na neve?

Mesmo quando havia dito que não se movesse, tinha-lhe obedecido de forma instintiva e imediata, embora aquilo estivesse contra seu bom senso. Ela conhecia sua tia e a zona que rodeava a grande casa, e Nick não. E, apesar de não ter o claro pressentimento de que ele era o único que podia encontrar a sua tia, jamais teria ficado na casa.

Tinha sido um instante, o brilho de algo metálico. Charity tinha cravado o olhar em seus sérios e formosos olhos, e sentido o poder que mantinha sob controle. No momento em que lhe deixou partir foi como se algo se acendesse em seu interior, como se de algum modo lhe tivesse liberado. Como a um animal selvagem que tiram de uma jaula para que faça o que melhor sabe fazer: caçar.

Era uma loucura, mas era certo. Produziu-se uma espécie de... explosão. Algo quase aterrador. Potente, primitivo e completamente masculino. Como se Nick estivesse possuído por um estranho poder e só nesse momento se permitisse mostrá-lo.

Charity sacudiu a cabeça. O sexo em grandes quantidades e a falta de sono a estavam deixando louca.

Entretanto, fez o que lhe tinha pedido. Sobre o fogão havia uma panela grande com água quase fervendo. Duas taças de chá com três colheradas de açúcar esperavam no micro-ondas para serem esquentadas, e um montão de mantas, uma camisola limpa e várias toalhas aguardavam sobre uma cadeira da cozinha.

— Sente, tio Franklin — lhe indicou Charity com carinho. Acompanhou ao ancião até uma cadeira, colocando as mãos ligeiramente sobre os ombros. O tomou assento de repente, como se lhe empurrassem. Ou como se as pernas já não lhe sustentassem.

Com a cabeça encurvada, cobriu os olhos com a mão, exausto e desesperado. Sua voz foi como um sussurro:

— Olhe pela janela, carinho, e me diga se vê algo. Charity se aproximou da janela da cozinha, mais para lhe dar o gosto que por outra coisa. As luzes de fora estavam todas acesas, incluindo o farol sob o enorme carvalho do jardim traseiro. A tormenta tinha deixado quase trinta centímetros de neve sobre a grama. Tinha descarregado durante a última meia hora e agora estava amainando. Os escuros ramos nus das árvores destacavam no branco campo.

—E bem? Pode ver algo?

Charity se voltou para seu tio, afligida pelo abatimento que aparecia em sua voz. Se anime, disse-lhe. O que menos necessitava o ancião era escutar seu próprio desespero.

— Não. — Tratou de infundir confiança em seu tom —. Mas estou segura de que...

Interrompeu-se enquanto olhava pela janela. Podia ser que...? OH, Deus, sim.

O terreno descendia abruptamente naquele lado da casa, de forma que o primeiro que viu foi à cabeça do Nick ao aproximar-se.

Era uma cena que jamais esqueceria, por muitos anos que passassem: Nick subindo a ladeira de camisa, com sua tia Vera envolta em seu casaco e estreitada entre seus braços. A tênue iluminação e a neve embaçavam a perspectiva, de modo que ele parecia surgir das vísceras da terra em lugar de caminhar para a casa. A neve lhe chegava quase aos joelhos, mas ele avançava



sem dificuldade, como um guerreiro que retorna a casa depois da batalha, levando a um camarada ferido em seus braços.

Por favor, Meu Deus, que esteja ferida e não morta.

O moveu à anciã em seus braços e Charity viu com clareza que sua tia se aferrava com força ao pescoço de Nick.

Estava viva!

O fôlego da jovem surgiu de seus pulmões com força e as pernas lhe tremeram. Esticou o braço e se segurou a bancada para evitar cair de bruços no chão. Pela primeira vez, reconheceu ante si mesmo quão aterrorizada estava de encontrar um cadáver na neve. Ardiam-lhe os olhos e piscou para conter as lágrimas.

— Aí vêm... — As palavras surgiram estranguladas, inaudíveis. esclareceu-se garganta e tossiu para tentar aliviar a tensão e falar, mas não foi necessário. Soube que seu tio podia vê-los pela janela da cozinha ao lhe escutar inspirar subitamente.

Charity perdeu a batalha contra as lágrimas e sentiu a fria umidade em suas bochechas quando abriu a porta, no preciso instante em que Nick subia os degraus do alpendre.

Um segundo mais tarde, estavam dentro e Nick não deixava de lançar ordens.

— Lhe tirem essa roupa molhada e envolvam com tantas mantas como lhes é possível. Charity, traz essa panela com água à mesa com uma toalha grande.

Charity e o juiz se trabalharam rápido para despir à tia Vera. Nick as arrumou para lhes ajudar enquanto se assegurava de não ver o corpo nu da anciã.

Foi então que Charity se apaixonou por ele. Por encantada que tivesse por ele até o momento, tinha conseguido manter certa distância.

Resultava entristecedor que um homem tão escandalosamente atraente e com tanto êxito a conquistasse e lhe desse o melhor sexo de sua vida. No fundo de seu coração, Charity sabia que Nick era muito bom para ser real.

O que podia esperar? Estava de passagem no Parker's Ridge devido a assuntos de negócios e certamente já tinha a cabeça em outra coisa. Charity estaria louca se pensasse que o tempo que passassem juntos era algo mais que uma breve aventura.

Além disso, já tinha sofrido suficiente para toda uma vida. Tinha perdido a seus pais aos doze anos e passou quase um ano hospitalizada, com o corpo feito pedaços, e fazendo reabilitação durante toda sua adolescência para poder voltar a caminhar. OH, sim, já tinha sofrido o bastante. Embora não por amor, porque não se entregou de um modo profundo a ninguém. O sexo não tinha significado apenas nada até agora. Tinha sido agradável, reconfortante em ocasiões, um pouco aborrecido às vezes. Sempre saiu da cama sendo a mesma pessoa que tinha sido ao subir nela.

Entretanto, o sexo com o Nick cobrava uma magnitude superior a tudo o que tinha experimentado com antecedência. Era entristecedor, envolvente, alarmantemente intenso. E tinha que esforçar-se para manter a prudência, para fazer com que tudo continuasse sendo tão informal como fora possível.

Mas agora, contemplado a seu amante entrar na cozinha com tia Vera em seus braços,



ajudando a despir a de forma terna e discreta, Charity sentiu que um enorme buraco se abria em suas vísceras e que as defesas que tinha erguido se rachavam.

No espaço de uns poucos minutos, sua tia estava agasalhada com um grosso montão de mantas e bebendo chá quente enquanto Nick lhe buscava o pulso.

— O pulso é quase normal — afirmou olhando ao Charity nos olhos —. Mas a temperatura está um pouco baixa. Temos que subir a temperatura interna.

— Como?

Nick deixou a grande panela de água fervendo sobre a mesa e agarrou uma toalha com a mão. Brandamente, colocou à anciã de forma que inalasse o vapor. Logo lhe pôs a toalha sobre a cabeça para que entrasse em calor o mais rápido possível.

— Respire fundo, senhora.

Para alívio do Charity, a anciã fez o que Nick lhe indicava. Milagrosamente, a nuvens que povoavam a mente de sua tia se aberto e as palavras tinha impregnado. A gente nunca sabia quando ia entender o que lhe dizia e, de fazê-lo, se responderia ou não.

Talvez algo no tom do Nick penetrássemos aquilo que nublava sua mente, pois suas profundas inspirações eram audíveis através da toalha.

— Muito bem, senhora — lhe disse Nick, de maneira consoladora—. Continue inalando.

O juiz Franklin se manteve sentado, esgotado e passivo, com a cabeça inclinada.

— Por que é necessário que faça isto? —perguntou Charity.

— O calor corporal se recupera mediante a inalação. O calor se propaga diretamente à cabeça, ao pescoço e à zona peitoral, o ponto crítico do corpo. Esquenta os pulmões e o hipotálamo, que é o que regula a temperatura do corpo. Terá que fazer isto durante ao menos dez minutos.

Nick se sentou ao lado da anciã e continuou comprovando seu pulso. Charity se aproximou de seu tio e lhe pôs uma mão no ombro de maneira consoladora. Os ossos abaixo de sua mão pareciam frágeis, como se fossem os de um passarinho. Comovida, inclinou-se e lhe sussurrou ao ouvido:

— Ficar bem, tio Franklin.

Elevou o olhar e esboçou um sorriso forçado. A Charity lhe passou pela cabeça que agora teria que preocupar-se por ele, não só por sua tia. Seu tio tinha sido um grande apoio para ela durante toda sua vida, mas sobre tudo depois da morte de seus pais. Agora já não o era. Agora era um homem angustiado e mais velho, que apenas podia seguir adiante.

Muito bem. Tinha chegado o momento de tomar nota do assunto. Limpou sua mente para incluir nos parâmetros de sua vida cuidar quase a tempo completo de sua família.

Era um panorama desalentador. Não tinha mais que vinte e oito anos e mal tinha começado a viver. Não tinha viajado tanto como desejava e agora sabia que jamais o faria enquanto vivessem seus tios.

Se sua vida amorosa tinha sido complicada até então, agora seria impossível, pois suas prioridades consistiriam em procurar cuidar de seus tios. Que homem iria aguentar? Assim que Nick partisse, poderia despedir-se jogando um beijo para qualquer coisa que se parecesse com



uma vida amorosa.

A ideia esteve a ponto de fazer que deixasse escapar um suspiro.

Quando elevou o olhar, Nick atraiu sua atenção e lhe piscou os olhos um olho. O certo era que, no momento, tinha ao Nick. Ele partiria, mas não ia nesse momento, por isso poderia desfrutar de um magnífico sexo em um futuro imediato. Bem!

A doze quilômetros do Montenegro

5 da manhã, 21 de novembro

O casco de navio era um ferrugento cargueiro que navegava sob bandeira da União do Comoros. Emprestava a pescado e couves putrefatas. A Estrela do norte não era mais que uma entre centenas de milhares de navios que ganhavam a vida de maneira ilícita, praticando a pesca de arrasto em águas abarrotadas de pescado, destinada a ser retirada do serviço por seus proprietários tão logo os gastos de tê-la em operação superassem seus benefícios.

Ninguém prestou atenção ao navio, que se perdia entre uma multidão de enormes cargueiros reluzentes que alcançavam os vinte nós por hora.

Naquele instante, o cargueiro estava tranquilamente ancorado em uma baía deserta, balançando-se com suavidade no sereno mar Adriático. Era o momento mais escuro da noite, justo antes da alvorada.

Os satélites americanos possuíam uma excelente amplitude de rastreamento, mas as manobras noturnas lhes escapavam. De modo que a mudança do caminhão para o navio se realizou na escuridão sem ser detectado. A tripulação parecia ter uma habilidade sobrenatural para ver em meio da noite, pois não necessitaram lanternas para mover-se de forma silenciosa e eficaz. A lua estava em quarto minguante e isso parecia bastar.

Depois de passar vinte e quatro horas na parte traseira do caminhão por escuras estradas secundárias, Arkady se sentia intumescido e um pouco desorientado. Tropeçou duas vezes, a primeira descendo da parte posterior do caminhão e a segunda na passarela de ascensão ao casco de navio.

Sentia-se como se tivesse milhares de anos, principalmente diante da tripulação, que estava composta por homens jovens e fortes. Os quatro tripulantes que lhe precediam se dirigiram de novo ao interior do navio como se tratassem de ágeis macacos.

Abaixo, na escarpada costa, os peões manipulavam os botes, transladando a mercadoria do caminhão ao oxidado navio pesqueiro.

Ninguém pararia para olhar a Estrela do norte. O qual estava bem, porque debaixo das tábuas podres da cobertura jazia um reluzente coração de aço inoxidável governado por um motor de dois tempos diesel Wärtdilä-Sulzer RTA96C com alimentação turbo e um porão desenhado e reformado para o transporte humano.

A finalidade não era transportar o carregamento humano com comodidade, mas sim de forma segura, para serem entregues com vida no porto de destino. Depois de tudo eram artigos e valiam dinheiro. De modo que havia asseios e torneiras com os que lavá-los ao final da viagem,



antes da entrega.

O porão estava desenhada para abrigar 150 passageiros. Seu último carregamento tinha consistido em duzentos senegaleses, que tinham sido embarcados ao norte do Kayar e mantido encerrados durante duas semanas. O homem responsável por armazenar os mantimentos tinha fugido com o dinheiro e os passageiros se alimentaram a base de umas poucas rações durante a viagem. Dois tinham embarcado com tuberculose; sobreviveram apenas oito.

As disposições do Vor tinham sido muito claras. A adega tinha sido limpeza por completo e desinfetada. Arkady podia captar o vapor a desinfetante entre o aroma de comida de uma pequena mesa.

Uma comida singela. Salsichas do lugar, queijo de cabra, pão, uma garrafa de vinho Vranac, e rakija, o conhaque montenegrino. O Vor estava em tudo.

Um espaço construído para albergar a cento e cinquenta pessoas era um espaço bastante amplo para um único cientista nuclear.

Dois marinheiros introduziram o bote e se dispuseram a fixá-lo a uns suportes especiais nas paredes. Conversavam sobre voz baixa entre eles enquanto trabalhavam. Arkady reconheceu algumas palavras graças às muitas óperas que tinha escutado.

Falavam em italiano, embora não o utilizado pelo Verdi. Tratava-se de um tosco dialeto italiano, provavelmente o pugliese, que era a linguagem empregada pela Sacra Coroa Unita, a máfia local da Apulia, a zona que se encontrava justo ao outro lado do estreito.

O Vor tinha formado alianças estratégicas com todos os grupos criminais do mundo e estabelecido assentamentos da máfia ao longo de todo o globo. Vassily era o novo Tamerlán³ e levava caminho de converter-se no homem mais poderoso da terra. Ajudar ao Vor a alcançar sorte posição era o dever de Arkady, e ao mesmo tempo um prazer.

Os dois marinheiros partiram e Arkady retornou a coberta. Aproximou-se do corrimão e ficou ali por um momento. O familiar aroma de pinheiro prevaleceu sobre o aroma do mar. Unicamente tinha visto o mar uma vez em sua vida, durante uma viagem familiar a Crimeia, antes que se levassem a seu pai a um campo de prisioneiros e lhe destruíssem. Nunca averiguaram em qual. Inclusive ignorava onde jaziam os restos de seu pai.

Arkady pertencia à segunda geração de zeks. Quase todas as famílias tinham perdido a um membro em cada geração desde a revolução.

Respirou fundo, saboreando o ar noturno, antes de trancar-se de novo abaixo. Sabia que a viagem levaria em torno de uma semana e essa poderia ser sua última oportunidade de ver as estrelas e inspirar ar puro durante um tempo.

Tirou o telefone móvel de cor azul, marcou o número e esperou, imaginando o sinal saltando de um satélite até uma pequena localidade de Vermont.

— Olá. — O coração do Arkady deu um pulo ao escutar a voz de Vassily. Era tão forte como sempre, apesar de ser as três da madrugada. O momento do Vor. Seu mestre estava bem, mas não

³ Líder militar e político turcomongol. Está considerado como o último dos grandes conquistadores da Ásia Central. (N. da T.)



dormia.

A nenhum zek resultava fácil conciliar o sono. As lembranças os perseguiram enquanto dormiam. Mesmo que ninguém escutasse, Arkady colocou a mão em forma de concha para proteger o celular e baixou a voz.

— Sou eu. Tudo vai bem até o momento. As coisas vão caminhando. O mar está calmo.

— Bem. Muito bem. — depois de dizer aquilo, Vassily cortou a conexão.

Arkady sorriu e se inclinou sobre o corrimão. O reflexo da lua deixava um atalho brilhante para o horizonte. Itália ficava apenas a umas poucas milhas de distância. Não tinha estado nunca naquele país, mas adorava a arte e a música, e sempre tinha sonhado em ver Florença e Veneza.

Ainda ficaram cem latas de cézio 137 no Krasnoyarsk, e Vassily tinha planos para cada uma delas, por um total de um trilhão de dólares. Mas depois de que todas tivessem desaparecido, Arkady pediria permissão ao Vor para passar tempo na Itália. Talvez para ser o embaixador do Vor nos distintos assentamentos da máfia por todo o país.

Baixou a vista. O Adriático estava completamente calmo. Apareceu a mão por cima do corrimão e soltou o celular. Um segundo mais tarde, este desapareceu no mar com um suave som.

Arkady observou como foram expandindo-os anéis que se formaram na água por causa da agitação até que tudo ficou novamente em calma.

Depois deu uma última olhada de noite estrelada, dirigiu-se abaixo, preparado para a longa viagem.

Capítulo 11

Parker's Ridge

21 de novembro

As máquinas de limpar neve já tinham desocupado as vias, de modo que o caminho de volta não teve nenhuma dificuldade, comparado com a viagem de ida. Mas Nick teria arrumado um jeito mesmo que as estradas não estivessem limpas. Não havia quase nada que Nick não pudesse atacar ao volante.

Não era uma habilidade que tivesse tido intenção de lhe mostrar, mas tinha sido obrigado a utilizá-la no caminho à casa de seus tios. Isso havia salvado a vida a uma anciã, e esperava que a preocupação que Charity sentia permitisse passar por cima o fato de que não era normal em um aborrecido corredor de bolsa saber conduzir um carro a quase cento e trinta quilômetros por hora em meio de uma tormenta de neve.

De modo que se propôs realizar a viagem de volta a pouca velocidade, embora cada célula de seu corpo desejássemos retornar à casa da jovem o mais rápido possível para poder voltar a penetrá-la logo que pudesse.

— Muitíssimas obrigado, Nick — sussurrou Charity. Ele não afastou a vista da estrada. Não



pelo possível perigo, mas sim porque se a olhasse, não poderia deixar de fazê-lo.

Nem sequer podia percorrer as geladas estradas com a cabeça girada para olhar fixamente à mulher mais desejável que tinha conhecido em toda sua vida. Já era bastante complicado ter que conduzir com uma ereção tão grande que os músculos de seu abdômen e os largos músculos de suas coxas estavam tensos. Parecia que cada célula de seu corpo estava centrada em sua virilha. Assim como tudo seu sangue.

Se ficasse olhando-a da maneira que desejava fazê-lo, acabariam com o para-choque dianteiro encravado em uma árvore, cobertos de cristais. Não desejava que a noite terminasse assim. Bom, não à noite, pensou depois de jogar uma veloz olhada ao para-brisa. Eram as três da madrugada e o fim de semana tinha acabado oficialmente.

— De nada. — Manteve um tom de voz tão fco como o dela.

— Estou tão agradecida... Não sei como poderei te compensar por isso.

— Mesmo? — As mãos do Nick apertaram o volante —. Está bom sabê-lo. E já que falamos do tema... Está muito agradecida?

— Como diz?

Nick sentiu o ar remover-se quando ela girou a cabeça de repente para olhá-lo. Manteve a vista na estrada de forma decidida, mas tinha uma visão periférica excelente. A preciosa boca do Charity estava franzida formando uma surpreendida “Ou”.

— Já me ouviste. Está muito agradecida?

— OH. Mu-muito.

— Isso está bem. Porque a chamada de seu tio nos interrompeu em um momento muito importante. Lembra-te por aonde íamos, não é assim, Charity?

Nick quase podia sentir o calor do rosto da jovem, brilhando na escuridão.

— OH, sim — admitiu em voz baixa.

— Alegra-me. Por aonde íamos?

— Estávamos, mmm...

Agora todo seu corpo resplandecia a causa do calor. Emanava dela em ondas. Nick não sabia por que a estava pressionando. Charity estava muito incômoda com aquela conversação. Por quente que fora na cama, também era pudica. Jamais tinha escutado dizer um palavrão, e estava seguro de que nunca tinha pronunciado a palavra “foder”. De modo que aquilo não era fácil para ela.

Mas, merda! Tampouco era fácil para ele. Além de estar duro como uma rocha, sentia a pele muito tensa para seu corpo, fervia-lhe o sangue e fluía espesso por suas veias. Era uma lástima que tivesse tantos conhecimentos a respeito da hipotermia, porque o instinto lhe dizia que freasse, apagasse o motor, baixasse as calças de Charity, arrastasse-a ao assento traseiro e a montasse.

Isso faria que retomassem o assunto onde o tinham deixado. OH, sim. Um segundo depois de penetrá-la, estaria fodendo-a como um selvagem. Nick se dava extremamente bem visualizar, como a todos os soldados. Repassava os passos de uma missão, um por um, visualizando o êxito com total clareza. Era o único modo de enfrentar-se ao perigo. De modo que podia imaginar à



perfeição como seria fazê-la seu naquele momento, com todo luxo de detalhes. Charity, estendida no assento traseiro, suas largas pernas ao redor dele e ele em cima dela, fodendo-a com tanta força que inclusive o pesado Lexus se sacudisse com suas investidas.

Por desgraça, sabia o perigoso que seria. Uma vez que estivesse dentro dela, seria alheio a todo o resto. Se ficarem parados, teriam que ligar o motor para manter a calefação em funcionamento. Não tinha muita gasolina e assim que ficassem sem combustível, poderiam ficar apanhados em um carro congelado, esperando a que a tormenta amainasse. Charity poderia morrer.

A ideia impediu que pisasse no freio, mas não lhe esfriou o sangue.

Havia se como um cavalheiro. Tinha deixado que ela se retirasse enquanto estavam fodendo, tinha ido ao resgate e salvo a sua tia.

Era hora da vingança.

— Por onde andávamos? — animou-a.

— Estávamos... fazendo o amor — respondeu com um fio de voz.

Os nódulos do Nick se esticaram sobre o volante.

— Isso. Estávamos fazendo o amor. Ia muito bem, até que nos interromperam. E agora mesmo, o único no que posso pensar é em voltar para ponto onde o deixamos. Daria meu ovo esquerdo por parar e me afundar outra vez em ti, mas o tempo está muito ruim para isso. Assim terei que esperar. Mas assim que cruzemos sua porta, vou estar dentro de ti, nem um segundo depois. E quero que esteja preparada. Ela inspirou bruscamente.

— Preparada, em que sentido? Nick apertou os dentes.

— Parece-me que já sabe. Se não é assim, me permita que lhe explique isso com detalhes. Quero que esteja toda molhada para mim. Quero sua deliciosa e suave vagina, quente e úmida para me receber. — Sua voz era áspera, rouca. A linguagem grosseira lhe saía de forma natural, como uma expressão direta de seus mais profundos desejos. Sua excitação se refletiu nela, pois pôde ouvir como Charity acelerava a respiração em meio da escura quietude do carro —. Quero tudo isso antes de chegar. Porque estou bem seguro de que não terei tempo a perder com preliminares uma vez estejamos em sua casa.

— Veja — tá bem — sussurrou.

Nick se moveu em seu assento, com o olhar cravado à frente. Durante o caminho de ida tinha mantido o controle do carro e de si mesmo. A não ser que uma granada de mão tivesse impactado contra o Lexus, não teriam sofrido nenhum acidente. Nesse momento, não sentia que tivesse o controle sobre nada, e muito menos sobre seu membro.

Entretanto, apesar de que a agonia da ardente luxúria havia se apoderado dele, era amo e senhor do carro. Sempre era assim. Tratava-se de uma habilidade profundamente arraigada nele, como se formasse parte de seus ossos, como se tivesse nascido com ela. Em uma ocasião tinha conduzido desde o Kandahar a Kabul, depois de ser alcançado pela onda expansiva de um artefato explosivo caseiro que tinha feito voar pelos ares o carro que tinha à frente. Tinha estado confuso, perdido temporalmente a audição em um ouvido e sangrava com profusão por cima do olho esquerdo, devido a uma parte de projétil que lhe tinha produzido um corte na frente como se fora



um bisturi. A estrada estava esburacada como um queijo provocadas por bombas caseiras prévias, tinham caído duas vezes sob o fogo inimigo e em todo momento tinha levado a sua equipe a salvo, como se viajassem em uma moto caravana alemã.

De modo que sim, tinha uma ereção e quase sentia dor ao mover-se para trocar de marcha. Todos seus pensamentos giravam ao redor da formosa mulher sentada no assento ao lado, mas isso carecia de importância. Embora só ficassem dois neurônios, bastavam-lhe para conduzir. Seus músculos podiam arrumar-lhe por si só, sem que sua cabeça os guiasse.

— Tire as calças. E logo as calcinhas.

Ao girar a cabeça para ele, o cabelo do Charity sussurrou perceptivelmente ao roçar contra os ombros.

— O que? — murmurou.

— Já me ouviu. — Inclusive os músculos de sua garganta estavam duros. Podia apenas articular palavras e sua voz surgia rouca e gutural—: Quero que tire as calças e as calcinhas. E de passagem, tire também o sutiã. Pode ficar com o pulôver. — Aquela foi uma concessão difícil de fazer, mas seus bonitos peitos brancos descobertos poderiam ser muito para ele. Possuía uma grande quantidade de autocontrole, isso era certo. Mas, merda, tudo tinha seus limites —. Fora calças e calcinhas. Fora o sutiã.

Baixou a mão e subiu a calefação. Queria que Charity chorasse de excitação por ele, que estivesse quente e receptiva. Não queria que ficasse azul a causa do frio e que sua pele se arrepiasse.

O carro ficou em silêncio durante um prolongado momento. Nick flexionou os dedos sobre o volante e manteve a vista cravada na estrada.

— Eu... preciso desabotoar o cinto de segurança — murmurou à jovem.

Nick apertou os dentes enquanto reduzia a velocidade do carro.

— Faça-o.

Charity desabotoou o cinto, sustentando-o sobre seu corpo, duvidando.

Finalmente se moveu e, sim! Aí estavam esses encantadores ruídos que fazia uma mulher ao despir-se, muito diferentes dos que geravam os homens. Uma mulher despindo-se era um milagre da natureza.

Nick recordava muito bem o que era viver em barracões. Seus companheiros de equipe e ele entravam na habitação depois de uma corrida de vinte e cinco quilômetros, envoltos em uma nuvem de suor. Despiam-se entre piadas de mau gosto, enquanto as armas, os coletes à prova de balas e as botas de combate caíam pesadamente ao chão com grande estrondo, seguido pelo som de doze mãos peludas arranhando-se doze pares de peludas bolas.

Como o faziam as mulheres? Como as arrumavam para fazer esses ruídos tão suaves e atraentes? Tudo tão delicado e terno.

Nick pôde seguir o processo tão somente pelo som. O ruído da zíper de suas calças ao baixar. O leve rangido do assento quando se elevou para baixá-los calças pelas coxas. O sedoso som de suas calças ao deslizar-se. O pequeno golpe seco de suas botas ao tirá-las. Cuidadosa como de costume, Charity dobrou as calças com cuidado pelas costuras e os colocou aos pés.



— As meias. — As palavras saíram através do nó que sentia na garganta —. As calcinhas.

OH, sim. Mais sons deliciosos ainda. O sussurro das pernas roçando uma contra outra ao tempo que se despojava das meias.

Quase estava. Sentiu uma gota de suor escorregar por sua têmpora e cair sobre seu suéter. Fazia calor no carro depois de ter subido a calefação, embora tivesse estado congelado, pôs-se a suar de só pensar em que Charity estava virtualmente nua.

Ela voltou a elevar-se e Nick viu uma tira de seda de cor amarela pálida descender brandamente por seu corpo. Bem! — Tire o sutiã de debaixo do suéter. — Sim.

Ouviu como ela tragava saliva. Estava tremendo mas também muito excitada. Nick podia cheirá-lo. Sobre o couro dos assentos e o perfume de Charity preponderava o aroma de sua excitação. Reconhecê-lo-ia em qualquer parte. Estava quente.

Tinha que está-lo, porque ia à fodê-la com um louco assim que estivessem em um lugar que não corressem perigo de se chocar contra uma árvore.

Charity se levou a mão entre os peitos por debaixo do suéter e, com uns poucos e elegantes movimentos, tirou o sutiã, da mesma cor amarela clara que as calcinhas. Este se uniu ao resto de sua roupa aos pés.

Nick teria dado o que fosse por fazer que tirasse o suéter. Adorava seus peitos, tão claros e suaves, com as pontas rosadas que adotavam um tom cereja quando estava quente. Apostaria todo seu dinheiro que agora tinham essa cor. Mas não desejava que pegasse uma pneumonia, e não sabia se poderia manter os olhos na estrada com seus peitos nus a uns centímetros dele, de modo que, contra sua vontade, deixou que continuasse com o suéter posto.

Entretanto, este desapareceria ao segundo de entrar em sua casa. Foram a pouca velocidade, e agora que ela se despojou da maioria da roupa, tinha que ir mais depressa.

— Ponha o cinturão de novo — Pisou no acelerador nada mais escutar o leve click. Ficava outros quinze minutos antes de chegar à casa de Charity. Dispunha de quinze minutos para prepará-la. Ou melhor dizendo, ela tinha quinze minutos para preparar-se.

Apertou os dentes. Em sua visão periférica podia ver o comprido e elegante contorno de suas pernas contrastar palidamente com o assento de couro preto, e o claro pelo entre suas coxas.

Charity nua era igual a um sonho úmido. Completamente vestida, era a mulher com mais classe que jamais tinha visto. Sem roupa, convertia-se em sexo puro. Sexo puro e com classe. O mais erótico que tinha visto em toda sua vida.

— Me diga o que sente.

Ela deixou escapar um leve suspiro.

— De acordo. — meneou-se ligeiramente, obtendo que a excitação e seu aroma aumentassem com cada leve movimento. As mãos do Nick se aferraram com força ao volante, escorregadias a causa do suor—. Bom, mmm..., o assento estava terrivelmente frio a princípio, mas agora se está esquentando. Sinto... Sinto o calor do ar condicionado sobre minha pele. Jamais havia isso sentido em um carro. Quero dizer, sobre meus... minhas partes íntimas.

— Abre as pernas — lhe ordenou com aspereza —. Coloca o ralo de modo que o ar quente vá diretamente a seus clitóris.



Outro pequeno ofego e dúvida. Não reticência. Tão somente surpresa.

Também ele estava um tanto surpreso consigo mesmo pelo muito que a estava pressionando. Era como uma febre, um estranho e ardente desejo, debaixo de sua pele.

De repente compreendeu que se tratava da excitação posterior a uma operação.

Sempre tinha uma ereção que não diminuía ao final de uma operação. Toda a adrenalina tinha que ir parar a alguma parte, e sempre acabava em seu membro. Era uma excitação da que poucas vezes podia desfazer-se fodendo, por muito que o tentasse. As mulheres que encontrava depois de uma missão, sobre tudo se tinha tido lugar um enfrentamento armado, eram fodidas violentamente. Nick podia passar horas fazendo-o.

Não tinha estado em uma operação, mas sem dúvida sim em uma missão. Nada tinha ameaçado sua vida, mas a anciã sim tinha corrido perigo, como se fosse um companheiro ferido que precisava ser resgatado. A tensão havia se apoderado de seu corpo enquanto a buscava, compreendeu posteriormente. Todos seus sentidos se tornaram agudos, intensificados, completamente centrados em encontrá-la e pô-la a salvo.

De modo que tinha tido uma descarga de adrenalina que estava procurando saída de seu organismo através de seu membro. Isso explicava sua férrea ereção e sua absoluta incapacidade de contemplar sequer a ideia de desfrutar dos preliminares ou de nada que não fosse arrancar a roupa de Charity e penetrá-la logo que fosse seguro.

O que “não” explicava era que, nesta ocasião, não lhe servia qualquer mulher. OH, não.

Pelo geral, o único precisava era a alguém razoavelmente atraente. De todos os modos, procurava manter os olhos fechados durante o sexo. Sempre que ela estivesse o bastante úmida, fosse quem fosse.

Mas desta vez, só queria estar com Charity. Com ninguém mais. “Merda!” Durante um só segundo, Nick tratou de visualizar-se aliviando sua ereção com outra mulher e, pela primeira vez em sua vida, aquela ideia lhe repeliu. Colocou a um par de mulheres às que se atirou, e cujas caras podia recordar, em sua cama imaginária, e sua ereção, de fato, minguou um pouco. Não. Não lhe valeria com qualquer mulher.

Tinha um sério problema no que pensar, mais tarde, quando parte de seu sangue tivesse voltado a sua cabeça.

Nesses momentos, tinha que assegurar-se de que quando chegasse à casa de Charity, ela seria capaz de lhe acolher em seu interior.

— Me toque — lhe ordenou que —. Ponha a mão no meu pau. Sente o que provoca em mim. — Por sorte detestava conduzir com o casaco. Apenas o jeans e a cueca se interpunham entre a mão de Charity e sua ereção.

A jovem esticou o braço de forma vacilante e pousou a mão sobre sua virilha. O grosso membro do Nick se alargou imediatamente quando uma corrente de sangue o atravessou ao sentir o contato de Charity. A mão da jovem tremeu devido ao poder que percebia sob seus dedos. Encontravam-se em uma ampla avenida e Nick se tomou um segundo para olhar-se.

A tênue luz proveniente dos leitores digitais fazia a pálida mão feminina brilhar. Depois de sua surpresa inicial, encaixou sua palma em torno dele. Nick podia sentir o calor da pele da jovem



através das duas capas de tecido. Seu membro e a mão iniciaram uma pequena dança. Apertava-lhe ligeiramente e seu tenso membro respondia com entusiasmo, com o que ela voltava a lhe apertar, obtendo a mesma resposta de seu membro.

Aquilo era uma tortura. Por que se fazia aquilo a si mesmo? Ao Nick não gostava de demorar em excesso o prazer, mas se isso era quão único podia ter, pois bem, aceitá-lo-ia.

Teve que concentrar-se ferozmente na estrada e se esforçou por manter a respiração regular. Charity o estava deixando louco, mas se mataria se ela deixava de lhe tocar.

— Toque a você. — Os olhos do Charity se abriram como pratos —. Se Toque — repetiu com gravidade —. Com a outra mão. Abre as pernas e se acaricie. — Pela extremidade do olho observou como sua mão direita duvidava sobre suas coxas. Logo, lentamente, estes se abriram e Charity introduziu a mão entre eles, passando seu dedo indicador ao longo de sua fenda.

Deus, recordava a ele fazendo mesmo; deslizar seu dedo ao longo de sua sedosa abertura, tenra e desejosa, inflamada e de um rosado claro. Preciosa.

— Está úmida? — Estavam passando junto à mansão McBain, uma enorme e decadente monstruosidade vitoriana rodeada de bosques que pediam a gritos uma poda. Isso significava que tão somente ficavam uns minutos para chegar a sua casa —. Por favor, me diga que o está, porque se não me darei um tiro.

Charity deixou escapar uma pequena gargalhada entrecortada.

— Não, está bem. Viverá um pouco mais. Estou úmida, mas... — fez uma pausa delicadamente —, não é por me tocar, mas sim pelo que estou te fazendo. — Seus dedos se esticaram sobre seu membro. Os músculos de suas fortes coxas se contraíram com violência, e uma rajada de fogo desceu por suas costas. Durante um assombroso segundo, Nick acreditou que se gozaria em sua mão. Conseguiu conter-se no último momento, tremendo e apertando a mandíbula.

Charity lhe percorreu uma vez mais, para cima e para baixo.

— Vá! — exclamou, sabendo-se poderosa. Nick podia vê-la lhe olhando —. Algo estive a ponto de passar.

— Sim. — Lançou-lhe um olhar fugaz e apertou os dentes. Quase tinham chegado a casa —. Pequena bruxa.

Viu o indício de seu sorriso antes de concentrar-se de novo na estrada.

— Mais vale que isso tenha te excitado —lhe advertiu Nick.

— OH, sim — lhe assegurou com voz fina. Suas coxas se separaram mais e Nick pôde escutar o leve som de seus fluidos quando introduziu o dedo em seu interior, para tirá-lo lentamente depois —. Estou muito... disposta.

Nick sentiu que aquela frase lhe levava diretamente ao orgasmo. Não! Aqui não, agora não. Uma vez mais, teve que empregar todo seu autocontrole para se conter.

Já haviam chegado. Subiu o caminho de entrada, apagando o motor justo quando o para-lama dianteiro do Lexus roçava a porta da garagem. voltou-se para olhá-la, fazendo uma careta de dor. Cada movimento resultava fodidamente doloroso.

— Ponha calças e as botas. Deixa aqui a roupa interior. Tenha a chave preparada.



Ela se apressou, isso devia reconhecer-lhe para quando chegou a lhe abrir a porta, Charity se tinha posto as calças, as botas e o casaco. As calcinhas, o sutiã e as meias eram um pálido brilho sedoso na parte dos pés.

A jovem estendeu os braços para ele com absoluta confiança, luzindo um enigmático sorriso em seu rosto.

— Estava esperando isto com ânsia — sussurrou, uma vez que esteve entre seus braços, o lugar ao que pertencia.

— Não tanto como eu. — Sorriu-lhe. Sua ereção ainda lhe doía, mas por um segundo mero, foi capaz de esquecer-se disso. Sentia-a tão leve e suave, tão... “perfeita” em seus braços. Seu membro estava rígido dentro de seu jeans e, de repente, sentiu que algo se expandia na zona de seu peito.

Seus sentidos se afiaram. Os pinheiros do bosque que rodeava a casa desprendiam um embriagador aroma a resina que se mesclou com o aroma da neve e o da gasolina proveniente do capô quente. Mas o aroma do Charity prevalecia sobre todos eles.

Podia ver com pouca luz, como se estivesse com óculos de visão noturna. A débil luz que proporcionavam as luzes a noventa metros de distância e a tênue iluminação do alpendre lhe bastavam para abranger tudo. Poderia ter realizado um disparo de franco-atirador.

E sua pele... Deus santo. Sua pele estava em tensão, era uma enorme zona erógena da cabeça aos pés. Cada floco de neve que caía sobre ele era como uma pequena explosão. Todas as texturas de sua roupa e a dela, o ligeiro vento que sentia como um vendaval... Absolutamente tudo parecia haver-se maximizado.

Subiu o caminho da entrada e as escadas tão rápido como pôde sem patinar no gelo e sem quebrar o pescoço de nenhum dos dois. Um segundo depois, tinham cruzado a porta, e ao cabo de outro a tinha contra a parede, com as mãos enterradas em seu cabelo, beijando-a ferozmente.

Levou a mão às calças e se liberou. Charity ficou nas pontas dos pés para poder acolher sua ereção e isso provocou um segundo de alívio. Não foi suficiente, mas era melhor esfregar-se contra sua suavidade que contra seu jeans.

Nick abandonou sua boca durante o segundo que demorou em lhe tirar o suéter, tendo saudades terrivelmente seus lábios, gemendo quando os recapturou.

Dispunha de outro segundo para despi-la e ficar um preservativo. Não podia fazer ambas as coisas em tão pouco tempo.

— Tire as calças — sussurrou contra sua boca, dando um passo atrás—. Rápido.

Tirou uma camisinha do bolso e o colocou, fazendo uma careta de dor ao sentir sua mão alisando o látex sobre si mesmo. Sentia-se a ponto de explodir.

Charity lhe sustentou o olhar enquanto se desabotoava as calças. A abaixou até os tornozelos e tirou as botas, tirou as calças e a jogou no chão.

Nick a apertou contra a parede antes que estes aterrissassem, levantou-a e se introduziu entre suas pernas. Charity se abriu para ele, um gesto de bem-vinda, e seu membro roçou seu suave pelo púbico. Nick apertou os dentes.

Nick estava vestido por completo, à exceção de seu membro, que se erguia fora, enquanto



que Charity estava completamente nua. Ele já estava o suficientemente excitado, parecia desprender vapor tal e como estava, mas ver o corpo nu de Charity contra si fez migalhas ao pouco controle que ainda ficava.

As mãos de Nick seguraram seu traseiro, levantando-a, e se afundou forte e rapidamente em seu interior. Acolheu-lhe. Ele tremeu com violência, apoiando a frente sobre seu ombro. Por sorte, Charity podia lhe acolher dentro sem dor. Ocupou-se de excitar-se e estava dando resultado.

Nick respirava com dificuldade, os pulmões lhe ardiam, e se estremecia tratando de manter o controle. Ela se apertou a ele como um quente e apertado punho. Tinha que esperar tão somente um segundo antes de fodê-la, assegurar-se de que se acostumava a ele.

Charity jogou a cabeça para trás contra a porta, expondo seu longo e esbelto pescoço. Uma vez mais, Nick desejou mordê-la. Compreendia aos vampiros. Entendia bem o que os fazia saltar. Esse pescoço estava pedindo para ser mordido.

Moveu a cabeça, aproximando os lábios da sua garganta, e em seguida a lambeu e a mordeu. Uma dentada delicada, embora forte. Justo em cima do ponto onde pulsava seu pulso.

Charity se estremeceu, ofegando. Ao mesmo tempo, seu sexo se apertou em torno dele, da base à ponta, apertado e quente. Todo seu corpo se contraiu e Nick perdeu o controle.

Com a boca pega a sua garganta, começou a investir em seu interior, sustentando-a e mantendo suas pernas abertas com as mãos. O mundo inteiro se reduzia a sua boca em seu pescoço e a seu membro dentro dela, completamente aberta a ele. As costas de Charity golpeavam contra a porta de madeira produzindo um ruído surdo e forte. Estava sendo muito brusco com ela, mas não podia deter-se; parecia que estivesse esperando aquilo toda a eternidade, igual a um dique que acabasse de arrebentar.

Não tinha a menor ideia que poderia deter-se se ela o pedisse, seu corpo tinha assumido o controle por completo, tratando com todas suas forças de penetrar tão profundamente no corpo feminino como o fosse possível, até suas mesmas vísceras.

Era muito intenso. O coração pulsava a um ritmo impossível e o suor escorregava por suas costas. Acelerou o ritmo durante um selvagem segundo, seu membro inchando-se dentro dela, e então explodiu, gozando violentamente em meio de intensas convulsões, estremeendo-se e gemendo.

Ela se...? Sim!

Com um feroz soluço, Charity começou a gozar e suas pequenas contrações atraíram Nick com força, aumentando seu orgasmo. Maldita seja, gostaria de não ter posto uma camisinha. Por derramar-se em seu quente e acolhedor corpo em vez de na capa de látex, por sentir cada centímetro dela, tal como havia fato no dia anterior.

Uma última e poderosa investida e tudo terminou. Apoiou-se pesadamente contra ela, ofegando e com os joelhos tão fracos que teve que se endireitar.

Recuperou o sentido lentamente. Podia ouvir sua trabalhosa respiração na quietude da habitação.

Afastou-se com um gesto de dor. Seus dedos aferravam as suaves nádegas do Charity com



tal ferocidade que sem dúvida deixariam mancha-roxa. Afrouxou os dedos, um por um. Aquilo foi algo surpreendentemente difícil de fazer.

Estava apoiado de tal forma contra ela, que a mantinha sujeita à parede só com seu peso. Retrocedeu ligeiramente e deixou-a deslizar até que seus pés tocaram o chão.

Também se permitiu sair dela. Não desejava fazê-lo, mas tinha que ser assim. Charity estaria dolorida, e o preservativo não demoraria a começar a sair.

Ao levantar a cabeça descobriu que tinha estado sugando seu pescoço com tanta força enquanto se corria que lhe havia feito um chupão.

Deveria sentir-se envergonhado. Deveria fazê-lo. Mas não estava. O chupão ficava bem em seu pescoço. Tinha deixado sua marca nela, como se fosse uma mensagem para o mundo.

Minha.

Capítulo 12

Parker's Ridge

21 de novembro

Na segunda-feira a última hora da manhã, Nick bateu na porta metálica da caminhonete.

Estava de um humor de cães. Passou três horas fiscalizando aos operários da companhia que instalava um sistema de segurança de última tecnologia na mansão dos Prewitt. A companhia era boa, mas o vendedor tinha tentado fraudar ao velho e confuso juiz para que comprasse aparelhos que não necessitava.

Aquilo lhe deixava tremendamente furioso. Assim que uma pessoa se tornava débil, os lobos saíam para caçar. Recordou um antigo provérbio em latim que devia dizer que o homem era um lobo para o homem. Bom, isso resumia o que era a humanidade.

Sempre, cada fodida vez que o via, superava-lhe ver que o forte se aproveitava do fraco. Jake teria morrido no orfanato, bem pelas surras, bem por abandono, de não ter estado ele ali.

O objetivo da vida de Nick se convertido em interpor-se entre o fraco e essa parte da humanidade que tinha nascido sem coração. Isso o fazia ver outros humanos com os mesmos olhos com os que o açougueiro vê aos porcos. Resultava útil, embora só quando terei que matar.

Tinha lutado contra eles no Iraque, no Afeganistão, no Indonésia. E agora lutava contra eles ali, em sua pátria.

Mesmo que se esforçasse em lutar, quantos liquidassem; sempre havia mais e mais e mais. Estava tão familiarizado com essa classe de pessoas que até poderia cheirá-la.

De fato, podia observar os processos mentais do hábil vendedor da companhia de segurança. Talvez o homem fosse dos arredores e conhecesse o sobrenome. Ou pode ser que tivesse reconhecido a direção. Fosse o que fosse, passou toda a manhã atrás do juiz, esperando para falar a sós com ele.



Nick retornou a casa e se encontrou com o juiz Prewitt que estava com uma caneta em sua mão tremente e coberta de manchas, a ponto de assinar um maço de papéis de dois centímetros e meio de grossura. E a um filho da puta junto ao ancião, com a cobiça e a antecipação refletidas em sua cara gordinha e desumana.

Ao final de cinco minutos, o estelionatário saía disparado pela porta com a cara vermelha e as mãos vazias.

Deixando Nick com um humor de mil demônios quando saiu da cidade para dirigir-se para a caminhonete de vigilância. Para não mencionar que já sentia falta da Charity, algo novo para ele.

Iceman nunca sentia falta da ninguém, jamais.

Di Stefano abriu a porta traseira da caminhonete e lhe fez gestos para que subisse. E quando Nick entrou, viu-se assaltado por uma envolvente nuvem, mescla de suor, roupa suja, pizza rançosa e todo tipo de mau aroma proveniente de dois corpos sem lavar. Só respirando profundamente uma vez, já estava se asfixiando.

Não tinha passado mais que uns dias em companhia de Charity e já não podia suportar algo habitual em uma longa missão de vigilância.

— Deus. — Agitou a mão para limpar o ar que tinha diante —. Vocês passam o dia comendo feijões? Com este aroma basta para fazer que qualquer um caíssemos fulminado. Não precisamos armas. Deveríamos trazer aqui aos homens do Worontzoff e sujeitá-los à ação dos gases.

Alexei estava sentado em uma cadeira, como de costume, curvado, com as orelhas cobertas pelos enormes e pesados auriculares. Levantou a mão a modo de saudação e ato seguido agachou novamente à cabeça, concentrado.

— Perdóooenos, cavalheiro. — Di Stefano pôs os olhos em branco — Nem todos fazemos o papel de empresário multimilionário, Iceman. Alguns trabalham de verdade. Estamos aqui localizados todo o fim de semana e não saímos da caminhonete nenhuma só vez. Assim, não te queixe.

— Não me venha com isso. Eu também levo todo o fim de semana de serviço.

— Ah, sim? — Di Stefano lhe olhou de soslaio —. Com certeza que sim. Vi as fotos. Essa bibliotecária está bastante bem — comentou, jogando mão a sua lata de coca-cola light —. Como o monta na cama? Aposto o que queira a que...

Di Stefano não teve oportunidade de acabar a frase, pois Nick lhe estampou contra o amparo da caminhonete, lhe pressionando a traqueia fortemente com o braço. A lata de coca-cola rodou, esquecida, pelo chão do veículo.

— Iceman, basta! — Alexei se aproximou como pôde até o Nick e começou a puxar inutilmente seu braço —. Solte-o ou o matará! Solte-lhe! Que merda está pensando?

Não pensava. Nick não tinha nem um só pensamento na cabeça, quão único havia nela era uma tormenta de vermelha ira, que abafava todo o resto.

Di Stefano estava ficando arroxeadado, sacudindo os braços para tratar de alcançar ao Nick em um lado da cabeça e tratando de tirar-lhe de cima a patadas. Tinha noções de auto defesa —



depois de tudo, era da polícia —, mas carecia do treinamento que tinha Nick, este tinha passado dez anos sendo treinado para matar.

Normalmente, Di Stefano estaria morto. Nick sabia bem como fazê-lo. O coronel Merle passou um mês inteiro lhe ensinando chaves de pescoço e Nick era um perito. Só tinha que esmagar o osso hioideo e, ao final de um segundo, o adversário caía igual a um touro derrubado.

Mas algo começava a penetrar em sua cabeça, mais à frente do muro de ruído estático. A voz do Alexei. Não era um homem musculoso, e mesmo assim se atirava ao braço do Nick, embora para o caso pudesse ter-lhe dado uns tapinhas.

Nick olhou fixamente aos olhos exagerados de Di Stefano e afrouxou a pressão. Segundo meio mais tarde, retrocedeu, baixando os braços.

Di Stefano caiu de joelhos, com a cabeça pendurando, resfolegando e tratando de insuflar ar em seus doloridos pulmões.

— Desgraçado... bode — lhe insultou entre ofegos, pronunciado uma palavra cada dez segundos. Com dificuldade, esfregou o pescoço, vermelho e machucado.

Nick se sentou em uma das duas cadeiras que havia na caminhonete, e voltando a ficar em pé como um raio, como se a suja cadeira branca de plástico tivesse molas pneumáticas. Não podia sentar-se, estava muito alterado. Inclusive sua respiração seguia acelerada.

Tinha o corpo sobrecarregado de energia e teve que obrigar-se a ficar quieto.

Era atípico nele. Chamavam-lhe Iceman porque carecia de emoções. Tinha-as, em grandes quantidades, o que acontecia era que tinha aperfeiçoado seu autocontrole desde que tinha dois anos e se deu conta de que lutar contra um menino de oito era uma ação suicida. Quando trabalhava não tinha problemas para deixar a um lado a humanidade que habitava em seu interior.

Empreendê-la com Di Stefano tinha sido uma loucura, simples e sinceramente. Apenas dava crédito ao que tinha feito. Sentia-se envergonhado. Mais ou menos. Salvo que se Di Stefano fizesse algum outro comentário inapropriado sobre Charity, lançar-se-ia a lhe fazer outra chave, o qual devia dizer que possivelmente não o sentisse tanto.

Di Stefano estava pondo-se de pé, ao tempo que lhe fulminava com o olhar e esfregava o pescoço de maneira irritada.

— A que veio isso?

Nick lhe olhou diretamente aos olhos. Di Stefano era um companheiro de equipe. No exército, a gente defende a seus companheiros de equipe com a vida, tanto se lhe caem bem como se não. Ao Nick caía muito bem Di Stefano. O que acontecia era que este tinha que aprender quais eram as novas regras.

— É assim que vai a coisa: de agora em diante, Charity Ames é uma mulher de oitenta anos, com quatro papadas e verrugas. Não volte a unir jamais a palavra sexo e seu nome na mesma frase. Para todos os efeitos, é uma pessoa assexuada. Espero que tenha ficado claro. — girou-se para o Alexei —. Isso também vai para você também.

Com os olhos como pratos, Alexei fez um gesto de assentimento.

— Fica claro?



— Cristalino. — Di Stefano sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la —. E eu também tenho uma nova regra. Se voltar a pôr em prática essa manobra, acabo contigo.

Nick adotou uma expressão feroz.

— Pode lhe tentar disse com voz serena. Alexei se interpôs entre ambos, levantando as mãos como se pedisse tempo morto.

— Basta. O fedor a testosterona começa a ser maior que o aroma de suor. Sentemos-nos...

Escutou-se um leve zumbido proveniente dos fones do Alexei e este se lançou sobre a mesa, conectando o som nos alto-falantes. Tratava-se do telefone. Worontzoff desprendeu ao segundo tom.

— Olá. — Sua voz era grave e tranquila.

— Olá, Vassily. Como está? — Era Charity. Charity estava chamando o bastardo. Nick ficou completamente imóvel, com todas as células de seu corpo centradas em escutar a chamada.

— Estou bem, querida. Passou um bom fim de semana?

— Sim. — Nick quase podia sentir como ela se ruborizada através de mais de trinta e dois quilômetros de cabo —. Sim, em realidade o passei muito bem. Isto... passei um fim de semana estupendo. Vassily, perguntava-me...

— Sim, querida?

— A noite musical é na quinta-feira, verdade?

— Ah, à noite. Samuel Cha ao violoncelo. Será delicioso. Justo outro dia organizamos a escolha das peças que ia interpretar, e lhe pedi que incluísse o concerto para violoncelo em Si menor do Elgar, porque sei que é seu preferido.

— OH, Vassily... — A voz do Charity se tornou cálida e afetuosa. Nick apertou os punhos. Era o tom que empregava quando estava dentro dela e lhe sussurrava ao ouvido —. Lembrou-se! Eu adoro esse concerto, obrigado. Vou desfrutar de muito ouvindo tocar ao senhor Cha.

— É um prazer, querida. Será muito ameno escutá-lo contigo.

— Sei que será. E falando disso, mmm, Vassily...

— Sim, querida?

Escutando com atenção, Nick pôde detectar um tom subjacente, como se Worontzoff soubesse o que se aproximava. Como o vilão de um filme que convida à heroína a sua guarida.

— Mmm, sei que não gosta de convidar mais de trinta pessoas a suas noites musicais, Vassily...

— Muito certo. Muita gente estraga a acústica da sala. A música de câmara deve ser desfrutada na intimidade. Em sua maioria, foi composta nos séculos dezessete e dezoito para as cortes reais. Nunca para consumo geral. Para a família real e, talvez, alguns cortesãos, nada mais.

— Bom, está claro que eu não pertenço à realeza. Mas queria te perguntar se posso levar um amigo. É um homem ocupado e nem sequer sei se estará livre, mas for assim, poderia lhe convidar? Queria perguntar-lhe isso antes de conversar sobre o tema com ele.

— Um amigo? Quer levar a um amigo? A minha noite musical? — Por acaso Charity era incapaz de perceber o tom gélido e mortífero do Worontzoff? Nick sim podia. Pôs-lhe o pelo de todo o corpo de pé e lhe acelerou o pulso. Tratava-se de um dos homens mais perigosos do



planeta e Charity acabava de enfurecê-lo.

Merda, lhe diga que o esqueça. Diga-lhe que não era mais que uma ideia tola. Vamos, Charity, deixa estar. Encontrarei outro modo de entrar nessa maldita casa. Não cruze seu caminho e não suscite sua cólera.

Apertou os dentes com força. Olhado de uma perspectiva profissional, aquilo era um golpe de sorte, em um trabalho poucas vezes se produzia tal coisa. Era o que tinham estado esperando. O motivo pelo que tinha orquestrado seu encontro com o Charity. Aparentemente, a razão pela qual a havia fodido. Conseguir acesso à central da máfia russa era trabalho, nada mais que trabalho.

Di Stefano chocou a palma com o Alexei, que tinha um sorriso de orelha a orelha. Missão cumprida. Um plano complexo tinha dado seus frutos e um agente federal estava a ponto de acessar à casa de um suposto criminoso.

— Vassily? — De novo se escutou a suave voz de Charity através dos alto-falantes. Ouvir sua voz produzia uma estranha dor em Nick, como se tivesse recebido um murro no peito. Por sorte ela tinha notado algo, apesar de que interpretasse mal o motivo —. Será um problema? Irão assistir muitos convidados? Porque poderia renunciar a meu convite em caso de que não possa acomodar a todos.

— Não, não, querida. É obvio que não será necessário. Não me ocorreria não contar contigo. Verte desfrutar é o que me alegra a noite. Seu amigo é bem-vindo, se é que pode vir. Gosta da música clássica?

Produziu-se um silêncio repentino. Nick se deu conta de que Charity ignorava se gostava ou não a música. O tema não tinha surgido. De fato, não tinha surgido muito mais, com exceção de seu membro empalado durante todo o fim de semana.

— Ssí. Sim, claro que gosta. — Mentir lhe dava de pena.

— Então, perfeito, querida — disse Vassily com suavidade—, naturalmente que pode vir. Qualquer amigo seu é meu amigo.

Nem em um milhão de anos, filho da puta.

— Obrigado, Vassily. Veremo-nos na quinta.

— Sim, querida. Estou desejando te dar às boas-vindas. — Fez uma breve pausa —. Dar-lhes as boas-vindas. — Worontzoff esperou a que ela desligasse e logo apertou um botão para pôr fim à conexão.

Fez-se o silêncio. Logo sobreveio uma explosão de som, uma palavra de duas sílabas. Nick olhou ao Alexei.

— Que há dito?

— Pizdets — respondeu o aludido.

— Obrigado, Alexei — disse Di Stefano, pondo os olhos em branco—. E o que significa?

Os olhos do Alexei cintilavam.

— Merda.



Charity desligou o telefone da biblioteca, perguntando-se se tinha feito ou não o correto.

Vassily não parecia contente. Absolutamente. Conhecia os diversos matizes de sua voz e seu tom sugeria que não lhe agradava convidar ao Nick. Vassily vivia em uma casa ampla, em uma mansão, em realidade, e o que ele denominava sala de música era enorme. Mas lhe havia dito que não queria a mais de trinta pessoas e certamente já tinha convidado a tantas como acreditava que poderia albergar a estadia de forma confortável. Contratava um serviço de Buffet para as veladas e, com toda segurança, a empresa já teria sido informada do número exato de convidados.

Vassily era um homem encantador. Tinha enriquecido sua vida em tantos sentidos, que lhe era impossível enumerá-los. Entretanto, também reconhecia que tinha um lado escuro, uma dureza tão pronunciada que a surpreendia. Parte desse lado escuro era que não gostava que lhe contrariassem, em nenhum sentido.

Charity o respeitava. De sua mãe tinha herdado a habilidade de captar a natureza das pessoas e de seu pai a de evitar zangar-se àqueles que tinham uma personalidade complicada. Charity sabia bem quando devia ter a boca fechada, e assim o fazia.

Com Vassily era mais singelo que com a maioria da gente com a que se relacionava e que punha a prova sua paciência, como o prefeito ou a senhora Lawrence. Por teimoso que se mostrasse, ganhou cada defeito de seu caráter, e tinha todo o direito de ter esse lado escuro.

Vassily nunca falava de sua vida anterior, mas seu corpo era prova evidente de que tinha sofrido. Tinha as mãos destroçadas e grotescamente cortadas, enrugadas e cheia de cicatrizes, sem unhas. Uma fina e profunda cicatriz lhe baixava da têmpora até a mandíbula, esquivando seu olho. Estava incapacitado para levantar o braço direito mais acima de seu peito e sua claudicação se agravava no inverno por causa da umidade. E quando não havia umidade em Vermont durante o inverno?

Era fascinante para todos os que lhe rodeavam; era, depois de tudo, um dos maiores escritores que existe no século vinte. Um homem cuja companhia procurariam em qualquer das grandes cidades do mundo, e que, inexplicavelmente, tinha escolhido encerrar-se em uma pequena localidade de Vermont.

Não obstante, ninguém podia lhe devolver os anos perdidos e sua diminuída saúde. Por famoso e rico que tivesse chegado a ser, tinha passado por um inferno.

De modo que Charity perdoava tudo ao Vassily: seu mau humor, seu duro coração de granito, seu lado escuro. Não tinha direito a lhe julgar, e não o fazia.

Talvez não devesse ter lhe perguntado se Nick podia acompanhá-la. Pelo visto, aquilo era violar a etiqueta segundo Vassily. O que acontecia era que, com cada dia que passava, estava mais segura de que Nick não demoraria a partir. Depois de tudo, quantas oportunidades de negócio poderia haver ali para um investidor? Por inteligente que fosse, certamente estava ficando sem lugares para explorar. E uma vez que isso acontecesse, que mais poderia lhe reter ali?

Charity não se iludia sobre eles dois como casal. Não havia nada que o atasse a Vermont. Tinha dinheiro, saúde, e era incrivelmente atraente. Um solteiro situado em Manhattan, com um encanto intensamente viril e com carisma. Para não dizer que era um amante extraordinário.

Tinha o mundo a seus pés.



Não existia nenhuma razão para ficar ali com uma bibliotecária de povo, que levava uma vida tranquila e que era responsável por dois parentes anciões e frágeis, que lhe consumiam tanto tempo, ou talvez mais, que se fossem dois meninos pequenos.

Charity tinha uma vida limitada, restringida em todos os sentidos. Nick não, tinha todas as possibilidades ao seu alcance.

De modo que Nick não demoraria a partir. Pode ser que na quinta-feira já o tivesse feito, e talvez se humilhasse em vão, pedindo esse favor a Vassily em benefício de um homem que inclusive poderia até mesmo já ter ido embora nesse momento.

A só ideia de passar uma noite sem o Nick, inclusive uma das noites musicais de Vassily, que tanto adorava, resultava doloroso em extremo. O que significava, é obvio, que ia sofrer enormemente em um futuro imediato.

Capítulo 13

Parker's Ridge

21 de novembro

Estava pensando em Nick — fantasiando, em realidade —, quando de repente apareceu, como por arte de magia.

Nick. “Seu” Nick. Que pensamento tão reconfortante, por muito que se repreendesse pelo ter.

Seu Nick.

Não era seu, e de fosse, era apenas algo temporário. Mas mesmo assim... sentia-se maravilhosamente pensando nisso.

Tinha sido um dia de pouca atividade na biblioteca. Tinha deixado de nevar ao redor do meio-dia, mas o céu nublado prometia mais, assim que a temperatura diminuísse ao cair à noite. Os poucos que se aventuravam a sair de suas casas e trabalhos o faziam por motivos mais urgentes que o de devolver um livro.

Entrar e trabalhar essa manhã tinha sido um grande impacto depois do intenso fim de semana compartilhando sexo e intimidade com o Nick, os dois protegidos em sua casa, isolados do mundo exterior.

Aqueles dias a tinham mudado por dentro e por fora. Sentia-se uma mulher completamente diferente. Inclusive se movia como uma mulher diferente; como uma mulher que tinha desfrutado de mais sexo nas últimas quarenta e oito horas de que tinha praticado durante os últimos oito anos.

Tudo nela parecia diferente. Cada vez que se movia, sentia seu corpo. E, de fato, “sentia” sua vagina. Estava um pouco dolorida, sim — Nick era muito grande, depois de tudo —, mas sobre tudo, era intensamente consciente da sensível zona entre suas coxas. O resultado era



entristecedor. Era uma parte de sua anatomia que jamais tinha pensado, perfeitamente escondida dentro de seu corpo. OH, sentia essa estranha pontada quando lia uma novela romântica ou via seus atores preferidos. George Clooney não falhava nunca.

Mas aquilo era totalmente diferente. Quando se movia, era como se ainda pudesse sentir Nick, duro e quente, profundamente dentro de seu corpo.

Sentia os peitos pesados e hipersensíveis. Tinha colocado um sutiã de renda que se pôs ao menos cinquenta vezes antes sem ter sequer que pensar nisso. Hoje, podia sentir o desenho da renda contra seus peitos, e seus mamilos estavam duros. Nick os chupava com frequência e também se tornaram hipersensíveis.

Mas não só era questão de suas zonas erógenas, pois, naturalmente, tinham sido estimuladas mais do que jamais tinha experimentado. Não, o que lhe surpreendia era que outras partes menos óbvias de sua anatomia pareciam ter cobrado vida.

Seus tornozelos, esbeltos e frágeis ao final de suas pernas. Jamais tinha pensado neles. Entretanto, na noite anterior Nick os tinha beijado uma e outra vez, dizendo que não tinha visto em toda sua vida um par mais bonito. Após, pegou a si mesmo baixando a vista a seus tornozelos e sorrindo.

Seu pescoço. Vá! Tinha resultado ser um de seus pontos mais erógenos. Quem ia adivinhar? De algum modo, Nick o sabia. Em Charity davam calafrios cada vez que ele colocava os lábios em um ponto em particular sob sua orelha.

Estava pensando nisso, na forma preguiçosa com que Nick lhe lambia o pescoço essa manhã enquanto lhe torturava o mamilo com o polegar, quando o viu surgindo de repente da gélida névoa.

Estava olhando distraidamente pela grande janela da biblioteca, pensando nele e, por um momento, a cena pareceu tirada de um filme.

O homem corpulento e atraente, de cabelo preto e olhos azuis, alto e forte, saindo de entre a bruma. Caminhava como um pistoleiro, com seu pesado casaco formando redemoinho em torno de suas pernas, olhando a direita e esquerda, comprovando a situação. Nick era extremamente consciente em todo momento de seu entorno, como se fora um sentinela ou um soldado mais que um empresário.

Enquanto contemplava como surgia da névoa, por um segundo pensou no quanto era masculino. E logo, em uma intensa explosão de orgulho, pensou que aquele homem tão atraente era dela. Senhoras, afastem as mãos dele. É meu.

Enquanto cruzava a rua, Nick elevou o olhar e se encontrou com a de Charity, cujo fôlego se obstruiu em seu peito.

O tempo se deteve. Seu coração palpitou com mais força, ressonando com clareza em seus ouvidos. Observou-lhe, paralisada, enquanto ele cruzava a rua. Seus largos passos longos, as mãos afundadas nos bolsos do casaco, com a cabeça descoberta. Caminhava justo debaixo de uma luz e sua débil luz fez brilhar seu cabelo com reflexos azulados.

Cada passo longo de Nick era seguida por um golpe surdo no peito de Charity à medida que ele se aproximava, mais e mais, sem afastar nem um só momento o olhar dela através da janela da



biblioteca.

Enquanto a jovem contemplava como Nick a observava, seu corpo se preparou para ele. Sentia a pele febril, formigando. Seu sangue corria denso por suas veias, ao ritmo dos passos longos masculinos. Suas coxas se esticaram e seu ventre se contraiu. Notava os peitos quentes e inchados, pressionando contra seu sutiã. Podia sentir os músculos internos de sua vagina suavizando-se e lubrificando-se.

Por acaso Nick sabia o que estava acontecendo em seu corpo?

Parecia sério, seus lábios eram uma fina linha e seu olhar estava cravado nela. Seus olhos brilhavam com um místico azul cobalto que a penetrava.

Durante um momento desapareceu da vista e logo apareceu na porta, abrindo-a para deixar acontecer uma rajada de vento frio. Charity agradeceu o golpe de ar frio sobre sua pele, refrescando-a, porque quando Nick cruzou a porta, sentiu um estalo de calor interno tão potente que era como estar na frente de uma caldeira.

Nick não alterou seu passo e não a saudou. Abrangeu com um só olhar a biblioteca vazia e a seguir a agarrou pelo cotovelo, levando-a para a parte traseira.

Sua mão não causava dano, mas era impossível soltar-se. Charity teve que esforçar-se por lhe acompanhar.

Chegaram ao fundo da biblioteca antes que pudesse esclarecer seus pensamentos.

—Nick? O que está...?

O que fazia ficou claro quando a fez entrar no armazém e fechou a porta. Tão somente havia uma lâmpada de 20 watts no teto, mas bastava com isso para ver sua expressão.

O coração acelerou.

Nick avançou lentamente e Charity retrocedeu. Não devido ao medo, e sim excitada ao ver o desejo em seus olhos. Deteve-se quando suas costas toparam com algo e, um segundo depois, as mãos do Nick golpearam contra a parede a cada lado de sua cabeça.

Inclinou-se sobre ela enquanto as pálpebras do Charity se fechavam, jogando a cabeça para trás. Esperava um de seus demolidores beijos, mas ele parou justo antes de moldar sua boca a dela. Charity podia sentir seu fôlego quente sobre seu rosto.

— Olá preciosa — sussurrou.

Charity sorriu sem abrir os olhos.

— Olá — respondeu com um fio de voz.

— Sentiu minha falta?

Todo seu ser lhe tinha sentido saudades.

— Não sabe o quanto.

Nick pressionou todo seu corpo contra o dela.

— OH, sim — disse em voz baixa —. Claro que sei.

Seu casaco gelado causou impacto na nua pele avermelhada de Charity. Contra sua canela, os pulsos, as bochechas... Nick se apertou com maior força contra ela, introduzindo os pés entre os de Charity, de modo que se visse obrigada a separar as pernas.

Agarrou-lhe a saia com seus grandes e frias mãos e começou a subir a deixando um ardente



rastro em suas coxas com seus nódulos gelados. Charity teve que aferrar-se às lapelas de seu casaco para manter o equilíbrio.

Não abriu os olhos; não podia. Todo seu ser estava concentrado em seu interior, em todas as sensações que provocavam o pesado, forte e frio corpo de Nick.

O calor consumia suas vísceras e o frio impactava contra sua pele. A suave malha de caxemira do casaco contrastava com a aspereza das mãos do Nick.

Sua saia começou a subir e pôde sentir a frieza de suas roupas contra as coxas.

Nick a pressionava com tal força agora, que Charity podia sentir sua poderosa ereção através das capas de roupa. A jovem lançou uma breve gargalhada. — Esteve pensando nisto. Ele lhe acariciou o pescoço com o nariz. — OH, sim — sussurrou.

Charity se moveu um pouco, roçando seu púbis contra sua ereção, sentindo como se alargava e engrossava ainda mais. Deus, ia gozar.

— Pensava...? — Inspirou profundamente quando lhe mordiscou a pele detrás da orelha —. Pensava nisto na neve?

Nick tinha o nariz em seu cabelo, a boca contra sua orelha. Charity pôde sentir seu fôlego entrecortar-se quando descobriu que levava meias até a coxa. Sua mão cessou de mover-se e seu pênis vibrou contra ela.

Pôs essas meias sabendo de que teria frio quando saísse da biblioteca, mas sabendo, também, que Nick se excitaria quando chegassem a casa.

Não lhe ocorreu que o descobriria na biblioteca!

— Deus. — Suas mãos, mais quentes agora, acharam a pele nua entre o final das meias e suas calcinhas. Nem mesmo o inverno de Vermont faria com que Nick tivesse frio por muito tempo —. Colocou isso para me deixar louco, não é verdade?

— Mmm. — De fato, era assim.

Nick cavou a mão sobre as delicadas malhas de seu sexo, pressionando ligeiramente com o dedo do meio. A seda das calcinhas era uma fina capa contra sua úmida fenda e Charity tremeu, o que provocou que ele voltasse a estremecer-se contra ela.

— Que conste, funcionou.

Manteve a mão ali, agora quente, ardente, inclusive. Apenas a pressão de sua mão fez que as coxas de Charity se contraíssem.

Ele a beijava lenta e profundamente, lambendo sua língua, seus dentes, com movimentos pausados, imitados pela mão que a acariciava preguiçosamente.

Sentia-lhe por toda parte, apertado contra ela, cheirando a neve, a pinheiro, a Nick. Logo o aroma de sexo impregnou o quarto depois de que ele desabotoou as calças, originando um débil som na poeirenta habitação quando seu grosso pênis emergiu.

Charity desejava abrir os olhos. Adorava vê-lo; uma dura coluna com grossas veias, surgindo de um denso ninho de rebeldes cachos pretos. Mas seus olhos não lhe obedeciam, no entanto ele a beijava com tanta paixão.

A jovem retirou sua mão da lapela do casaco e a baixou até moldá-la em sua ereção. Charity não podia vê-lo, mas podia senti-lo. Nick se esticou por inteiro quando lhe tocou. Seu pênis se



alargou e engrossou até o impossível. O coração palpitava forte e rapidamente, e Charity pôde sentir seu feroz batimento, justo em sua mão. Com o polegar cobriu sua enorme e redonda cabeça e também Nick se umedeceu por ela.

Tal era o poder que Charity tinha sobre ele. Apenas um instante depois, Nick lhe arrancou as calcinhas com brutalidade, e seu dedo se deslizou dentro. Charity ofegou e suas pernas tremiam. OH, Deus, ele também tinha poder.

Seu dedo a abriu, imitando os movimentos que realizava com a língua dentro de sua boca, e Charity gemeu.

O aroma de sexo ficou de repente mais intenso, por causa da excitação de ambos. Somente levava um minuto tocando-a, mas ela estava suave e molhada. Seu dedo não teve problemas para penetrá-la. Charity tinha passado o dia inteiro pensando nele e seu corpo levava todo o dia preparado.

Nick retirou o dedo, lhe passando a gema ao redor do clitóris, preparando-a.

— Você também estive pensando em mim, carinho. — Penetrou-a lentamente com os dedos e logo se retirou. Charity gemeu sentindo-se vazia quando sua mão se separou de tudo —. Não é assim?

Estava-lhe perguntando algo e não tinha nem ideia do que. Mas quando Nick a tocava desse modo, só havia uma resposta possível.

— Sim.

Nick se estremeceu. Ela o sentiu por todo seu corpo.

Escutou-se o som de um pacote ao rasgar-se e ser enrugado, e Nick colocou o preservativo. Seus beijos eram agora mais febris, tão apaixonados que a jovem quase não podia respirar, e teve que fazê-lo através dele. A respiração do Nick lhe enfraquecia a bochecha e Charity pôde sentir como seu amplo torso adotava um ritmo mais acelerado.

— Levanta a perna — sussurrou, baixando a mão pela parte posterior da coxa do Charity. Ela o fez, enquanto ele a ajudava a lhe rodear, abrindo-a completamente.

Nick teve que dobrar os joelhos para colocar-se em sua abertura, tratando de ir devagar.

Charity podia sentir seu férreo controle nas mãos, pausadas e trêmulas; na gota de suor que rodava por sua têmpora; em sua áspera respiração. Empurrou levemente em seu interior e se apertou em torno dele.

— Deus — murmurou. Caiu outra gota de suor —. Tem que ser rápido e com força, carinho, porque estou a ponto de explodir. Levo o dia todo pensando nisto, com uma ereção realmente incômoda.

Charity começou a rir, encantada com a ideia de que Nick se ocupasse de seus negócios com uma ereção. Sua risada foi interrompida de repente quando Nick a penetrou até o fundo com uma única e forte investida.

A jovem abriu os olhos de forma desmesurada. Nick tinha as pálpebras entrecerradas e a olhava de forma penetrante. Um músculo de sua mandíbula se contraía com violência.

— Merda. Sinto muito. — Demorou um segundo em recuperar o fôlego —. Fiz-te dano? Carinho? — Franziu o cenho ao ver que ela não respondia —. Charity, me responda. Machuquei-



te?

Charity apenas podia ouvi-lo, sua voz vinha de um lugar muito distante, como se estivesse a milhares de quilômetros de distância, em lugar colado a ela, enterrado nela. Estava completamente presa com o que estava ocorrendo em seu interior, às transbordantes sensações que a alagavam e que faziam quase impossível que pudesse respirar. Todas suas terminações nervosas entre suas coxas estavam em chamas ao tempo que se contraía uma e outra vez ao redor do enorme e duro membro que hospedava.

Nick empurrou com mais força e a tensão se rompeu. O mundo do Charity girou sobre seu eixo, tudo dentro de seu ser se esticou mais e mais até que, com um suave soluço, alcançou o orgasmo em meio de prolongadas e poderosas contrações, como se seu corpo tratasse de lhe atrair mais profundamente dentro de si.

— Deus. — O corpo do Nick se sacudiu pela surpresa, e começou a mover-se dentro dela com breves e violentas investidas, a diferença do movimento sereno e prolongado com a que habitualmente faziam amor.

Nick tinha ambas as mãos em seu traseiro, sustentando-a contra ele enquanto suas poderosas e bruscas investidas a faziam golpear contra a parede. Inflamou-se em seu interior, seus movimentos se tornaram irregulares, quase frenéticos, e então também ele começou a gozar. Apertou os dentes com força quando gemeu, e uma mecha de cabelo preto caiu sobre sua empapada testa, ricocheteando contra sua pele com cada um de seus enérgicos movimentos.

As contrações de Charity diminuíram e seus músculos ficaram fracos. Seu único sustento era o peito de Nick apertado contra o seu, suas mãos nas nádegas, e seu pênis dentro dela. Seus braços caíram para os lados, sem ter sequer a força necessária para abraçá-lo.

Escutou-se um ruído débil que foi incapaz de reconhecer. Unicamente ao sentir o ar frio contra a planta de seu pé reparou em que tinha perdido um sapato.

Era o único lugar onde sentia frio. O resto de seu corpo ardia de calor, sobre tudo ali onde Nick seguia dentro dela. Ele havia relaxado um pouco depois de alcançar o orgasmo, mas não muito. Ainda estava duro em seu interior, e lhe sentia como um ferro quente.

— Meu deus — resmungou —. foi... — exalou —...incrível.

— Sem a menor dúvida — sussurrou ela. Não poderia havê-lo definido melhor.

Apoiaram-se o um no outro. Se não tivesse sido pela parede, ambos teriam caído no chão. Nick encostou a bochecha sobre sua cabeça e os lábios de Charity desenharam um sorriso.

De repente, o pênis palpitou e sua vagina se contraiu a seu redor.

— Não — suplicou Charity —. Não posso.

— Eu tampouco. — Nick deixou escapar um suspiro entrecortado contra seu cabelo, despenteando um cacho —. Eu adoraria, mas não posso. — moveu-se ligeiramente —. De fato, será melhor que faça algo antes que a camisinha goteje.

Endireitou-se um pouco e começou a sair de seu corpo.

— Charity? — A aguda voz feminina que lhes interrompeu desprendia um tom ditatorial, pronunciando o nome sílaba a sílaba de maneira rítmica: Charity. Remarcando a última sílaba —. Charityyy! — Só havia uma pessoa que pronunciasse seu nome desse modo. A senhora Lambert, a



antiga diretora da biblioteca —. Onde está?

A jovem saiu de sua abstração. Ficou imóvel, horrorizada, olhando os olhos divertidos do Nick.

Nem sequer podia fingir estar ausente. A porta não estava fechada com chave e seu casaco pendurava no cabide. A senhora Lambert conhecia o lugar como a palma da mão; tinha passado quarenta anos trabalhando ali.

Terminaria por revisar o armazém, e não havia lugar onde esconder a um homem que media um metro e oitenta e nove centímetros.

— Me solte! — sussurrou Charity empurrando-o.

Nick saiu de seu interior ao tempo que suspirava e quando retrocedeu, Charity pôde ver seu pênis inclinado parcialmente ereto. Nick o guardou dentro das calças com outro suspiro, e a fechou, fazendo uma careta de dor. A zíper ressonou em metade do silêncio.

— Charity! Onde está, moça?

As cômodas botas da senhora Lambert ressonavam no antigo piso de madeira nobre. Charity podia seguir cada passo que ela dava. Estava revisando a sala de projetor, a de leitura. Logo se ouviu um discreto toc-toc na porta do asseio.

Tão somente ficava um lugar por revisar.

— Apague esse sorriso de sua cara — advertiu ao Nick com um sussurro feroz, saltitando enquanto colocava o sapato que tinha perdido, se arrumava e penteava o cabelo com os dedos.

Nick adotou uma expressão de seriedade, mordendo-os lábios para não rir. Mas seus olhos estavam cheios de diversão.

Não havia nada demais dele se divertir; não demoraria a partir. Mas Charity ia passar ali o resto de sua vida, e a senhora Lambert era a mulher mais fofoqueiro da cidade.

A jovem contava inclusive com uma cláusula de moralidade em seu contrato, o qual lhe tinha parecido divertido quando o assinou; a ideia de infringir a cláusula de seu contrato trabalhista era tão impossível como viajar a Plutão.

Nick se esclareceu garganta e Charity se apressou a tampar sua boca com a mão. Ele a olhou com os olhos brilhantes.

— Nenhuma só palavra — disse com ferocidade —. Nenhuma sozinha! Quando baixou a mão, Nick assentiu com um sorriso.

— Querida. Onde demônios está? — Os passados se aproximaram.

Charity comprovou sua saia, a alisou, se abanou rapidamente com a mão em um esforço para se acalmar, e fez uma careta de dor ao pensar em seus lábios inchados, e que não levava nada debaixo da saia. Estava convencida de que o aroma de sexo selvagem a rodeava como se tratasse de uma nuvem.

Bom, não havia nada que pudesse fazer salvo lutar com a situação.

Elevou a cabeça e tomou ar profundamente. Que comece o espetáculo, pensou. Abriu a porta, fechando-a com rapidez depois de sair.

— Olá, senhora Lambert — disse —. Que agradável surpresa. Em que posso lhe ajudar?



Capítulo 14

Mansão do Vassily Worontzoff
Quinta-feira noite, 24 de novembro

Assim que Nick subiu os degraus de granito e atravessou a enorme porta da casa do Worontzoff — “palácio” seria um termo mais apropriado —, lhe arrepiou o pelo de todo o corpo.

Não havia nenhum motivo óbvio para isso, nem para que lhe gelasse o sangue. Nem tampouco para a descarga de adrenalina que percorria suas costas.

Todos aqueles que subiam a escadaria e entravam na casa eram gente elegante e rica. Cidadãos modelo. Peritos em cultura.

O vestíbulo estava alagado por um murmúrio de vozes cultivadas que se mesclavam com o rumor originado por hábeis serventes que recolhiam casacos, ofereciam bebidas e insistiam que os convidados se dirigissem para o grande hall de recepção.

Nick reconheceu o governador de Vermont, dois senadores de grandes Estados, um magnata da informática e um famoso diretor de cinema. Todos outros pareciam ser famosos. A idade média era de cinquenta anos, e seus ganhos deviam rodar em torno vários milhões de dólares ao ano.

Isso era tudo.

Estava no ventre da besta.

Aí onde Nick se destacava. Dava o melhor de si em situações limite, no centro do perigo. Já tinha passado por aquilo em muitas ocasiões. Destruir o mal de dentro era o objetivo de estar infiltrado.

Era aí quando aumentavam as excepcionais habilidades com as que tinha nascido, aquelas que lhe haviam feito ganhar o apelido do Iceman. Equivalia a possuir um sexto sentido e, uma vez que ficava em marcha, seus pensamentos, visão e audição se potencializavam. Era extraordinariamente consciente de seu entorno e todo seu corpo se transformava em uma máquina de rápida reação. Podia mostrar-se frio e sereno por fora, enquanto que por dentro sua cabeça se abria passo através da complexa geometria da traição.

Enquanto os petulantes e presunçosos assistentes ao concerto engoliam as peças e bebiam o champanha francês do Worontzoff, felicitando-se por ser convidados à casa do grande homem, Nick os analisava minuciosamente.

O noventa e cinco por cento dos assistentes eram inocentes como cordeiros, no momento de entrar no matadouro. Não tinham a menor ideia de em que se metiam.

Acreditavam estar entre seus iguais. Não era assim. Estavam em companhia de monstros.

Surpreendia-lhe como a gente podia estar perto de um predador sem sequer imaginar que este era diferente.

Um ancião cavalheiro com um bengala de ébano corado com um círculo de prata tomou



uma taça da bandeja que lhe oferecia um dos coroinhas do Worontzoff. Não reparou na tatuagem de arame de espinheiro visível sob o punho da camisa branca como a neve nem no ligeiro vulto que se apreciava sob a axila do homem que sustentava a bandeja. A bom seguro que o agente da polícia tinha uma pistola de reforço no tornozelo e uma navalha embainhada ao quadril. Por não mencionar uma barra de aço na elegante enfaixa do fraque.

Era um agente, não cabia dúvida. Cabelo cinza talhado ao zero, cicatriz de navalha ao longo da mandíbula, de uns cinquenta anos e mais em forma do que qualquer jovem de vinte anos podia esperar estar.

O ingênuo ancião tomava uma taça da bandeja que o cabeça raspada sustentava, sem ser consciente de que com uma só palavra do Worontzoff, aquele tipo lhe fatiaria o cangote.

Mas Nick sim era consciente. Passou toda a vida perto de pessoas como o garçom e todos seus sentidos estavam em alerta máxima.

De modo que se passeou com a mão na parte baixa das costas de Charity, não do modo em que o faria um cavalheiro, para guiá-la com delicadeza e marcar seu território, mas sim porque estava preparado para jogar a ao chão em qualquer momento e tirar sua arma a primeiro sinal de perigo.

— Charity! Querida, me alegro de verte. — Nick ficou tenso quando Worontzoff se separou de um grupo formado por políticos, homens ricos e jornalistas que estavam ao fundo da estadia, para aproximar-se coxeando lentamente a Charity. Os homens e mulheres com quem tinha estado conversando o anfitrião estiraram o pescoço para ver quem podia ser mais importante que eles.

Nick tinha observado ao Worontzoff da caminhonete e tinha estudado centenas de fotografias. Estas não lhe faziam justiça.

Não era alto — Nick lhe tirava uma cabeça —, mas tinha uma presença impacte, magnética, que fazia que as cabeças se girassem e as conversações cessassem. Se não se tinham em conta suas mãos, podia inclusive considerar-se o um homem atraente, com um cabelo leonino loiro grisalho, olhos azul claro e altas maçãs do rosto eslavos.

Dirigiu-se diretamente para o Charity com seu estranho andar, ignorando todo aquele que tratava de chamar sua atenção enquanto cruzava a enorme sala.

Charity estava ruborizada de prazer, dado que era claramente o centro da atenção do grande homem. Escutou-se um murmúrio de curiosidade por saber quem era a mulher, e seguidamente Worontzoff esteve frente a ela, inclinando-se para depositar um leve beijo em sua bochecha.

Nick apertou os dentes, mas não podia fazer nada a respeito sem parecer um estúpido. Foi um beijo paternal, embora não havia nada de paternal na cara do Worontzoff quando se endireitou.

— Querida, está radiante! Mais formosa que alguma vez. O que estiveste fazendo?

Seu tom era casual, mas o olhar que lançou ao Nick era afiada como uma espada. Sabia perfeitamente o que a jovem tinha estado fazendo e por que estava radiante.

Charity se agarrou ao braço do Nick.

— Vassily, eu gostaria de te apresentar a meu amigo, Nicholas Ames.



Worontzoff sorriu olhando ao Nick fixamente aos olhos. Estes eram claros como o cristal e igual de frios.

— É um verdadeiro prazer lhe conhecer, Senhor Ames. Qualquer amigo de Charity é meu amigo, como está acostumado a dizer-se. Perdoe que não lhe estreite a mão. — Sustentou em alto uma de suas destroçadas mãos, sulcada de manchas vermelhas e cicatrizes —. Em uma ocasião tive... uma pequena briga com um guarda da prisão.

Não se preocupe, filho de cadela. Não te estreitaria a mão embora tivesse uma pistola me apontando à cabeça, pensou Nick.

Aquele pensamento poderia resultar perigoso. Estar encoberto significava acreditar a história de sua coberta com cada fibra de seu ser. Comia, bebia e dormia com isso.

Nicholas Ames, executivo nova-iorquino, sentir-se-ia absolutamente encantado de conhecer um homem famoso, a alguém que não conheceria normalmente. Os corredores de bolsa viviam a costa de seus contatos e este era um dos bons. Como mínimo, Nicholas Ames poderia gabar-se de ter conhecido a um candidato ao prêmio Nobel.

Nick tinha que voltar a meter-se imediatamente no personagem ou poria em perigo não só a si mesmo, mas também a Charity.

Respirou tal como o fazia quando disparava. Tomando prolongadas e relaxadas baforadas de ar, para assegurar-se de diminuir seu ritmo cardíaco e adotando uma expressão tão carente de emoção que parecesse que estivesse sozinho na habitação.

Assentiu com a cabeça ao tempo que olhava as mãos do Worontzoff.

— Não há problema, senhor. Estou encantado de lhe conhecer. Charity me falou muito de você.

Worontzoff se voltou para Charity.

— É assim, querida? — Colocou a pinça que tinha por mão sobre o antebraço feminino.

A Nick lhe arrepiou o pelo da nuca ao ver a expressão do rosto do Worontzoff ao olhar ao Charity.

O instinto do Nick — feroz, imediato, primitivo — lhe pedia que desviasse a atenção de Charity, do mesmo modo em que uma mãe lhas afasta a um caçador da guarida onde estão dormindo os filhotes de urso. Afasta o olhar dela, filho da puta! Olhe a mim!

— Sim. — Nick elevou a voz o suficiente para ser escutado. O suficiente para fazer que Worontzoff olhasse a ele de forma instintiva —. Disse que era como um pai para ela. É muito amável por sua parte me deixar vir esta noite, embora, se lhe for franco, não sei muito sobre música clássica. Deixarei que Charity me conte o que vai acontecendo.

Depois de dizer aquilo sorriu amplamente, atuando como um executivo desumano, interessado principalmente na mulher cuja cintura estreitava com firmeza.

— Sim, é obvio. — Worontzoff cravou o olhar na mão do Nick sobre a cintura de Charity, e logo a elevou até sua cara. Assentiu com gravidade, algo que não tivesse estado fora de contexto em uma corte imperial —. Bem, só fica lhes desejar que passem uma velada agradável. Espero que desfrute da música, senhor Ames. Charity.

Afastou-se como se tratasse de um imperador que lhes houvesse feito a honra de lhes



conceder uma audiência.

O plano tinha consistido em que Nick perambulasse pela casa. A palaciana mansão era muito antiga para que existissem planos dela. Tinham uma ideia geral do traçado, mas o trabalho do Nick era explorar tanto como o fora possível.

O traje fazia impossível levar uma câmara incorporada, mas levava uma integrada em seu relógio de pulso, que descarregaria as imagens na equipe da caminhonete enquanto Nick desenhava o primeiro andar a partir do que tivesse conseguido ver. Os mapas eram sua especialidade.

De modo que o que agora precisava era mover-se pelo lugar, entretanto, era resistente a deixar sozinha ao Charity. Encontrou um amplo grupo de homens e mulheres de aspecto aborrecido conversando sobre a política presidencial e a deixou com eles.

— Tenho que ir ao banheiro — lhe sussurrou ao ouvido —. Em seguida volto. Não se mova. Sorriu e assentiu em silêncio.

Nick examinou a cada um dos tipos que compunham o círculo, olhando-os aos olhos e lhes enviando uma mensagem subliminar —“cuidem dela”—, antes de dirigir-se ao fundo da habitação.

Dava-se bem explorar qualquer tipo de terreno. A grande oportunidade no caso do narcotraficante tinha sido quando penetrou em seu escritório pela décima vez e descobriu o ponto de embarque onde quase uma tonelada de cocaína ia ser trocada por dez mil rifles do exército, que essa mesma noite passariam às mãos dos rebeldes somalíos, com uma margem de benefício líquido do cem por cem.

A equipe de elite da Unidade tinha vigiado o intercâmbio, confiscado a cocaína e acabamento com os terroristas envolvidos.

Uma operação perfeita. O diretor da Agência podia dar-se por satisfeito.

Mover-se como um fantasma pela casa do Guillermo tinha resultado singelo. O narcotraficante tinha carecido quase por completo de autocontrole, e as noites que não estava até acima de tequila, ficava até as sobranças de seu próprio produto, assim como seus guardas.

Surpreendê-los tinha sido fácil.

Aquela situação era completamente diferente a atual, em que os guardas não tinham um só grama de cocaína no corpo. Estavam por toda parte, sóbrios e olho atento.

Nick logo que tinha cruzado a soleira da sala quando lhe aproximou um criado.

— Posso lhe ajudar, senhor? — perguntou-lhe com acento da Inglaterra.

Nick se balançou sobre os talões e se guardou as mãos nos bolsos enquanto sorria, certificando-se de que a esfera de seu relógio ficasse exposta e enfocasse ao homem.

— Sim. — Olhou a seu redor com admiração —. É uma casa enorme e há muitas obras de arte. — Sorriu de orelha a orelha como um bobo e se inclinou para diante, como se compartilhasse um segredo —: Procuro o banheiro, pode me indicar onde está?

Bem, já o tinha gravado. Se o gorila estava procurado em alguma parte do mundo livre, sua cara daria como resultado um nome.

O criado inclinou a cabeça com gravidade.

— Ao final do corredor, a última porta à direita, senhor.



— Bem — disse Nick animadamente. Poderia dar a volta à esquina e ver o que havia nas outras habitações. Avançou e se encontrou de frente a um homem de acerados olhos cinza escuro, impassível e imóvel.

Acabava de topar-se com um muro de tijolo e Nick não podia atravessá-lo sem desmascarar-se.

— Permita que lhe mostre o caminho, senhor. — O homem girou sem esperar uma resposta e começou a caminhar.

As coisas não podiam ir pior. Aqueles homens não permitiriam que ninguém perambulasse pela casa. Nem sequer um só segundo.

Talvez se tratasse tão somente de proteger-se contra um roubo, devido à enorme quantidade de obras de arte que continha a mansão. Aquele lugar fazia que a casa do juiz Prewitt parecesse uma favela brasileira.

Vasos antigos iluminados em vitrines, tapetes persas de seda magras como o papel, tapeçarias de seda, quadros do Monet e Picasso... Muito civilizado, em efeito. A residência de um homem erudito e com bom gosto. A classe de casa que não se podia comprar só com dinheiro.

Todo o lugar lhe provocava calafrios, uma sensação de desconforto tal, que por um segundo pensou que ia vomitar.

Cada objeto que via tinha sido comprado com incalculável sangue e sofrimento. Cada peça do mobiliário, as paredes repletas de livros e quadros, tudo o que ali havia era fruto do crime, comprado com o corpo de alguma vítima. Nick se sentia do mesmo modo em que o havia feito em casa do Guillermo: como se caminhasse sobre ossos humanos.

Sem levantar a cabeça, graças a sua visão periférica, viu diminutas câmaras de vigilância embutidas nas molduras do teto cada metro e meio. No banheiro viu outra, e se obrigou a urinar umas gotas.

Vagar pela casa era impossível, assim como colocar microfones. Só ia poder dar uma olhada ao grande saguão, ao banheiro e, supostamente, à sala onde teria lugar o concerto. Isso era tudo.

Quando Nick saiu do asseio, o tipo não se incomodou em fingir que não lhe estava esperando. Sem mediar palavra alguma, seguiu ao Nick até a estadia que ainda bulia de damas e cavalheiros da alta sociedade que desfrutavam da companhia de seu anfitrião e champanhe. Veuve Cliquot, nada menos.

Nick não podia permitir o luxo de tomar nem sequer meio copo. Não por razões de segurança — de fato, não beber nada em uma reunião semelhante chamaria a atenção e comprometeria a missão mais que dar o capricho —, mas sim porque quão ácidos se revolviam em seu estômago não lhe permitiam tomar nenhuma só gota do caro champanhe. Acabaria por vomitá-lo, e isso não seria digno de um agente secreto.

Nick apenas reconhecia seu próprio corpo. O perigo não fazia que perdesse o controle, não o fazia suar ou que lhe embrulhava o estômago. O perigo fazia que se centrasse, que se mostrasse impassível, frio e controlado, que tirasse suas melhores qualidades. Que fosse o homem de gelo que sempre tinha sido.

Mas, pela primeira vez em sua vida, estava fato um molho de nervos. Os sinais que percebia



do mundo exterior — guardas armados em qualquer parte, câmaras de vigilância —, não eram a causa. Esses sinais tão somente confirmavam que enfrentava a alguns perigosos criminosos. O que lhe tinha inquieto era intangível, uma incessante sensação de desassossego que resultava impossível ignorar, e que se relacionava com a presença de Charity naquele lugar.

Worontzoff tinha empregado o tempo que ele tinha estado ausente da sala para separar Charity dos outros convidados e levá-la a um canto afastado. Nick os viu imediatamente, nada mais cruzar a soleira.

A jovem estava de pé junto à parede com o Worontzoff, que estava de costas à multidão, isolando-a de todos. Charity não via a situação desse modo, mas sim lhe sorria enquanto conversava animadamente com sua bonita cara ruborizada por causa da emoção.

Sua linguagem corporal não indicava angústia em modo algum, mesmo se encontrando a escassos centímetros de distância de um monstro. Os monstros não tinham formado parte de sua vida até aquele momento e ela acreditava que Worontzoff era humano.

Não lhe sorriria se soubesse a metade das coisas das que aquele homem era capaz.

Worontzoff lhe pôs o braço sobre os ombros e o sorriso da jovem se fez mais ampla. Depois se inclinou para lhe sussurrar algo ao ouvido e a risada de Charity se elevou no ar, fazendo-se audível em toda a estadia.

Todas e cada uma das células do corpo do Nick se rebelaram. Teve que parar e tomar ar, pois o que desejava fazer era pôr-se a correr, romper o braço de Worontzoff, colocar Charity no ombro e sair dali como alma que leva o diabo.

Seu sexto sentido vibrava pela necessidade de tirar Charity dali. Sua mão foi a por uma arma que não podia utilizar enquanto a adrenalina fluía por seu corpo sem uma válvula de escapamento possível.

Pelo geral, seus pressentimentos eram bastante sutis; uma vaga sensação errática em vez de insistente. Mas não havia nada de sutil naquilo. Era uma alerta vermelha evidente, a sirene de um submarino soando implacavelmente justo antes de receber o impacto de um míssil.

Parte daquilo eram ciúmes, naturalmente. Duas horas antes, tinha deixado um atalho de beijos pelos ombros de Charity, justo onde agora descansava o braço do Worontzoff. Tinha beijado e sugado esse bonito peito que se apertava contra a jaqueta do traje do russo, com tanta frequência, que o sentia dele.

De modo que, sim, estava ciumento. Embora o ciúmes não fosse algo que houvesse sentido com antecedência, por isso demorou um segundo em reconhecer a sensação.

Odiava que outro homem a tocasse com suas mãos, que lhe fizesse rir, que invadisse seu espaço.

Mesmo assim, tratava-se de algo mais que ciúmes. Acompanhava-lhe um borbulhante terror subjacente, acusado e penetrante. Worontzoff estava obcecado com ela, com a mulher que poderia ter sido a reencarnação de sua Katya.

Mas era uma fantasia. Charity só se parecia com a Katya fisicamente. Era outra mulher completamente distinta, e no instante em que Worontzoff se desse conta ao fim de que sua Katya estava morta para sempre e que Charity jamais poderia ocupar seu lugar, tudo estalaria.



Quando Worontzoff se moveu para poder aproximar-se mais ao Charity, que estava de perfil ao Nick, este pôde ver com clareza o que antes ficava oculto.

Uma ereção. O muito bode tinha uma ereção. Esta ficava parcialmente dissimulada por sua jaqueta, mas era inconfundível. Por sorte, a jovem não reparava em nada enquanto sorria e conversava com o Worontzoff. Conhecendo-a, estaria falando sobre algum bom livro que tivesse lido, o concerto ou seu jardim. Não tinha ideia de nada.

A gente ingênua acabava morta em companhia de monstros, e o faziam de maneira terrível. A bonita cabeça de Charity estava cheia de literatura e música, de amor por seus tios e amabilidade para seus amigos. Ignorava por completo como era o mundo. Desconhecia que o homem com quem provavelmente estava discutindo a respeito de concertos poderia pendurá-la em um gancho de açougueiro, tal como havia feito com a mulher que atestou contra seu delegado no Belgrado, Milic.

Nick foi quem desprendeu à mulher do gancho e a baixou ao chão. O homem que dirigia a rede de prostituição respondia diretamente ante o Worontzoff.

Quando a loucura de Worontzoff se moderasse, quando finalmente se desse conta de que Charity não era seu amor perdido, a não ser uma pequena bibliotecária, sua vingança seria rápida e aterradora.

A imaginação fértil de Nick podia conjurar um bom número de horripilantes cenários. Pode ser que qualquer dia alguém desprendesse o corpo de Charity de um gancho de açougueiro.

A ideia lhe deixou louco e fez com que todo seu ser se estremecesse de terror, que seu coração se descontrolasse.

Ele não estaria ali para protegê-la. De um modo ou de outro, não demoraria a partir, deixando Charity aos lobos como se fosse um cordeiro.

Nick apertou os punhos e, durante um segundo, esqueceu-se de manter seu relógio de pulso em posição de gravar seus arredores. Observou Charity e desejou com toda sua alma que partisse. Que lhe desse as costas ao monstro e partisse.

Agora podia protegê-la. Revelar seu disfarce e pô-la em custódia preventiva até que tivessem encarcerado a esses bodes. Embora aquilo significasse lhe arrebatá-la para sempre sua vida, mereceria a pena. Uma vez que a imagem do corpo quebrado e sem vida de Charity floresceu em sua mente igual a uma planta venenosa, não pôde desfazer-se dela.

Deixe-lhe, ordenou-lhe Nick em silêncio do outro lado da habitação. Sai daqui. Foge, se aprecia algo em sua vida.

Como se pudesse pressentir o perigo, as costas do Worontzoff ficaram rígidas e virou a cabeça muito depressa para que Nick afastasse o olhar, ou apagasse a expressão de ódio de sua cara.

Seus olhares se cruzaram e sustentaram.

Nick pôde sentir a rajada de frieza do outro lado da sala e lhe encolheu o estômago quando Worontzoff se girou de novo para Charity sorrindo e lhe estendendo o braço. Da outra habitação chegou o som dos músicos afinando seus instrumentos. Worontzoff lançou um olhar a um de seus valentes, vestido como um criado, e escutou-se o tinido de uma campainha de metal.

— Damas e cavalheiros — disse Worontzoff elevando a voz —, o concerto começará dentro



de cinco minutos. Tenham a amabilidade de ocupar seus assentos.

Depois de dirigir um último olhar assassino ao Nick, aguardou a que Charity colocasse sua bonita mão sobre seu braço, e em seguida a escoltou até a sala de música.

Nick os seguiu chiando os dentes e com as mãos suarentas e trementes.

O concerto tinha sido delicioso. Cha se superou, fazendo que seu arco obrasse magia na habitação. O mundo tinha deixado de existir para Vassily, que sentiu como se estivesse sozinho com a Katya, escutando a sublime música, como nos velhos tempos.

Agora descansava em sua sala de estar. A enorme chaminé ardia, o fogo era capaz de diminuir o frio que nunca lhe abandonava. Vassily levantou sua taça de vodca e tomou um gole, deixando que a lembrança da música lhe percorresse, marcando o ritmo com a mão sobre o grosso brocado de seda do encosto do sofá.

Ah, dinheiro e poder. Não havia nada igual. Podia comprar tudo, incluindo o ressuscitar Katya de sua tumba.

Vassily agarrou sua paleta e apertou ligeiramente um botão na mesa que se encontrava a seu lado. Imediatamente, escutou-se uma suave chamada à porta e entrou Ilya.

— Veem, amigo meu — lhe apressou Vassily —. Sirva uma taça.

Ilya assim o fez. Preencheu-se a taça e depois se sentou na poltrona que estava junto ao sofá. Tomou a vodca de um gole e se serviu outra generosa taça. Vassily conhecia o consolo que o álcool proporcionava a seu amigo e empregado, e nunca lhe negava seu alívio. Ilya tinha muito que esquecer. Ambos o tinham.

Vassily sabia que seu amigo lhe compreendia.

— O que averiguaste esta noite? Uva respondeu sem demora.

— Nicholas Ames. Trinta e quatro anos. Retirado de uma corporação americana, Investimentos Orion. Conduz um Lexus com matrícula de Nova Iorque. É proprietário de um apartamento de cobertura em Manhattan, na avenida Lexington. Possui um patrimônio superior a dois milhões de dólares. Sem antecedentes criminais. É tudo o que tenho por agora.

Era suficiente. Bravo, Ilya!

— Necessito que se faça um trabalhinho — disse Vassily. Trabalhinho; Mokrie dê-a. Assassinato. A especialidade da KGB —. Mas que o faça alguém sem vínculos conosco.

Ilya assentiu.

— Alguém eficaz, que possa fazer que pareça um acidente. Quero que amanhã esteja feito. Seu amigo lhe olhou.

— Conheço alguém no Brooklyn que pode nos ajudar, Vor.

— Utiliza um intermediário — lhe ordenou Vassily com brutalidade —. Nada deve lhes conduzir até nós. Fica claro?

— Assim se fará, Vor. O homem que tenho em mente não é dos nossos. Trata-se de um capanga que trabalha por encomenda. Nada nos ligará ao incidente.

— Se assegure de conseguir o melhor. Agarra o que necessite da câmara couraçada. Dê-lhe ao intermediário dez por cento da soma final. Que todo se faça com limpeza.



Detrás de uma parede falsa no porão da mansão se encontrava uma câmara couraçada com vinte milhões de dólares em efetivo, divisas extraídas por valor de vários milhões mais e outros depósitos fantasma úteis para realizar trocas: drogas, diamantes, lingotes...

Vassily imaginava que utilizar um profissional experiente, que faria passar o assassinato do Nick como um acidente, custaria ao menos duzentos mil dólares, mas os vinte mil para o intermediário. Além disso, certificar-se-ia de que Ilya fosse generosamente recompensado com um extra, sem necessidade de dizer nada.

Aquilo era uma ninharia. Apenas o que suas empresas no Caribe produziam em uma manhã. Katya merecia isso e mais.

Katya.

Vassily olhou a chaminé, com o coração pulsando forte e rapidamente. Não pensava cometer o mesmo engano duas vezes. Esta vez se casaria com ela. Oxalá o houvesse feito antes. Tinha acreditado que teriam todo o tempo do mundo. Katya e ele tinham estado destinados ao êxito. Seu futuro só lhes proporcionava glória e fama na nova Rússia.

Em vez disso, o passado lhes tinha cravado suas garras, lhes afundando em um buraco cheio de víboras e monstros. Não tinha tido tempo de casar-se com Katya, mas esta vez, faria o correto.

Esta vez, não a perderia.

Esta vez, Katya seria dele. Para sempre.

Capítulo 15

Sexta-feira

25 de novembro

— E bem? O que fazemos aqui, Nick? E por que não podia ir hoje a trabalhar?

Charity olhou com preocupação seu amante. Nick tinha linhas de tensão marcadas em torno da boca, os maxilares apertados e suas mãos grandes se aferravam ao volante com tal força que os nódulos haviam ficado brancos. Parecia sério e tenso, como se tivesse conhecimento de notícias nefastas, a Charity não lhe ocorria quais pudessem ser.

Só lhe olhar fez que também ficasse tensa.

Nick se tinha mostrado enigmático e distante toda a manhã, embora frenético com algum plano secreto. Misterioso e acelerado. Tinha insistido em que colocasse seu vestido mais bonito e que ligasse para seus chefes dizendo que estava doente. Ele a tinha pressionado, e normalmente Charity cedeu, mas fingir estar doente era passou do limite. Aquilo era desonesto, e sentia-se mal por mentir, embora desejasse fazê-lo, que não era o caso.

Entretanto, deviam-lhe dias de férias, de modo que cedeu ao Nick e ligou à senhora Lambert para lhe perguntar se podia substituí-la.

Estavam estacionados perto do Adams Square, no estacionamento dos tribunais,



esperando... algo. Charity não tinha ideia do que nem por que.

A noite anterior Nick lhe havia feito o amor de forma... intensa. Selvagem, de fato. Tinha-a miserável em um território desconhecido, a um lugar onde logo que podia reconhecer-se a si mesmo. Movia-se no assento do carro, podia senti-lo ainda dentro dela.

Parecia que houvesse feito seu cada centímetro de seu corpo na noite passada. Ainda podia ver seu formoso rosto sobre ela, uma mecha de cabelo preto caindo sobre sua testa, seus preciosos olhos azuis olhando fixamente aos seus. Seu olhar não se separou do seu um só momento enquanto a penetrava uma e outra vez, reclamando a de todas as formas possíveis.

Charity havia se sentido tão em sintonia com ele, que sabia o que Nick queria dela antes que o dissesse. Durante toda a noite, moveram-se juntos quase como um só ser. Como uma nova criatura, uma fusão de dois corpos. Só tinha ficado adormecida em seus braços pouco depois do amanhecer e se sentiu horrorizada quando despertou às nove. A biblioteca abria às nove e meia.

Antes de poder saltar da cama, Nick a tinha estreitado em seus braços, dado a volta e penetrado com um único e fluido movimento. Fizeram amor tantas vezes ao longo da noite que ainda estava úmida. Segurando-a com seu peso, Nick tinha negado a mover-se até que lhe prometeu que não iria trabalhar e que partiria com ele para que lhe desse uma surpresa. Não conseguiu que ele se movesse por muito que se retorceu. Resultou tão frustrante, que ao final aceitou e ele começou a mover os quadris com os olhos brilhantes. Nick se pôs a rir quando ela se correu imediatamente.

Mas o Nick risonho tinha desaparecido, e um Nick sério tinha ocupado seu lugar. Tinha guardado um completo silêncio no caminho à cidade, e agora estava ali, sentado no assento do condutor, sustentando o volante como se sua vida dependesse disso e olhando em silêncio pelo guichê.

O que poderia estar olhando? O céu tinha uma cor cinza chumbo, estava tão nublado que mais parecia noite que a última hora da manhã, conferindo uma luz apagada a tudo. À esquerda, perdida na névoa, encontrava-se o equivalente à Quinta Avenida no Parker's Ridge. Reverei Street, três macieiras de lojas à moda antiga, sem uma boutique à vista. À direita estava Kingsbury Square, onde a neve fazia que os rododendros parecessem enormes nuvens de algodão branco rosado. Diante se encontrava a parede cinza dos novos tribunais, uma monstruosidade construída em 1960 que todos odiavam.

Deveria contar ao Nick a história da campanha lançada para fazer que o derrubassem? Normalmente adorava suas histórias sobre o Parker's Ridge, como se ela fosse uma antropóloga que contasse exóticas histórias da vida em uma tribo de um país remoto.

Não, possivelmente nesses momentos não estivesse de humor para as histórias sobre o Parker's Ridge. Não quando tinha os músculos da mandíbula tão apertados que era um milagre que não se partiu um dente.

Uma das muitas coisas que tinha tido lugar a noite anterior, e que a tinha mudado para sempre, era que Charity tinha sintonizado por completo com Nick e seu humor. O sexo apaixonado, o cegador agradar, seu corpo dentro do seu durante horas, tinham-na transformado. Era sensível a cada fôlego que ele tomava, a cada movimento que fazia.



Justo nesse momento sabia que se apoderado de uma forte emoção. Até as moléculas do ar do carro vibravam. Nick irradiava algo e Charity não conseguia saber o que era. Ira? Não, não era isso. Tristeza? Não de tudo. Fosse o que fosse, estava-lhe perturbando profundamente.

As fortes mãos relaxaram e apertaram uma vez mais ao redor do volante, como se estivesse preparando para algo.

Charity repetiu sua pergunta.

— O que é tão importante para que não possa ir trabalhar esta manhã? E mais vale que seja bom, porque não faltei nem um só dia ao trabalho em toda minha vida.

Os músculos de sua mandíbula se contraíram com força quando girou para ela, com o rosto sério.

— Charity, eu... — deteve-se.

Era a primeira vez que a jovem o via perdido. Que estranho; seu cortês e eloquente Nick não dava com as palavras.

E então lhe ocorreu, como se fosse uma pontada no coração, seguido por um calafrio que a fez tiritar.

É obvio. Charity, que estúpida é, disse-se a si mesmo. Como demônios lhe tinham acontecido os sinais? Qualquer mulher com algo mais de experiência que ela em iniciar e pôr fim a aventuras se teria dado perfeita conta em seguida. Iria pagar um elevado preço por ser tão ignorante nessas batalhas.

O coração deu um violento tombo no peito. Estava segura de que o homem que amava ia partir e não sabia como dizer-lhe.

Nick era um cavalheiro. Não era de estranhar que não desejasse que fosse trabalhar. Não tinha querido lhe dizer adeus nas escadas da biblioteca. Talvez queira levá-la para comer, lhe comunicar as notícias com suavidade, e agora resultava difícil fazê-lo. Provavelmente mais difícil do que tinha previsto.

Do mesmo modo que ela encontrava difícil respirar. Algo grande e pesado lhe pressionava o peito. Teve que tragar-se como pôde a pena que lhe ardia à garganta.

Sempre tinha sido consciente de que partiria. Era inevitável. Inclusive tinha se preparado para mostrar-se estoica quando chegasse o momento. O que acontecia era que não esperava que o momento chegasse tão... cedo.

Tinha aparecido em sua vida fazia uma semana e estavam vivendo virtualmente juntos após. O sexo incrivelmente intenso tinha precipitado as coisas em seu coração, mas o assombroso prazer físico tinha vindo acompanhado de uma série de pequenas coisas que lhe haviam feito apaixonar-se por ele. Uma espécie de firmeza, uma... uma classe de varonil quietude interior que tão somente tinha associado com seu pai e seu tio, dois homens de épocas distintas, nunca com um homem jovem e viril. Um homem sem a necessidade de impressionar, nem de fazer de menos a outros. Possuidor de uma bondade desinteressada, que ele nem sequer reconhecia como tal, mas sim Charity. Uma conduta masculina ligado à antiga que adorava.

Embora chegasse a cumprir os cem anos, jamais esqueceria lhe ver surgir de entre a neve com sua tia nos braços, e a forma afetuosa em que se ocupou de seu tio, certificando-se em



silêncio de que a casa contasse com um alarme sem perturbar ao ancião. Poucos homens tinham sido capazes de algo assim.

Segundo sua experiência, os homens de hoje em dia não faziam nada semelhante. As responsabilidades lhes repeliam, não lhes atraíam.

É obvio, também estava seu aspecto. Uma beleza inteiramente masculina com a que jamais tinha tido o prazer de encontrar-se antes. Charity era tão suscetível como qualquer mulher à beleza. Sempre recordaria o incrível prazer de lhe tocar por toda parte, de percorrer com a mão esses maçãs do rosto perfeitos, de riscar o formoso perfil de sua boca, o forte contorno de sua mandíbula. Aqueles tinham sido momentos de perfeição, gravados para sempre em seu coração, que desapareceriam tão somente quando fechasse os olhos pela última vez.

Possivelmente tivesse sido consciente de que não duraria, de que não “poderia” durar, mas embora o dito conhecimento tivesse estado no mais recôndito de sua mente em todo momento, como nuvens escuras no horizonte, tinha sido muito fácil esquecer. Esquecer que aquilo era algo passageiro.

Para ela não era. Apaixonou-se rápida, intensa e profundamente. E isso era tudo.

Tinha demorado vinte e oito anos em encontrar o amor, e nem pelo mais remoto lhe ocorria que aquilo acontecesse duas vezes. Não voltaria a encontrá-lo de novo em toda sua vida.

Aquela era a maldição dos Prewitt. Que soubesse, em trezentos anos de história da família Prewitt, jamais ocorreu um divórcio. Os Prewitt eram como os lobos. Casavam-se uma vez e para toda a vida. Aquilo era bom, a menos que tivesse vinte e oito anos, enviuvasse e passasse os próximos setenta chorando a seu marido, como havia feito seu tataratataravô.

Nick retomaria sua vida em Manhattan, a qual era sem dúvida excitante, vertiginosa, repleta de pessoas e coisas fascinantes, e ela ficaria ali, atendendo a seus tios e trabalhando na biblioteca, envelhecendo ano após ano, com apenas as lembranças daquela extraordinária semana para mantê-la como algo semelhante à vida.

Por dentro se sentia tão cinza e deprimente como o tempo. Mas era uma Prewitt. E, como mínimo, os Prewitt tinham orgulho. Nick não lhe tinha feito promessas e não tinha direito às esperar. Enfrentaria o final da aventura com dignidade. Já teria tempo para chorar.

O resto de sua vida, de fato.

E por isso, ao voltar-se para ele, fê-lo com um acolhedor sorriso que ocultava à sua perfeição destruído coração.

— Seja o que for que o preocupa, Nick, pode me contar isso sou crescidinha, posso suportá-lo.

O empalideceu: A saudável cor de suas bochechas desapareceu. A coisa não pintava nada bem. Nick sabia o muito que ia ferir a e isso lhe doía.

O estômago se encolheu por causa do desespero, a jovem se obrigou a manter o sorriso. Dignidade. Era o único que ficava. Armou-se dela, esforçando-se em que não lhe tremessem as mãos, em lhe olhar aos olhos, em respirar apesar do nó que sentia no peito.

Nick inspirou brusca e profundamente e a jovem logo que obteve não estremecer quando ele abriu a boca. — Charity... tenho que te dizer uma coisa. Ela assentiu com gravidade.



— Sim, Nick?

— Charity, quer...?

Acaso ia pedir lhe um favor antes de partir? Bom, fosse o que fosse, tão somente havia uma resposta possível. “Sim”. Nick tinha entrado em sua vida, tinha-a seduzido, e agora partiria, mas não trocaria nem um só segundo da última semana. Tinha vivido com maior intensidade, sentido mais profundamente nos últimos sete dias que em toda sua vida. Tinha-lhe dado amor. Embora só tivesse sido durante uma semana, era mais do que muita gente tinha. Dar-lhe-ia algo que estivesse em sua mão se ele o pedia.

Nick girou a cabeça, olhou-a aos olhos e contraiu de novo os músculos de sua mandíbula. Desprendia uma vibrante energia que Charity entendia, por discordante e completamente alheia a sua natureza que fora.

Outra brusca inspiração e tudo saiu de repente.

— Charity Prewitt, quer se casar comigo?

Isso foi quão único ao Nick lhe ocorreu para mantê-la a salvo. Ou tão a salvo como estivesse em sua mão.

A entrada à guarida do Worontzoff tinha mudado as coisas. De algum modo tinha perturbado um lago que era mais profundo do que acreditava, com monstros morando no fundo. Tinha esperado entrar, realizar um reconhecimento e partir depois. Nada que não houvesse feito antes centenas de vezes. Depois de tudo, estava habituado, era seu trabalho.

Mas algo ia muito mal e não sabia de que se tratava exatamente.

Quão único sabia era que aquilo implicava a Charity, e isso lhe assustava como nenhuma outra coisa. A ele, um homem que não se assustava facilmente.

Trazia-lhe sem cuidado a sensação de perigo que lhe invadia. Tinha escolhido um caminho arriscado na vida e seu sexto sentido lhe salvou a vida em mais ocasiões do que podia contar. Era uma ferramenta que utilizava frequentemente e que mantinha risca e a ponto.

Worontzoff e seus coroinhas eram homens perigosos, e estava tão preparado como era possível está-lo para tratar com homens assim, em alerta as vinte e quatro horas do dia, sete dias à semana. Contava com as ferramentas, a destreza, o treinamento e a vontade para devolver o golpe. Mas não estava preparado para enfrentar à ameaça que pesava sobre o Charity.

A expressão do Worontzoff, o contato possessivo de seu braço, o frio olhar que lhe tinha lançado a Nick, essa maldita ereção... Era evidente que, em sua cabeça, Worontzoff acreditava que Charity era dele. Estava convencido de que Charity era Katya reencarnada.

Que a presença de Nick fizesse com que Worontzoff se mostrasse sem máscaras e reclamasse Charity fazia com que resultasse mais arrepiante ainda. A presença do Nick tinha desatado algo frio e maligno que se abateria sobre Charity e a deixaria esmagada e quebrada.

A noite anterior havia feito amor como se pudesse proteger seu corpo dentro do dele, fazê-la parte de sua carne. Como se com apenas fodê-la com força suficiente, ela estivesse a salvo para sempre. Mas, naturalmente, não podia fazê-lo, e a manhã chegou, trazendo consigo não só uma análise cristalina da situação, mas também uma aguda e persistente sensação em seus ossos de que algo ia acontecer logo. De que alguém ia morrer.



A casa do Worontzoff irradiava um aura de maldade, mesmo com toda gente elegante, às deliciosas obras de arte e a deliciosa música. Tudo aquilo, a beleza e a cultura, careciam de importância. A fria mão da morte fechava seus gélidos dedos ao redor daquela mansão.

Antes que pudesse falar, Nick podia reconhecer a maldade, e naquele lugar a sensação tinha sido incrivelmente intensa. Nick tinha pressentido sua própria morte, ou, ao menos, a possibilidade. Já o tinha pressentido antes, mas aquela era, sem sombra de dúvidas, a sensação de morte mais potente que jamais havia sentido. A vaga impressão de que morreria jovem se intensificou. Pela primeira vez em sua vida, Nick tinha medo de morrer. Terror, inclusive. Se ele falecesse, Charity estaria sozinha. Tinha passado o suficiente tempo com ela para saber que estava desprotegida nos aspectos mais importantes. Deus, nem sequer sua casa estava protegida. Estaria por completo indefesa ante o Worontzoff quando este se voltasse em seu contrário, tal e como indevidamente aconteceria. Sua família era um casal de frágeis anciões que confiavam em que ela lhes ajudasse. Se ele não estivesse a seu lado, a jovem pereceria. Não possuía as ferramentas mentais necessárias para pressentir o perigo e defender-se.

Charity era pura luz; bondade e amabilidade, as mesmas virtudes que eram as primeiras a desaparecer quando a maldade emergia das sombras. Os tipos como Worontzoff se centravam em pessoas como Charity, com o desejo de apagá-las da face da terra. Porque podiam fazê-lo, porque todas as Charity deste mundo representavam algo que eles jamais poderiam ter nem controlar.

Nunca poderiam comprar a Charity; morreria antes, e isso era o que aterrorizava ao Nick.

Aquela sensação de perigo iminente que sentia lhe produzia náuseas. Passou toda a manhã esforçando-se em solucionar o problema.

De agora em diante, estaria a seu lado. Enquanto vivesse, ninguém a tocaria. Mas e se ele morresse? Como poderia mantê-la a salvo se lhe matassem? Como protegê-la inclusive da tumba? Aquilo não deixava de rondar por sua cabeça; um dilema com afiadas arestas que cortavam e faziam sangrar.

Na noite passada a havia fodido como um possesso durante horas, quando finalmente parou era porque ela estava exausta, continuou sem poder conciliar o sono. Nem sequer pôde dormir.

Nas primeiras horas da manhã as tinha passado de barriga para cima, olhando com os olhos bem abertos as sombras do teto, com Charity aconchegada a seu lado e sua cabeça apoiada em seu ombro. Não podia ouvi-la respirar e teve um ataque de pânico por não ter sentido sua caixa torácica elevar-se e descender lentamente.

A linha que separava a vida da morte era muito fina. Tinha visto cruzá-la uma infinidade de homens e mulheres. Em batalha, essa fronteira era cruzada em um milésimo de segundo. Em um momento estava cheio de vida, e ao seguinte foi cadáver.

Charity estava cruzando um campo de minas, sem ninguém que olhasse por ela. Poderia cruzar essa linha entre a vida e a morte em um instante.

Nick não suportava sequer pensar nisso. Sua cabeça não cessou de dar voltas toda a noite enquanto repassava cenários improváveis em sua mente.

E então, como se o céu passasse da negrume à cor quadro-negro e mais tarde ao cinza



prata, lhe ocorreu uma solução. Havia um modo de mantê-la a salvo inclusive se ele morresse. Algo que a protegeria sem importar o que lhe passasse.

Casar-se com ela.

Ou mas bem, seria Nicholas Ames quem se casaria com ela. Carecia de importância que esse homem não existisse. O importante era que um membro da Unidade, um agente federal, casou-se com ela.

Aquilo violava todas as regras existentes, era inclusive ilegal, pois Nick estaria utilizando uma identidade falsa. Não tinha conhecimento de nada semelhante, nem na Unidade nem em nenhuma agência governamental. Um agente secreto fazia uso da sedução, mentia, enganava e matava. Mas não se casava, não enquanto estivesse incógnito.

O escândalo chegaria até as altas esferas. Se continuasse com vida, impor-lhe-ia um castigo severo, seus companheiros rechaçariam trabalhar com ele e provavelmente teria que retirar-se com desonra, mas... funcionaria. OH, sim que o faria.

No caso de ser liquidado, a Unidade e todos seus recursos, seus companheiros de equipe, inclusive seu chefe, protegeriam Charity. Assim que anunciasse o casamento, assegurar-se-ia de que eles o compreendessem.

Charity lhe olhava fixamente com seus claros olhos cinza abertos como pratos.

— Eu... — esclareceu-se garganta —. Perdão? O que disse? Sua estupefação fez que um sorriso aparecesse na cara de Nick, provocando nele uma vivacidade que não tinha sentido em toda a manhã. O caminho que se estendia à frente estava cheio de escuridão e armadilhas, mas talvez existisse um atalho para atravessar, se é que conseguia chegar a ele.

Nick tomou a mão esquerda e lhe tirou com delicadeza a luva de menina que levava. Sua pele era suave, cálida. A levou a boca e beijou os dedos, contemplando seus olhos, escolhendo as palavras com cuidado.

— Sei que parece uma loucura, carinho. Só faz uma semana que nos conhecemos. Mas foi uma... semana muito intensa. Jamais senti por ninguém o que sinto por ti, e isso não vai mudar. Em meu trabalho, vejo-me obrigado a tomar decisões rápidas e, até agora, todas foram boas. Esta é e o tempo não vai mudá-la. Não quero esperar. Quero e desejo passar o resto de minha vida contigo.

O que restava, em qualquer caso.

Nick a observou com atenção. Sua mão ficou relaxada na sua e, em seguida, ficou rígida. Em que Charity estava pensando?

— nos casar — sussurrou, procurando em seus olhos.

Também lhe parecia uma loucura. Mas tinha que convencê-la. Agora que tinha esboçado um plano, estava impaciente por pô-lo em prática.

Nick assentiu.

— nos casar. Agora.

A mão que Charity mantinha entre as suas tremeu.

— Agora? Quer dizer... agora mesmo? — Dirigi o olhar para a parede cinza dos tribunais —. Entrar simplesmente... e nos casar?



— Sim. Agora mesmo. — Desejou que já o tivessem feito e lhe beijou de novo a mão —. Não estou seguro, mas pode ser que tenha que me ausentar devido aos negócios na próxima semana, e talvez não volte em um... tempo. — Na semana seguinte poderia estar morto —. Quando voltar quero saber que é minha. Para sempre. — E que esteja viva, adicionou para si —. Tenho trinta e quatro anos e me conheço. Sei que o que sinto é real e que é para sempre. — Fez uma pausa —. Ao menos o é para mim. Espero que sinta o mesmo.

— Sim — disse sem mais, e o coração do Nick se disparou. Sua adorável Charity. Que típico dela. Sem paquera, sem ir-se pelos ramos, sem jogos—. Sim, sinto o mesmo. Isto é real e para sempre.

— Exatamente. — Estava exultante por dentro. Iria funcionar! Não podia pensar no momento em que tivesse que partir. Nesse instante, estava concentrado em introduzi-la no abraço protetor da Unidade—. Poderíamos ter um longo noivado, sair durante seis meses, um ano, e nada mudaria, exceto que teríamos um ano a mais. Seguiria sentindo o mesmo, e espero que você também.

Ela assentiu sem afastar os olhos dos seus.

— Meu trabalho como agente da bolsa consiste basicamente em compreender quando é o momento adequado para fazer o adequado. Tenho instinto para isso. E meu instinto me diz que isto é o correto. Agora mesmo.

— Nick — sussurrou com expressão preocupada, retirando lentamente a mão —. Deve compreender que não posso me mudar a Manhattan, por muito que queira. Seria emocionante, e não posso te ocultar que eu adoro a ideia, mas tenho responsabilidades aqui. Sinto muito. Não sei se posso aceitá-lo.

O coração do Nick se encolheu e por um segundo foi incapaz de falar.

A amava. Sabia disso, ou do contrário jamais lhe ocorreria àquela louca ideia e nunca teria sentido esperança de que funcionasse. Apreciava-se a forma em que lhe olhava, em como lhe tocava, em como fodia com ele. Não... em que fazia o amor com ele.

Que Charity estivesse disposta a renunciar a casar-se com o homem que amava para cuidar de seus tios dizia muito de seu caráter.

— Não é necessário que nos mudemos para Nova Iorque — disse com ternura — daqui posso levar a cabo a maior parte de meu trabalho graças à internet. Só realizarei viagens curtas de vez em quando.

Nick viu a sorte, ingênua e devastadora, iluminar seu rosto com cada uma de suas palavras. Aquilo lhe fez mais consciente do que deixaria para trás depois de sua partida. Romper-lhe-ia o coração.

Mas, embora se sentisse triste quando ele desaparecesse, desolada e devastada de dor, estaria viva, e nada mais importava. Nenhuma pessoa morria por ter o coração rompido. As pessoas morriam quando seu coração era atravessado com um gancho de açougueiro.

Nick era um tipo duro. Os tipos duros tomavam decisões difíceis. E ele tinha tomado a sua.

— Veem comigo — murmurou, elevando uma mão para lhe colocar um cacho detrás da orelha e assinalando através do para-brisa a grande porta se localizada na parede cinza que



tinham diante —, ali dentro. Em uma hora podemos estar casados. E dado que vamos fazê-lo de um modo nada convencional, depois podemos ir comprar os anéis. Logo, talvez a semana que vem ou quando o tempo se esclareça, poderíamos dar uma pequena festa para seus colegas e amigos. Estava pensando em Di Emilio'S. Você gostaria, verdade?

Ela assentiu, sorrindo.

— Sim, eu gostaria.

— Sempre e quando permitirem que eu seja quem pague — adicionou enquanto lhe acariciava a cara e lhe dava um beijo rápido. Tinha uma pele tão suave... Quente e viva —. Tenho que me ocupar de umas coisas esta tarde, mas retornarei as cinco, as seis, como muito tarde. E logo desfrutaremos de nossa noite de núpcias. — ficou duro só de pensar nisso.

A ideia de que essa noite poderia estar fazendo amor com a sua esposa o assaltou como um murro no estômago sua esposa. Umas palavras que jamais pensou que diria. Nem sequer em sua cabeça.

Embora o casamento durasse tão somente uma ou duas semanas, e ele desaparecesse depois para sempre, ficaria isso. Mais do que nunca acreditou que teria.

Nick assinalou com a cabeça para as grandes leva de aço que conduziam aos Tribunais.

— O que me diz, carinho? Casamos-nos?

Ela se manteve em silêncio, limitando-se a olhá-lo. O rosto de Charity era como um livro aberto e Nick sempre sabia o que estava pensando. Todas suas emoções eram visíveis, mesmo agora, momento em que não podia ler nada absolutamente.

De repente se deu conta de que Charity ainda não havia dito que sim.

O suor aflorou ao longo de suas costas e sob seus braços. Merda! Não lhe tinha ocorrido pensar que poderia dizer que não. Que demônios ia fazer se lhe rechaçasse?

A única outra opção seria pô-la em custódia preventiva. Encarcerá-la, a todos os efeitos. E Por Deus que o faria. Por-lhe-ia as algemas se via obrigado a fazê-lo. Prendê-la-ia, embora ficasse a dar patadas e a gritar, e a manteria a salvo até que todo esse lamentável assunto estivesse solucionado.

— E bem? — grunhiu.

Nick podia sentir como se esticavam seus músculos. O grave e persistente ronronar do perigo iminente na parte posterior de sua cabeça aumentou um tanto. Se Charity dissesse que não, iria retirá-la daquele lugar nesse instante. Ao inferno com o Worontzoff. Já as arrumaria para lhe apanhar por seus próprios meios. Se não o fizesse, Nick ficaria louco de preocupação por ela e comprometeria a missão, assim, o único modo de poder continuar com aquilo seria retê-la e levá-la imediatamente a Birmingham. Encerrá-la-ia em uma casa segura, sob vigilância as vinte e quatro horas do dia. O problema era que, pelo geral, as casas seguras eram sujas e sórdidas. Tinha estado em mais de uma que tinha baratas, e qualquer que estivesse sob vigilância em uma casa segura sobrevivia à base de pizza e cerveja rançosas. Vigiar um lugar assim era o trabalho mais tedioso imaginável e o único modo de que os homens o aguentassem era deixar que se relaxassem. Ao final de um dia, qualquer casa franco do mundo parecia e cheirava como um quarto bagunçado e o coeficiente intelectual dos homens que a custodiavam descendia em vinte pontos.



Charity o detestaria, acostumada como estava a um bonito entorno, quartos perfumados, flores recém cortadas em vasos e à fruta e as verduras frescas. Odiaria estar em uma casa segura, sem dispor de privacidade, sem estar rodeadas de suas coisas, vigiada por algum guarda sem maneiras nem consideração.

— E bem? — disse de novo. Tratou de manter um tom de voz suave, tal como faria Nicholas Ames, pedindo a mulher da que se apaixonou que se casasse com ele. Não como Nick Ireland, disposto a sequestra-la se dizia que não —. O que me responde?

Charity sorriu de improviso, com os olhos brilhantes.

— Sim — murmurou —. OH, sim!

Capítulo 16

Tudo ocorreu de forma rápida e fácil.

Ninguém, além deles, desejava casar-se em um escuro e gélido dia de inverno, de modo que, depois de preencher os formulários e apresentar os cartões de identificação, o empregado lhes preparou a passar a uma ampla sala com uma plataforma ao fundo.

A estadia estava repleta de restos de casamentos passados. Grandes vasos de flores murchas flanqueavam a plataforma e formavam um pequeno recebimento de honra a cada lado do corredor. Das janelas pendiam brancos laços de cetim e o aroma de velas aromáticas persistia ainda em pequenas bolsinhas perfumadas. As cadeiras vazias equivaliam a fantasmas na habitação.

Junto à plataforma, uma risonha mulher e um homem de cabelo grisalho observavam com benevolência a Nick e a Charity percorrerem o corredor da mão.

Meia hora mais tarde, saíram como marido e mulher.

Ou mas bem, Nicholas Ames saiu como um homem casado. Nick Ireland era ainda... O que? Solteiro? Legalmente, sim, continuava solteiro. Mas já não se “sentia” um homem solteiro, não quando levava a uma radiante Charity do braço, que respondia alegremente a seu novo sobrenome: Ames.

Era como se arrancasse as pétalas de uma margarida: casado; solteiro; casado; solteiro...

Todo o assunto do casamento era uma farsa, naturalmente. Era um homem que não existia, realizando o juramento de ser fiel até a morte. Que absurdo. Nem sequer acreditava no casamento. Nada em sua vida passada lhe havia feito acreditar que o casamento fora outra coisa que um modo legal de foder. Um modo estúpido e caro, quando existiam tantos outros modos de dar umazinha.

A maioria de seus companheiros do Delta Forcei estavam divorciados. Em várias ocasiões, além disso, o qual demonstrava que até os homens mais inteligentes do planeta podiam deixar-se levar por seus membros. Durante um tempo, ao menos.

E na Unidade... poucos conseguiam manter uma noiva, e muito menos esposa. Um



compromisso em longo prazo durava vinte minutos. Não levavam um estilo de vida propício que servisse de base para as relações. Aquilo não era algo que lhe tivesse preocupado, até agora. O casamento era para os civis.

E entretanto... e entretanto...

Quando o homem do cabelo grisalho leu em alto a passagem da Bíblia em que se falava de ser fiéis o um ao outro, fazendo-os depois repetir os votos de cuidar-se mutuamente na saúde e na enfermidade, e declarando-os a seguir marido e mulher... Quando Charity elevou seu semblante radiante para lhe beijar... Quando um maldito raio de sol se filtrou inesperadamente através do céu cinza para cair a seus pés como se de uma condenada sinal do Céu se tratasse... Tinha havido um momento ali dentro...

Então, justo então, tudo pareceu... real. Durante um instante pôde acreditar que realmente era Nicholas Ames, empresário, casando-se com uma mulher maravilhosa, até que a morte lhes separasse. Viveriam em uma formosa casa que encheriam de meninos.

Todos os invernos passariam uma semana de férias em Aruba. Plantariam rosas, fundariam uma adega e comprariam um maldito cão.

Era como uma encruzilhada no caminho e ao longe podia ver aonde lhe levaria essa estrada: converter-se-ia em um homem de família, em um pilar da comunidade que cortaria a grama os sábados, treinaria nas ligas menores. Pai; marido; vizinho...

Não.

Nick não tinha nascido para levar essa vida. O que sabia ele das famílias? Nada. Sua mãe o tinha abandonado em um orfanato e provavelmente nem sequer sabia quem era seu pai. Por suas veias corria sangue renegado. E sua educação, bom... Charity não devia inteirar-se jamais de como tinha sido sua infância. O que tinha feito, o que tinha visto. Afastar-se-ia, assustada. Qualquer mulher o faria. E o que ele era sairia à luz cedo ou tarde. Ninguém podia representar um papel por toda a vida. De modo que um casamento real não estava em seu destino, jamais.

Mas, apesar de tudo, tão somente por um minuto, ali dentro...

Depois, levou-a a única joalheria que havia no Parker's Ridge. Não passaria essa fatura à Unidade, isso era assunto dele. Que demônios, agora tinha um milhão de dólares, não? Podia permitir comprar um par de anéis.

A loja não contava com um grande sortido e estava a ponto de decidir-se por uma singela e corrente aliança de bodas de talhe extragrande e uma com um diamante para Charity, quando os viu.

Um par de anéis claddagh, dentro de uma caixa de veludo debaixo da vitrine. Uma larga banda grande de ouro com o claddagh gravado para ele, e o símbolo em um anel de ouro para o Charity.

O claddagh, o símbolo celta do amor verdadeiro, a única lembrança que tinha de sua mãe.

A noite de vinte e um de dezembro de 1975, o guarda do orfanato escutou soar uma campainha. Esta soava tão somente umas poucas vezes ao ano e era o sensor do único guichê para bebês da América daquela época. Agora havia 150, fundadas em sua maioria pelo Jake.

O guichê consistia em uma pequena cama quente de bebê, e era o motivo de que Nick



tivesse sobrevivido a aquela noite, a mais fria do inverno de 1975. Tinham-lhe colocado em uma terrina de plástico barato, envolto em uma manta roubada de um refúgio para vagabundos do centro da cidade. Os médicos escreveram em seu relatório que, segundo sua estimativa, contava com três ou quatro dias de vida e que tinha sido amamentado esporadicamente. O único objeto que havia na terrina era uma pequena bagatela, como as que se vendiam por milhões na Irlanda. Um medalhão claddagh.

Nick levava esse medalhão em seu bolso.

— Carinho — disse —, veem aqui.

Charity deixou o anel que tinha estado olhando e se aproximou dele. Nick tomou o anel menor, feito para uma mulher, e o colocou na palma da mão.

— Sabe o que é?

Charity o agarrou, dando-lhe a volta. Duas estilizadas mãos seguravam um coração rematado com uma coroa.

— Não, mas é muito bonito. Embora seja um desenho pouco corrente. — Levantou o olhar e franziu o cenho —. O que é?

— Um claddagh, um antigo símbolo celta. Olhe, vê as mãos que sustentam o coração?

Charity assentiu.

— E o que é isso que há em cima?

— Uma coroa. — Nick sorriu de maneira enigmática—. Vai ficar encantada com a história que há por trás.

O joalheiro se retirou de forma discreta a um lado da loja para lhes conceder privacidade. O vento provocou que uma rajada de água e neve que impactou contra a grande janela, fazendo-a vibrar, o que significava que se tratava de um magro painel de cristal solto de seu marco.

Incrível. Ali havia uma fortuna em ouro e diamantes e qualquer um podia quebrar a janela de um murro e roubar-lhe. O que acontecia com essa gente?

Sem parar para refletir, situou seu corpo de modo que ficasse entre a cristaleira e Charity.

Colocou os dois anéis sobre a palma de sua mão, estendeu-a para ela e contou a história do claddagh. Uma delas, pois havia dúzias. Escolheu a que acreditou que Charity mais gostaria.

— Faz muitos, muitos anos, no Galway, Irlanda, um homem chamado Richard Joyce deixou à mulher que amava para partir para as Índias Orientais em busca de fortuna. Prometeu-lhe que retornaria sendo um homem rico e se casaria com ela. Mas foi sequestrado por uns piratas e levado a Argélia, onde se converteu em escravo do ourives mais célebre do Mediterrâneo. Joyce era um jovem empreendedor e o ourives lhe ensinou bem o ofício. — Fez uma breve pausa—. Um bom dia, o rei inglês exigiu a liberação de todos os prisioneiros britânicos retidos em Argélia. O ourives ofereceu a Joyce metade de sua fortuna e a sua filha em casamento se ficasse. Mas Joyce desejava retornar a seu lar para casar-se com seu amor verdadeiro, e assim o fez. Sendo ainda um escravo, forjou um anel que simbolizasse seu amor e, a sua volta, o entregou a sua amada, que lhe tinha esperado fielmente todos esses anos.

Charity escutava com toda sua atenção e uma expressão encantada no rosto.

— Quando o anel é colocado na mão direita, significa que ninguém possui seu coração.



Quando o põe no dedo anelar da mão esquerda com o coração apontando para fora, significa que a pessoa está comprometida. Quando se leva no dedo anelar da mão esquerda com o coração apontando para o corpo, significa que essa pessoa está casada com o amor de sua vida.

Nick tomou o anel menor e o deslizou com delicadeza no dedo anelar da mão esquerda da jovem, com o coração apontando para o corpo.

Encaixava a perfeição.

— Quando Joyce o deu a sua esposa, disse-lhe: “Com estas mãos te dou meu coração e o coroo com meu amor”. — Lhe sorriu e lhe apertou a mão. E isso é o que também significa para mim.

— Nick — sussurrou. Tinha os olhos brilhantes e sua branca garganta se agitou como se tragasse saliva.

— Não chore — disse Nick, alarmado.

Deus, quão último precisava era que chorasse. Nada de lágrimas, não podia chorar, não. Sentia sua própria garganta tensa e ardente. Se Charity ficava chorando conseguiria que ele também o fizesse, e ele “nunca” chorava. Jamais. Era Iceman.

— Toma — se apressou a dizer, lhe oferecendo o anel de homem —. Ponha isso no meu dedo.

Charity assim o fez e ambos os ficaram olhando sua mão. Vinha-lhe um pouco menor, mas isso podia solucionar-se. Ou não. Não ia levar o por muito tempo, em todo o caso. Uma semana, duas, no máximo.

A ideia escureceu parte da felicidade e a separou de sua cabeça. Concentre-se no momento. E aquele momento era dos bons, dos que recordaria durante muito, muito tempo. Charity, com o olhar elevado para ele como se Nick tivesse criado o sol e descoberto à cura para o câncer, e o ancião joalheiro olhando a ambos como se fossem seus amado netos.

O amor e a ternura flutuavam a torrentes no ambiente. Nick estava surpreso de que não tivessem fundido a neve em um rádio de cem passos. Mas tinha que deixar esses pensamentos a um lado. Havia coisas que fazer, rapidamente.

Tinha que comunicar a seus companheiros, que levavam muitos dias vivendo em uma incômoda caminhonete, a notícia de que se casou com seu principal contato.

Nick era consciente de que ia receber uma inundação de críticas por isso. Gritar-lhe-iam e ameaçariam, pode ser que inclusive lhe degradassem, e seu chefe sofreria um enfarte, mas ao final, aceitariam proteger a Charity durante tanto tempo quanto fosse necessário e isso era o que contava. A melhor equipe de homens do país lhe cobriria as costas.

Que gritassem; ele era um tipo duro, poderia suportá-lo. O que não podia suportar era a ideia de que Charity ficasse sozinha e em perigo. Acabava de proporcionar a Charity o amparo de toda uma agência governamental.

Pagou os anéis em dinheiro e conduziu apressadamente Charity de volta ao carro. Ela não ficou com a luva na mão esquerda, pois não deixava de mantê-la elevada e de admirar o anel. Constituía uma imagem preciosa.

Nick flexionou sua mão esquerda. Sentia a larga aliança pesada e pomposa em sua mão. Não



gostava da jóia masculina e jamais imaginou que levaria algum adorno, muito menos um aliança de casamento. Resultava raro, incômodo, estranho.

A casa de Charity não ficava longe, inclusive conduzindo com a parcimônia como faria o aborrecido do Nicholas Ames, e chegaram há dez minutos. Nick estacionou junto ao meio-fio e manteve o motor ligado.

Levantou o queixo do Charity com o dedo indicador e se inclinou sobre ela. A boca da jovem se abriu imediatamente, lhe roçando a língua com a sua em uma tenra carícia que lhe baixou até os testículo.

Com o nariz contra sua bochecha, inspirou com brutalidade uma baforada de ar que cheirava a xampu, a nata e a seu perfume. Ignorava o que era, mas valia cada centavo que Charity pagava por isso. Era pura dinamite. O aroma era leve e primaveril, desceu diretamente a seu membro, em uma reação puramente condicionada. Era automático: cheirava o perfume de Charity e se excitava imediatamente.

Charity murmurou algo em sua boca, exalou um suave gemido e pousou sua mão nua sobre sua bochecha. Supunha-se que Nick só devia lhe dar um pequeno beijo, um “até mais tarde, carinho”. “Seja boa, não demorarei a voltar”, mas a boca de Charity era uma armadilha de mel: calorosa, úmida e acolhedora, quase tão excitante como seu sexo.

Ainda não a tinha saboreado ali. Às mulheres adoravam. Podia aceitá-lo ou não, mas fazia muito que tinha descoberto que era um modo rápido e singelo de fazer que uma mulher se umedecesse e se preparasse o suficiente para acolhê-lo plenamente. De modo que basicamente era um pequeno buraco para o que ele considerava o sexo autêntico.

Mas de repente, enquanto sustentava a cabeça da jovem e devorava sua boca, sentiu um anseio repentina e aguda de torturar seus clitóris com a língua. Não como um prelúdio, mas sim como o prato principal. Era tão suave naquele ponto... inclusive seu pelo púbico o era. Imaginou aos dois em seu cálida cama nessa gélida noite invernal; Charity de pernas abertas sobre lençóis de flores, com sua cabeça entre as coxas e a língua em seu sexo tal e como nesse instante estava dentro de sua boca.

Podia vê-lo. O corpo esbelto e ligeiramente estendido, seus marcados ossos pélvicos emoldurando a planície de seu ventre; seus seios pálidos estremecendo-se cada vez que tomava fôlego; seu pulso visível em seu peito esquerdo.

Adorava vê-la chegar ao orgasmo, sentir as potentes contrações das paredes de sua vagina ao redor de seu membro. Deus, quanto melhor seria “saborear” seu orgasmo, senti-la gozar em sua boca?

Só a ideia conseguiu que se excitasse plenamente, quando não era o momento de fazê-lo.

Separou-se dela respirando com dificuldade, e se aferrou ao volante. Charity tinha a boca úmida, um tanto inflamada, tal como provavelmente estaria seu sexo... Pensa em outra coisa.

Nick se imaginou a si mesmo lhe contando a Di Stefano e a seu chefe que se casou com Charity. Visualizou a reação de ambos e a repercussão que teria em Washington. Aquilo foi como colocar o membro em um copo de água gelada.

Brindou um sorriso a Charity ao ver sua expressão confundida, e assinalou para a casa com a



cabeça.

— Entra já, carinho, ou nunca conseguirei me ocupar de meus assuntos. Voltarei em torno das cinco ou as seis e passaremos toda a noite... celebrando-o.

Ela se ruborizou com força e Nick rompeu a rir, alargando o braço para lhe abrir a porta.

— Pensa nisso. Charity se girou e lhe sorriu.

— Pode apostar por isso — disse brandamente antes de baixar-se.

Nick ficou ali até que ela entrou na casa e se acenderam as luzes da sala de estar; ato seguido, ficou em marcha.

Chamou a Di Stefano e se sentiu aliviado quando saltou a rolha de voz. Deixou-lhe uma mensagem breve lhe dizendo que ia de caminho e logo chamou o Jake.

— Olá, grandalhão — lhe saudou seu amigo—. Ou deveria dizer, tipo rico?

— Isso tem graça vindo de ti, tendo em conta que é um dos homens mais ricos do planeta.

— Ouviu o Jake rir entre dentes de forma complacente, porque assim era —. Poderia comprar a mim com o que te gasta em tomar o café da manhã.

— Talvez. Mas acredito que vou pôr-te outra meta. O que te parece outro milhão para o ano que vem por estas mesmas datas? Estive fazendo muitos cálculos e lendo algumas coisas interessantes sobre os bônus moldavos. E está essa nova empresa brasileira que fabrica carros híbridos. Vou fazer ganhar tanta grana, que te parecerá absurdo continuar com esse maldito trabalho e se dedicará a algo aonde não consiga que lhe matem.

Sem sabê-lo, seu amigo tinha dado justo no branco.

— Ouça, Jake, falando de que me matem...

— O que? —Jake elevou a voz devido à tensão, sem nenhum rastro do bom humor anterior—. O que? Tem problemas? Maldito seja, Nick, quantas vezes te disse...?

— Economize-lhe isso lhe cortou Nick, cansadamente. Para que se casou se Jake representava tão bem o papel de esposa resmungona?—. Não estou em perigo. — Ainda —. Mas me parece que estou casado.

— Parece-te? Parece-te que está casado? Isso é igual há estar um pouco grávida. O que está ocorrendo?

A promessa do nublado céu cinza se cumpriu e começou a nevar com força. Os grossos flocos de neve que caíram de repente reduziram a visibilidade justo a meio metro mais à frente do para-lama. Inclusive um homem como ele teve que emprestar atenção em uma situação assim. Deixou seu telefone móvel sobre o painel e conectou o mãos livres.

— Escuta, não tenho tempo para explicações. Quero trocar meu testamento. Vou te deserdar. Parece-te bem?

O dia que entrou no exército tão somente contava com 10,75 dólares, mas os deixou ao Jake no testamento que lhe obrigaram a fazer. E também deu o nome de seu amigo quando lhe pediram o nome de seu parente mais próximo. Aquilo não mudou com os anos. Jake tinha poder notarial sobre todos seus assuntos e era seu herdeiro. Mas o que era um milhão de dólares para seu Jake?

Apenas nada.



— Merda. — A ideia de perder o dinheiro de seu amigo não era o que fazia que a voz do Jake soasse sombria—. Tem problemas, Nick. Posso senti-lo. Vai acontecer algo que eu não gosto e você está no meio. Merda! Acabo de imaginar seu funeral. A merda o que esteja fazendo. — Elevou a voz por causa da ansiedade —. Esteja onde esteja, “sai já dali”!

Um fio de suor descendeu pelas costas de Nick. As intuições do Jake eram certas, quase tanto como as suas. Seu amigo era um gênio das finanças, mas seu incrível êxito era também fruto de seu dom para cheirar os problemas e poder esquivá-los com rapidez. Tal e como dizia o Wall Street Journal: “Jacob Weiss, JLW, demonstrou possuir um sexto sentido para os mercados emergentes no mundo volátil em que vivemos hoje em dia, e um sentido ainda mais útil para os mercados em descida”. “JLW converte em ouro tudo o que toca; sabe, até o dia de hoje, quando abandonar o navio”.

Quando Jake falava, os mercados escutavam. Para ser mais precisos, quando Jake falava, Nick escutava. Mas não podia fazê-lo agora. A única maneira de sair daquele problema era destruir ao Worontzoff.

Nick nem sequer tentou convencer a Jake. Era muito preparado para aceitar suas falsas palavras tranquilizadoras.

— Seja o que seja que vá acontecer, Jake, enfrentarei isso. Já me conhece. Sou difícil de matar. Mas agora há um elemento novo.

— Uma... uma mulher. Me... casei com ela. — As palavras saíram com dificuldade. Pareciam surrealistas e ocas.

Sim, estava casado. Não, não estava.

Estava fazendo uma confusão.

Entretanto, o importante não era se estava ou não casado. O que importava era deixar seus assuntos arrumados para poder enfrentar ao combate com a mente limpa.

— Sim? Já era hora. — Os genes de babá que possuía Jake entraram em cena. Passou quase dez anos martelando Nick para que se casasse —. Já era hora de que lhe jogassem o laço, idiota. Não sei o que estava esperando, que se congelasse o inferno? Assim me diga que isso significa que vais assentar, para buscar um trabalho no qual não faça que te matem...

Aquilo era o sermão preferido do Jake. Nick se sentiu tentado de ignorá-lo e deixar que se desafogasse pela milionésima vez, mas desejava conduzir tão rápido quanto fosse possível até a caminhonete e o tempo estava piorando com cada minuto que passava. A neve tinha amainado um pouco, mas a temperatura estava baixando e se estava formando gelo. Tinha que prestar atenção à estrada. Aquelas condições climatológicas punham a prova inclusive sua destreza ao volante.

— Cale-se um segundo, Jake. — Nick lutou com o volante quando uma potente rajada de vento bamboleou o carro —. Tenho pressa, assim não posso explicar toda a situação. Acredite se te disser que é... complicada. O único que precisa saber é que tal Nicholas Ames, que sou eu, casou-se com tal Charity Prewitt faz um par de horas. — Deu o nome completo do Charity, que resultou ser Charity Prudence Prewitt. Aquilo lhe havia feito esboçar um sorriso no tribunal e lhe fez merecedor de uma cotovelada nas costelas. Também concedeu ao Jake a data de nascimento



da jovem, seu número da segurança social e sua habilitação. — Se algo me ocorrer, saberá. — Jake era a única pessoa a que o governo notificaria seu falecimento—. Posso trocar meu testamento por telefone? Agora mesmo? Quero que ela seja minha única beneficiária. Sinto muito, Jake. Quando morra, Marja terá que arrumar-lhe com seu quinquagésimo casaco de pele.

— Viverá — foi à resposta irônica de seu amigo.

— De acordo. Agora preciso saber se posso fazer isto por telefone de forma legal. Como meu representante legal, pode trocar meu testamento e converter ao Charity P. Prewitt em minha única beneficiária? É possível fazê-lo agora mesmo?

Ouviram-se ruídos de teclas de fundo. Nick esperou pacientemente, lutando com o volante e tratando de concentrar-se na estrada.

— Feito. Permite que lhe leia isso.

Jake leu o novo testamento, que era idêntico ao antigo salvo pela data, o nome do beneficiário e uma cláusula a efeitos de que Jacob Weiss, que tinha poder de representação nos assuntos do Nick Ireland, reconhecia a voz do Ireland e estava disposto a declará-lo assim baixo juramento ante um tribunal.

— Farei que o certifique um notário, só para nos assegurar. Logo.

— Agora — disse Nick.

O silêncio caiu sobre eles enquanto Jake assimilava o que significava aquilo.

— De acordo, saia agora mesmo do despacho. Conheço um notário muito agradecido no Lexington que comprou uma casa de férias no Toscana com o que ganhou graças a mim, assim me deve isso. Dentro de uma hora estará certificado por um notário. Dou minha palavra.

Nick sabia que podia dá-lo por feito.

— Obrigado, amigo. — Nick sentiu uma entristecedora sensação de alívio, como se lhe tivessem tirado um enorme bloco de granito das costas que não sabia que levava —. Devo-te uma.

— Me pague seguindo vivo.

— Farei tudo o que possa, e obrigado.

Nick pulsou a cople de pendurar e dedicou toda sua atenção à estrada. Apesar de ser a primeira hora da tarde, o céu estava quase preto. Os poucos carros que circulavam pela estrada levavam os faróis acesos e conduziam de maneira pouco fluída, a pouco mais de trinta quilômetros por hora.

A caminhonete de vigilância estava estacionada a uns quarenta quilômetros de distância, em um perigoso trecho do caminho cheio de curvas muito fechadas que subia uma escarpada colina. A estrada estaria repleta de placas de gelo. Queria chegar, brigar com Di Stefano e com o Alexei, e retornar antes que caísse a noite.

Estava centrado nas curvas da estrada, mas, de uma vez, não podia deixar de pensar no Charity, e no que lhe faria quando ao fim voltasse para seu lado.

Aquela noite era certamente o mais perto que ia estar de ter uma noite de núpcias, e pensava assegurar-se de aproveitá-la ao máximo. Não tinha intenção de dormir. Iria foder até o amanhecer, interrompendo-se só para comer e talvez tomar uma ou duas duchas.

Uma forte sacudida tirou o Nick de seus agradáveis pensamentos. Adotando imediatamente



atitude de combate, comprovou o espelho retrovisor e viu aproximar-se perigosamente as luzes de uns faróis.

Foi então quando caiu na conta de que tinha reparado no carro preto desde o começo, só que tinha pensado é obvio que se tratava de algum condutor nervoso que seguia a outro condutor em uma noite com pouca visibilidade.

Não se tratava disso, mas sim de uma perseguição. Deveria envergonhar-se por ter demorado tanto em precaver-se.

Nunca tinha permitido que ninguém lhe seguisse durante tanto tempo. Sempre se mantinha extremamente alerta, dentro e fora de um carro. Que esse tipo tivesse sido capaz de lhe seguir lhe demonstrava que tinha estado pensando com a membro.

Deus, se o matavam, o teria mais que merecido.

De sua cabeça desapareceu todo pensamento sobre Charity ou qualquer outra coisa quando o bastardo que o seguia voltou a arremeter contra ele. Nick se apartou rapidamente. O carro levava luas tintas. Quão único podia distinguir depois do para-brisa era uma figura masculina, alta e de ombros largos, que se cobria com um gorro de ponto. A placa da matrícula estava melada de barro.

Nick adotou uma expressão feroz quando o carro voltou a impactar contra o Lexus, só que esta vez o fez com mais força.

Os que tinham enviado a aquele bode para matá-lo tinham cometido um engano na hora de executá-lo. Nick era um bom atirador, mas havia melhores. Era bom brigando, mas nunca tinha ganhado nenhum prêmio em artes marciais. Tinha sido um excelente soldado e se treinava para ser um bom agente da lei, mas não era o melhor.

Entretanto, ninguém, absolutamente ninguém podia ganhar em um carro. Pretendiam-se livrar-se dele assim, saíam maltratados.

O condutor do carro virou com brutalidade à esquerda e lhe investiu de novo mantendo o contato. Estava tratando de empurrar ao Nick ao outro acostamento e tirar o da estrada. Aquele trecho da tortuosa estrada tinha uma estreita via que protegia de uma abrupta queda de mais de cento e vinte metros. O corrimão protetor não aguentaria o impacto de um carro pesado e grande como o Lexus.

Outra sacudida, mais potente ainda, justo quando estava chegando a uma curva.

Conhecia aquele filho de puta a estrada? Nick sim; à perfeição. Além de suas excepcionais habilidades para conduzir, sua cabeça era como uma bússola. Nunca se perdia. A única coisa que tinha que fazer era percorrer uma vez uma estrada para encontrá-la de novo, e se passava um par de vezes por ela, era como se o houvesse feito toda a vida. Tinha percorrido essa estrada até a caminhonete de vigilância várias vezes ao dia durante os dez últimos. Podia fazê-lo com os olhos fechados.

Com um pouco de sorte, teriam contratado alguém que não fosse dali. E não tinha dúvidas de que era Worontzoff o que estava detrás daquilo, já fora porque tomava ao Nick por um policial ou simplesmente porque estava louco de ciúmes de Charity.

Não era provável que Worontzoff tivesse enviado a um de seus valentões para que se



ocupasse de um assassinato. Isso comprometeria ao seu em caso de que algo saísse errado. Criminosos como Worontzoff pensavam com frieza e de modo racional, e o racional seria contratar a um capanga através de um intermediário que negasse toda implicação.

Mas mesmo que o assassino que tentava lhe tirar da estrada tivesse nascido e crescido ali, acabava de assinar sua sentença de morte.

Muito bem, vejamos o bom que é, pensou Nick com ferocidade. Estavam se aproximando do primeiro trecho de uma grande curva pronunciada com forma de “esse” (S), e Nick pisou nos freios em seco com o seguinte impacto, como se tivesse um ataque de pânico. Como se fosse alguém que acabasse de perceber que os golpes não eram meros acidentes e que o outro condutor tentava lhe tirar da estrada. O primeiro que faria um civil seria frear. Nick quase podia sentir o sorriso de satisfação do capanga atrás do escuro para-brisa.

Desfruta-o enquanto possa. Ficam cinco minutos de vida. O carro voltou a arremeter violentamente contra seu para-lama traseiro, e esta vez manteve o contato com o Lexus. Quando o condutor acelerou, Nick pisou nos freios a fundo. O Lexus contava com uns freios excelentes, e Nick se deteve quase por completo. O único que o impulsionava para frente era o carro. Inclusive com o som do vento, podia ouvir rugir o motor do carro que o perseguia quando acusou a carga de mover dois veículos pesados colina acima na neve.

Nick esperou à primeira curva da estrada, justo o tempo suficiente para que o condutor se acostumassem à sensação de esforço de seu veículo, justo o tempo suficiente para fazer que se sentisse satisfeito consigo mesmo.

No momento em que o carro trocou de parte para tomar a abrupta curva ascendente, Nick acelerou, fazendo que o Lexus saísse disparado, passando de zero a noventa e cinco quilômetros por hora em questão de um par de segundos. Tomou a curva, deixando atrás ao perseguidor, e a seguir tomou a tanta velocidade como o carro o permitiu, desaparecendo da vista de seu perseguidor.

Tão logo dobrou a segunda curva, realizou um giro de cento e oitenta graus, de modo que o enorme focinho ficou apontando para o lugar por onde tinha chegado. Afastou-se ao lado esquerdo da estrada e esperou com o motor em marcha.

Ao cabo de uns segundos, apareceu o carro abrindo-se passo na escuridão com os brilhantes faróis. Viu o Nick muito tarde, e pisou nos freios. Não lhe serve de nada. O capanga não contava com a experiência do Nick conduzindo em condições extremas e perdeu o controle do pesado veículo. O carro deu virtualmente um giro de cento e oitenta graus no gelo, e depois o Lexus arremeteu violentamente contra ele.

Nick aproveitou o impulso de seu pesado carro para mantê-lo imobilizado, e em seguida, virou bruscamente à esquerda contra ele.

O vento não impediu que se escutasse o impacto do para-lama dianteiro do carro perseguidor quando se saiu da estrada, estrelando-se a poucos metros contra uma árvore. O airbag interior se ativou e Nick pôde ver o condutor desabar-se sobre ele. Os airbags saltavam a trezentos e vinte quilômetros por hora nas primeiras frações de segundo. Como distração, não era tão efetivo como uma bomba de fumaça, mas teria que servir. O condutor estaria desorientado



durante ao menos um par de minutos, justo o tempo que Nick necessitava.

Vinte segundos mais tarde, tinha saído do Lexus e forçado a fechadura do veículo, que tinha ficado quase intacto. O airbag se estava desinflando pouco a pouco enquanto o assassino gemia e se movia lentamente, ainda em estado de choque. Aguçou o olhar causando pânico ao ver Nick e se tentou alcançar a Sig Sauer P210 do assento do passageiro. Uma arma cara; só o melhor para os partidários do Worontzoff.

Mas o airbag dificultava seus movimentos e não teve a menor possibilidade.

Havia uma forma rápida de fazê-lo. Nick colocou uma mão contra a têmpora direita do homem, a outra ao lado esquerdo da mandíbula, e com um rápido movimento, rompeu-lhe o pescoço.

Tirou sua lanterna e procurou os papéis do veículo.

O carro era alugado. O nome que figurava no contrato de aluguel era Stephen Anderson; sem dúvida se tratava de uma identidade falsa. O interior do veículo estava limpo, quase esterilizado. Registrou as bandejas, debaixo dos assentos e dentro dos compartimentos laterais. Nada. Nem bitucas de cigarros, nem pacotes de comida, nem mapas marcados. Não havia pistas, nem rastros, já que o indivíduo levava luvas, e certamente tampouco havia DNA.

Revistou-lhe rapidamente. Não encontrou nenhum cartão de identificação nem etiquetas na roupa. Tinha mais ou menos a mesma altura e peso que Nick.

Perfeito; aquilo funcionaria.

Nick correu de novo a seu carro, abriu o porta-malas e tirou sua mala e sua equipe de emergência oculto debaixo do step. Sempre guardava uma lata de gasolina, que também tirou.

Vamos, vamos, vamos!

Inclusive com o tempo que fazia, em qualquer momento alguém poderia aproximar-se pela estrada. Agachando-se junto ao carro, levantou o homem como o faria um bombeiro, levou-lhe até o Lexus e lhe colocou atrás do volante. Tinha o pescoço quebrado, mas isso poderia atribuir-se à queda do veículo desde cento e vinte metros de altura. A roupa se queimaria e, com um pouco de sorte, também o faria a pele de seus dedos, por isso não poderiam tirar os rastros. Talvez algum juiz de instrução receoso queria comprovar as fichas dentais, mas Nicholas Ames carecia delas, e quem ia pedi-las? No Lexus achariam o cadáver de um homem de metro oitenta e nove carbonizado e Nick Ireland desapareceria.

Nick colocou seu telefone móvel sem relação com a Unidade no bolso do cadáver, se por acaso o cartão de memória sobrevivesse ao fogo. De todos os modos, ninguém contataria nunca mais com o Nicholas Ames.

Trabalhando às pressas, agarrou a lata de gasolina, e jogou parte no oco dos pés do condutor, e no porta-malas, perto do depósito do combustível. Comprovou o nível. Por sorte estava cheio. Supôs que haveria mais de oitenta e um litros de combustível nesse depósito. Basicamente uma bomba sobre rodas.

Prendendo o cinto de segurança sobre o cadáver desabado no assento do condutor, Nick o revisou tudo. Estava a ponto de jogar o Lexus pelo precipício quando se deteve, levantou a mão esquerda do tipo e tirou a luva. Tirou o anel claddagh e o pôs ao morto no dedo anelar da mão



esquerda. Tinha ficado apertado, mas ao assassino ficava perfeitamente.

O tempo passava, mas tomou um momento para olhar sua aliança de casamento na mão do morto.

Sempre soube que não estava feito para o casamento, pensou. Esticou o braço, acendeu o motor do Lexus e colocou a marcha, colocou o pé do morto sobre o acelerador e empurrou para baixo o joelho do tipo. O Lexus pôs-se a rodar. Perfeito. No segundo último possível, antes que o carro caísse pelo precipício, Nick jogou um fósforo aceso ao oco dos pés, fechou a porta e pôs-se a correr ao outro lado da estrada.

O Lexus se acendeu no ar. Nick observou a feroz bola em sua longa descida até o vale de abaixo, iluminando o escuro céu vespertino.

O veículo demorou vários segundos em chegar ao fundo. Quando o fez, explodiu, e o som se propagou por todo o vale.

Não demoraria a acudir alguém a comprovar o ocorrido. Nick tinha que sair dali a toda pressa, assim baixou de novo ao lugar onde tinha impactado o veículo de seu perseguidor.

O empresário Nicholas Ames estava morto, para sempre.

Segurou-se a pistola do ombro, lançou a arma do assassino dentro do porta-luvas, jogou sua mala e equipe de emergência a agora destroçada parte traseira, arrancou, e realizou as manobras necessárias para poder dirigir-se de novo para a caminhonete.

Agora não só ia ter que contar a Di Stefano, ao Alexei e ao chefe que estava casado, mas sim também teria que lhes comunicar a notícia de sua morte.

Capítulo 17

Parker's Ridge

25 de novembro

Charity levantou a mão esquerda e admirou seu anel de casada pela milionésima vez. A primeira coisa que fez ao chegar a casa foi ligar o computador e procurar qualquer referência a anéis claddagh em Internet. Depois de tudo, era bibliotecária. Conseguir informação era sua especialidade. Ao final de uma hora, sabia tudo o que terei que saber sobre o símbolo claddagh.

A história que Nick lhe tinha contado estava ali, junto com outras, cada uma mais bonita e romântica que a anterior. Era o anel de casamento perfeito.

E também tinha sido o casamento perfeito.

Com o transcurso dos anos, Charity tinha assistido a um bom número de casamentos de amigos do instituto, da faculdade e colegas de trabalho. Parecia que a todos tinha entrado a febre pelos casamentos. Não por casar-se — muitos dos casamentos já tinham chegado a seu fim —, mas sim por alguma estranha compulsão de transformar a cerimônia de casamento em um espetáculo absurdamente caro e pretensioso.



Tinha acompanhado a algumas amigas para provar vestidos de noiva de 50.000 dólares, que jamais voltariam a usar, e ajudado a escolher trajes de dama de honra de mais de 10.000. Desesperou-se com elas pelos acertos florais extravagantes e debatido as virtudes dos bolos de dez pisos de merengue de baunilha polido em contraposição às de oito pisos de toga de trufa de chocolate, com um monograma em ouro maciço no alto do bolo.

Tinham-na obrigado a folhear como louca revistas de noivas tão grossas como Guerra e Paz. Para não falar das intermináveis conversa sobre a orquestra, as lembranças e o cardápio do banquete de casamento — uma amiga tinha tido vinte e dois pratos —, e o traje para partir para a lua de mel, junto com a lingerie, as meias e os sapatos especiais. Ah, e a esteticista e cabeleireira a domicílio... Os detalhes eram o conto de nunca acabar.

Durante uma sessão normal de planejamento, suas amigas brigavam com suas mães, seus prometidos, as damas de honra... para acabar em um mar de lágrimas. Algumas perdiam mais de quatro quilos, enquanto que outras ganhavam nove por causa da ansiedade. Tinha rido e feito planos com elas e deixado que se desafogassem, sem deixar de pensar um só momento quão estúpido era todo o alvoroço que se formava por um evento que se supunha era o mais solene da vida. Um ato privado de amor entre duas pessoas. Uma declaração de fidelidade para toda a vida.

O final da vida de solteiro e o começo de outra de casal. Salvo pela paternidade, era o vínculo mais sagrado de todos.

Seu casamento era o único que jamais se atreveu a planejar por sua conta — ao fim e ao cabo, alguém vivia em sociedade —, mas tinha sido perfeito. Sobre tudo quando Nick disse que celebrariam uma recepção em Di Emilio's mais tarde. Seus tios estavam muito absortos com seus problemas como para que se sentissem deslocados por não assistir à cerimônia e seu amigos se contentariam com a festa posterior.

As bodas em si, a que só tinham assistido Nick e ela, tinha sido perfeita.

Desejava tanto que o resto do dia e a noite fossem tão perfeitos como a própria cerimônia... Nick lhe havia dito que não retornaria até depois das cinco ou seis, de modo que dispunha de muito tempo para fazer preparativos.

Bendita fosse à senhora Marinho, o governanta de seus tios, que liderava uma cruzada para lhe fazer agarrar um pouco de peso. Charity não tinha que sujar nem encher a casa de aromas cozinhando uma comida nupcial. Parecia que a senhora Marinho tivesse tido conhecimento disso e cozinhado um banquete só para ela. No congelador havia deliciosos canapés, fontes de lasanha, vitela com molho Marsala, verduras gratinadas, e inclusive bolo de bodas em forma do melhor tiramisú que se fazia longe de Roma. Também contava com salmão defumado e caviar na geladeira e duas garrafas de excelente champanha chileno na adega, cortesia do senhor Hernández, proprietário da única empresa de paisagismo do Parker's Ridge, a cujo filho tinha dado aulas de inglês.

Podiam desfrutar ali de sua lua de mel. Uma semana em casa sem ter que sair sequer a tomar o ar.

E tinha o conjunto perfeito. Uma camisola de deliciosa seda em tom pêssego com decote pronunciado e comprido até os pés, a jogo com um negligé, ainda dentro de seu pacote. Nunca o



tinha vestido. Tinha sido a cereja de uma escapada de compras ao Canto de Ihe Fine enquanto visitava uma amiga em Boston. Tinha estado procurando uns práticos pulôveres para trabalhar e se deteve, impressionada, quando viu o precioso conjunto.

Mary, seu amiga, tinha-lhe animado a comprá-lo. Era muito caro, mesmo em promoção com desconto de 700 a 300 dólares, e para que? Nesses momentos não havia nenhum homem em sua vida e fazia anos que era assim. Para quem iria usar. Agora iria colocá-lo em sua noite de núpcias! A ideia era tão tentadora que estremeceu.

Esteve a ponto de negar-se quando Mary a tirou da mão e a obrigou a tocar a saia. A seda parecia água fria sob seus dedos. Era sexy e elegante, confeccionado para uma vida mais excitante que a sua.

Quando o provou, foi como se o houvessem fato para ela. De modo que cedeu e o comprou, sentindo-se culpada, e o colocou ao fundo da gaveta de seu penteadeira, pensando que nunca o usaria.

E agora ia ficar o para sua noite de núpcias! A ideia era tão tentadora que se estremeceu.

Pôs a mesa com esmero, tirando a pesada toalha branca do Flandes, a baixela do Limoges da avó Prentiss, e a cristaleira Waterford de seus pais. E é obvio, a prata da família. A lenda familiar sobre o grande e pesado candelabro de prata dizia que sua bisavó o tinha utilizado para quebrar a cabeça de um intruso a princípios do século vinte.

Colocou as velas correspondentes no candelabro e logo pôs algumas mais pela habitação. Adorava velas e as tinha de todas as formas e tamanhos, com aroma a baunilha em sua maioria. Cobriu com elas o aparador, o suporte da chaminé e a mesinha de café, e deu um passo atrás, satisfeita.

Por volta das cinco, apagou todas as luzes e acendeu as velas. Nick retornaria e se encontraria a casa iluminada por uma tênue luz. Seria verdadeiramente maravilhoso.

No quarto, colocou velas na penteadeira, na mesinha de noite e no batente das janelas. A pequena e acolhedora habitação parecia um precioso templo, preparado para uma noite de amor entre marido e mulher.

A ideia a enchia de felicidade.

Trocou a roupa de cama por seu melhor jogo de lençóis: grossas, engomadas, perfumadas com aroma de lavanda e confeccionadas com algodão egípcio de 300 fios.

Por fim tirou a camisola e a negligé. Eram tão bonitos como os recordava. Tocou com os dedos a pesada e formosa seda, imaginando a cara do Nick quando a visse com ela. Nenhuma princesa deste mundo teria um conjunto mais delicado para sua noite de núpcias.

Tudo estava mais ou menos preparado, menos ela.

Preparou um banho de espuma com aroma de rosas, um pouco muito quente, recolheu-se o cabelo com duas pinças e se meteu na água com um suspiro de satisfação. A água quente distendeu seus músculos. Jogou a cabeça para trás contra o bordo da banheira e fechou os olhos, inalando o perfumado vapor e esvaziando a mente, completamente satisfeita com sua vida.

Quando abriu os olhos, as borbulhas se dissiparam e pôde ver-se a si mesmo dentro da água. Inspirou uma profunda baforada de ar, e contemplou seus peitos elevar-se. Seus peitos. Nick



sugou a seus peitos com tal intensidade e determinação, que qualquer um pensaria que também eram uma fonte de prazer para ele. Se concentrasse, podia sentir sua boca nesse instante, sugando brandamente seu mamilo.

Pôde ver que seus mamilos se endureciam e adotavam um tom rosa escuro a causa da lembrança.

Cada centímetro de sua pele estava sensibilizado pelo Nick. Tratou de pensar em uma parte de seu corpo que não houvesse tocado, mas não lhe ocorreu nenhuma, a menos que seus órgãos internos contassem. Os dedos dos pés, a parte posterior de seus joelhos, os cotovelos, o umbigo, a pele de trás de suas orelhas. Sua mente se viu alagada por lembranças e imagens e sentiu um formigamento, agora familiar, entre as coxas. Esse formigamento estaria associado ao Nick até o fim dos tempos.

Assombrava-lhe que seu corpo pudesse ter essas sensações. Onde tinha se “metido” seu corpo todos estes anos? Voltando a vista atrás, deu-se conta de que toda sua vida tinha pensado basicamente em seu corpo como em uma extensão de sua cabeça. Requeria descanso, boa alimentação e exercício regular, mas isso era tudo.

Quem ia pensar que em seu interior se alojava um assombroso mundo de inimaginável prazer? E Nick só tinha que pedi-lo e era dele.

Vinham-lhe tantas imagens à mente... O rosto do Nick enquanto entrava e saía lentamente dela. Em ocasiões se apoiava nos braços, com os bíceps contraídos, e baixava o olhar até o lugar onde se uniam seus corpos. Também ela tinha olhado, observando como seu enorme pênis saía com lentidão, empapado com seus sucos, grosso e cheio de veias. Podia lhe sentir plenamente em todo momento, deixando um vazio detrás de si. Ou quando se retirava até que ambos podiam ver a grande cabeça vermelha de seu membro, que se voltava de um vermelho escuro enquanto faziam o amor, e esperava até que olhava aos olhos e deixava escapar uma ofegante súplica. Então, e só então, Nick voltava a afundar-se nela.

Uma vez, Charity tinha cravado as unhas em suas duras nádegas e impulsionado para cima cheia de frustração devido a ele o estava tomando com muita “tranquilidade”.

Suas unhas nem sequer deixaram marca em sua pele. Poderia usar a força que fosse para cravar suas unhas, sabia que não o feria, que não podia lhe fazer dano. O corpo de Nick estava surpreendentemente musculoso em todas as partes. O dizia que se devia a que recebia classes de artes marciais para livrar do estresse.

Os lábios de seu sexo se haviam ao redor da grande cabeça, mas o resto de seu corpo estava tão vazio...

“Já basta, Nick”, tinha-lhe sussurrado e a meia sorriso que ele Luzia se esfumou. Seus olhos se voltaram de um azul ardente enquanto se afundava nela com tal força que a tinha deixado sem fôlego. Tinha começado a lhe fazer o amor a sério, com potentes, prolongadas e profundas investidas que fizeram ranger a antiga cama, com tal velocidade que Charity acreditou que arderia por causa da fricção.

Com um soluço, Charity alcançou o clímax na água, com intensas e rápidas contrações que se prolongaram quase durante tanto tempo como o faziam quando Nick a possuía.



Deixou-se levar, como sempre fazia, enquanto o calor fluía por seu corpo e se condensava entre suas coxas como se de um sol em miniatura se tratasse. Toda sua pele estava avermelhada, até os seios, pelo efeito da água quente combinada com o orgasmo.

Incrível.

Não era a primeira vez que tinha um orgasmo quando se masturbava, naturalmente. Ao fim e ao cabo, fazia muitos anos que não tinha tido um amante. Mas sem dúvida era a primeira vez que tinha chegado ao clímax sem tocar-se. E não foi seu orgasmo habitual auto-induzidos e tenso, que terminava quase antes de começar e a deixava com um sentimento de esgotamento, inquietação e solidão. Não, foi um desses orgasmos majestosos, palpantes, que fez que se sentisse como a rainha do mundo. Uma rainha muito relaxada.

Incrível. Nick estava com ela embora não estivesse presente. Levava-lhe no coração e sempre o guardaria ali.

Com aquele feliz pensamento, tirou seu corpo satisfeito da banheira e começou uns preparativos dignos de uma gueixa. Melou-se de nata hidratante perfumada, estendendo-a até a consciência de que todas as células de seu corpo ficaram perfumadas. Fez-se a pedicura, a manicura e ficou uma máscara.

Voltou a recolher o cabelo, esta vez com maior esmero, deixando que umas poucas mechas caíssem de forma engenhosa sobre seus ombros e se aplicou uma maquiagem ligeira, pois assim que Nick começasse a beijá-la, tudo desapareceria imediatamente. Não se aplicou rímel.

Colocou a camisola pela cabeça com todo o cuidado e solenidade com o que um cavalheiro medieval se vestiria a armadura, e ato seguido se colocou a negligé.

Tinha um par de sofisticadas sapatilhas de noite, presente de uma amiga, e se perguntou se isso seria exceder-se, decidindo a seguir que não passava nada por exceder-se na noite de núpcias. Sua primeira e única noite de núpcias. Aquilo não voltaria a se repetir. Qualquer extravagância estava justificada.

Ficou de frente para o espelho, encantada com o que via. Estava ruborizada e tinha os olhos brilhantes. Essa noite estava formosa, tal e como deviam ser todas as noivas em sua noite de núpcias.

Eram as cinco e tinha escurecido completamente para quando finalizou com os preparativos. A mesa estava posta, os pratos preparados para ser esquentados e Charity se dispôs a percorrer a casa, acendendo lenta e cerimoniosamente todas as velas de seu dormitório e da sala de estar.

Pediu um pequeno desejo com cada vela que acendia. Tinha tantas coisas pelas que pedir: uma vida larga e feliz com o Nick; filhos saudáveis e a paciência e a sabedoria para lhes ensinar a crescer como seres humanos honrados; coragem para enfrentar-se às vicissitudes da vida, e, por último, desejou serenidade para sua tia Beira.

Preparado; tudo era perfeito. A casa resplandecia, quão mesmo ela. Agora o único que tinha que fazer era esperar. Não obstante, resultava difícil ser paciente. Sentou-se e, em seguida, posto de novo em pé de um salto, como se a cadeira se moveu para expulsá-la.

Depois de passar uma hora passeando-se de um lado a outro, finalmente tomou assento



com uma taça de vinho branco para acalmar seus nervos. Bebeu-o com lentidão, desfrutando de do frio líquido doce à medida que descendia por sua garganta. Tivesse agradecido uma segunda taça de vinho, mas não desejava que Nick chegasse a casa e a encontrasse ébria.

Passou outra hora. O fogo da chaminé devia ser aivado. Ajoelhou-se para pôr raminhos e um tronco pequeno sobre as brasas, e ouviu um carro na rua.

Com o coração acelerado, levantou-se de um salto e foi apressadamente até a porta, mas o carro passou de comprimento. Não era Nick. Seu corpo se viu assaltado pela decepção.

O coração começou a lhe palpar com força ao pensar no Nick percorrendo o caminho de entrada e teve que esperar a que se tranquilizasse. Que “duro” era ter paciência! Que duro estar sozinha.

Vá!

Teve que sentar-se para pensar nisso, em não ser capaz de entreter-se sozinha. Depender de outra pessoa para manter o equilíbrio emocional, era algo completamente novo. Como filha única, estava acostumada desde que nasceu a estar sozinha. A solidão nunca lhe tinha causado nenhum pesar. Se acaso, desfrutava com isso, e nunca lhe pesava.

Se Charity tivesse tido que fazer uma descrição de si mesmo ante alguém que não a conhecesse, um dos primeiros atributos que teria mencionado tivesse sido sua independência emocional e intelectual.

Uma semana com o Nick e tudo se descontrolou. Amante novo, vida nova, Charity nova.

Jogou uma breve olhada a seu estante, totalmente indiferente ao que continha. Havia dois livros novos de seus autores favoritos, mas não conseguia sentir a mais mínima emoção. Tinha CDs de sobra em uma das paredes, mas a ideia de escutar algo sozinha, sem que Nick a estreitasse entre seus braços, resultava quase dolorosa de considerar.

Nem livros, nem música, nem filmes podiam, nem pelo mais remoto, comparar-se com o Nick. O converteu em seu referente em apenas uma semana. Em sua razão para viver. Aquela era uma ideia aterradora e excitante. Aterradora porque compreendia que agora dependia de outra pessoa. Excitante porque Nick a amava e nunca voltaria a estar sozinha.

Outro carro passou lentamente por ali, mas tampouco se tratava do Nick.

Charity não levava relógio — quem queria saber à hora em sua noite de núpcias? —, mas os minutos passavam no relógio de parede enquanto ela contemplava como os ponteiros de relógio marcavam as horas. As oito em ponto. As nove em ponto.

Não cabia dúvida de que o assunto de negócios ou o que fora, estava-lhe levando mais tempo do habitual. Deveria lhe telefonar?

Começa tal e como pretende continuar. Charity não tinha intenção de ser uma esposa pesada e enjoativa, de modo que decidiu não fazê-lo.

As dez em ponto. Aquilo era... estranho. Nick era um homem cortês. Sabia bem que levava mais de cinco horas lhe esperando. Parecia impossível que não a avisasse de que chegaria tarde. Embora estivesse imerso em seu trabalho, uma chamada rápida não estaria de mais. Ou poderia haver pedido a alguém que a chamasse, a uma secretária ou a outra pessoa.

As onze em ponto. Charity perdeu finalmente a compostura e chamou a seu celular, mas



não conseguiu mais que escutar uma mensagem gravada que dizia que o número que estava marcando não estava disponível e que o tentasse mais tarde.

Muitas das velas se estavam derretendo, e inclusive algumas se apagaram. Excedeu-se. O aroma de todas essas velas perfumadas competia com o aroma da comida e fazia que lhe estivessem entrando náuseas. Tinha o estômago revoltado e sentia que a bile e o vinho branco começavam a subir à garganta. Conseguiu não vomitar de milagre.

Isso ensinaria a não beber vinho branco com o estômago vazio. A meia-noite estava passeando-se em círculos, pensando todo tipo de coisas e apertando e relaxando os punhos. Acabava de agarrar o telefone para chamar os hospitais locais quando bateram na porta.

Não podia ser Nick, porque ele tinha chave. Debruçou-se para dar uma olhada pelas cortinas da sala de estar e viu um carro de polícia estacionado no meio-fio, com as luzes acesas. Correu à porta e se encontrou com um policial de trânsito no seu alpendre. O homem não era muito alto, tinha o cabelo preto e estava cortado no estilo militar. Aparentava poucos anos e sustentava nervosamente um grande chapéu cinza parduzco⁴, que não deixava de retorcer entre suas mãos.

— A senhora Charity Prewitt?

— Sim? — levou-se a mão à garganta e o olhou com os olhos desmesuradamente abertos — . Em realidade, sou a senhora do Nicholas Ames. O que acontece, agente?

O homem tragou saliva.

— Lamento lhe informar de que houve um acidente, senhora. Charity logo que podia assimilar suas palavras.

— Um... acidente?

O agente piscou e tragou saliva de novo. — Sim, senhora. Esta tarde caiu um Lexus pelo precipício do Hillside Drive, atravessando o acostamento. O veículo ficou... destruído. Encontramos o número de registro do motor e comprovamos que estava em nome do senhor Nicholas Ames. Nosso sistema informático nos indica que se casou com ele esta manhã. É correto?

Charity cravou o olhar no agente, sem encontrar sentido a suas palavras.

— Como diz?

Sentindo-se incômodo, o homem baixou a vista à caderneta que levava na mão.

— Casou-se você esta manhã com o senhor Nicholas Ames, senhora?

— Sim, eu... — Tinha a garganta áspera. Tratou de tragar saliva, mas lhe tinha secado a boca. Aquilo não podia estar passando. Nick era inteligente e forte. Certamente tinha saído do carro antes de... — Sim, casamos esta manhã. Me... meu marido... está...?

As palavras não iam a sua boca. Sua garganta se fechou e Charity tão somente podia lhe olhar fixamente.

Como resposta, o agente colocou a mão no bolso de sua jaqueta e tendeu o braço para ela com algo na palma da mão. Ao ver o objeto que lhe ensinava, os joelhos de Charity cederam e teve que agarrar-se ao marco da porta para não cair.

— Lamento muito ter que lhe dar más notícias, senhora — disse o agente, pesaroso —.

⁴ Cor marrom terra



Achamos isto dentro do carro. Não ficou nada mais que pudesse nos proporcionar sua identidade. Reconhece-o?

Sobre sua mão tosca, o anel claddagh reluzia a forte luz do farol do alpendre.

Capítulo 18

Parker's Ridge

28 de novembro

Hoje enterrei a meu marido.

Charity Prewitt Ame se abraçou aos joelhos com seus braços gelados e se estremeceu.

Seu marido. Quanto tempo tinha sido seu marido? Cinco horas? Talvez seis?

Não tinha sido noiva durante muito tempo. E agora seu marido jazia em sua tumba, fria e dura, e Charity desejava poder lhe seguir.

O telefone soou de forma insistente uma e outra vez. E outra e outra. Charity Prewitt Ames não podia pegá-lo. Não tinha atendido ao telefone do funeral. Não queria que lhe dessem os pêsames, nem que se interessassem amavelmente por como se sentia. Todos perguntavam se necessitava alguma coisa.

Pois sim, claro que necessitava algo, obrigado. Necessitava que seu marido retornasse, vivo.

As condolências não eram mais que palavras. Meras palavras. Não fariam que seu marido retornasse. Além de devolver ao Nick, nada do que pudessem lhe oferecer mudaria as coisas.

Seus tios, benditos foram, mantiveram-se a distância porque lhes havia dito que queria ficar sozinha. Queria-lhes, mas não podia enfrentá-lo nesses momentos. Até sabendo que sua tia Vera provavelmente estava fora de controle, e que seu tio Franklin enfrentava a isso sozinho, não podia fazer frente a suas necessidades nesses momentos.

Agora mesmo, não podia fazer frente a nada. Seu único desejo era aconchegar-se na poltrona, como um novelo de dor, pena e desconsolo. Não tinha nada que dar a ninguém. Estava destroçada, quebrada. Quase podia sentir sua caixa torácica afundando-se, absorvida pelo colapso de seu coração. Cada célula de seu corpo se negava a acreditar que Nick estivesse no pedregoso e gelado chão. Que já não era mais que um conjunto de ossos calcinados em vez de seu atraente e vital marido. Passou-se os três últimos dias vomitando por causa desses pensamentos. Mas por muito que esvaziasse seu estômago, a realidade não trocava.

O telefone soou de novo. Contou dez toques antes que quem quer que chamasse pendurasse outra vez, sem deixar uma mensagem. O sem fio estava perto, tão somente tinha que estirar a mão, agarrar o frio plástico e pulsar o botão para atender a chamada.

Unicamente tinha conseguido assimilar alguma palavra solta do que lhe haviam dito desde que recebeu a notícia: “Terrível”, “horrorizada”. As palavras de costume. “Lamento-o”, formava parte do lote.



Existiam respostas apropriadas; sussurros em voz baixa para dizer que o estava aguentando, que a dor passa com o tempo, obrigado pelo interesse.

Entretanto, as poucas ocasiões em que tinha respondido ao telefone antes que tivesse lugar o funeral, as palavras se negaram a sair de sua boca. Simplesmente ficavam em sua garganta, igual a pequenas navalhas ardentes, cortando-a em pedaços.

O telefone soou uma vez mais.

Sua mão não se moveu de onde estava.

A casa estava fria; Charity odiava o frio. No inverno, as faturas da calefação eram exageradas porque gostava que a casa estivesse agradavelmente esquentada. A chaminé estava acesa quase todas as noites até o começo da primavera.

Mas agora estava fria. Depois do funeral não tinha ficado forças para acender a calefação ou a chaminé. Somente ficou forças para deixar-se cair no sofá e fazer um novelo, desolada.

A última vez que se sentou nesse sofá, Nick a tinha entre seus braços.

A crueldade de perder a alguém tão repentinamente, sobre tudo a um homem tão vital como era Nick, era que resultava impossível aceitar o fato de que estivesse morto. Pouco tempo antes, tinha estado tombada nesse sofá com o Nick em cima dela, lhe beijando o pescoço e os peitos.

Agarrou uma das grandes almofadas do sofá e afundou a cara nele.

Ainda guardava seu aroma. Podia apreciar o aroma de madeira queimada do fogo que Nick tinha acendido, o aroma de seu xampu e seu sabão, e de algo mais que era simplesmente... ele.

Se fechar os olhos, quase podia imaginar que Nick estava ali, o homem que se converteu em seu amante e, mais tarde e de forma amalucada, em seu marido no breve espaço de uma semana.

Seu marido. Agora morto.

Meia-noite,

28 de novembro

A noventa e seis quilômetros do St. John, New Brunswick o Canadá

O Vor havia dito que a viagem transoceânico levaria perto de uma semana e não se equivocou. É óbvio.

Arkady era cientista. O rigor da ciência, o fato de que as leis que regiam o mundo resultassem compreensíveis mediante a razão, tinha impedido que ficasse louco no Gulag. Mas se o Vor acordasse um bom dia e dissesse que o sol ia sair pelo oeste, então Arkady se levantaria pela manhã e olharia naquela direção em busca do sol.

Estava na coberta, seu primeiro sopro de ar fresco em uma semana. Tinham-lhe chamado fazia uma hora, tal como sabia o que fariam. Um suave toc-toc na porta de aço para lhe avisar de que estavam chegando a seu destino.

Agora se estavam aproximando de terra. A costa resultava visível unicamente obrigado a que se via mais escura que o oceano circundante, em cuja superfície se refletia a luz da lua crescente. Aquela parte do litoral estava tão deserta como Sibéria. Não havia ninguém que lhes



visse chegar ou partir.

Arkady inspirou profundamente. O ar estava impregnado do aroma que desprendiam os mais de mil e seiscentos quilômetros de pinheiros. Não havia nenhum rastro de industrialização. Ali a mão do homem não era agressiva, como na Sibéria. A terra estaria melhor se a humanidade desaparecesse sem mais. O engenheiro acreditava nisso com toda a alma que ficava.

O capitão conhecia bem seu trabalho. As luzes do navio tinham sido apagadas, mas conduziu o navio por uma estreita baía com mestria. Arkady jogou uma olhada pela amurada e se surpreendeu ao ver um comprido porto. Não havia mais navios, nenhum absolutamente, de fato, tão somente se via o solitário porto que se estendia até o mar.

Na costa lhes esperava um caminhão anônimo, um pouco amolgado e com salpicado de barro que cobriam as placas. Arkady não tinha a menor dúvida de que o coração do caminhão, seu motor, era de primeira classe.

Baixou a escada e esperou em silêncio enquanto dois membros da tripulação tiravam o contêiner e o carregavam em um carrinho de mão de quatro rodas. Trabalhavam rápida e cuidadosamente, manobrando na escuridão como se fosse meio-dia.

Arkady observou como colocavam o contêiner em um compartimento especial da parte posterior do caminhão. O compartimento secreto não foi visível até que não tiveram aberto o biombo. Os receosos guardas fronteiriços teriam que tomar as dimensões interiores e exteriores do veículo para descobri-lo. Arkady não tinha estado nunca nos Estados Unidos, mas compreendia que, por estreita que pudesse ser a vigilância dos aeroportos, os controles fronteiriços com o Canadá não fossem tanto.

Logo que havia espaço suficiente para uma cadeira cômoda e seis litros de água mineral. Arkady não viajaria com tanta comodidade como até o momento, mas não seria uma viagem longa. E tinha sobrevivido a coisas muitíssimo piores.

Conseguiriam cruzar; o Vor se ocupou de tudo. Em meio ao frio glacial da meia-noite canadense, com a Via Láctea cruzando o céu como se fosse uma corda, Arkady se sentiu por um segundo unido ao universo.

Arkady tinha que realizar uma última chamada telefônica. O condutor do caminhão lhe disse que, apesar de estar nevando ligeiramente em Vermont, as estradas estavam limpas. Deveriam chegar ao Parker's Ridge à tarde do dia seguinte, ao total de umas dezoito horas. Tirou o celular descartável vermelho, o último que ficava.

Como sempre, emocionou-se ao escutar a voz do Vor quando este respondeu.

— Continuamos com sorte com o horário. — Elevou o olhar ao escuro céu invernal —. Brilha o sol, uma brisa quente. A previsão climatológica prevê que o tempo não trocará em outras dezoito horas.

— Excelentes notícias, meu amigo. Então, vemo-nos logo.

O telefone vermelho correu a mesma sorte que os anteriores. O cartão SIM foi enterrada sob um zimbro, e o resto do aparelho esmagado sob o salto de sua bota e jogado ao Atlântico.

Arkady observou como as ondas causadas pelo plástico se faziam mais amplas, e logo desapareciam paulatinamente.



Achava-se na última fase de uma cadeia de sucessos que mudariam o mundo.

O capitão e sua tripulação subiram a bordo do navio, que virou para dirigir-se de novo mar dentro. Tinham sido uns transportadores eficientes. Arkady informaria aquilo ao Vor. Haveriam muitos mais viagens e o capitão se aposentaria sendo um homem muito rico.

— Partimos já — disse Arkady tranquilamente em inglês ao condutor do caminhão.

O homem assentiu.

Depois de jogar um último olhar ao céu noturno, Arkady subiu ao compartimento secreto e esperou a que fora selado junto com seu mortífero carregamento.

29 de novembro

Motel Fariam, a quarenta e oito quilômetros do Parker's Ridge

A manhã chegou ao fim. Apagada-a luz plúmbea do sol, que se filtrava através das persianas entreabertas da habitação do motel, o fazia um fraco favor ao quarto, pois colocava em relevo as manchas e as partes desgastadas do tapete, as fendas do gesso da parede e a fina capa de pó que o cobria tudo.

Era uma habitação de motel deprimente, a mais anônima e tosca que podia encontrar-se. Apesar da fotografia do Nicholas Ames tinha aparecido brevemente nas notícias quatro dias antes, o homem que se registrou no motel Haríam não se parecia em nada ao esmerado executivo das telas de televisão, que ia barbeado e penteado, e vestia trajes de oitocentos dólares e casacos de caxemira.

Nick Ireland não se barbeou, nem tomou banho e nem se penteado fazia dias. De modo que quando um homem alto em jeans, pulôver preto envolta do pescoço e uma troca jaqueta com capuz preta, despenteado e com barba de vários dias, registrou-se no motel, o adolescente cheio de acne que se ocupava do balcão de recepção nem sequer levantou a vista de sua revista de música para lhe olhar.

Nick se registrou como Barney Rubble.

Permanecer num raio de cinquenta quilômetros do Parker's Ridge era uma provocação. Tinha prometido que retornaria a Columbia no dia anterior, onde lhe estava esperando seu chefe para que lhe informasse.

Se seus companheiros soubessem que seguia ainda ali, certamente lhe pegariam um tiro e, sem dúvida, seu chefe em Washington não duvidaria em lhe despedir.

No dia anterior tinha estado preparado para retornar. Mas algum estúpido sentimentalismo, alguma estranha compulsão, tinha-lhe impulsionado a ficar ao funeral, e Di Stefano lhe tinha jogado a bronca do século por isso.

Tinha presenciado o funeral, visto Charity uma última vez, descido da ladeira e subido a seu carro. Bom, ao carro do capanga, que seria revisado minuciosamente pelos forenses em quando Nick chegasse ao distrito de Columbia.

Realmente tinha tido toda a intenção de ficar no caminho. Eram as 4:00 p.m. quando terminou o funeral. Não deveria nem ter se aproximado, porque lhe esperava uma viagem de dez



horas de carro até sua casa. Ou oito, se desejava desafogar sua frustração conduzindo. Em qualquer caso, tinha uma longa noite pela frente.

E entretanto, obteve tão somente chegar à saída que lhe teria conduzido diretamente ao Burlington. Logo se fez a um lado da estrada e ficou sentado no carro, com o motor ligado, durante quinze minutos. Os pouquíssimos veículos que circulavam nesse gélido dia, que prometia mais neve ao cair à noite, passavam de longe. Ninguém lhe emprestou atenção absolutamente, tal como devia ser. Ao fim e ao cabo, estava morto.

Ficou ali sentado, sabendo que cada minuto que passava era um minuto mais que demoraria a realizar a viagem que lhe esperava, sabendo que estava perdendo inclusive a possibilidade de dormir um pouco antes de ter que dirigir-se ao quartel geral para dar seu relatório.

E embora tinha o pé sobre o acelerador e a mão na alavanca de mudanças, embora tão somente era necessário que exercesse uma ligeira pressão com o pé para sair disparado para o Burlington, deu meia volta, furioso e frustrado, e conduziu até o motel mais anônimo que pôde encontrar, onde poderia ser desgraçado por só quarenta e cinco dólares à noite.

Na época que passou nos Delta, Nick tinha vivido sem comodidades. Em uma ocasião tinha passado setenta dias no Afeganistão, dormindo no chão e utilizando para seu asseio um buraco que ele mesmo tinha escavado. Essa habitação era em certo modo pior.

Tinha tentado ignorar os pelos públicos no prato de ducha e o leve vapor de esgoto proveniente da pia. Mas quando começou a secar-se com a magra toalha, teve que deter-se ao ver as manchas marrons.

Ainda molhado, tinha entrado descalço de novo na habitação e se sentou, nu e molhado, na borda da cama. Sabia Deus quantos vendedores de passagem se teriam masturbado sobre a colcha. Necessitava algo com o que esterilizar os germes. Felizmente tinha passado por um SevenEleven⁵ para comprá-lo. Uma garrafa de uísque de cinco dólares; puro veneno. Justo o que o fazia falta essa noite.

Tirou o plugue da garrafa e procurou um copo. Que encontrou estava manchado e lascado. Encolhendo-se de ombros, limitou-se a levantar a garrafa e a tomar um bom gole que lhe queimou a garganta ao descer por ela, de modo que tomou outro.

Pressentia que algo terrível ia acontecer. Nick possuía um sexto sentido para isso, e nesse preciso instante seu medidor teria ultrapassado com muito a zona vermelha. E Charity estava justo no meio de tudo, fosse o que fosse que ia ocorrer.

Tomou outro gole, mais longo esta vez.

Charity corria perigo. A ideia lhe deu calafrios, queimou-lhe a garganta e fez que o peito lhe encolhesse até que acreditou que se afogaria.

Levantou a garrafa de novo e tragou, mas não havia suficiente uísque no mundo para afogar a imagem do Charity machucada, ferida O..."Deus bendito!"... morta.

Charity, com sua pele pálida e delicada. Em uma ocasião lhe tinha contado que sua família

⁵ Loja de conveniência



levava mais de duzentos anos vivendo no Parker's Ridge. Nick acreditava, sem sombra de dúvida. Precisar-se-iam ao menos duzentos anos de linhagem para conseguir aquela pele perfeita, suave como a porcelana, salvo que não existia porcelana no mundo que possuísse aquele brilho perolado. Cada vez que a tocava, ficava com medo de machucá-la. Depois de um tempo, depois de tocá-la com cautela, ela começou a rir e lhe tinha colocado a mão sobre seu peito. Ou a tinha levado entre as pernas.

Nick estava convexo de barriga para cima sobre a imunda colcha, nu e meio bêbado graças ao uísque barato e às boas lembranças.

Charity era suave por toda parte, mas o era mais entre as pernas; a mulher mais doce que jamais se havia fodido.

Nick grunhiu, baixando o olhar a seu entre perna. Estava duro como uma rocha, sem modo de desafogar-se.

Aquilo era novo para ele. Quando se encontrava em uma missão, estava muito ocupado tratando de salvar a vida para pensar no sexo. E quando não o estava, bom, a metade da população mundial era feminina, ao fim e ao cabo, e a maioria tinha as curvas apropriadas. Descartando aquelas que tinham menos de dezoito anos e mais de cinquenta, ainda ficava um mundo cheio de mulheres às que fodesse.

Nesses momentos, por exemplo, poderia estar na cama com a garçonete do lúgubre tugúrio onde se tomou um hambúrguer com queijo. Ou com a caixa que lhe tinha cobrado a garrafa de uísque.

Podia, mais ou menos, ter a qualquer mulher que desejasse. Só tinha que vestir-se e conduzir até o bar que tinha visto oito quilômetros estrada abaixo, e meia hora depois de cruzar suas portas, teria companhia para essa noite, garantido.

Mas não queria a outra mulher. Só ao Charity. Baixou a mão e rodeou seu membro com ela.

Inspirou entre dentes e pensou nela. Moveu o punho de maneira experimental e logo, frustrado, abriu a mão. Tinha a palma calosa, áspera. Justamente o contrário da suavidade do Charity. Seu membro rechaçava o contato de sua própria mão; simplesmente se rebelava. Nem sequer tratou de realizar uma nova tentativa e se limitou a ficar convexo, nu, duro e dolorido.

Não desejava estar naquela pestilenta habitação, que cheirava a centenas de vendedores de passagem fazendo-se palhas e a um par de putas da vinte e cinco dólares a mamada.

Sabia onde queria estar: com Charity. Em sua bonita casinha que cheirava a lavanda e a polidor com aroma de limão, e às velas perfumadas que constantemente acendia.

Desejava com tanta intensidade fazer que o tempo retrocedesse, que acreditou que o coração ia sair se o do peito.

Continuou ali convexo até que a luz cinzenta encheu a habitação, então se levantou e vestiu. Fazia três dias que levava a mesma roupa, enrugada e cheirando a suor.

Baixou as escadas até o vestíbulo. Procedimento habitual durante uma missão: não utilizar o elevador se estiver de incógnito.

Tinha abonado a tarifa em efetivo quando chegou, de modo que poderia sair sem que ninguém lhe detivesse. Aguardou até que o tipo que havia depois do balcão estivesse atarefado



registrando a uma família de cinco membros, e em seguida saiu pela porta principal.

Era um dia frio; estava nublado e caía água e neve. A barata jaqueta de náilon que levava posta apenas lhe protegia. Sentia-se gelado até os ossos, e não só devido ao tempo.

Quando esteve depois do volante, Nick pôs em marcha o motor e conduziu até a saída para a interestadual onde esteve no dia anterior.

Se girasse à esquerda, iniciaria a viagem a Columbia, onde lhe esperavam fazia tempo. Se o fazia à direita, voltaria para o Parker's Ridge. Retornar ao povo do Charity seria uma loucura. Se alguém o reconhecesse, a missão se iria ao traste. A foderia imediatamente e sem possibilidade de remediá-lo.

Ficou sentado, observando pelo retrovisor como os gases saíam do escapamento. Inclusive perder tanto tempo era criminoso, uma forma de acabar com sua carreira.

Fez rugir o motor e se dirigiu à direita, diretamente para o Parker's Ridge.

Capítulo 19

Parker's Ridge

29 de novembro

Charity levantou a cabeça do inodoro para ouvir um carro passar por diante de sua casa, e o repentino movimento fez que lhe entrassem de novo náuseas. Tragou saliva para aliviar a comichão da bÍlis, sabendo por experiência que essa bÍlis era quão único podia vomitar. O pouco que tinha sido capaz de tragar, meia dúzia de bolachas, um copo de leite e meio pêssego, havia tornado a sair tal e como tinha entrado.

Não lhe surpreendia ser incapaz de comer. Logo que podia respirar. Dormir era quase um conceito esquecido, o qual era melhor. Quando conseguia jogar um cochilo, despertava em seguida coberta de um suor frio. Seus sonhos estavam lojas de comestíveis de imagens de carros em chamas caindo montanha abaixo, explosões e ossos carbonizados.

Charity tinha insistido em ir ao escritório do juiz de instrução para identificar ao Nick. Tanto as autoridades como o juiz lhe haviam dito que a identificação visual era impossível e por isso foi exonerada de ver o pouco que ficava do cadáver.

Mas impulsionada pelo conceito da honra dos Prewitt insistiu em ver os restos, desprezando os conselhos do juiz de instrução. Os restos calcinados do Nick tinham bastado para fazer que inclusive o juiz se estremecesse.

O que jazia sobre a mesa de autópsias não guardava relação alguma com um ser humano; não era mais que um conjunto de ossos carbonizados, alguns quebrados até o tutano, que jaziam colocados em uma terrível reprodução de um corpo humano.

Um crânio enegrecido na parte superior, cuja pele tinha desaparecido obra do fogo, deixava ver os dentes perfeitos do Nick em um sorriso macabro. O forense tinha disposto todos os ossos



de maneira anatomicamente correta, salvo a mão direita, que não foi recuperada. Esta deixava um espaço em branco na escura composição.

Um agente da lei a agarrou do cotovelo com força, se por acaso se deprimia. Mas os Prewitt eram fatos de uma massa dura; Charity não se deprimiu nem derrubou. Guardaria seus sentimentos, quaisquer que fossem, para a privacidade de sua própria casa. Enquanto olhava os restos do Nick, pôde sentir sua própria cara tensa e carente de expressão.

Avançou, afastando-se da mão do agente, e se aproximou da mesa.

Haviam-lhe dito que não era necessário que visse o cadáver, mas “sim” o era.

Tinha que dar fé pelo Nick, permitir que abandonasse esta vida sob seu olhar amante. Era sua família. Ele não tinha pais nem irmãos; tão somente a tinha a ela. Era família e isso era quão último poderia fazer por ele.

O destino lhe tinha impedido de dar fé por seus pais. Jamais voltou a vê-los depois da noite do incêndio, nem seus corpos nem seus caixões. Não assistiu a seu funeral. Para quando despertou do coma, seus pais levavam duas semanas embaixo da terra.

Assim, estava decidida a apoiar ao Nick do único modo em que podia fazê-lo. Se seu espírito continuava próximo a seu corpo queimado e quebrado, saberia que estava a seu lado de forma inquebrável, custasse o que custasse.

Não se arrependeu, nenhuma só vez, até sabendo que o que tinha visto estaria para sempre em seus pesadelos.

E até o fim de seus dias, em seu leito de morte, cheiraria aquele terrível fedor a ossos calcinados e a carne queimada.

Seu estômago voltou a revolver-se e tragou saliva com força enquanto escutava que o carro se detinha diante de sua casa. Tinha visita. O coração lhe pulsava lenta e pesadamente no peito. Quem quer que fosse, não era bem-vindo.

Tinha acendido as luzes da sala de estar em uma tentativa simbólica por tratar de conter sua infinita tristeza. Por desgraça, eram visíveis da rua. Nem sequer podia fingir que não havia ninguém em casa, tal como levava fazendo os três últimos dias.

A janela da sala de estar emoldurava a grande limusine preta estacionada junto ao meio-fio. Alcançava a ver tudo com clareza. O condutor, embelezado com uma elegante uniforme preto, rodeou o veículo e abriu a porta traseira, tendendo uma mão ao homem que se baixou, cujo rosto de marcadas rugas era acusadamente formoso. Um caro chapéu de feltro cobria seu grisalho cabelo loiro, que levava bastante largo. Ia bem abrigado, com um pesado casaco azul marinho e umas grossas luvas de pele, que cobriam as que Charity sabia eram umas mãos sulcadas de cicatrizes. Uma delas aferrava o reluzente punho de marfim de um bengala de ébano.

Percorreu coxeando o caminho de entrada, apoiando-se pesadamente no braço de sua chofer, que sustentava ao Vassily com uma mão, enquanto que na outra levava uma grande caixa negra. Vassily.

Tinha saído com aquele horrível tempo só por ela. Charity se estremeceu. Que Vassily saísse em um dia como aquele significava muito. Muitíssimo. O escritor não ocultava sua aversão ao frio, aventurando-se só a sair no inverno quando era necessário. Observando-lhe coxear de forma lenta



e laboriosa para ela, resultava dolorosamente claro que aquilo lhe supunha um sacrifício.

Charity sabia que devia sentir-se agradecida, adulada inclusive. Vassily tão somente faria algo assim por muito poucas pessoas em todo mundo. Inclusive era possível que ela fora o único ser humano por quem o faria. Mas, apesar de que se sentia comovida, não estava em condições de lhe receber.

Desejava que a deixassem em paz e não ter que guardar a compostura. Não contava com ânimos para conversar, nem ficavam forças para enfrentar-se a ninguém.

Mas tinha que fazê-lo. Vassily era um homem velho. Bom, se não velho, com muito mais idade que ela. Sabia o que era sofrer uma grande tragédia pessoal, e estava fazendo um esforço por oferecer-lhe consolo nos momentos em que ela passava pela sua própria.

Em uma impossível escala de sofrimento, que tinha suportado Vassily ultrapassava de comprimento o seu. Tinha baixado aos infernos e voltado a subir, e assim tinha sido durante cinco longos anos. Não só tinha perdido a seus seres queridos, mas também lhe tinham ferido, torturado, obrigado a trabalhar nas minas a temperaturas baixo zero, açoitado e espancado.

Não, seu sofrimento era nada em comparação. Ergueu as costas, envergonhada. De algum modo, tinha que conseguir sair do escorregadio e sangrento poço de dor, escuro e profundo, no que tinha caído. Durante os próximos trinta minutos ou uma hora, ou o tempo que Vassily desejasse ficar, teria que arrumar-lhe para comprimir sua dor e encerrá-lo em alguma parte a fim de poder funcionar enquanto ele estivesse ali.

Depois, quando se tivesse partido, quando estivesse a sós, poderia deixar que sua pena saísse de novo à superfície, alagando-a, invadindo-a por completo, até que ocupasse cada célula de seu corpo e sua mente, como havia fato durante os três últimos dias.

Mas por agora, teria que manter o controle, custasse o que custasse. O pausado caminhar de Vassily até seu alpendre lhe permitiu ir até o banho para lavá-la cara com água fria e pentear o enredado cabelo. Olhou-se no espelho que havia sobre o lavabo e se estremeceu, logo que se reconhecendo nele.

Tinha os olhos avermelhados, inchados e emoldurados por umas sombrias olheiras, testemunho das noites de insônia e do incessante pranto. Em tão somente três dias tinha perdido peso. Seus maçãs do rosto estavam mais marcados e o contorno de sua mandíbula mais pronunciado. Tinha a pele branca como à parede e parecia afundada, esgotada, recém saída da tumba.

A tumba... em um abrir e fechar de olhos se viu de novo no cemitério. O escuro buraco na terra se abria a seus pés, os reluzentes atiradores metálicos do pesado caixão de mogno contrastando cruamente com a gelada terra negra. O aroma de terra removida chegou até suas fossas nasais, lhe encolhendo o estômago. O aroma da morte Y...

De repente, ficou petrificada na soleira de seu dormitório. Outro aroma perdurava na habitação: almiscarado, etéreo, cítrico. Familiar, inconfundível. Impossível. O aroma do Nick. Como era possível...?

Soou o timbre da porta e Charity voltou à cabeça de repente, fazendo que voltasse a sentir náuseas de novo.



Tinha todo o pelo do corpo arrepiado porque, junto com seu aroma, de algum modo sentiu a presença de... Nick. Sempre que tinha estado perto dele, era como se as moléculas do ar se acelerassem. Desprendia um campo energético a seu redor que a envolvia, afligindo-a.

O timbre soou de novo, durante mais tempo esta vez.

Charity deveria apressar-se para a porta, abrir, e dar ao Vassily a bem-vinda a seu lar. Era uma grosseria deixar que um ancião esperasse na rua com o frio que fazia. Mas o terror lhe impedia de mover-se.

Estava empapada no aroma do Nick, afogando-se em sua aura e aterrada por isso.

Deus, aquilo era imensamente pior que cheirar a ossos calcinados, por horripilante que isso fora.

Os momentos passados junto ao corpo destroçado do pobre Nick tinham sido traumáticos, e sua lembrança estava gravada a fogo em seu próprio ser. Não era de estranhar que, em sua dor, pudesse revivê-los. Sabia que aquela imagem a perseguiria em seus pesadelos até o fim de seus dias.

Entretanto, cheirar a morte do Nick, por desagradável que fosse, era algo normal. Mas cheirar e sentir ao Nick — ao Nick vivo e sexy, não os tristes restos calcinados que eram quão único tinha ficado de seu corpo mortal — em seu banheiro e em seu dormitório, elevava o terror a um novo nível. Não se tratava de uma lembrança, de algo real, de algo ao que poder agarrar-se, por terrível que fosse. Não, tratava-se de uma alucinação. Uma loucura.

O frágil vínculo que a unia à realidade começava a quebrar-se. Baixou a vista e observou a pele arrepiada dos antebraços.

A ideia de sentir ao Nick em habitações vazias durante o resto de sua vida era aterradora.

Correu ao vaso, onde vomitou miseravelmente as últimas gotas de leite que ficavam no corpo. Seu estômago voltou a contrair uma e outra vez, arrojando tão somente a verde biliar, até que não ficaram forças para seguir de pé e caiu de joelhos.

Durante um minuto inteiro ficou assim, com sua bochecha febril apoiada na fria taça de porcelana. Vassily esperava fora, mas não tinha forças para levantar-se.

Voltou a escutar o som do timbre, tingido de impaciência nesta ocasião. Vassily estaria acusando o frio. A perna lhe doía quando o tempo era úmido e frio, como hoje. Não podia lhe fazer esperar por mais tempo.

Ficou em pé lentamente, apoiando na privada, erguendo-se e esperando um segundo para comprovar se seu estômago se assentou. Assim era.

Enxaguou a boca com água para desfazer do terrível sabor e, chiando os dentes, obrigou-se a mover-se, fazendo uso da pura força de vontade para chegar até a porta. Um pé detrás de outro. Esquerdo, direito, esquerdo, direito. Assustada, tremendo.

Merda, que perto tinha estado!

O coração do Nick ainda palpitava rapidamente quando se escondeu no espaço entre a garagem e a casa. Seu visor térmico lhe tinha mostrado que ela estava na sala de estar, de modo que se tinha arriscado a semear a parte traseira da casa de microfones. Em sua bolsa, no vaso do



aparador, nos bolsos de suas jaquetas. Nick era rápido e sigiloso, mas Charity tinha estado a ponto de lhe surpreender.

Nick se tinha posto em contato com seu chefe aquela manhã, e, depois de que lhe jogassem a bronca, tinham-lhe comunicado as últimas notícias sobre a situação da missão.

Ao parecer, tinham interceptado uma conversa entre o Hassad AlBanna e Abu Rhabi, que eram algo menos cautelosos com seus telefones móveis que Worontzoff, em que se falava de um próximo encontro com “o russo”.

Logo teria lugar uma reunião vital. Ao que parece os máximos chefes da máfia estavam preparando algo com o que pretendiam trocar a situação mundial. A Unidade desconhecia os detalhes, mas aquilo bastou para pusessem em alerta a todos os agentes.

Aquele era o único motivo pelo que não tinham enviado ao Nick a Alaska ou a Dakota do Norte para comprovar que conexões terroristas poderiam existir ali. E dado que se negou categoricamente a retornar a Columbia, lhe permitiu continuar com a missão, sob ordens estritas de permanecer na caminhonete de vigilância.

Mas a casa de Charity era como um ímã. Simplesmente, não podia permanecer longe dali. Retornou à estrada com a intenção de dirigir-se para a caminhonete, e de repente se viu conduzindo de novo para o lugar onde tinha sido feliz com Charity. Parecia que o carro do capanga fora sensível a alguma classe de campo de força que rodeava Parker's Ridge.

O agente para quem perder-se era impossível se encontrava agora perdido sem remédio, incapaz de partir.

Estar ali, perto da casa do Charity, era romper todas e cada uma das regras dos agentes encobertos, e uma dúzia mais. Embora vestido de negro de pés a cabeça, com suas luvas de atirador e sua máscara, ninguém poderia lhe reconhecer nem que lhe vissem.

Tinha a cabeça apoiada contra o revestimento do banheiro da planta baixa. Através do isolante, escutou-a vomitar e depois chorar em silêncio. Ouviu-o por duplicado, através da parede e pelos microfones que tinha espalhado pelo dormitório. Seu sofrimento se escutou alto e claro.

Nick alargou uma mão e a pousou contra o revestimento de madeira de cedro. Era consciente de que tão somente lhe separava do Charity uma distância inferior a trinta centímetros. Teria dado seu ovo esquerdo por abraçá-la, por aliviar seu pranto, mesmo sendo ele quem os causava.

Sua mão se fechou em um punho, que estrelou brandamente contra a parede com o corpo rígido por causa da frustração, enquanto Charity chorava.

Uma grande limusine preta com vidros pretos se deteve lentamente diante da casa de Charity, e Nick se agachou ainda mais, observando através do beco entre a casa e a garagem. Um enorme rododendro lhe oculta da vista.

Ficou em alerta máximo quando apareceu um bengala preta com punho de marfim, seguido por um elegante pé calçado. O chofer uniformizado abriu uma das portas traseira para que o passageiro descesse, ao tempo que segurava uma grande caixa preta com uma mão.

Nick escutou o timbre soar de forma insistente através de seus auriculares. Charity seguiu



chorando no banheiro até que conseguiu controlar-se. Logo abriu o grifo e se refrescou.

Vassily Worontzoff, escritor de fama mundial e um dos mais importantes chefes do crime organizado internacional, tinha ido visita para consolar à viúva do Nick.

Capítulo 20

Charity abriu a porta no mesmo instante em que Vassily levantava sua mão enluvada para chamar de novo.

— Querida minha — disse afetuosamente, olhando-a de acima a abaixo. Depois entrou, tirando o chapéu e as luvas —. Deixou-me preocupado. Sobre a mesa junto à janela, Iván — ordenou sem olhar a seu redor.

O chofer depositou a grande caixa preta sobre a mesa e partiu em silêncio. Ao fim de um minuto, o potente motor da limusine ficou em marcha e o grande veículo se afastou.

Vassily esperou a que se desvanecesse o som do carro. Logo avançou e estreitou a jovem entre seus braços. Charity levantou os sua de forma automática.

Era a primeira pessoa que o havia tocado desde... desde Nick. Não tinha desejado que ninguém a abraçasse no funeral e tinha evitado os beijos de compromisso na bochecha. Inclusive seu tio tinha parecido compreender que não podia tocá-la, pois do contrário se romperia em mil pedaços. Sua tia, totalmente confusa, logo que tinha sido consciente do que estava acontecendo.

De modo que ninguém a tinha abraçado e nesse momento, nesse preciso instante, compreendeu o desesperadamente que necessitava ambas as coisas. Tinha passado os últimos dias em outro planeta, longe da humanidade. Em um planeta grande, escuro e sem ar, cheio de sombras e sem vida. O forte abraço do Vassily a devolveu a terra, entre os de sua própria espécie.

Abraçava-a como se desejasse absorver parte da sua pena. — Meu dusbecka — murmurou, com a cabeça inclinada sobre a dela.

Seu grosso casaco ainda guardava o calor do carro, assim como o refúgio que criavam seu ombro e seu pescoço. De maneira delicada, fez que Charity apoiasse a cabeça sobre seu ombro, descansando sua bochecha sobre a suave caxemira de seu casaco, e o nariz contra a pele cálida de seu pescoço.

— Chora, dushka — lhe ordenou em voz baixa —. É melhor. Desafogue.

O coração de Charity pulsava com tal força que pensou que poderia sair-se o do peito. Um forte lamento se elevou na habitação e demorou um segundo em dar-se conta de que provinha dela. Apertou os lábios para conter aquele som, mas era algo impossível. Tomou uma baforada de ar entre soluços e se derrubou. Derrubou-se completamente.

Como podiam ficar lágrimas? O mais seguro é que as tivesse derramado todas; lagos, oceanos de lágrimas.

Charity chorou como se nunca antes o tivesse feito; um profundo poço transbordado de desespero. Sobressaltada pelos soluços, tremendo e estremecendo-se, as lágrimas emanaram de



seus olhos. Tremia tanto que se caído ao chão de não ser porque ele a sustentava em pé.

Vassily a abraçou fortemente, deixando que o pranto prosseguisse seu curso, que a quente e venenosa bola de dor pela morte do Nick se abatesse sobre ela. Os sons que provinham de Charity ressonavam de forma dolorosa e execrável na quietude da casa.

Chorou até que sentiu a garganta dolorida, até que lhe arderam os pulmões, até que pensou que seus ossos se fariam migalhas por causa dos tremores, aferrando-se às lapelas do casaco do Vassily, lhe empapando o ombro.

O desespero cedeu finalmente, ao menos no momento, deixando ao Charity obstinada ao Vassily, aturdida e com os joelhos trementes.

— Vamos, querida minha. Sentemos-nos. — Era a primeira vez que ele falava desde que Charity começasse a chorar. Agradecia-lhe imensamente que não tivesse pronunciado nenhuma das obviedades típicas enquanto ela chorava com o coração em carne viva.

Mas claro, esse não era o estilo de Vassily. O não a consolaria dizendo que tudo iria bem. Era um homem que compreendia a tragédia no mais fundo de sua alma.

Vassily a acompanhou até o sofá, fez que se sentasse, desabotoou-se com dificuldade o casaco, e tomou assento a seu lado. Uma vez mais, rodeou-a com o braço e depositou um tenro beijo em sua frente e outro na bochecha. Seus lábios eram quentes e secos.

Ao fim de um momento, quando tinha passado o pior, por impossível que lhe resultasse pensar naquele tempo, Charity soube que entesouraria a lembrança de seus gestos de afeto.

Vassily poucas vezes mantinha contato com ninguém. A Charity sempre pareceu que era muito independente para necessitar o calor humano, que estava satisfeito com sua música e sua leitura e com qualquer outra coisa que fizesse durante todo o dia naquela enorme e formosa mansão. Nunca lhe tinha visto com companhia feminina e, em muitas de suas veladas musicais, tinha sido ela quem acabasse fazendo o papel de anfitriã da casa.

Charity se perguntou de repente se Vassily tinha ou não vida amorosa.

Nem sequer lhe tinha passado pela cabeça que fora assim. Talvez porque tinha estado cega por sua fama ou devido a sua incapacidade de ver o homem que havia além das cicatrizes. Nem sequer era tão “velho”. Mesmo com os anos passados no campo de prisioneiros lhe havia marcado terrivelmente, Vassily só tinha cinquenta e quatro anos. Ainda era jovem e estava rodeado por um aura de fama e riqueza.

Acaso tinha uma amante secreta que não queria compartilhar com o mundo? Talvez uma emigrante russa, uma mulher de letras, a quem via de modo discreto de vez em quando? Alguém com quem podia falar em seu idioma natal? Isso seria estupendo. Esperava que não tivesse uma série de aventuras vazias, sem coração e mercenárias, rápidas e frias.

Na mão de Vassily tinha aparecido um lenço grande de linho e lhe enxugou os olhos com cuidado, para depois lhe segurar com cortesia o lenço no nariz enquanto ela soava. Devia ter um aspecto terrível: olhos e nariz avermelhados, gasta e aturdida. Vassily estava falando com tempo que lhe secava a cara:

— O melhor remédio de todos para situações como esta é o chai e o vodca. Uma antiga cura para a alma russa e, possivelmente, para a alma americana, quem sabe?



Ficou em pé e se aproximou da caixa que seu chofer tinha depositado na mesinha, tirando os objetos que continha. Grandes recipientes térmicos de prata, um bule de cerâmica de vivas cores, um frasco de prata, um pote de algo semelhante à geleia e dois copos com a asa de prata.

Seus movimentos eram torpes e lentos, mas não tinha pressa. Charity se maravilhou de ver quão bem Vassily tinha aprendido a desembrulhar-se com a deficiência de suas mãos.

— Queria te trazer um samovar, querida minha. — Sua voz soava serena enquanto se trabalhava em excesso —. Tenho um perfeito para ti. De prata maciça, de finais do século dezenove. Diz-se que o utilizou o muito mesmo Tolstoi, embora não há constância documental a respeito. Não o trouxe nesta ocasião, mas o farei. Será meu presente para ti.

Charity estava sentada em silêncio, com lágrimas secando-se em sua cara, observando ao Vassily. Adorava escutar sua voz grave e serena, com seu leve acento russo. Seu inglês era meticuloso, preciso. Tinha ouvido dizer que também falava francês e alemão à perfeição.

Vassily abriu um recipiente térmico grande com uma presilha que lhe permitia desenroscar a tampa com suas mãos destroçadas. Jogou escuras folhas soltas de chá de um pacote especial de papel na bule e verteu água fervendo do recipiente térmico sobre elas.

A estadia se impregnou imediatamente do fragrante aroma a chá macerando-se.

— Na Rússia, utilizamos frequentemente mais de uma bule de uma vez, empilhando umas em cima de outras. Ao igual a um samovar, mantêm o chá quente durante muito tempo. Mas o chá se concentra muito. — Lançou-lhe um olhar. Charity era consciente de que estava vendo uma mulher pálida e tremendo, apenas capaz de manter-se erguida —. Talvez muito forte para ti, neste momento.

Tirou os dois delicados copos com asa de prata, nos que se podia apreciar um complicado gravado.

— Cria-me ou não, estes podstakanniki, estes copos de chá, em seu tempo pertenceram ao czar Nicholas II. Formam parte de um jogo que tinha encarregado para sua esposa e para ele. Eu gosto de beber nos copos do czar e refletir sobre seu destino.

Um leve sorriso apareceu em seus finos lábios ao tempo que servia nos copos uma colherada do que parecia geleia de frutos vermelhos.

— Os russos poucas vezes adoçam o chá com açúcar. Utilizam mel ou geleia de bagos. Esta a fez minha governanta. Geleia de Vermont, para acompanhar o chá russo. — Olhou-a friamente de soslaio —. Uma fusão de nossos dois mundos, querida minha.

Charity tratou de endireitar-se enquanto secava os olhos com as palmas, sentindo-se esgotada e desejando estar sozinha.

Desejar que Vassily se fosse era algo realmente ingrato, dada a consideração que estava mostrando com ela. Tinha entesourado durante todo o inverno cada momento passado com o magnífico homem, para depois reviver suas conversações uma e outra vez em sua cabeça.

Devorou obedientemente cada livro que lhe tinha recomendado ou mencionado. Comprou o CD de cada obra musical que se tocava em suas veladas. Leu tudo que ele tinha escrito, uma e mil vezes. Abarrotou-se de literatura russa e da trágica história do Gulag.

Vassily tinha aparecido em seu remoto povoadozinho como se fosse uma estrela fugaz,



contribuindo com calor e luz para sua vida, iluminando todas as curvas escuras de seu provinciano canto do mundo. Ninguém sabia por que tinha escolhido Parker's Ridge. A própria Charity o ignorava, e Vassily jamais falava disso. Um bom dia apareceu, simplesmente, e comprou a velha mansão McMurton por meio de um intermediário.

Vassily poderia mudar-se a outra parte do mundo mais sofisticada e acessível, assim que se aborresse das limitadas possibilidades que oferecia Parker's Ridge. De modo que Charity era consciente de que o tempo que passava com ele era forçosamente limitado. Estava sendo muito amável com ela. Devia deixar a um lado seu sofrimento e corresponder a sua cortesia. Mas, quanto desejava sua solidão nesse momento. Estar a sós com sua dor, não ter que esforçar-se por manter a compostura ou cercar uma conversação educada.

Vassily serve uma generosa porção de um líquido claro nos copos de chá. Charity podia cheirar o álcool do fundo da habitação e seu estômago vazio se encolheu fortemente a modo de protesto.

— Vuodkya, ou como dizem vós, vodca — disse o escritor em voz desce. Em ocasiões, o único consolo de um homem. Um verdadeiro amigo que jamais te trai.

— Vassily — lhe pediu Ela—. Não ponha muito em meu chá, por favor. — Igual à maioria de russos, Vassily bebia quantidades enormes de vodca. Não obstante, por muito que bebesse, nunca lhe havia visto bêbado.

— Querida minha — sua voz estava tinta de diversão —, tão somente umas gotas. Normalmente, o chá que bebo contém um terço de vodca. Chamamo-lo “chá de marinheiros”, e me ajudou a passar muitas noites sombrias. — aproximou-se dela e lhe ofereceu um dos formosos copos com asa de prata —. Não quero escutar a bobagem de que não é capaz de bebê-lo. Precisa tomar líquido quente, álcool, e um pouco de comida. Por essa ordem. Minha cozinheira preparou uns pratos que encontrará ao fundo da caixa. Ainda estão quentes. Quero que me prometa que comerá isso.

A ideia de comer fez que o corpo do Charity se contraía, retorcendo suas vísceras em direção ascendente. Manteve-se imóvel um momento, desejando ferventemente que seu estômago descesse de sua garganta e se assentasse.

— Charity, querida minha, vamos. — Vassily se sentou o bastante perto dela para que seus braços e coxas se roçassem, e deu um golpezinho com o dedo ao copo ainda intacto —. Primeiro passo: beba o chá. — Colocou um dedo debaixo do copo e o levantou. Charity teve que levar o copo à boca ou arriscar-se a derramar-lhe em cima —. Isso é, muito bem — a animou.

A jovem bebeu a metade do chá lentamente, tratando de ignorar o potente aroma que desprendia o vapor. O líquido quente e o álcool acenderam um caminho de fogo até seu estômago.

Vassily já tinha apurado seu copo e se serviu vodca a secas. — Ontem à noite escutei o Opus 11 do Vivaldi, do princípio ao fim. É uma obra tão comovedora, tão sincera. Estava pensando escolhê-la para outra de minhas veladas. Talvez poderia chamar o quarteto De Clercq. Conheci seu representante em Paris, um homem muito inteligente e cosmopolita. Disse-me que o quarteto estaria em Nova Inglaterra antes de Natal, de modo que é possível que tenha uma noite livre.



Imaginei que você gostaria.

— Suponho que sim — murmurou.

Vassily levantou a mão para lhe colocar um cacho atrás da orelha e ela estremeceu por dentro. Essa manhã não se penteou. Nem sequer lhe tinha passado pela cabeça o fazê-lo.

— Excelente. Se isso te agradar, falarei com sua representante amanhã. Compensar-lhes-ei bem por seu tempo.

Aquilo resultava incrível. O quarteto De Clercq tinha fama mundial e as entradas para seus concertos alcançavam preços exagerados. Podiam encher auditórios inteiros, e Vassily havia dito com total naturalidade que lhes contrataria para um concerto ao que só assistiriam trinta pessoas, unicamente para agradá-la.

— Termine o chá, querida minha.

Ela obedeceu, esperando poder retê-lo no corpo.

Foi capaz de fazê-lo. De fato, era a primeira vez que sentia calor desde que recebesse as terríveis notícias. Tinha esquecido inclusive o conceito de calor.

Vassily pousou uma de suas mãos no joelho da jovem e a apertou com seus pobres e destroçados dedos. Machucava, mas Charity não teve coragem de mencionar nada a respeito. Não era culpa de Vassily; era-lhe impossível calcular a força de sua mão. Só Deus sabia quanta sensibilidade ficava.

Levantou o olhar e se encontrou com os olhos do Vassily, de um azul tão limpo e pálido como um sorvete céu da primavera. Estava-a observando sem piscar, penetrante mente.

— E bem? — perguntou de novo —. Se sente melhor? Charity acertou a esboçar um sorriso. Em realidade tinha que recordar-se como fazê-lo. Eleva os músculos a ambos os lados da boca, insígnia os dentes.

Centrou-se em seu estômago uma vez mais. Sim, tudo permaneceria dentro de forma segura e não decoraria o casaco do Vassily, ao menos não imediatamente. Assim não ia ficar em ridículo. Em qualquer caso, não nos próximos dez minutos. Vomitar em cima de um dos maiores escritores do mundo não era algo que desejasse fazer.

Sentia-se verdadeiramente adulada pelo fato de que se esforçasse em consolá-la. Não tinha assistido ao funeral, mas não tinha esperado que o fizesse. Sabia o muito que detestava sair quando fazia frio.

Em efeito, sua presença ali era sinal do afeto que lhe professava. Sentia-se adulada, verdadeiramente adulada. Mas desejava “realmente” estar sozinha. Esboçou outro sorriso forçado.

— Sim, assim é, Vassily. Sinto-me muitíssimo melhor. Eu...mmm, não me tinha ocorrido me preparar um chá e foi muito amável por sua parte vir até aqui por mim. Prometo-te que me beberei isso tudo. E comerei o que trouxeste.

Talvez. Se seu estômago se comportasse.

Charity se dispôs a levantar-se, mas a mão do Vassily sobre seu joelho o impediu. Ele a segurava com muita força. Pressionava-lhe o joelho a modo de ordem silenciosa para que não se movesse.



Ainda a observava com intensidade, cravando seu pálido olhar em seu rosto. Seus olhos eram de um azul gélido, mas naquele instante pareciam quase ardentes. Vassily possuía um caráter forte. Resultava um tanto inquietante ser contemplada com tanta atenção.

— Tenho... uma reunião de negócios esta noite. Vão vir uns sócios meus para... selar um contrato que levou muito tempo realizar. É algo no que levo trabalhando muito tempo e eu gostaria de celebrar a ocasião jantando contigo.

Charity não acertou a articular palavra e se limitou a olhá-lo fixamente.

— Farei que meu chofer passe para te pegar às seis. Dar-te-ei umas horas para que descanse e se refresque.

A jovem logo que dava crédito ao que ouvia. Vassily desejava que “celebrasse” algo com ele? Como demônios podia ir a sua casa quando não tinha vontades nem de sair até sua caixa de correio? Uma celebração? Teriam que jantar com seus sócios?

Ai, Deus, enfrentar-se a gente, cercar conversação, ingerir comida. Não existia a mais remota possibilidade de que pudesse fazê-lo. Encolheu-lhe o estômago só de pensá-lo.

Ele levantou a mão e brincou com uma sedosa mecha da jovem, com expressão sonhadora.

— Deveria clarear o cabelo, querida minha. Estaria realmente bela com o cabelo loiro. Loira platina. E lhe corta isso lhe indicou o contorno de sua mandíbula com um dedo torcido —. por aqui. Tão formosa...

— O que? — A palavra escapou como uma exalação —. Quer que me clareie o cabelo e que corte?

— Sim. Imediatamente. — Seu olhar, sonhadora embora firme, parecia estar vendo algo inexistente que estivesse além dela —. Loira platina. E o corte... acredito que o chamam “meia juba”. Tão bonita. Estaria tão bonita — articulou exageradamente as palavras “meia juba”, fazendo que soasse ridículo e exótico ao mesmo tempo.

— Vassily, me... adula-me que deseje minha companhia esta noite. Não crê que não é assim, mas...

— Mas? — Seus olhos cintilaram de repente e as aletas de seu nariz se dilataram.

Charity abriu as mãos.

— Acabo de enterrar meu marido, Vassily. Não me sinto com vontade de sair para jantar. — Nem de nada, em realidade, acrescentou para si—. Simplesmente não posso. Como demônios espera que saia para jantar tendo acontecido tão pouco tempo da morte de Nick?

Vassily não reagiu, seu pálido olhar se manteve sossegada e direta.

— Deve fazê-lo — disse sem mais, como se fosse evidente. Como se o fato de que o fizesse não fora questionável.

Vassily tinha um caráter tão forte que parecia capaz de criar sua própria realidade; uma realidade onde ela cumpria automaticamente sua vontade.

— Deve jantar comigo esta noite, não há outro modo. É o momento. Preciso que esteja comigo. — Roçou-lhe a bochecha com o dorso da mão; seu contato era frio e a jovem sentia as grossas e avultadas cicatrizes de suas mãos —. Virá comigo, K... Charity. Deve fazê-lo. Não aceitarei um não por resposta.



Algo tinha estalado no interior de Vassily, alguma primitiva força da natureza que devia ter ficado confinada e que só liberava quando era necessário. Não se mostrava teimoso, a não ser inflexível.

Charity conhecia sua história, mas era a primeira vez que pôde perceber a força interior de um homem que nem o Gulag soviético, nem todos os recursos de um poderoso país baseado sobre uma imensa crueldade, tinham sido capazes de quebrar. Um homem que tinha suportado torturas, surras e privações inimagináveis para sua compassiva imaginação ocidental. Nada o tinha quebrado. Nem sequer a pior vida podia lhe submeter. A privação de alimento e os trabalhos forçados a temperaturas baixo zero teriam acabado com um homem de menor fortaleza. Os ossos quebrados e a traição lhe tinham deixado cicatrizes, mas não tinham acabado com ele. Tinha emergido mais forte que nunca.

Charity sabia que, em um sentido muito real, Vassily pertencia a uma classe especial de homens. Mais fortes, mais inteligentes e duros.

Um gênio literário, um homem de grande visão. A classe de homem que se dava unicamente uma vez em cada geração. Shakespeare; Dante; Tolstoi. A humanidade existia para produzir homens como eles. Eram escassos e valiosos.

Vassily tomou a mão interrompendo seus pensamentos e lhe acariciou os nódulos com a gema do polegar.

— Por favor — lhe pediu com voz fica e trêmula —. Rogo-te que jante comigo esta noite. Necessito-te. Não pode nem imaginar quanto te necessito.

Jamais lhe tinha ouvido aquele tom. A voz normal do Vassily era firme e fria, forte e contida. Possuía uma arrogância natural que descartava a súplica.

O coração do Charity se intimidou ante tal ideia, tornando-se um frio punho em seu peito. Tivesse dado algo por não fazê-lo, mas em ocasiões a vida te lançava essa classe de desafios.

Ou os aceitava ou não. Ou jogava as cartas que a vida te repartia ou não.

Charity gostava de pensar que tinha aceitado qualquer desafio até o momento, sem importar quão difícil fosse. Recordava que seu pai, que tinha ido como voluntário ao Vietnam nada mais sair do instituto e que jamais tinha falado sobre isso, sempre dizia “nunca tome o caminho fácil”.

Charity se preparou para tomar o caminho difícil.

Tratou de desenhar outro sorriso, ignorando se o tinha obtido. Com o estômago revoltado e a esperança de evitar não vomitar o chá, deu-lhe a única resposta possível a sua súplica.

— Sim, é obvio, Vassily. Seria uma honra jantar contigo esta noite.

Nick tirou bruscamente o telefone móvel de seu bolso assim que este vibrou e caminhou escondido para a parte posterior da garagem, onde ninguém que estivesse dentro da casa poderia lhe escutar. Não comprovou a identidade na tela. Sabia quem lhe chamava.

Tirou de um puxão os fones pelos que tinha estado seguindo a conversação do Worontzoff e Charity, e se levou o móvel à orelha.

— Mais vale que não esteja onde acredito —arremeteu contra ele a voz furiosa de Di Stefano.



Nick apertou os dentes, agachou-se, com as costas contra a parede da garagem e aguardou um par de segundos a fim de poder falar com a voz controlada.

— Bingo.

— Escuta, maldito bode. Não sei que acredita que faz, mas está comprometendo a missão. Isso não é nada novo. Leva dias fazendo-o, mas isto supera sua loucura normal. Retire-se.

— Não posso. Escute-me — sussurrou de maneira premente —. Worontzoff está aqui.

— O que?

— Já me ouviu. Aqui, na casa de Charity. Neste preciso instante. Leva aqui mais de meia hora. Eu... pus microfones e antes que salte, mais te vale me agradecer, porque a última hora desta tarde vai acontecer algo, provavelmente a reunião com a AlBanna que esperávamos, e ele quer jantar com o Charity em sua casa para celebrá-lo.

A ideia lhe deixava louco. Podia ver em sua mente com clareza a expressão do Worontzoff da outra noite em sua mansão, tocando e trepando com Charity. Também podia imaginar sem o menor problema a reação do Worontzoff quando Charity lhe rechaçasse.

Aquele maldito russo era um rei em seu mundo, e os reis estavam acostumados a ser obedecidos, a castigar as pessoas que não acatavam seus desejos.

— Vou contar a Charity — anunciou Nick de repente.

Era o único modo que lhe ocorria de resgatá-la. Confessar tudo. Uma vez que ela soubesse a verdade, não iria a sua rica mansão.

— Vou contar lhe quem é esse bode em realidade e a lhe dizer que não pode ir a sua casa. Ordenará que a matem. — Lhe gelou o sangue ao imaginar as possíveis reações de Worontzoff. Podia ordenar que pendurassem a uma prostituta de um gancho de açougueiro, não queria nem imaginar o que faria a Charity. Em sua mente desenquadrada, ela era seu amor perdido. Assim que a jovem lhe contrariasse, sua vingança seria rápida e tremendamente cruel.

É obvio, Nick teria que descobrir seu disfarce para preveni-la e lhe revelar sua verdadeira identidade.

Existiam homens que preferiam morrer antes que descobrir seu disfarce. Cumprir o código equivalia a uma religião para o Nick. O que estava fazendo descumpria todas as regras. Sabia, mas era incapaz de não fazê-lo.

Iceman, o homem frio, sem sentimentos, capaz de levar a cabo a mais perigosa das missões, estava tão fora de controle por uma mulher que não podia afastar-se mais de cinquenta quilômetros dela.

Era como estar em um trem em marcha que se dirige a um desfiladeiro sem ponte. Era conhecido por seu rígido autocontrole, mas nesse momento, outra pessoa dentro de sua cabeça dirigia os controles e alavancas na sala de máquinas.

— Quando esse bode sair, vou entrar.

A brusca inspiração de Di Stefano se escutou com toda clareza através do telefone móvel.

— Nem pensar — balbuciou —. Nem te ocorra. É que se tornou louco? Mas o que te passa? Assim que Worontzoff descubra que ela sabe algo, tudo virá abaixo.

Sua voz soava baixa, distante. Sem dúvida o bastante longínqua para fazer que Nick não lhe



escutasse. Bla, bla, bla. Nada do que Di Stefano pudesse dizer afetaria a sua decisão. Havia sentido que era o correto. Tinha que entrar ali e contar tudo a Charity.

Entraria em sua casa, a colocaria em custódia preventiva e a encerraria até que terminasse tudo. Uma vez que acabassem com o Worontzoff, voltaria para por ela.

Pode ser que Charity não lhe perdoasse por haver mentido, mas no final de contas... conseguiria que seguisse viva.

Se não fizesse nada, se limitasse a ficar ali escondido, atrás da garagem de Charity, escutando-a chorar e vomitar, e depois se preparando para sair e relacionar-se com um mafioso, Worontzoff faria sua jogada pensando em voltar a ter a Katya em sua cama, e terminaria por descobrir que Charity não estava disposta a lhe seguir o jogo e que certamente não era seu amor perdido.

Nick não tinha nenhuma dificuldade em imaginar-se identificando o corpo de Charity na mesa do depósito de cadáveres da localidade. Intuíu que Worontzoff podia mostrar-se realmente criativo com uma mulher e uma faca.

Todo seu ser pedia a gritos que evitasse tudo o que tinha aprendido até o momento e pusesse de sobre aviso à mulher que amava, assim se agachou e vigiou a rua.

Ficou em marcha tão logo viu aparecer à limusine, e a sua chofer e ao Worontzoff partir nela.

Avisá-la do perigo era a opção mais inteligente, o que terei que fazer.

E se aquilo significasse, além disso, voltar a ver Charity, estreitá-la entre seus braços de novo... Seria maravilhoso.

Mas acontecesse o que acontecesse, uma coisa era segura: Charity não ia sair essa noite para ir à casa de um assassino. Nick morreria para evitá-lo. E, sem a menor dúvida, mataria por isso.

Capítulo 21

— Excelente — disse Vassily, com seus pálidos olhos cintilantes —. Sabia que podia contar contigo, dushka. Assim deve ser, querida minha. Nunca interfira no destino; só se consegue sair maltratado. É uma das lições mais duras desta vida.

Rodeou-a com o braço e lhe deu um apertão. Sua voz era mais forte do normal e seu braço a rodeava com tal força que quase machucava. Havia algo estranho nele, um pouco quase febril, que o fazia diferente do Vassily normal e friamente racional que Charity conhecia. Perguntou-se se estaria doente, incubando a gripe.

Seus desfigurados dedos lhe cravavam no ombro. Charity inspirou fundo, pensando que, talvez, aquilo faria que seu braço se afrouxasse, mas não deu resultado. Tão somente conseguiu que seu abraço resultasse mais doloroso.

Vassily desprendia umas vibrações estranhas, era como se estivesse... excitado, estimulado,



acalorado. Parecia que estivesse perdendo o domínio de si mesmo. Estava acelerando a respiração. Podia sentir sua caixa torácica elevando-se e descendendo contra seu flanco com tanta rapidez que virtualmente ofegava. Mostrava-se agitado, inquieto e errático.

De haver-se sentido melhor, Charity lhe tivesse perguntado por sua saúde. Era um amigo, mais ou menos da mesma idade que teria seu pai se fosse vivo.

Ao fim e ao cabo, era uma questão de cortesia para a educada Charity Prewitt. Sempre podia contar-se com que fizesse o correto.

Mas não nesse momento. Não pensava mostrar-se cortês, ser a menina boa que tinha recebido uma excelente educação por parte de uma boa família. Estava a ponto de perder a compostura; sentia-se completamente exausta, reduzida a cinzas, aferrando-se aos farrapos de seu autocontrole com unhas e dentes. Logo que punha manter-se em pé. O que menos precisava era enfrentar-se à agitação do Vassily.

No que estava pensando para aceitar seu convite? De onde ia tirar forças para sair, quando o único que ansiava era solidão e escuridão?

E era de tudo possível que também ela estivesse incubando a gripe. Tinha vomitado três ou quatro vezes entre a manhã de ontem e a de hoje.

Nesses momentos não ficava nada que lhe dar ao Vassily, estivesse doente ou não. sentia-se como a terra arrasada.

— Vassily... — Charity tratou de apartar-se dele, mas, para sua surpresa, descobriu que era virtualmente impossível. Havia lhe tornado a pôr a outra mão sobre o joelho para que não pudesse mover-se. Ou ao menos isso era o que parecia. Estava segura de que ele não o fazia a propósito. Como iria saber que lhe estava machucando? Mas sim deveria saber que a estava agonizando.

Ficou em pé. Foi o único que lhe ocorreu para desfazer do abraço do Vassily e fazer que se fosse da casa. Ansiava a solidão do mesmo modo em que um alcoólico anseia a bebida, ou um viciado sua dose.

Profunda e desesperadamente. Como se fora a morrer se não podia consegui-lo nesse mesmo instante.

O escritor também ficou em pé. Charity não viu que fizesse nada mais; não tirou o móvel nem fez ameaça de fazê-lo, mas assim que ele se levantou, Charity viu sua larga limusine, preta e reluzente, estacionar do lado de fora. O chofer se deteve no ponto exato onde a porta do passageiro ficava à altura do caminho da entrada.

Vassily caminhou lentamente até a porta, ajudado pela elegante bengala, sereno e coxeando. Charity o acompanhou, esperando que suas pernas lhe sustentaram ao menos até que pudesse fechar a porta depois de que ele saísse. Faltava-lhe muito pouco para derrubar-se.

Vassily se girou para ela, olhando-a fixamente com seus pálidos olhos azuis.

— Iván passará para te recolher as seis, querida minha. Até então... — Alargou o braço e lhe acariciou a bochecha com um de seus maltratados dedos.

Charity precisou de todo seu autocontrole para não retroceder, espantada. Ele deixou cair à mão e ficou as luvas, procurando seu chapéu com o olhar. A jovem o agarrou e o entregou. A lâ



era grossa ao tato, de excelente qualidade. Vassily pegou o chapéu sem afastar os olhos dela nem um só momento.

— Ver-te-ei esta noite, dushka. — Tomou a mão do Charity com a seu enluvada e se inclinou sobre ela —. A bientôt, chérie.

Charity retirou a mão e lhe rodeou para girar o pomo da porta, algo que lhe resultava difícil de fazer.

— Adeus, Vassily.

Ele se movia com dolorosa lentidão. Por educação, a jovem ficou ali de pé na porta aberta, congelando-se. O gélido ar matutino lhe afundou seus dolorosos dedos gelados até os ossos. Em um vão tento por manter um pouco de calor em seu organismo, cruzou-se de braços.

Um halo de escassa luz se filtrava pelo encapotado céu cinza quadro-negro. Fazia quase muito frio para que nevasse. Uns poucos flocos glaciais trataram de posar-se no chão, mas o vento os varreu com desenfreno antes que pudessem fazê-lo. Charity sentiu como agulhas o água e neve contra suas bochechas enquanto esperava com impaciência que Vassily partisse.

Finalmente, ele cruzou a soleira e se aproximou com dificuldade de Iván, que lhe esperava na parte de cima da escada com o braço tendido. Assim que Vassily esteve aos cuidados de seu chofer, Charity se apressou a fechar a porta, tratando de não dar uma portada com as pressas de lhe ter fora da casa. Uma vez escutou o clique do fecho, derrubou-se ofegando contra a porta com os olhos fechados, exausta.

Ao cabo de um momento escutou o ruído da porta de um carro caro ao fechar-se e o grave ronrono de um potente motor. Girou a cabeça e observou através da janela da sala de estar como se afastava a limusine. O veículo tinha luas tintas, mas acreditou ver o pálido rosto do Vassily apertado contra o cristal. Olhando-a.

Deus santo! Mas o que tinha feito?

Charity correu as cortinas da sala, cansada do mundo exterior, e colocou sobre a bandeja os copos de chá, a bule e a geleia, e o levou tudo à cozinha. sentia-se tão fraca que a bandeja tremia em suas mãos e os copos se chocavam. O momento passado frente à porta aberta lhe tinha roubado o pouco calor que conservava, junto com as poucas forças às que se esteve aferrando.

Deteve-se e se apoiou contra a pia, rodeando-a cintura com os braços. Sentia um frio tão profundo, que por um momento acreditou que seu coração se converteu em gelo. Estava completamente esgotada, como se não fora mais que ossos sujeitos pela pele. Não muito longe da tumba.

Os tremores se voltaram mais acusados e a bÍlis lhe subiu de novo à garganta. As lágrimas lhe saltavam dos olhos. Não sabia se tentar chegar ao banho para vomitar ou derrubar-se sem mais no chão e fazê-lo ali.

Com muita dificuldade tragou a bÍlis que lhe fazia cócegas no pescoço e, em seguida, esperou a que seu estômago se assentasse. Apertou os joelhos.

Não vomite, disse-se de forma severo. Não se derrube. Não haverá ninguém que te recolha se o fizer.

Tinha a sensação de que não existia calor suficiente em todo mundo para esquentá-la. O



único poderia lhe fazer entrar de novo em calor era Nick, e ele estava dentro de um caixão na pedregosa e fria terra.

OH, como a fazia entrar em calor! Nenhuma só vez havia sentido frio durante a semana que tinham ficado juntos. Dormir nua em pleno inverno não tinha sido nenhum problema tendo Nick consigo. Era como um forno. Uma fonte constante de intenso calor.

Tinha-o sido, pois agora tão somente ficavam dele ossos gelados. Jamais voltaria a sentir calor durante o resto de sua vida.

Santo Deus, quanto lhe sentia falta! Um soluço ameaçou abrindo-se passo desde seu peito, mas o conteve tampando a boca com a mão. Sua garganta se estremeceu e deixou escapar um desolado som através de seus dedos.

Não ia ficar de novo a chorar. Isso requeria uma energia da que simplesmente carecia. As lágrimas brotariam de algum lugar irremediavelmente quebrado em seu interior e jamais voltaria a sentir-se completa.

Apertou a mão com mais força sobre sua boca, sentindo como seus lábios pressionavam contra os dentes, e esperou. Esperou a que a transbordante dor remetesse, como o açoite da cauda de um escorpião. Tão somente necessitava que aquilo se acalmasse um momento, só um pouquinho, o tempo suficiente para conseguir levar seu corpo tremente de novo até o dormitório e derrubar-se sobre a cama.

Abraçou-se com maior força, tentou em vão fornecer o calor que Nick lhe tinha proporcionado com tanta facilidade.

Aquela dor aguda, lacerante, tinha que parar em algum momento. Não? Não se dizia em todos os livros que o sofrimento diminuía com o tempo?

Não tinha outra coisa a que aferrar-se que à ideia de que algum dia essa dor devastadora diminuiria, embora nunca chegasse a desaparecer de tudo. Charity era como alguém que tivesse sido ferido em combate. Os cirurgiões e enfermeiras podiam lhe pôr transfusões de sangue e lhe dar pontos, mas no mais fundo, as malhas estavam rasgadas e a ferida nunca se fecharia por completo.

Certamente a loucura remeteria algum dia. Tinha que fazê-lo, não era assim? Os Prewitt desfrutavam de uma vida idosa. Era fácil que chegasse a cumprir os noventa. estremeceu-se só de pensar em passar outros sessenta e dois anos de loucura.

Durante os três últimos dias, havia sentido a presença do Nick centenas de vezes ao dia. Sentia que o encontraria ao dobrar uma esquina, detrás de qualquer porta, ao sair da habitação... E cada vez seu coração se desbocava e seguidamente se derrubava e ardia quando via que não era assim.

Nick não estava ali. Jamais voltaria a estar.

Assim, por que seu corpo a atormentava daquele modo? Acaso não era bastante mau que seu marido tivesse morrido, sem ter que sentir sua presença?

Como... agora.

Todo o pelo de seu corpo lhe arrepiou enquanto se encaminhava lentamente ao dormitório, arrastando os pés e com o coração lhe palpitando com força. Um grande terror se apoderou dela,



esmagando-a, lhe cortando a respiração. Os olhos lhe brilhavam de forma doentia.

Naquele momento a presença do Nick era mais poderosa. Podia cheirá-lo. Ele estava ali, na casa. Acreditar aquilo era uma loucura, era consciente disso, mas não podia evitá-lo.

À dor que sentia se unia agora o terror de perder a cabeça.

Com cada passo que dava para o dormitório, podia sentir sua presença de um modo mais acusado. Era uma loucura. Sua mente lhe dizia que estava louca, mas todos seus sentidos estavam alerta, enviando frenéticos sinais a seu cérebro. Está aqui, está aqui, está aqui! Como se fosse o rufar de um tambor na selva.

Durante a semana que tinham acontecido juntos, todo seu corpo se transformou em um diapasão, de acordo com o corpo de Nick. Ele estava ali, podia senti-lo. Não existia raciocínio algum que pudesse convencê-la do contrário.

Aquilo era mais que horrível.

Tinha visto de primeira mão como sua tia se deslizava lenta e terrivelmente para a demência e era o mais aterrador, espantoso e dilacerador que tinha presenciado. Também sua tia via seus seres queridos, desaparecidos fazia muito tempo, entre as sombras e os cantos.

Aterrada, Charity alargou a mão e a pousou sobre a porta de seu dormitório. Depois da grossa madeira não havia mais que uma cama desfeita e lenços empapados de lágrimas esparramados pelo chão. Sabia. “Sabia”. Mas seu corpo sabia outra coisa em um plano completamente diferente.

Manteve-se um longo momento com a mão tremente sobre a porta, temerosa de abri-la, pois detrás não havia nada salvo a prova de que estava perdendo a cabeça.

Gelada, doente e tremendo, empurrou ao fim. A porta se abriu, emitindo um som grave na quietude da casa. A habitação estava imersa nas sombras. Não tinha se incomodado em abrir as venezianas.

A presença de Nick ali era muito poderosa. Charity ficou cravada onde estava, incapaz de entrar em seu próprio dormitório. Seu dormitório, perfeitamente normal, de repente se tinha convertido na guarida de uns monstros que esperavam para devorá-la viva. Um buraco negro ao fundo do qual se encontrava sua prudência, perdida para sempre.

A abertura da porta tinha originado correntes de ar que levavam até ela o aroma de Nick, sua presença, com maior intensidade. Fora do dormitório se escutou um leve ruído.

Não podia suportá-lo, não podia. Não ficava nada em seu interior com o que poder fazer frente a aquela classe de loucura. Tratou de levantar um pé e obrigar-se a entrar em seu próprio dormitório, mas não pôde. Seus pés estavam ancorados ao chão, como se estivessem apanhados por areias movediças. Estava paralisada e lhe era impossível respirar.

As sombras da habitação se formaram redemoinhos, ou talvez se tratava de que sua vista se estava desvanecendo. As pernas lhe tremiam agora, com muita dificuldade capazes de sustentar seu peso.

As sombras se moveram uma e outra vez.

Escutou o som de umas botas sobre o chão. As sombras se fundiram, adotando a forma de uma silhueta humana.



Uma alta figura de ombros largos, vestida de preto, avançou. E uma voz grave disse:

— Não deixarei que vá à casa do Worontzoff, Charity.

Era Nick, que tinha retornado da tumba.

De repente, a escuridão se abateu sobre a jovem.

Merda!

Nick correu a agarrar Charity antes que caísse ao chão, amaldiçoando-se enquanto o fazia. Não tinha repassado aquele momento em sua cabeça absolutamente, que era o que sempre fazia, fosse qual fosse o movimento a executar. Pela primeira vez em sua vida, limitou-se a seguir seu instinto sem pensar nas consequências.

Do contrário poderia ter pensado em diminuir o impacto que causaria em Charity ver seu defunto marido de novo com vida.

Nick estendeu Charity no chão, completamente aterrorizado.

Sabia que havia gente que morria por causa destas coisas. Merda, merda, merda!

A jovem estava lívida. Seu organismo enviava tanto sangue como era possível da periferia ao coração, tal como ocorria em momentos de muito estresse. Alguns choques eram tão impactantes que a circulação sanguínea ficava em câmera lenta e acabava detendo-se.

No Bósnia, dez dias depois de começar sua primeira missão, Nick tinha visto como caía morta uma mãe devido ao impacto que lhe supôs ver o que ficava do corpo de sua filha depois de que soldados sérvios tivessem acabado com ela. Não tinha ficado muito.

Um choque podia matar.

Tomou as esbeltas mãos geladas da jovem entre as suas, tentando fazer que entrassem em calor. Charity não se movia, nem sequer o fazia seu peito.

Em um repentino ataque de pânico, introduziu uma mão debaixo de sua jaqueta, procurando o batimento de seu coração. Não levava sutiã e Nick se envergonhou em parte do arranque de desejo ao sentir seu suave peito sob a mão. Adorava seus peitos.

Em uma ocasião, Kit Sanderson, seu companheiro nos Delta, disse-lhe que o que mais gostava em uma mulher era que tivesse uns peitos enormes, e sem pensá-lo muito, Nick disse que a ele também.

A primeira vez que tocou ao Charity, que tomou seus seios em suas mãos, sentindo os aveludado mamilos rosados endurecer-se, soube que se equivocou e que sempre tinha procurado a alguém como ela.

Pousou dois dedos sobre seu peito esquerdo. Ah, aí estava seu coração, rápido e débil, mas pulsava. Balançou-se sobre os talões, ainda abaixado junto a ela.

Deus, e agora, o que? Tinha conhecimentos básicos de medicina. Se estivesse sangrando devido a uma ferida de bala, saberia o que fazer com exatidão. Se tivesse um osso quebrado, certamente poderia colocar-lhe se necessitava pontos, também poderia dar-lhe Mas isto lhe superava.

— Charity — disse em voz baixa. Logo subiu o tom —: Charity!

Por Deus, logo que respirava. As aletas de seu nariz estavam contraídos e brancos, seus músculos completamente lassos.



Aquilo não pintava bem. Fora como fora, estava esgotada. Seus maçãs do rosto estavam mais marcadas, ao igual a seu queixo, e a clavícula era mais proeminente. Tinha emagrecido e isso que não tinha muito peso que perder.

Maldição, deveria ter atuado de forma diferente, mas como? Como diz a uma viúva que sofre que seu marido não está morto? Que tudo era produto de um terrível engano.

Não, não existia um modo de lhe revelar sua presença sem lhe causar um grande impacto. E tampouco havia modo de impedir que essa noite fosse à casa do Worontzoff sem delatar-se. Que se supunha que devia fazer, lhe enviar um email da tumba? Deixar mensagens escritas com batom no espelho do banheiro?

Não, aquilo devia fazer em pessoa.

Essa era a história de sua vida: um único caminho possível, reto, sem magros tabiques nem ruas laterais. O único modo de sair era cruzá-lo. Sem alternativas, sem desvios. Charity gemeu e Nick observou como seu rosto recuperava certa cor. Já não estava tão pálida e começava a recuperar a consciência.

Deveria lhe servir um dedo de uísque e obrigá-la a tomar-lhe mas o bode do Worontzoff já lhe havia fato beber vodca. Com o estômago vazio, tanto álcool a deixaria fora de combate. E, além disso, não queria afastar-se dela.

Charity gemeu de novo e sua mão tremeu. Nick a incorporou levemente, rodeando-a com o braço para sustentá-la. Ela abriu os olhos inesperadamente. Sem voltar em si pouco a pouco, sem que suas pálpebras se agitassem, de modo que ele tivesse ocasião de preparar-se. Aqueles formosos olhos cinza claro, que estavam fechados, abriram-se de par em par, de repente. Parecia assustada, confusa.

— Nick? — sussurrou.

Paulatinamente, elevou uma mão tremente, e lhe tocou a cara com cautela. Como se o tocar pudesse queimá-la. Maçãs do rosto, têmpora, mandíbula. Como se a evidência de seus olhos e ouvidos não fosse suficiente.

Uma ruga fez sua aparição entre suas sobranceiras castanhas.

— É você? Como pode ser você?

Nick deslizou o outro braço sob seus joelhos e ficou em pé com ela em braços, franzindo o cenho ao ver quão leve a sentia.

A seguinte parte ia ser... delicada. Antes sequer de chegar ao ponto em que a convencesse para que não saísse essa noite, tinha que abrir passo através de espinhosos bosques, vadear rios caudalosos e cruzar ardentes desertos.

Pior ainda. Tinha que contar que cada palavra que tinha saído de sua boca era mentira.

Assim, sabia que tinha uma árdua batalha por diante, e o melhor modo de enfrentar-se a ela era lhe contar a verdade — ou tanto quanto o possível — enquanto a tocava.

Suas palavras tinham sido falsas, mas seu corpo não tinha mentido. Nenhuma só vez. Sempre que a tocava, sempre que penetrava nesse precioso corpo, quente e acolhedor, seu prazer era autêntico. Aí não havia mentira alguma.

O tato era um tranquilizador poderoso, que aplacava aos animais e às mulheres que não



demorariam a ir às nuvens. Iria necessitar toda a vantagem da que pudesse dispor.

Sentou-se na esquina do sofá, acomodou Charity em seu colo para que estirasse as pernas e a rodeou com seus braços. Ela não afastou em nenhum momento o olhar de seus olhos. Tinha uma mão sobre o ombro do Nick, lhe massageando o músculo.

— Está vivo — sussurrou, ao fim. Não era uma pergunta.

Nick assentiu, observando seu rosto.

— Sim, carinho, estou vivo.

Ela piscou e se estremeceu.

— Estou ficando louca, como minha tia Vera. Não pode estar vivo. Eu te enterrei. Estou tendo alucinações.

— Não, não se trata de nenhuma alucinação. Está me tocando — lhe assegurou, antes de inclinar-se para beijá-la na bochecha —. Pode me sentir. Beliscar-te-ia para que me acreditasse, mas não quero fazê-lo. Não desejo te causar nenhum dano.

Dizer aquilo não era, precisamente, o mais oportuno. Charity inspirou profundamente e se ergueu, sentando-se justo sobre sua ereção.

Por incrível que fora, com tudo o que estava por acontecer, com o perigo espreitando no horizonte, juntou-se.

Charity abriu os olhos como pratos. Sentia-o. Durante um instante, foi como se o mundo inteiro se detivera. Deixaram inclusive de respirar. Não se escutava nenhum ruído na casa ou na rua. Reinava um silêncio absoluto enquanto a via combatia com o conceito de que um homem morto tivesse uma ereção por sua causa.

Aquilo era recíproco. O sexo entre ambos tinha sido mais que bom, do primeiro beijo rápido que compartilharam em seu carro de caminho a Di Emilio's até a última vez que haviam feito o amor na sexta-feira pela manhã. Seu corpo estava em consonância com o do Nick. Apesar do pequena que era, cada vez necessitava menos preliminares para lhe acolher. Às vezes, só fazia falta um beijo, uma carícia, e já estava preparada, molhada, inflamada e quente. Como se estar perto dele fosse todo o jogo prévio que necessitava.

De modo que tinha que observar com atenção seus olhos, e se sua expressão se abrandava, era muito possível que começasse a beijá-la, e uma coisa levaria a outra, talvez ali mesmo, naquela bonita poltrona — tampouco seria a primeira vez —. Diria-lhe “lamento te haver enganado”, e lhe olharia depois de gozar, com a pele rosada e suarenta, e lhe sussurraria “te perdoo, Nick”. O lhe diria “bem e, por certo, nem te ocorra ir esta noite à casa do bode do Worontzoff”, lhe responderia “o que você diga, Nick” e aí acabaria tudo.

Charity jogou a cabeça para trás e entrecerrou os olhos.

— Não. Nem sequer pense nisso.

— Não — repetiu Nick. Maldita seja, fazer o amor teria facilitado as coisas, tivesse evitado muitas coisas desagradáveis.

— A quem... a quem enterrei? — sussurrou Charity. Nick deu de ombros.

— Não sei.

A jovem apertou os lábios e tratou de escapar de seus braços.



Nem pensar. Não ia mover se de onde estava, em contato com ele. Nick a abraçou com mais força.

— Sinto muito, carinho. É a pura verdade. Não sei quem era. Mas tentava me matar e sei quem lhe enviou.

Olhava aos olhos com atenção, logo que escutando, como se tratasse de ver o que havia em seu interior. umedeceu-se os lábios secos.

— Onde esteve os últimos dias?

— Aqui — disse sem rodeios —. Principalmente fora de sua casa. Dormi em um motel que há aos subúrbios.

— Aqui? — murmurou. Afastou o olhar de seus olhos para percorrer a sala de estar, como se visse sua casa pela primeira vez. E novamente, tornou o olhar para ele.

— Estava fora de minha casa enquanto chorava como uma possessa? Enquanto sofria por ti com tal intensidade que acreditava que ia parar se me o coração? — endireitou-se subitamente em seu colo e Nick fez uma careta de dor —. Entrou em minha casa, verdade? Esteve aqui. Foi real.

Mexeu-se com força e ficou em pé, tremendo. Abriu os braços para deixá-la ir. Charity se movia de forma tão violenta, que Nick lhe faria mal se tratasse de retê-la.

Tremia, abraçando-se fortemente a cintura com os braços, e seus olhos brilhavam como pedras preciosas em seu pálido rosto.

— Acreditei que me estava ficando louca. Sentia sua presença em todo momento. Cheirava seu aroma. Entrava em uma habitação, esperando te encontrar. Acreditava que estava perdendo a prudência. — Lançou-lhe um olhar furioso com os olhos entrecerrados —. Trata-se de alguma classe de teu jogo? Finge estar morto, deixa que cria que lhe... enterrei, e logo volta? É esta sua ideia de uma “brincadeira”? — Sua voz se quebrou.

Nick ficou em pé devagar temendo que Charity fugisse ou se rompesse, ao primeiro movimento equivocado.

— Não é uma brincadeira — lhe assegurou com suavidade —. Nem nenhum jogo. E se tivesse podido evitá-lo, o teria feito, me acredite. O que acontece é que...

Charity ficou ainda mais branca.

— Evitá-lo? — levou-se uma mão trêmula à boca —. Queria “me evitar”? Queria me deixar na ignorância sem mais, pensando que meu marido estava morto? — Tragou saliva com dificuldade —. Você não é Nick — sussurrou, tremendo —. Não pode sê-lo. Ele jamais me faria isto. Jamais me deixaria chorando. Quem é?

— Não! — Deus, aquilo não ia nada bem —. Não queria dizer que te estivesse evitando a você, o que passa é que...

Mas Nick lhe falava com ar. Depois de deixar escapar um gemido, amortecido pela mão com a que se tampava a boca, Charity saiu disparada da habitação. Foi até o privada, colocou bruscamente ambas as mãos sobre a parede de ladrilhos do serviço e agachou a cabeça. Tão somente devolveu chá e vodka. Tossiu e vomitou um líquido marrom que emprestava a álcool, com os olhos chorosos.



Nick estava justo atrás dela. Introduziu uma toalha de penteadeira debaixo da torneira do lavabo e a escorreu. Rodeou-a com um braço desde atrás e lhe limpou a cara com ternura. Charity estava ofegando e tremendo, suando e tossindo. Os músculos do abdômen se contraíram sob a mão do Nick quando voltou a ter arcadas.

Agora já não saía nada, mas não resultava menos dilacerador pelo fato de que não ficasse nada no estômago que vomitar. Fez tentativas leves por desembaraçar do braço do Nick, mas ele não ia consentir. Charity necessitava de seu apoio. Nick estava seguro de que cairia ao chão se a soltasse.

Finalmente, depois de que passaram vários minutos sem sentir mais náuseas, a jovem se afastou, tratando de soltar-se de seu braço. Nick não cedeu. Voltou a enxaguar a toalha, fez que Charity desse a volta e lhe secou a cara e o pescoço.

Charity o permitiu docilmente, com a cabeça inclinada e os olhos fechados. Nick tinha visto gelo com mais cor que seu rosto. Parecia tão abatida que lhe encolheu o coração.

— Isto é absurdo — disse —. Deve estar na cama. Falaremos disso mais tarde, mas o que agora precisa é se deitar. — Franzindo o cenho, pôs o dorso da mão sobre sua frente. Não tinha febre. Em que pese a isso... —. Certamente está ficando doente, está muito agitada. Teremos sorte se só se tratar de uma gripe. O tempo que faz é propício para pegar uma bronquite ou uma pneumonia. Acredito que vou te levar ao hospital.

Boa ideia; a merda a operação de segurança. Levaria Charity ao hospital da cidade mais próxima e ficaria em um segundo plano. Assegurar-se-ia de que lhe faziam uma verificação e se certificaria de que estava bem enquanto Di Stefano e Alexei vigiavam ao Worontzoff.

— Não. — Charity fez um esforço e se endireitou, afastando-se dele —. Não estou doente. Estou de luto — afirmou, lhe fulminando com o olhar.

— Não sabia que estar de luto a faz vomitar dezenas de vezes ao dia. Isso é novo.

— Não vomitei dezenas de vezes ao dia! Isso é ridículo. Tão somente pelas manhãs... deteve-se de repente, abrindo desmesuradamente os olhos. Nick também ficou petrificado. Olharam-se o um ao outro. O silêncio era total no bonito banho enquanto Nick procurava em seus olhos a verdade que de repente sentia em todo seu ser.

— Adiante, termina essa frase. Tão somente vomita pelas manhãs. Já sabe o que isso significa, não? Significa que está grávida.

— Não — sussurrou Charity. Levou imediatamente a mão ao ventre, como se tratasse de sentir o que havia ali. Nick sabia o que havia: um bebê. “Seu” bebê. Apostaria seu milhão de dólares a que era certo —. Não, nem pensar. Não posso estar grávida. — Parecia horrorizada ante a ideia.

Nick franziu o cenho.

— É obvio que pode está-lo. Deus sabe que havemos fodido como loucos, e tão somente é necessário fazê-lo uma vez desprotegido. Pergunte a qualquer adolescente.

Charity se estremeceu.

— Isto é... é absurdo. É muito cedo. Não posso sabê-lo com segurança. Ainda não. Terei que fazer provas, análise de sangue, de urina, o que seja. Demoram-se semanas para saber com



segurança... — Sua voz foi se apagando enquanto olhava ao Nick com os olhos como pratos. Ambos estavam completamente seguros, Nick sabia, mas a Charity não estava resultando fácil assimilá-lo.

Nick era um soldado; Charity não. Estava acostumado a enfrentar à realidade. Sempre via as coisas tal como era, não como desejava que fossem, e o fazia sem demora. Não precisa adaptar-se. Deus bendito, se a gente necessitar tempo para adaptar-se às situações, mais vale não aproximar-se a um campo de batalha.

Tomar-se tempo para assimilar as coisas é um muito bom modo de conseguir que lhe matem.

Charity procedia de um entorno menos hostil, onde poucas vezes se recebiam más notícias e dispunha de tempo para aclimar-se. Ainda estava digerindo a ideia enquanto que Nick já estava fazendo planos.

Um bebê. Um “bebe”! Nunca tinha desejado casar-se e sempre se negou a pensar em ter filhos. O que sabia ele sobre a família, sobre criar meninos? Tinha crescido em um orfanato e em brutais lares de acolhida. Não era o exemplo perfeito para assuntos domésticos.

Certo era que Jake se criou do mesmo modo e se converteu no melhor marido e pai do mundo. Mas Jake era Jake e Nick era Nick. Se a mulher de volta mencionava sinos de bodas ou anéis, Nick punha pés em polvorosa. Não era algo que tivesse desejado, ou esperado desejar.

Motivo pelo qual o impulso de desejo que sentia quase lhe fez cair de bruços. Desejava Charity, mas também desejava ter a seu filho. Era uma emoção completamente nova, mas a assimilou imediatamente quando se instalou em seu interior. Não cabia dúvida de que era real. Reconheceu-o ao momento, como se tivesse estado ali sempre, aguardando pacientemente a que ele se precavesse.

O zumbido furioso que tinha alagado sua cabeça e nublado sua mente tinha desaparecido. Tinha a mente completamente limpa e sabia com exatidão o que queria.

Queria Charity e ao menino que haviam gerado juntos. Queria-o com ferocidade, com mais desespero do que, há tantos anos atrás tinha desejado converter-se em um membro dos Delta Force, a elite do exército.

Em um abrir e fechar de olhos, sua vida tinha dado um giro de 180 graus.

Queria-o tudo. Um casamento de verdade e ser pai. Desejava viver com aquela formosa mulher naquela bonita casa nessa preciosa cidade. Desejava educar a seu filho ou filha em um lar cheio de amor, protegê-lo e cuidá-lo. E desejava ter mais filhos. Por que demônios não tê-los? Por que ter só um?

É obvio, entre o agora e esse futuro havia uns quantos momentos difíceis que superar e um deles estava olhando nesse preciso instante com cara pálida e traumatizada.

Nick tomou suas mãos, que estavam geladas, as levou aos lábios e as beijou. Charity respirou profundamente e se soltou. Nick deixou que o fizesse, não era momento de lhe impor nada.

Charity escondeu as mãos às costas como se fosse uma menina, e elevou o olhar para ele, procurando em seus olhos, tratando de lhe decifrar.



Nick sabia como desviar a curiosidade e esconder o que desejava ocultar. Era uma de suas habilidades, junto com a imobilidade e o desapego emocional. Era o que fazia dele tão bom agente secreto. Sabia como manter as pessoas a margem. Mas agora precisava fazer uma mudança, e rápido.

Deliberadamente baixou o escudo com o que durante toda sua vida tinha protegido sua mente e seu coração, e deixou entrar no Charity.

A jovem sacudiu a cabeça lentamente.

— Quem é? Acredito que me estou ficando louca. Apaixonei-me por um homem em questão de uma semana, casei-me com ele e me converti em viúva o mesmo dia. E agora meu marido retorna da morte. É muito para assimilar. — Tragou saliva com força —. Preciso a verdade. Diga-me o que acontece, Nick. Chama-te Nick de verdade?

— Sim, meu nome é Nick. Contar-lhe-ei isso tudo, mas primeiro vai se lavar e se sentar antes que desmaie.

Retirou-lhe o cabelo com uma mão enquanto Charity lavava a cara com água fria. Deixou uma escova e um tubo de pasta de dente no lavabo e a olhou com um sorriso. Ela escovou os dentes e depois enxaguou a boca com elixir bucal. Depois lhe deu uma escova na mão e ela escovou o cabelo. Nick sabia que todas aquelas tarefas lhe faziam sentir-se melhor, mais no comando da situação.

Seu semblante estava recuperando um pouco de cor, mas ainda lhe tremiam as mãos. Nick fez que se desse a volta para olhá-la aos olhos.

— Muito bem. Vamos ter um bate-papo, mas não aqui. É uma conversa muito importante para fazê-la no banheiro, de modo que iremos à sala de estar. Ou vai até o sofá por seu próprio pé ou te levo. Você escolhe, mas tem que fazê-lo já.

Charity piscou. Nick sabia modular sua voz a fim de que suas palavras soassem como uma ordem. Ela obedeceu de forma instintiva. Dirigiu-se a uma das poltronas, mas ele a conduziu ao sofá e se sentou a seu lado, o que fez que a jovem retrocedesse, alarmada.

Charity desejava lhe evitar. Sentia-o por ela, mas ele estava ali e ia ficar. Agarrou-lhe a mão e a jovem atirou com desinteresse para tentar recuperá-la. Não conseguiu. Nick a segurava com firmeza. Não queria lhe fazer dano, mas tampouco ia soltá-la. Precisava tocá-la nesses momentos.

Charity se voltou de repente para ele.

— Está bem — disse tranquilamente, sem fazer mais tentativas de recuperar sua mão. Isto é o que sei de ti: chama-te Nicholas Ames, tem trinta e quatro anos, é, foi, agente de bolsa em Nova Iorque. Ganhou algum dinheiro e este ano deixou o empresa em que trabalhava. Quer abrir sua própria empresa. Seu pai era banqueiro e sua mãe advogada. Assim, me diga, quanto disso é verdade?

Nick se sentia tão condenadamente orgulhoso dela... Qualquer outra mulher estaria já gritando, mas Charity não. Suas palavras ressonaram em sua cabeça. Quanto disso é verdade?

— Basicamente, nada — confessou.

A pouca cor que a jovem tinha recuperado se esfumou de sua cara. Sua mão se liberou para cobri-la boca.



— Meu Deus — murmurou —. Já é casado. Disso se trata tudo isto.

— Não! — Voltou a tomar a mão —. Maldita seja, não, não estou casado. Nunca o estive.

— Não, não o está. Meu marido está morto — sussurrou —. Eu o enterrei.

— Não, carinho, enterrou a outro homem. A alguém que tratou de me matar. Desconheço seu nome porque não levava nenhuma identificação.

Charity piscou para conter as lágrimas.

— Pode ser que não tivesse nenhuma carne, mas sim levava seu anel de casado.

— Sim, assim é. — Nick a olhou fixamente à cara —. E lhe pôr esse anel no dedo foi uma das coisas mais duras que jamais tive que fazer. Mas era necessário; graças a ele identificaram seu corpo como o meu, não?

— Sim — sussurrou tensa —. Quando o agente de polícia me deu esse anel, acreditei que ia parar meu coração.

Nick se inclinou para diante com lentidão até que seus lábios lhe roçaram o cabelo. Charity se manteve rígida, mas não se tornou atrás.

Uma pequena vitória.

— Sei — disse contra seu cabelo, agitando com seu fôlego uma sedosa mecha.

Quase tinha esquecido seu aroma. Uma mescla de xampu, um pouco de aroma primaveril, e sua pele. Inalou-o e em certo sentido lhe acalmou. Desde que tinha jogado a aquele homem pelo precipício tinha estado funcionando a base de adrenalina, sentindo-se como se alguém lhe tivesse aberto um enorme buraco no peito.

Tocar Charity, cheirar seu aroma, acalmava-lhe, esfriou algo que ardia em suas vísceras. Tinha sido como uma criatura ferida no bosque, disparado por um caçador, dando tombos às cegas, sofrendo e perdendo sangue. Charity lhe sanava, fazendo que se sentisse completo.

— Começa por me dizer seu nome. — Inclinou a cabeça enquanto lhe observava —. Preciso sabê-lo.

— Meu nome é Nick. Nick Ireland. Mas não é o sobrenome de minha família. Em realidade ignoro meu verdadeiro nome. Abandonaram-me em um orfanato ao norte de Nova Iorque. Havia uma nota presa à manta que dizia que o bebê se chamava Nick. Mais tarde, esse mesmo dia, chamou uma garota perguntando se me tinham encontrado. Estava chorando. A secretária do orfanato disse que tinha acento irlandês, assim que me apelidaram Ireland.

Nick observou os olhos do Charity. Nunca antes tinha contado sua história a ninguém; sentia-se realmente bem em mentir sobre seu passado. Jamais lhe ocorreu contar a verdade. Não desejava ver pena ou aversão.

Agora não via nada disso.

Charity escutava em silêncio, observando-o com uma expressão sombria no rosto.

— Prossegue — lhe pediu.

— Passei dez anos no exército. — Não mencionou em que seção. De fato, não podia. Os expedientes dos agentes dos Delta eram confidenciais durante vinte anos —. Feriram-me em uma missão e tive que me licenciar. Os dois últimos anos trabalhei para o governo, em um destacamento especial que investiga o crime organizado internacional e suas relações com



terroristas. Cada vez há mais, e nós tratamos de acabar com eles.

Observou como ela recebia a informação. Não lhe cabia a menor dúvida de que estava arquivando cada peça de informação que lhe dava, as unindo. Às vezes lhe esquecia a inteligência que possuía. Era tão bonita, tão doce... que podia passar por cima sem a menor dificuldade a agilidade e acuidade de sua mente.

— O exército — refletiu Charity, intumescida —. Assim, imagino que não caiu sobre a barra das cortinas de sua tia, verdade?

— Não, assim é. — A habitação ficou em completo silêncio enquanto ela assimilava a informação recebida.

Charity estava perdendo aquela expressão traumatizada que tanto o tinha assustado. Agora seu rosto não tinha expressão alguma, igual a um pulso de porcelana. Ao Nick não gostava daquilo, porque tinha que lhe dar mais más notícias.

—Se trabalhar como agente secreto... Basicamente isso é o que falou, não é assim?

Nick assentiu.

—Então por que está aqui? Parker's Ridge é um tranquilo povoadinho de Nova Inglaterra. O que pode estar procurando aqui?

Aí estava: Nick temia que ir com muito tato, como se caminhasse descalço sobre carvões acesos.

O segurou a mão com maior firmeza.

— Estamos aqui pelo Vassily Worontzoff. É o chefe de uma das máfias russas mais poderosas do mundo, e estamos seguros de que está a ponto de ficar em contato com uma célula do Qaeda. Isto é informação confidencial, Charity. Não tenho nem que te dizer que não pode sair destas quatro paredes.

Olhou-lhe fixamente durante um instante e logo lançou uma breve gargalhada.

— Está investigando ao Vassily? É escritor, o que tem isso que ver com...? Espera um momento. — Nick virtualmente podia ver como as engrenagens de seu cérebro giravam a tal velocidade que desprendiam fumaça quando encaixou as peças—. Se andar atrás do Vassily, o que é uma loucura, significa que anda atrás de “mim”. Todo mundo sabe que me aprecia. — Charity apartou a mão e ficou subitamente em pé —. OH, Meu Deus.

Levou as mãos à cabeça e lhe deu as costas, como se resultasse difícil estar quieta com o que estava dizendo.

— Aproximou-se de mim em busca de informação. Eu era... eu era sua missão. Meu Deus... Enviaram-lhe para me seduzir. Não posso acreditar. Eu era seu trabalho. — Sua voz se ia elevando por causa da agitação.

Nick abriu a boca para dizer algo, e a fechou de um golpe quando um carro freou em seco diante da casa. Um homem baixou rapidamente e correu para a porta principal. Ao cabo de um segundo, soou o timbre.

Bom, a coisa ficava interessante.

Era Di Stefano, e a julgar pela expressão de sua cara, estava furioso com Nick.

Tinha ido ali para unir-se sem demora ao cada vez mais numeroso clube “Odeio ao Nick”.



Capítulo 22

O único positivo de estar cheia o saco — realmente cheia o saco, como nunca antes o tinha estado —, era que seu estômago se assentou e que estava entrando em calor.

A cabeça lhe dava voltas ao ver o Nick, cheio de vida, ali, em sua casa.

O homem que tinha à frente era Nick, mas não seu Nick. “Seu” Nick era desses homens tranquilos, que exsudavam uma espécie de serena quietude. “Este” Nick era igual a um animal perigoso, uma pantera ou um leão. Em vez do elegante traje de um executivo, vestia de negro de pés a cabeça. Jeans, jaqueta e uma fina parka. Em lugar de uns reluzentes sapatos elegantes, levava umas gastas botas negras, a classe de calçado apropriado para o trabalho que realizava.

Também tinha uma atitude diferente, com uma energia contida esperando a transbordar-se. Em lugar do meio sorriso afável que era sua expressão característica, parecia sério, mantinha a boca tensa e os dentes apertados.

Não lhe surpreendia que este novo Nick dissesse que tinha estado no exército e que agora era um agente da lei. Por outra parte, podia ser um criminoso; no momento se reservava sua opinião de tudo que lhe dizia. Uma coisa estava clara: parecia perigoso de pés a cabeça.

E, por desgraça, incrivelmente sexy.

Aquilo não era nada bom. Não queria que seus sentimentos aflorassem.

O timbre da porta soou pela segunda vez antes que Nick a abrisse. No alpendre havia um homem loiro e alto, com um rosto tão sério como o do Nick.

— Sabia — começou, furioso —. Que “caralho” faz aqui?

Nick não se intimidou ante sua fúria. Ergueu os ombros e deu um passo adiante, encarando-se com o recém-chegado.

— Já tivemos esta conversa, e cuida suas maneiras, imbecil, há uma dama presente.

O homem fechou a boca com um estalo quando dirigiu o olhar por cima do largo ombro do Nick e a viu.

— Senhora — disse, saudando-a com receio.

Charity inclinou a cabeça; não sabia o que dizer.

O homem suspirou e pinçou no bolso de seu jeans, tirando uma carteira de pele que abriu para ensinar sua identificação. Sustentou-a altura do peito e entrou na habitação, detendo-se a trinta centímetros dela.

Charity se aproximou de examinar a placa de metal, que tinha um complicado desenho com símbolos que não compreendia. “Departamento de Segurança Nacional” figurava gravado ao pé. A identificação levava uma fotografia do homem que tinha diante, tomada, obviamente, em tempos felizes, já que sua expressão ligeiramente risonha distava muito da expressão séria que luzia nesses momentos. Em cima da fotografia podia ler-se seu nome: Agente especial John Di Stefano.

Charity elevou o olhar para ele. Não era tão alto como Nick, mas sim mais que ela.



— Agente especial Di Stefano — murmurou.

Na habitação se fez um silêncio repentino, como se ninguém soubesse como seguir a partir daí. Todos esperaram a que alguém desse o primeiro passo.

— Mostre-lhe a sua, Nick.

Os olhos de Charity se abriram de par em par e esteve a ponto de dizer: “Já a vi”, mas se mordeu os lábios antes que as palavras pudessem escapar, com a garganta alagada de pura histeria.

Nick tirou exatamente o mesmo tipo de carteira de pele, com a mesma placa metálica identificada. Em cima de sua desalentadora fotografia podia ler-se: Agente especial Nick Ireland.

Nick fechou a carteira de repente e a guardou no bolso traseiro de seu jeans.

Depois de dirigir um olhar hostil a seu companheiro, Di Stefano agarrou Charity pelo cotovelo e fez com que se sentasse no sofá. A jovem não tinha forças para resistir. Ele ocupou a poltrona de frente e lançou um olhar hostil a Nick quando este se sentou justo ao lado da jovem.

Di Stefano adotou a clássica posição masculina: jogado para frente, pernas separadas e mãos pendurando sobre os joelhos. Depois a olhou diretamente aos olhos e disse:

— Você não me viu. Não existo. Este encontro jamais teve lugar. Deve meter isso na cabeça, senhora. — Fulminou de novo Nick com o olhar—. Não sabe quanto lamento ter chegado a isto. Você não deveria ter conhecimento de nossa existência.

Nick apoiou o braço com o passar do respaldo do sofá, colocando-o de forma que aproximou Charity contra seu corpo. Imediatamente, ela se tornou para frente, afastando-se dele.

— Agente especial Di Stefano — disse sem vacilar —. Imagino que se refere a que aparentemente ambos estão aqui em uma missão confidencial. Asseguro-lhe que não tenho a menor intenção de divulgar informação que possa lhes pôr em perigo. Entretanto, se sua missão é espiar a Vassily Worontzoff, então perdem o tempo, assim como seus recursos e os de nosso país. Esse homem não é outra coisa que um grande escritor.

Nick arrojou alguns objetos a mesinha de café situada entre Di Stefano e ela, interrompendo-a quando se dispunha a empreender uma acalorada defesa do Vassily.

Ela os olhou: uma caixa de medicamentos, o que parecia uma parte de aço e um CD.

— O que é isso?

Nick apertou os músculos da mandíbula.

— Meu pequeno kit Worontzoff pessoal. Pegue-os. — Charity duvidou e ele assinalou os objetos com seu comprido dedo —. Vamos, pegue-os.

A jovem obedeceu com cautela, perguntando-se se talvez escondiam algo. Mas não. Eram objetos completamente normais. Uma caixa de medicamentos de uma grande empresa farmacêutica internacional com um ampola para administração intravenosa no interior, uma parte de metal e um CD sem marcas. Quando terminou de examiná-los, deixou-os de novo na mesa em silêncio e esperou.

Nick agarrou de novo a caixa e a colocou outra vez na mão do Charity.

— Este fármaco se utiliza no tratamento de alguns tipos de câncer avançados, e é especialmente efetivo na medicina pediátrica. Olhe o preço.



Charity deu a volta à caixa e, ao ver o que custava, abriu os olhos como pratos.

Nick assentiu secamente.

— Vale oitocentos euros, mais de mil dólares segundo a mudança atual de divisas. É um fármaco caro e experimental. Ou o seria, se fosse autêntico. O que tem na mão são dez centésimos de cartolina impressa, cristal para a ampola e soro salino. Os sócios comerciais do Worontzoff introduzem estes pacotes sem que ninguém se pregava nos envios aos hospitais. — Fez uma pausa —. Falamos de uma margem de benefícios de perto de milhão por cento. O negócio mais lucrativo do mundo. Nenhum outro lhe aproxima. Em comparação, traficar com cocaína e heroína é para novatos. A questão é que esses pobres meninos estão morrendo por causa da leucemia metem uma dose de soro nas veias, em vez do medicamento que poderia lhes salvar a vida.

Charity se voltou para Di Stefano, horrorizada. O assentiu.

— Sim. É um novo giro no comércio das drogas.

— Vê isto? — prosseguiu Nick, lhe passando a parte de metal —. Trata-se de um componente muito caro da última geração de aviões de passageiros de grande capacidade, fabricado em uma liga de titânio e elaborado para resistir uma tolerância de alguns microns. Custam setecentos e cinquenta dólares a unidade devido aos exaustivos testes aos que são submetidos. Salvo que este é fato de níquel barato. Começará a partir-se a partir da décima decolagem. Durante um tempo, até que descubram o que acontece, os aviões choverão do céu.

Charity deixou cair à parte de metal como se de repente se transformou em um ferro ao vermelho vivo.

— E isto? — Nick sustentou em alto o CD —. O deixei para o último. Este CD contém os códigos de acesso de mais de vinte por cento de nosso arsenal nuclear. Interceptamo-lo quando Worontzoff o enviou ao ministro da defesa iraniano e o substituímos por códigos falsos. Custa... algo assim como dez milhões de dólares. Os iranianos demorarão um tempo em dar-se conta de que lhes extorquiram, e quando o fizerem, espero que acabem com o Worontzoff por nós, e assim nos evitar correr com os gastos de lhe levar a julgamento. — Apertou os dentes com tal força que lhe esticou a pele das têmporas —. E sabe o que ocorrerá esta noite? Que o bom do Worontzoff, homem de letras, vai reunir-se com um dos terroristas mais sanguinários do mundo. E é muito provável que o bode número um tenha um pouco de espécie nuclear que lhe vender ao bode número dois.

Charity tragou saliva. Tinha a garganta tão seca que lhe era difícil pronunciar palavra.

— É essa a reunião de negócios da que me falou? — sussurrou —. Com um terrorista?

— Não se trata de um “simples” terrorista — interveio Di Stefano —. Mas sim “do terrorista”. Levamos anos tratando de capturá-lo.

— Assim, já vê, Charity — disse Nick de forma veemente —, não existe a menor possibilidade de que esta noite vá à casa do Worontzoff. Como é natural, vamos te colocar em custódia preventiva agora mesmo, até que tudo isto acabe. — Lançou-lhe um olhar furioso a seu companheiro —. Não é assim, Di Stefano?

— Sim. Não seria boa ideia que ficasse aqui, senhorita Prewitt. Estamos falando de assuntos



muito perigosos e é melhor para você que se mantenha a distância.

— Mas... sigo sem compreender o que faz Vassily “aqui”, no Parker's Ridge. Está claro que isto não é um núcleo criminal, nem nada semelhante. Não é mais que uma pequena localidade do norte de Vermont. O que há aqui que possa querer?

— Você — afirmou Di Stefano sem rodeios. Charity se estremeceu.

— Eu?

Nick arrojou outra coisa em cima da mesa... a fotografia de uma mulher.

— É o último objeto de meu kit do Worontzoff. Charity lhe deu a volta e sufocou um grito.

Tratava-se de um primeiro plano em cor de uma mulher, realizado por um fotógrafo profissional. Ao pé da fotografia se podiam ver letras cirílicas, talvez o nome do fotógrafo. A mulher levava uns pendentes compridos e seu penteado estava um pouco passado de moda.

Tinha o cabelo loiro platino curto. Charity examinou os familiares rasgos com o coração desbocado e deixou escapar um ofego de surpresa.

A mulher podia ter sido sua irmã gêmea.

— Sim — disse Nick —. É o vivo retrato dessa mulher morta.

Charity não podia afastar os olhos do retrato. Agarrou-o de novo e o examinou minuciosamente. Era como se olhar em um espelho, usando uma peruca. Tocou o cabelo da foto, de uma loira platina, vários tons mais claro que o seu.

— Ele... queria que me clareasse o cabelo. Loira platina. E que cortasse isso igual ao dela. — Percorreu o contorno do cabelo da mulher, talhado à altura da mandíbula, com a gema do dedo.

Di Stefano se estremeceu.

— Deseja convertê-la nela em todos os sentidos. Que seja idêntica a ela. Fisicamente, ao menos. Não há um arrepiante filme do Hitchcock com um argumento parecido?

— Como se chamava? — sussurrou Charity, sem afastar o olhar do retrato. Agora compreendia tantas coisas... O modo em que Vassily a buscava; como a olhava, vendo-a mas sem vê-la. Não a via ela; via seu amor perdido.

— Katya. — A voz do Nick era áspera —. Chamava-se Katya Amartova. Era poetisa e o amor de sua vida. Prenderam-nos e foram enviados juntos a Kolyma. Ela não aguentou nenhuma semana.

— Katya — murmurou Charity, tocando o rosto que poderia ter sido o seu. Pobre Katya. Pobre Vassily.

Worontzoff não só tinha perdido a seu amor na prisão; tinha perdido sua alma.

Charity tornou de novo sua atenção à mesa e tocou os objetos, um por um. Vivida-a imaginação que possuía era como uma maldição. Não lhe custou muito imaginar-se a um menino afligido de leucemia, aferrando-se à esperança de que o líquido de sua via intravenosa fora a lhe salvar a vida. Ou imaginar um avião fabricado com material defeituoso caindo em picado. Tinha lido que a última geração de aviões podia transportar de quatrocentos a setecentos passageiros. Centenas de mortos, corpos calcinados. OH... Deus bendito! Segredos nucleares em mãos de um ministro iraniano que odiava a América.

Levantou o olhar.



— Como se inteirarão do que vai se tratar na reunião de esta noite?

Di Stefano e Nick se olharam. Finalmente, Nick deu de ombros despreocupadamente.

— Contamos com um artefato especial apontando à janela de seu escritório que nos permite escutar suas conversações.

— É a mesma classe de aparelho que te permitiu escutar minha conversa com o Vassily de faz um momento? — perguntou com brutalidade.

Nick pareceu envergonhado.

— Não. O que coloquei em sua casa não são mais que microfones normais. O que temos dirigido à janela do escritório do Worontzoff é um dispositivo de escuta laser de comprimento alcance, controlado de uma caminhonete de vigilância, estacionada a pouco mais de quilômetro e meio de distância.

Charity franziu o cenho.

— Só ao escritório? E o que passa se falarem de negócios na sala de estar ou no estufa? A casa do Vassily é enorme. Que farão se conversarem sobre outro lado?

Di Stefano deixou escapar um forte suspiro. — Boa pergunta, que não tem uma boa resposta. Somente contamos com um dispositivo laser, assim teremos que esperar a que a reunião tenha lugar no estudo. E que seja logo. Porque, naturalmente, isso também supõe um problema... — interrompeu-se de improviso, parecendo incômodo.

— De que problema se trata? — perguntou Charity. Nick dirigiu a seu companheiro um olhar duro, reprovador, que fez com que Di Stefano mordesse a língua.

— Qual é o problema? — insistiu a jovem, cortante. — Não podemos utilizar o laser depois de que obscurece. Assim como tampouco podemos fazê-lo em meio a uma forte tormenta de neve. O laser se torna visível e seria fácil nos descobrir.

— E se reúnem depois de que anoiteça? Vassily me convidou para jantar, supostamente depois de que concluem as negociações ou o que seja. E se começar a nevar, tal como prevê o homem do tempo? Qual é o plano B?

Silêncio. Di Stefano parecia envergonhado e Nick áspero, os músculos de sua mandíbula não deixavam de contrair-se. Finalmente, foi Di Stefano quem falou:

— Em realidade, não temos um plano B. Tentaremos obter fotografias de todos os que entrem e saiam, e empregaremos um visor térmico para contar os corpos. — Deu de ombros —. Faremos quanto esteja em nossas mãos com o que temos.

— Existe outro modo de conseguir mais informação — assinalou a jovem sem levantar a voz.

— Sim? — Di Stefano arqueou ambas as sobrancelhas —. E qual é?

— Coloque um microfone em mim — disse, sem mais.

Nick explodiu.

— Não! — levantou-se de um salto do sofá e se passou a mão pelo cabelo —. Não e não, merda, não. Está louca? Hassan AlBanna e Vassily Worontzoff na mesma habitação, e você quer entrar ali? Junto com todos seus seguidores? — Deu meia volta —. Maldita seja, Di Stefano, dava-lhe você.



Mas seu companheiro olhava pensativamente a jovem.

— Poderia funcionar — disse Charity, ignorando ao Nick.

— Poderia — repôs Di Stefano.

— Não! Meu Deus, não pode colocar a uma civil nisto! Não existe precedente nem protocolo. Não podemos fazê-lo!

Di Stefano girou a cabeça para olhar fixamente ao Nick.

— Você é o primeiro que jogou os precedentes e o protocolo pela janela, Nick. Apenas estamos recolhendo as peças.

— Bom, pois eu não quero ter que recolher às “peças” do Charity —grunhiu Nick —. Já tive bastante no Bósnia. Isto não é uma opção, assim esquece-o.

Charity também ficou em pé. Nick desfrutava de uma injusta vantagem devido a sua altura, e agora que se abatia sobre ela, tremendo de indignação, resultava entristecedor.

— Não me parece que você seja quem deve tomar a decisão, Nick —disse sem alterar-se. Falava com ele, mas era a Di Stefano a quem olhava.

O que lhe tinham contado sobre Vassily lhe horrorizava. Era assim como tinha conseguido todo seu dinheiro? Não graças a seus livros, a não ser basicamente matando meninos e fazendo entendimentos com terroristas?

Em realidade, Charity não se acreditava uma mulher valente. A suas não eram as artes marciais, nem gostava de escalar rochas ou fazer paraquedismo. Era uma bibliotecária com uma vida aborrecida, que acreditava que um livro da Nora Roberts era do mais emocionante.

Mas, ao mesmo tempo, possuía um forte sentido da honra e do patriotismo. E resultava que o homem ao que tanto tinha admirado, Vassily Worontzoff, era um perigoso criminoso e devia ser neutralizado.

Uma pequena parte de seu coração compreendia bem que tinha sido Kolyma o que o tinha trocado. O não era responsável pelos horrores que lhe tinham infligido, que lhe haviam custado sua saúde, seu amor e, em um sentido muito real, sua prudência. Mas sim era responsável por aquilo no que se converteu.

Charity reconhecia que se enfrentava a outro desses momentos em que alguém demonstra de que massa parece. E ela era feita de aço. A vida lhe tinha concedido a possibilidade de evitar um sem-fim de mortes e não ia deixá-la passar.

— Tem o equipamento necessário? — perguntou a Di Stefano.

— Sim, tenho um microfone corporal no carro e também uma mini câmera. Tão somente terá que permanecer ali um momento. Precisamos ter as vozes gravadas de todos os assistentes e planos nítidos de seus rostos, que não podemos conseguir com câmaras de comprimento alcance ou sondas de verme. Isto teria um valor incalculável, senhora..., senhorita...

Di Stefano se interrompeu, sem saber como dirigir-se a ela. Algo de tudo lógico, já que tampouco Charity qual era seu estado civil atual.

— Me chame Charity.

Podia ouvir-se com toda claridade ao Nick chiando os dentes.

— Isto “não” vai acontecer! — A voz do Nick se elevou em um grito —. Maldita seja, é uma



loucura! É que esqueceste a quem nos enfrentamos, Di Stefano? Não se trata de criminosos de luva branca; trata-se de alguns dos homens mais mortíferos do planeta.

— E entretanto, segundo você mesmo reconhece, Nick, um deles me ama. Vassily não me fará nada. Sei — afirmou Charity.

— Não, não sabe, merda! — Sua respiração surgia igual à de um touro enfurecido —. Merda, é que sou o único desta habitação com um pouco de senso comum? Di Stefano, você não esteve destinado no Bósnia, eu sim. Não sabe do que é capaz esta gente, sobre tudo com as mulheres.

— Mas ele a quer. E ninguém suspeitará de Charity. Estará ali porque ele há convidou. Entrará, tirará umas fotos, e logo fingirá ter enxaqueca. Só será necessário que esteja ali uma meia hora. O que pode acontecer em tão pouco tempo? E para nós significaria obter uma grande vitória.

— Não se demora meia hora em morrer — assinalou Nick entre dentes—. Demora-se um segundo. Não vai fazê-lo, e é minha última palavra. Sou o líder da equipe e é uma ordem.

— Sinto muito. — Di Stefano sorriu com ironia —. Sou eu o líder da equipe, Nick, não você. O chefe pensou que sua conduta era muito errática, assim que tirou do mando, com efeito há meia hora. De fato, nem sequer está na equipe. Embora permitirei que fique na caminhonete, como cortesia, e vendo que tem um... interesse emocional no resultado. Assim quero que saia e traga a equipe para pôr o microfone em Charity. — Os dois homens se olharam fixamente —. Agora — adicionou com tranquilidade —. É uma ordem.

Agitada a respiração do Nick se ouvia claramente na habitação. Depois de soltar um selvagem “Merda!”, deu meia volta e saiu fechando a porta de um golpe.

Di Stefano se estremeceu e deixou escapar um suspiro. Olhou por volta da porta principal durante um segundo, e ato seguido cravou a vista no Charity.

— Sei o que está pensando. Está de saco cheio com ele. Eu também o estou, assim como Alexei, nosso companheiro. Por não falar de nosso chefe e do resto da Agência. Todos estão de saco cheio com o Nick.

— Mentiu-me — falou Charity com firmeza —. Desde o começo.

— Sim — assentiu Di Stefano com secura —. O fez, é seu trabalho. É um dos melhores agentes segredos que conheci, e ser capaz de mentir é vital para isso. Entretanto, não costuma mentir na pouca vida própria que tem. Em todo caso, Iceman é muito honrado. Assim o chamam, Iceman. Porque sempre se mostra impassível e mantém o controle.

O agente sacudiu a cabeça e fez uma careta.

— Você acabou com isso. Jamais o tinha visto assim. Embora me doa dizer algo em seu favor, violou todas as regras ao casar-se contigo. Destroçou sua carreira por ti. Se deixarem que continue no serviço depois disto, acabará esfregando banheiros. Disse-nos em termos inequívocos, que se lhe matassem, devíamos cuidar de ti, sua viúva. O fez para te proteger — afirmou —. Por difícil que seja de imaginar tratando-se do Iceman, está claro que te quer. Sei que se sente enganada e traída, mas tudo o que fez foi te manter a salvo da única forma que sabia.

A Charity tremia a garganta. Era-lhe impossível pronunciar palavra. Tomou fôlego até três



vezes, mas nada surgiu de sua boca.

— E por duro que seja dizê-lo — acrescentou o agente — acredito que merece que lhe dê outra oportunidade.

Di Stefano tinha tomado o justificado aborrecimento do Charity e lhe tinha dado a volta. Estava furiosa, e tinha todo o direito a está-lo. Nick lhe tinha mentido desde o começo, e tinha contínuo fazendo-o.

E entretanto, e entretanto... Nick fazia o que acreditava correto. E Charity sabia, no fundo, ali onde a mentira não tinha capacidade e só havia espaço para a verdade, que Nick lhe havia feito amor de forma real. Que havia sentimentos verdadeiros no meio.

Mas não tinha a menor ideia do que fazer com essa informação.

Nick irrompeu de novo na habitação, levando uma mala negra, com a cara séria e tensa. Uma corrente de ar gélido entrou com ele e Charity ficou a tremer, não só a causa do frio.

A jovem não podia deixar de olhá-lo. Era tão diferente do Nick com quem se casou... Tinha um lado perigoso, afiado como uma faca. Os traços de seu rosto, tão familiar para ela como a própria, eram em certo modo diferentes. Como se lhe tivessem tirado um véu, deixando tão somente pele, osso e verdade.

Verdade. O Nick que tinha diante era o verdadeiro; duro, sério e sem piedade. Não era absolutamente um afável executivo, a não ser um homem feito para a ação. Um homem potente e veloz que enfrentava diariamente o perigo. Que sem dúvida tinha matado e que parecia perfeitamente capaz de voltar a fazê-lo.

Nick deixou a mala sobre a mesinha de café, abriu as fechaduras e elevou a tampa. Dentro havia uma série de artefatos alojados em espuma.

Tirou dois deles; um cabo comprido com dois pequenos emplastros em cada extremo, e o outro um pequeno quadrado negro. Como passava com todas as coisas eletrônicas, a aparência não indicava para que serviam.

— De acordo. — Nick se endireitou e dirigiu um olhar irado a cada um. Depois centrou toda sua atenção em seu companheiro — Isto vai ser feito a minha maneira, ou simplesmente não se fará. Não é opcional. Antes de qualquer coisa, vamos precisar de reforços.

— Conta com isso — disse Di Stefano—. Vou chamar a nossa equipe SWAT em Boston. Chegarão aqui por volta das quatro. Espero que não tenhamos que utilizá-los, que possamos fazer com que Charity entre e saia sem nenhum tipo de contratempo, e que nos seja possível interceptar a AlBanna quando saia, mas estarão ali, no caso de.

— Dois. — Nick manteve seu implacável olhar fixo em seu companheiro. Você e eu estaremos juntos fora da casa durante todo o tempo que Charity esteja ali. Dá-me no mesmo o que isso suponha. Se tivermos que nos encarregar dos guardas, isso é o que faremos. Charity não entrará a menos que eu esteja a dois segundos de derrubar a porta para chegar até ela.

— Ehh... — Di Stefano se mexeu nervosamente —. Não sei...

— Não é negociável — rugiu Nick.

Di Stefano guardou silêncio durante um momento, avaliando o ultimato do Nick.

— De acordo — suspirou.



— E três — prosseguiu Nick —. Ela não permanecerá mais de vinte minutos na casa, no máximo. Se conseguir algo, estupendo, mas vinte minutos depois de que cruzar a porta, fingirá ter uma enxaqueca monumental e sairá dali.

— Mas...

— Isto tampouco é negociável. Do contrário, não o faremos. De fato não deveríamos fazê-lo, tal e como estão as coisas.

— Está bem, de acordo. — Di Stefano estendeu o braço e olhou à hora. Mais vale que comecemos a prepará-la. Nick se colocou diante do Charity.

— Eu me encarregarei. Saia daqui e me espere na caminhonete. Estarei ali dentro de uma hora. Silêncio.

Di Stefano inspirou, exalou, e por fim falou.

— Posso contar com isso? Com que saia daqui? Porque tudo indica que está a ponto de me passar por cima de novo, Iceman. Mais do que já fez, e isso não posso consentir. Preciso que me dê sua palavra de que partirá daqui e deixará que ela vá sozinha a casa do Worontzoff.

— Vai mandar um carro me pegar — interveio Charity. Não tentava compreender a tensão que vibrava entre os dois homens, mas podia afastar-se.

Os músculos da mandíbula de Nick vibraram de fúria.

— Exato! — disse ao Charity, enquanto olhava fixamente a Di Stefano. Vai estar sozinha em um carro com um dos comparsas do Worontzoff durante... Quanto? Quinze, vinte minutos? Podem acontecer muitas coisas nesse tempo. Nem imagina o perigo que corre.

O coração de Charity deu um tombo.

— Não, não acredito que Vassily me faça mal.

Nick olhou para ela, apertando os dentes.

— Vassily nunca faria mal a Katya Amartova. Amava-a. Mas Katya Amartova leva mais de quinze anos morta. Acredita que te ama porque se parece muito a ela, mas “não” é ela. O que acredita que ocorrerá quando por fim se dê conta?

— Volta para a caminhonete, Iceman — disse Di Stefano com voz fria e firme —. Não deixarei que comprometa esta parte da missão antes que se inicie.

— E o que fará para me impedir isso. — desafiou Nick, voltando-se para ele.

— Colocarei umas porras de algemas em você, isso é o que farei.

Nick adotou uma expressão feroz.

— Tente. E cuida sua maldita linguagem. Há uma dama presente.

— Merda. — Os dentes de Di Stefano se chocaram por causa da exasperação —. Não pretendo ter problemas contigo. A única coisa que quero é que me dê sua palavra de que lhe colocará o microfone e a largará.

Nick roçou a mão da mulher que amava.

— Charity? Depende de ti. Ainda quer fazê-lo? Porque eu me oponho rotundamente. Temos o escritório do Worontzoff sob escuta e manteremos o laser em funcionamento até o último minuto possível. Grampeamos os telefones e vamos tirar fotografias de todos aqueles que entrarem ou saírem. Talvez possamos introduzir um microfone no interior da casa. Não é



necessário que faça isto.

Di Stefano abriu a boca, mas a fechou imediatamente por temor a influenciá-la.

O certo era que sim a necessitavam.

A mansão do Vassily era enorme. A maior parte das vezes que Charity tinha ido ver lhe, ele se encontrava no salão, que contava com uma chaminé gigantesca, não em seu escritório. Era muito possível que se reunisse ali com a gente que esperava, em lugar de no escritório. E ainda que o fizessem depois das cinco, que era quando o sol ficava.

Necessitavam de olhos e ouvidos, e parecia que esse era o papel de Charity.

Não subestimava o perigo, mas também estava segura de que Vassily não lhe faria mal. Não obstante, ia entrar em uma habitação repleta de criminosos, sem estar treinada para reagir se desatasse a violência. Por outra parte, sabia, sem o menor indício de dúvida, que Nick estaria tão perto quanto fosse possível.

Não tinha por que fazê-lo, e entretanto... algo em seu interior empurrava a isso. Charity confiava em sua bússola moral, e a agulha apontava ao norte sem vacilar. Estava em situação de ajudar a acabar com uma importante organização criminosa, e ia aproveitar. Como poderia negar-se? Saber que estava fazendo o correto lhe produziu uma profunda quietude.

Inclusive as náuseas deixaram de acossá-la e se sentiu bem pela primeira vez em dias. Claro que o fato de ter diante ao Nick, forte, vital e furioso, também influía.

A porta se fechou em silêncio e Nick se voltou para ela. Sua mão saiu disparada, curvando-se com delicadeza em torno de seu pescoço. Logo se inclinou até que sua testa tocou a de Charity, com seus olhos lançando intensos brilhos azuis.

— Não quero que faça — sussurrou.

Charity retrocedeu e ele a seguiu. Um par de passos mais, e estaria com as costas contra a parede e o comprido e potente corpo do Nick apertando-se contra ela.

— Sei — respondeu —. Mas tenho que fazê-lo. — Tomou ar e formulou a pergunta que lhe estava atormentando —. Dê. — Tragou saliva. Tinha a boca completamente seca e sentia os pulmões vazios. Falar resultava difícil —. Depois, voltarei a vê-lo outra vez?

Resultava doloroso humilhar-se desse modo, mas sua necessidade de saber resultava imperiosa. Se Nick respondesse que não, partiria tão logo terminasse com o que tinha que fazer, e ela cairia de cara no chão.

Esticou os joelhos e ergueu as costas. Não, não o faria. Os Prewitt não caíam ao chão. Aceitavam o que lhes proporcionava a vida e tiravam o maior proveito.

Parecia que Nick não a tivesse ouvido.

— Ficarei vinte minutos, nem um segundo mais. Assim que saia de casa de Worontzoff, eu estarei a seu lado e nunca mais voltarei a te deixar.

Depois de dizer aquelas palavras, a garganta do Nick lançou um grunhido grave, o som que proferiria um animal ferido e moribundo. Inclinou-se sobre ela com os olhos brilhantes e a boca aberta. Imediatamente, a boca de Charity se abriu instintivamente para receber seu beijo, entretanto, Nick deteve um suspiro de seus lábios, queimando-a com o olhar. Ofegava, sentia seu quente fôlego sobre a bochecha. Um fio de suor descendeu por sua têmpora para cair sobre o



pescoço do Charity.

Era impossível pensar que alguém pudesse o chamar de Iceman. Parecia a ponto de estalar em uma bola de fogo.

— Regressei da porra da morte por você, Charity, assim não, não vou a nenhuma parte. Vou viver contigo, aqui ou em outra casa; dá no mesmo para mim. Farei algo... talvez me candidate para xerife. Isso tampouco me importa, sempre que estiver contigo e possamos criar juntos nosso filho. Fica claro?

Quase podia sentir as vibrações de sua forte vontade masculina se chocando contra ela. Embora o desejasse, não havia forma de poder resistir a ele. Mas não o desejava. Viver com ele durante o resto de sua vida, criar juntos a seu filho, parecia-lhe o paraíso.

— Sim, muito claro — sussurrou.

Voltou a aproximar a boca para a sua, detendo-se no segundo último, e separando-se a seguir. Seus olhos descenderam até sua boca e voltaram a levantar o olhar.

— Não posso te beijar — disse com crueldade. Profundos sulcos emolduravam sua formosa boca —. Não posso te enviar ali com os lábios vermelhos e inflamados, indicando que lhe beijaram. Tampouco podemos fazer amor, embora esteja a ponto de explodir. — Moveu o corpo para apoiá-lo contra o seu e que pudesse sentir sua ereção, quente e dura, pressionando contra seu ventre —. Não posso. Não posso garantir que não te deixarei alguma marca. Mas quando isto terminar, vou levar-te para a cama e a fodê-la até te deixar sem fôlego.

— De acordo — murmurou, lhe olhando aos olhos.

Nick soltou sua nuca como se fosse algo doloroso, dedo a dedo, e retrocedeu. Era como desconectar um campo de força repentinamente, ou como se a gravidade do planeta desaparecesse. Charity ficou sem equilíbrio e começou a cair.

Os braços de Nick a rodearam imediatamente, atraindo-a novamente contra seu corpo.

Ela retorceu levemente, pois tinha as costas contra a parede e Nick pegou-a. Sentiu inclusive como seu pênis se endurecia ainda mais quando ele inspirou profundamente.

— Deus — balbuciou. Deu um passo para trás a contra gosto. Outro passo, e outro mais. Aproximou-se da maleta e retornou com os artefatos eletrônicos nas mãos e os cabos pendurados.

Elevou a mão e baixou com cuidado a zíper da jaqueta do moletom. Depois retrocedeu, inspirando fundo com os olhos fechados.

Ela ficou ali, sentindo o frio em uma pequena tira ao longo de seu peito, ali onde se abria a jaqueta.

Com o rosto tenso, Nick abriu os olhos de novo. Colocou as palmas sobre seus peitos e abriu os dedos para abrangê-los sem deixar de observá-la com atenção. Finalmente subiu as mãos até seus ombros e lhe tirou a jaqueta. Os músculos de sua forte mandíbula não deixavam de contrair-se e tinha a testa molhada de suor. Baixou a vista na frente dela durante vários e prolongados momentos.

Charity permaneceu erguida, com os braços a cada lado, sem saber o que fazer. Tinha estado nua com o Nick em tantas e tão prazenteiras ocasiões... Mas esse tinha sido Nick Ames.



Ainda continuava sem saber como reagir ante ao Nick Ireland.

Nick agachou à cabeça até que sua testa descansou sobre o ombro dela. Charity podia sentir a umidade e o calor de sua pele contra a sua. Permaneceram assim, sem mover-se, durante cinco minutos, que logo foram dez.

Para Charity era impossível pensar tendo ao homem que amava tão perto, pegado a ela. Nick parecia absorver todas suas emoções e pensamentos. Com a mente completamente em branco, seu corpo tomou o controle. Suas mãos se elevaram de maneira hesitante, como se não tivessem vontade própria, subindo por seu jaqueta preta para lhe estreitar finalmente em um abraço. O corpo do Nick se sacudi por inteiro em um prolongado estremecimento que pareceu subir desde suas botas pretas e abranger seu alto e forte corpo.

Uma mão grande se deslocou das costas de Charity para embalar a um de seus suaves seios. A palma de Nick sobre seu peito era uma sensação tão familiar... Em um instante, os sentimentos que durante todo o dia tinha estado mantendo no limite, alheios a ela em certo modo, fluíram com urgente violência por suas veias. Excitação, ira, intensa sorte, dor agônica.

Nick lhe roçou o mamilo com o polegar e o prazer foi imediato, apoderando do corpo da jovem igual como a um raio.

Finalmente, Nick levantou a cabeça e a jogou para trás enquanto observava sua mão sobre o peito de Charity.

— Sente-os distintos? — perguntou com voz rouca.

— Um pouco — sussurrou.

A mão abandonou seu peito para lhe cobrir o ventre. Descansou ali a palma, quente e grande, justo onde crescia seu bebê.

Fazendo um esforço, Nick se afastou para agarrar toda a parafernália eletrônica.

O microfone era complicado de segurar, e precisou colocar várias tiras de esparadrapo. Nick trabalhou de forma lenta e minuciosa, com uma expressão concentrada no rosto. Suava tanto que uma gota lhe caiu pela têmpora.

Desapareceu em seu dormitório e retornou com uma blusa de lã preta. Logo a pôs sem pressas e com esmero. Uma diminuta câmara de vídeo ocupou o lugar de um dos botões.

— Estar-te-ei observando — lhe assegurou Nick —. Observando tudo.

Assim que a jovem assentiu, repassou com ela as precauções a tomar. Charity tinha a cabeça alagada de frequências, receptores de rádio e duração da pilha, mas Nick lhe fez prometer uma vez mais, lhe olhando fixamente aos olhos, que assim que se cumprissem os vinte minutos, alegaria dor de cabeça e se iria para casa.

Finalmente, terminou.

Nick a envolveu em seus braços e sepultou a cabeça no ombro do Charity. Ficaram ali, tremendo, até que ela sentiu umidade sobre sua pele nua, e se afastou, surpreendida.

Eram lágrimas, não suor.

Elevou os braços para afundar as mãos no cabelo preto azulado de Nick. Seu marido, que lhe tinha mentido, que não era quem dizia que era. Mas ao que amava igualmente, com toda sua alma.



Um profundo calafrio percorreu o corpo do Nick, e se endireitou. Olhou-a, sem tentar sequer ocultar as lágrimas que rompiam por suas bochechas.

— Estarei perto — disse com crueldade. Ela assentiu —. Entra, fala o menos possível e sai. Charity assentiu de novo.

Olharam-se no silêncio da habitação. Nick resfolegava como se tivesse acabado de correr. Apertou os punhos com força, e os abriu ato seguido.

— Vá vestir-se — ordenou isso —, antes que mude de opinião.

Capítulo 23

Parker's Ridge

Mansão do Vassily Worontzoff

— Meu querido Arkady — lhe saudou Vassily, aproximando-se dele —. Meu muito querido amigo. — Abraçaram-se e beijaram-se na bochecha.

— Vor. — A voz do Arkady soou pastosa. Tossiu para ocultar a emoção. Fazia quatro anos que não tinha visto seu Vor.

— Adiante, meu amigo, deve se sentar. Tem que estar cansado depois de tão longa viagem.

Vassily lhe indicou uma cômoda poltrona de pele junto ao que obviamente era seu escritório e se ocupou pessoalmente de lhe levar um copo de vodca, em sinal de respeito. Depois se sentou a seu lado, colocando sua mão destroçada sobre o braço do Arkady.

— Há-o feito bem, meu amigo. Haverá muitas viagens como esta, se estiver disposto a fazê-las... — interrompeu-se enquanto Arkady assentia com a cabeça sem duvidar. Se o Vor lhe necessitava, estava a seu serviço.

— Bem. — O Vor assentiu —. Ganharemos muito dinheiro, e quando tivermos terminado, enviar-te-ei para que cuide de meus interesses na Europa. Você gostaria de se assentar na Suíça? França?

— Na Itália — respondeu Arkady com um fio de voz.

O Vor voltou a assentir.

— Na Itália, então. Ali haverá trabalho te esperando. Nosso império cresce. Será meu vice-rei.

Arkady inclinou a cabeça.

— Será um privilégio, Vor — murmurou.

Os dois homens viraram a cabeça para ouvir uma brusca chamada à porta. Um homem apareceu à cabeça e Arkady pôde distinguir que se tratava de um antigo zek.

— Vem de caminho. Acabam de nos informar. Chegará a menos de uma hora, em uma caravana de três veículos.

— Deixa entrar unicamente um carro — ordenou Vassily com brutalidade. Diga-lhe que o



espero sozinho com o engenheiro e meu guarda-costas.

O homem pareceu inquieto.

— Vor — disse —. É isso prudente? São homens perigosos.

— Sim, são. Mas temos algo que eles querem desesperadamente. E há mais em caminho. Não me fará nada. — Agitou a mão —. Agora, vá e esteja preparado para recebê-lo quando chegar.

O homem vacilou brevemente, depois inclinou a cabeça e se retirou. A pesada porta emitiu um suave estalo ao fechar-se. Vassily esboçou um sorriso desapaixonado.

— Logo terminará este assunto. Vamos, nos retiremos ao salão a tomar o chá. E quando isto termine, há alguém a quem quero te apresentar. Ficará pasmado, meu amigo.

Arredores da mansão do Worontzoff

Aquelas foram às últimas palavras que Nick escutou antes que Alexei desconectasse. Sabia que seu companheiro tinha que fazê-lo — se olhasse com atenção, podia ver-se o raio laser como uma magra linha na crescente escuridão —, mas teve que conter-se para não estelar o punho contra a parede por causa da frustração.

Di Stefano e ele estavam escondidos detrás de um arbusto, a um lado das janelas do escritório, incapazes de ver o interior da estadia. Virtualmente cegos, e tinham deixado sem áudio, também surdos.

Vestiam um uniforme especial de pés a cabeça que repelia a detecção térmica.

Essa noite, a segurança do Worontzoff estava revolucionada, dando voltas de um lado a outro e descarregando o caminhão que tinha chegado fazia um quarto de hora. Di Stefano e ele tinham sido cuidadosos e eram bons no que faziam. Infiltrar-se não significava nenhum problema.

Nick sabia que a equipe SWAT estava pronta e preparada.

Tinham passado a última hora tomando posições. Não podia vê-los, mas sabia que estavam ali. O sistema de comunicações emitia um assobio constante cada quarto de hora, indicando que os agentes estavam em posição.

Tinha esperado uma oposição encarniçada por parte de Di Stefano em relação a estar ali onde se desenvolvia a ação e não na caminhonete, observando Alexei andar daqui para lá devido à frustração. Mas sem dúvida seu companheiro se dava conta de que Nick não permitiria que nada se interpor entre o Charity e ele enquanto ela estivesse no interior da casa do Worontzoff, assim, seu agora chefe se limitou a lhe dizer que se equipasse e isso foi tudo.

Di Stefano tirou um pequeno monitor de plasma, sustentando-o de forma que não pudessem detectar seu leve resplendor. Era um pequeno milagre da tecnologia, programado para a tira de imagens térmicas e capaz de sincronizar com a frequência da micro câmera de Charity.

Estudou com atenção e assinalou ao Nick que todos tinham saído da habitação. Depois, tirou uma diminuta furadeira de alta velocidade e ultra-silenciosa, e procedeu a perfurar um buraco na parede, à altura do rodapé do interior da casa. Assim que a furadeira perfurou a parede interna, Di Stefano introduziu no buraco um conjunto de microfone e sonda de verme com uma



lente incorporada.

Logo teclou no computador portátil e, de repente, Nick tinha áudio e podia ver o interior da habitação. Estava próximo ao chão, mas a câmara tinha um bom alcance; era um pequeno milagre da ótica.

Aquilo ia bem, melhor do que tinha esperado. Agora tinham olhos e ouvidos no quarto e poderiam ver e escutar tão bem quanto Charity.

O escritório estava vazio, mas havia música de fundo. Uma dessas tristes canções russas que tinham enfurecido a Nick quando se ocupava dos trabalhos de vigilância por áudio.

O sistema de comunicações emitia um som agudo para todos os do circuito, incluído Alexei. Se falar em russo, Alexei se encarregaria de realizar uma tradução simultânea.

Agora tão somente ficava esperar.

Pelo geral, Nick se dava bem em esperar; o silêncio e a escuridão eram seus aliados. Mas nesses momentos, suas vísceras se moviam a milhares de quilômetros por hora. Aferrou fortemente sua potente arma, alegrando-se de levar luvas, pois lhe suavam as mãos.

Dois clicks dos membros da equipe SWAT lhes indicaram que tudo estava em ordem.

Iceman se escondeu e esperou; não havia nada mais que fazer.

Nick lhe tinha escolhido a roupa com cuidado. Uma folgada blusa de lã preta ocultava o diminuto microfone que tinha colado entre os peitos, assim como a bateria sujeita à parte baixa de suas costas. A micro câmara estava tão bem camuflada, que inclusive era difícil vê-la. Também tinha escolhido umas calças de lã fina em cor cinza risca de giz e umas cômodas botas. Nick não tinha mencionado nada a respeito, mas sem dúvida tinha escolhido seu traje não só para ocultar a câmara e o microfone, mas também para que resultasse cômodo em caso de que tivesse que mover-se com rapidez.

Nick tinha enchido a cabeça com instruções, mas, além de que não devia girar-se de costas nem deixar que o tecido roçasse contra o microfone ou arranhar-se, não tinha assimilado muito mais.

Sobressaltou-se ao escutar o som do timbre da porta principal; o chofer de Vassily tinha chegado para recolhê-la.

Deu uma olhada no espelho; estava a ponto de trair a Vassily, algo do que jamais se acreditou capaz. Pensou no remédio adulterado, nos componentes defeituosos de aviões e no que Nick lhe tinha contado a respeito da organização de tráfico de seres humanos em que Vassily estava envolvido.

E logo pensou no Nick.

Dois homens. Tinha-os querido aos dois de maneira distinta, e não tinha chegado a conhecê-los de verdade.

O timbre soou de novo e Charity agarrou seu casaco. Depois de inspirar profundamente, encaminhou-se para a porta.

Hora do espetáculo.

AlBanna chegava tarde. Mas Vassily tinha aprendido a ter paciência nas piores



circunstâncias possíveis; da pior forma imaginável. AlBanna compareceria; tinha investido muito para não fazê-lo. Vassily tinha algo que o árabe desejava com desespero, e havia mais de caminho.

Enquanto isso, Vassily conversava amigavelmente com seu velho amigo, Arkady, enquanto tomavam chá e vodka. Não rememoravam os velhos tempos, como normalmente faziam os amigos. O passado era muito doloroso. Não, a música e a literatura teciam sua magia habitual.

Finalmente, Ilya apareceu na soleira da porta.

— Já chega, Vor — lhe informou sem alterar-se —. Estará aqui dentro de quinze minutos.

— Disse-lhe que viesse sozinho? — perguntou Vassily com brutalidade.

— Sim. Não lhe agradou, mas acabou por aceitar. Só lhe acompanhará o chofer.

A Vassily interessava pouco se o tipo se sentia ou não a gosto, o único que importava era que tinham encontrado uma rota nova e segura e que AlBanna lhe levaria dez milhões de dólares.

E depois disso, celebrá-lo-ia com a Katya. Ao fim juntos, depois de tantos anos.

Escutaram-se cinco clicks; o sinal consertado previamente para indicar que alguém chegava. Havia um sentinela apostado na estrada a pouco mais de dois quilômetros, bem camuflado e com uns potentes binóculos.

— AlBanna — disse Di Stefano em um sussurro.

Nick assentiu.

Worontzoff devia ter recebido também a notícia. Nick pôde ver em tela como Vassily e o russo chamado Arkady, que tinha transportado o contêiner, entravam no escritório.

Ambos falavam com calma e quietude.

— Estão conversando sobre livros. — A voz do Alexei soava clara como uma campainha em seus ouvidos —. Nada transcendente. Worontzoff acaba de contar uma piada a respeito de quão árabes chegam tarde. Empregou um termo para árabe que é realmente politicamente incorreto.

Quase era noite fechada, o que ajudava a não serem detectados. Os focos estavam conectados a um temporizador que não tinha mudado do verão, e se acenderiam dentro de uma hora. Dentro de uma hora e meia, Charity estaria a salvo fora de cena e todos os ocupantes da mansão sob controle. Ou mortos. Ao Nick importava pouco o um ou o outro, sempre que Charity estivesse bem.

Nick e Di Stefano mantiveram a posição, logo que respirando. De vez em quando, Alexei os fazia um resumo da conversação que tinha lugar no escritório.

Os portões de entrada começaram a abrir, rangendo, bem a tempo para que um Mercedes preto com os vidros pintados as atravessasse e subisse até a escada de entrada sem reduzir a velocidade. Um ato de pura arrogância.

Dois homens desceram do veículo: o condutor e um passageiro. Nick olhou com atenção ao homem que desembarcou do assento de atrás. Tinha estudado o documento do bode até que lhe tinha ficado gravado a fogo no cérebro.

Parecia maior que nas fotografias do documento, mais magro. Havia-se feito um pouco de cirurgia plástica. O nariz era mais estreito, os maçãs do rosto mais altos. O cabelo cinzento em lugar de preto meia-noite.



Mas Nick lhe reconheceria em qualquer parte.

Hassad AlBanna, o homem que tinha planejado e organizado o ataque contra o USS Penetrei, que uma vez fora a mão direita da Osama Bin Laden, agora estava montando uma franquia de terror por sua conta.

Di Stefano estalou a língua uma vez no microfone que levava perto da boca. Nick quase podia apalpar a tensão da equipe SWAT.

Observou enquanto AlBanna subia a grande escada de granito. O chofer lhe pisava nos talões, levando uma mala grande. Um tipo grande e forte; sem dúvida um guarda-costas que fazia às vezes de motorista.

Ao cabo de uns minutos, entravam no escritório e Nick e Di Stefano se inclinaram sobre o monitor, observando como se suas vidas dependessem disso. O que era certo.

Vassily se levantou para saudar o árabe. Felizmente, não trocaram sutilezas nem fingiriam cortesia. Tratava-se de uma transação comercial entre dois homens e duas organizações que não queriam ter nada que ver uma com outra, além do intercâmbio de dinheiro por mercadoria.

Aquilo lhe convinha. Quanto antes concluía, antes poderia estar com a Katya. Sentia sua presença de forma extremamente anormal, e nem sequer havia chegado.

A habitação estava cheia de poder, muito poder. Na história oculta do mundo, o que acontecesse essa noite naquela pequena localidade do norte de Vermont mudaria o rumo da humanidade. Vassily sentia que o destino tinha estimado que deveria viver, apesar de que deveria ter morrido mil vezes durante sua estadia na Kolyma. Uma força poderosa lhe tinha conduzido ao ponto em que se encontrava, e a reclamar a seu amor perdido.

A farsa havia chegado a seu fim. Katya e ele estariam de novo juntos, ricos e poderosos. Nunca ninguém voltaria a lhes fazer dano. Jamais.

Nick e Di Stefano o observavam tudo na reduzida tela. Worontzoff cruzou a habitação coxeando para receber a AlBanna. O russo se deteve justo diante do árabe e lhe saudou com uma breve inclinação de cabeça.

Nenhum fez intenção de lhe estreitar a mão ao outro.

AlBanna era seguido por seu guarda-costas, que ia armado, a julgar pelo visível vulto sob sua axila. Nick só pôde imaginar que o guarda-costas do Worontzoff, Ilya, também ia armado. Era muito possível que se organizasse um tiroteio se Worontzoff tratava de desarmar a AlBanna. Tanto Ilya como o guarda-costas do árabe pareciam homens fortes e competentes.

Destruição mútua garantida. Isso dava resultado. Aquilo tinha evitado que os Estados Unidos e a União Soviética se bombardeassem durante cinquenta anos.

Havia cinco homens na habitação: Worontzoff, AlBanna, o guarda-costas de este, Arkady e Ilya.

— Não acredito que seja necessário que percamos tempo — disse Worontzoff e o árabe assentiu —. Você primeiro.

AlBanna olhou seu guarda-costas. O robusto homem colocou a enorme mala sobre o



escritório de Worontzoff e a abriu. Estava repleta de maços de bilhetes. Todos os ocupantes da habitação ficaram imóveis.

Merda, inclusive Nick e Di Stefano ficaram petrificados.

A câmara estava rente ao chão, mas o dinheiro abarrotava a mala de tal modo que se transbordava. O guarda-costas agarrou um maço, sujeito com uma banda, e o folheou. Nick podia ver com toda clareza o retrato de Benjamin Franklin estampado; bilhetes por valor de cem dólares cada um. Nick tratou de calcular quanto dinheiro poderia conter essa grande mala. Milhões e milhões.

— Dez milhões de dólares — disse AlBanna. Sua voz se ouvia desce nos fones do Nick. Bom, aquilo respondia a suas dúvidas —. O que consigo com isto?

Worontzoff assentiu e o homem chamado Arkady se aproximou de um amplo contêiner. Tinha um sistema de abertura complexo, mas o abriu finalmente e levantou a tampa.

Depois retrocedeu e assinalou o disputado com o braço.

— Um recipiente com cem quilogramas de cézio 137. Dada a temperatura, encontra-se em estado líquido. Há suficiente cézio neste recipiente para fabricar uma bomba grande e potente ou para várias menores. Pode radiar o centro de Manhattan, digamos o distrito da Wall Street, ou várias bases militares, como lhe agrado. Temos mais de cem recipientes como este, preparados para ser enviados.

Um sorriso carente de calidez surgiu nos lábios da AlBanna.

— Excelente.

Nick e Di Stefano intercambiaram um sombrio olhar de espanto. Aquilo superava os piores augúrios do Nick. Por sorte estavam ali e foram impedir o intercâmbio. A só ideia de que houvesse cem recipientes de cézio 137 na Rússia, à espera de ser enviados aos terroristas, resultava assustadora.

Não foram desbaratar um mero intercâmbio; foram acabar com o que seria uma mudança na estabilidade mundial. Normalmente, aquilo deixasse Nick cheio de satisfação, mas em sua cabeça não havia capacidade para nada que não fora a preocupação que sentia por Charity. Não havia espaço para nada, exceto o terror que lhe provocava a possibilidade de que lhe fizessem mal.

A grade se abriu de novo e foi cruzada por um dos veículos do Worontzoff, um Mercedes. Nick deu rapidamente à volta, observando a entrada do carro. Pôde distinguir com muita dificuldade uma figura, pequena e pálida, na parte de atrás. Deus, era Charity.

O pelo de seu corpo se arrepiou, furioso pelo fato de que lhes tivesse ocorrido a descabelada ideia de lhe pôr um microfone e enviá-la à guarida do leão. Nunca tinha estado tão assustado de que algo pudesse sair mal.

O grande carro preto desapareceu da vista, mas podia imaginá-la saindo do veículo e subindo a grande escada de pedra.

Ao cabo de uns minutos, Nick escutou uma suave chamada na porta do escritório. Observaram no monitor como um criado lhe falava em voz baixa ao Worontzoff, que a sua vez respondeu.



Ao Nick lhe gelou o sangue quando escutou a tradução do Alexei através dos fones:
— Faz ela entrar.

Agora que compreendia quem era ele em realidade, a Charity resultava estranho entrar em casa do Vassily. Tinha estado ali com frequência, principalmente para assistir a suas veladas, quando a grande e formosa mansão estava repleta de gente. E em umas quantas ocasiões para tomar o chá, eles dois sozinhos, mas com o que parecia todo um exército de criados rondando por ali.

Agora, o grande edifício parecia escuro e deserto, um lugar perigoso, sem alegria.

Tinha-lhe encantado visitar Vassily durante todo o inverno. Cada vez que tinha posto o pé na mansão, havia sentindo certa emoção, não estremecida de medo e terror como nesse momento.

Agora sabia a verdade sobre ele e o que via nela. Todas essas prolongadas e comovedoras conversações, os bate-papos sinceros sobre livros e música... tudo tinha sido uma farsa. Vassily não tinha conversado com “ela”, com o Charity, a não ser com seu amor perdido.

E agora que compreendia de onde procedia o dinheiro, o luxo do lar de Vassily lhe provocava náuseas. Talvez se devesse a quão esgotada estava, dado as dilaceradoras emoções que a tinham destroçado os últimos dias, mas tinha a sensação de que a casa de Vassily desprendia vibrações malignas.

Nunca antes tinha ido sozinha depois de que escurecesse se não era para assistir a um evento social. As outras vezes, a mansão e os jardins tinham estado iluminados como uma árvore de Natal, e havia serventes por toda parte. Agora a mansão estava às escuras, e a única iluminação exterior do pórtico deixava a grama e os jardins sumidos nas sombras.

O grande carro preto se deteve brandamente ao pé da escada que conduzia ao pórtico. O chofer se apeou e abriu a porta traseira. Não tinha pronunciado uma só palavra durante a viagem e tampouco o fez nesse momento. Simplesmente lhe abriu a porta para que baixasse, olhando fixamente ao vazio.

Com cada degrau que subia da grande escada, aumentava a sensação de pavor do Charity. Podia sentir o pausado e forte batimento de seu coração. Mover os pés lhe exigiu um esforço, pois os sentia tão pesados como se fossem de chumbo. O mesmo ar parecia chumbo.

A tentação de olhar em redor, de ver se Nick e John Di Stefano estavam por ali foi quase irresistível. Far-lhe-ia sentir muito melhor entrar na escura e ameaçadora mansão sabendo que havia dois agentes federais perto, e que Nick era um deles. Charity não duvidava nem por um segundo de que, passasse o que acontecesse, Nick a defenderia com toda sua alma.

Também sabia que havia uma equipe SWAT por ali, oculto.

Deviam ser muito bons em seu trabalho, porque não sentia absolutamente nenhuma presença protetora ali fora. Sentia-se sozinha, pequena e desamparada enquanto subia essas escadas, com as palmas das mãos escorregadias a causa do suor.

A grande porta principal se abriu antes sequer de ter ocasião de tocar a campainha. Além desta, apreciava-se uma escuridão quase total, a diferença das outras ocasiões em que tinha cruzado aquela porta, quando tudo estava iluminado pela gigantesca aranha do vestibulo.



Agora estava apagada, e a única luz provinha de uns abajures acesos na grande sala de estar ao outro extremo do saguão, onde Vassily e ela tinham ficado horas conversando. O coração lhe encolheu de dor ante a ideia.

Dispunha-se a dirigir-se de forma automática à sala, quando o criado que lhe tinha aberto a porta lhe tocou o braço brevemente. — por aqui, senhora — disse, lhe indicando a porta do escritório. Charity franziu o cenho. Nunca tinha estado no escritório de Vassily. Por que queria agora que ela entrasse ali? Aproximou-se lentamente à porta do escritório, com o coração lhe pulsando a toda pressa. Sentia o microfone igual a um peso de cinquenta quilogramas entre seus peitos e estava convencida de que a micro câmera era tão visível como se fosse uma bengala vermelha.

O criado lhe abriu a porta e Charity entrou devagar, sentindo-se como se encaminhasse para a guilhotina. Desejava ter tido posto seu pulôver negro de pescoço voltado, pois não lhe cabia a menor duvida de que podia apreciar-se sem dificuldade o frenético palpar do coração em seu pescoço.

Havia um silêncio absoluto na estadia e cinco homens se voltaram para ela. Os saltos de suas botas ressonavam na quietude da habitação.

O escritório de Vassily era muito mais espaçoso do que tinha imaginado, inclusive se podia dizer que tinha o tamanho de um salão de baile. Como caberia esperar do Vassily, as paredes estavam cobertas de livros do chão ao teto e, tratando-se dele, certamente os tinha lido todos. Como de costume, o fogo ardia em uma chaminé ainda maior que a que havia na sala de estar. O luxo da gigantesca habitação era superior a tudo que tinha visto; tapetes persas de incalculável valor sobre o piso lajeado, um enorme e reluzente escritório de mogno, enormes móveis antigos apenas visíveis na penumbra. Cristal, metal e seda.

Toda a luz estava concentrada em torno da mesa do escritório. E sobre a dita mesa havia uma mala aberta. Levou-lhe um segundo reconhecer o que continha, pelo desatinado que lhe pareceu.

Dinheiro. A mala continha dinheiro a cestas, maços e maços, bem empacotados. Devia haver milhões de dólares. Mais dinheiro do que jamais tivesse imaginado que podia juntar-se em um mesmo lugar e ao mesmo tempo.

Sobressaltada, o olhar do Charity foi até o de Vassily. Ele a estava observando com muita atenção, com uma faísca ardente em seus olhos. Charity não sabia como reagir. Sem dúvida Vassily desejava que ela visse todo esse dinheiro, mas por que?

Era perigoso para ambos.

Se tivesse albergado a mais mínima dúvida de que Vassily era um criminoso, essa mala a teria espaçoso. Ninguém salvo um criminoso poderia precisar dirigir tanto dinheiro em espécie.

Vassily a observava de forma febril, espectador. Sabia que tinha visto o dinheiro. Que se supunha que devia dizer ela agora? O perigo era perfeitamente evidente naquela habitação e lhe comprimia o peito ao ponto de sentir-se enjoada.

Passeou o olhar para os outros quatro homens. Pode ser que Vassily a olhasse com afeto, ao menos até que acabasse por dar-se conta de que ela não era Katya, mas os rostos do resto dos



assistentes à reunião a observavam com hostilidade.

Especialmente um homem moreno com cabelo grisalho e rasgos severos. Quando seus olhares se cruzaram, o coração de Charity deu um tombo devido ao detestável ódio preto sem fundo que pôde ver neles e que sua pessoa irradiava em arrepiantes e sinistras ondas.

Aquele devia ser o terrorista. Deus santo!

Nick Ihe havia dito que o microfone não captaria o batimento de seu coração, mas Ihe parecia impossível que não fosse assim. Seu coração tentava sair do peito.

— Minha queridíssima Katya — disse Vassily em voz baixa. Estava de pé a um extremo do escritório, apoiado em sua bengala e olhando-a fixamente, como se a mala repleta de dinheiro não estivesse ali —. Veem mim, minha dushka. Dê-me um beijo e logo me espere fora. Temos muito do que falar.

Charity ficou cravada onde estava, com a garganta muito tensa para pronunciar palavra. O ambiente estava impregnado de algo terrível, de alguma presença maligna preparada para estender suas garras para ela e rasgá-la. Inclusive as mesmas moléculas do ar transportavam a palavra “perigo”, fazendo com que formigasse a pele.

Vassily estava imóvel, observando-a com olhos brilhantes.

— Veem, querida minha — repetiu, abrindo os braços e fazendo que sua elegante bengala preta pendesse de uma de suas destroçadas mãos.

Tinha que fazê-lo, simplesmente, tinha que fazê-lo. E logo alegaria ter enxaqueca e jamais retornaria ali.

Não estava feita para realizar missões secreta. Sentia como se todo seu corpo revelasse que estava mentindo enquanto se aproximava do Vassily para que a abraçasse, sabendo que não podia acovardar-se e consciente de que o faria.

O homem moreno a observou avançar com olhos frios como o gelo, e ato seguido se girou para o Vassily.

— É isto necessário? — Sua voz era áspera, gutural, com um marcado acento do Oriente Meio —. É uma intrusa. Não tem nada que fazer aqui.

Vassily não respondeu. Nem sequer olhou ao homem. Simplesmente observou o avanço do Charity com os braços totalmente abertos para acolhê-la, enquanto murmurava algo em russo que ela não entendeu. Embora sim devesse entendê-lo dois dos homens da habitação, pois viu que abriam os olhos como pratos, surpreendidos.

O homem moreno expressou sua indignação, girando a cabeça para vê-la aproximar-se.

— Katya — murmurou Vassily.

A Charity Ihe arrepiou a pele. Vassily estava muito excitado, tinha os olhos brilhantes, as bochechas avermelhadas e Ihe tremiam as mãos. A bengala se bamboleava devido a seu entusiasmo.

O homem moreno estrelou a mão sobre o escritório, frustrado, e a jovem se sobressaltou. Estava-a observando com tal ódio, que temia que a atacasse se passasse por seu lado. Se Ihe tivesse sido possível, Ihe teria esquivado, mas não podia. Estava justo no meio.

Charity podia Ihe ouvir chiar os dentes quando chegou até a cadeira que o homem ocupava.



De repente se escutou um assobio repentino tão estridente que lhe doeram os ouvidos; um assobio tal que parecia elevar do chão. Todos ficaram imóveis, salvo o terrorista.

— Espião! — gritou, levantando-se de um salto e tirando uma pistola—. É uma espiã! Morre!

— Katya! — exclamou Vassily, jogando-se sobre ela. Ouviu-se um disparo, e Charity golpeou com força contra a parede, de forma que suas costas explodiu de dor. Outro disparo e, ato seguido, todo som se viu afogado pela enorme explosão que a jogou no chão, cegando-a e privando-a da audição.

“Deus!”

Nick observou, suando, como Charity entrava no escritório do Worontzoff. Aquilo não formava parte do plano. Supunha-se que ela devia manter-se a distância de todos menos do Worontzoff, e alegar ter uma terrível dor de cabeça o antes possível.

Entrar em uma habitação com o Worontzoff, AlBanna, dois guarda-costas e um homem que traficava com material radioativo não era no que tinham ficado.

Tinha os olhos pegos à tela e os dentes apertados com tal força que lhe doíam as têmporas. Charity estava completamente só naquela estadia cheia de criminosos e terroristas. Não só Charity. Charity e seu filho.

Nick com muita dificuldade conseguia respirar quando ela entrou na habitação. O filho de puta do Worontzoff a olhava como se convertesse em uma posse pessoal, enquanto que AlBanna fervia de fria cólera.

Viu que ela reparava no conteúdo da mala aberta e tragava saliva com dificuldade. Charity não era estúpida; sabia o perigo que corria. Nick confiava em que se mantivera alerta.

— Lhes prepare para entrar — disse em voz baixa ao microfone. Escutaram-se os clicks em resposta. Nick sabia que os homens estavam se movendo, em que pese a não poder ouvi-los nem vê-los.

Lançou-lhe um olhar áspero a Di Stefano, disposto a acabar com ele se punha objeções. Mas Di Stefano estava preparando sua arma de assalto, preparado para voar as janelas em pedaços em caso de ser necessário.

Seria um milagre que ela saísse dali com vida. Nick começou a tirar material de sua mochila: bombas de fumaça, carregadores extra...

Foram carregar se a todos, sem dúvida. Esse recipiente de cézio não ia sair do edifício, a menos que fora em mãos dos peritos biológicos de Segurança Nacional. Mas o assalto só teria lugar depois de que Charity partisse. A ideia de que ela se visse apanhada em um fogo cruzado lhe voltava louco de medo.

Ter que esperar a que acontecesse era uma agonia.

Suando a mares, olhou fixamente o monitor, desejando com todas suas forças que todos os que aparecessem em dissessem a Charity que fosse embora. Ela passaria a outra habitação, esperaria, fingiria ter enxaqueca e a levariam a casa. Uma vez que se certificou de que estava a salvo, “então” entrariam.



Isso não ia acontecer.

O sangue de Nick gelou ao ver a expressão do Worontzoff. Estava se excitando vendo que Charity compreendia a situação, totalmente perdido em algum universo alternativo com a Katya, seu defunto amor, que levava morta tantos anos e que agora voltava para a vida.

— Veem, dushka — disse, e lhe estendeu os braços.

Nick virtualmente podia sentir as dúvidas e o medo da jovem. Não o faça. Enviou-lhe aquele pensamento, apesar de compreender que estava obrigada a fazê-lo. Nesse preciso instante, a vida de Charity dependia de manter a ilusão de Worontzoff de que era Katya.

Quando a mulher que amava avançou lentamente para o Worontzoff, Nick teve que lutar contra a visão de túnel, uma anomalia que se produz em combate e que faz que um só possa ver o que se tem justo diante. Era algo perigoso, tanto em combate como nesses momentos. Tinha que lutar contra isso. Expandiu deliberadamente seus sentidos em busca de sinais de perigo iminente e captou a expressão da AlBanna.

Arrepiou-lhe todo o pelo do corpo. O terrorista olhava ao Charity com gélido ódio. Procuraria qualquer desculpa para liquidá-la; ela era uma presença alheia, imprevista. Um perigo para ele.

Nick aferrou com mais força a culatra de sua arma.

Charity passou na frente de AlBanna e de repente se escutou um assobio ensurdecido incrivelmente estrepitoso nos auriculares, que pôde inclusive ouvir-se através dos muros da mansão.

Descoberta! Um dispositivo de contra vigilância! AlBanna levava um dispositivo de contra vigilância oculto e tinha descoberto que Charity levava um microfone. Soou um disparo. Dois.

— Vamos, vamos, vamos! — gritou Nick pelos fones, movendo-se depressa. A calma sobrenatural da batalha tomou agora o controle, o tempo ficou em câmera lenta, e foi capaz de calcular cada movimento.

A descarga da arma de assalto de Di Stefano abriu as portas de repente e Nick arrojou uma bomba de fumaça M84. Ambos se pegaram à parede. Nick indicou a Di Stefano que se desdobrasse à direita enquanto ele o fazia à esquerda.

Seu companheiro assentiu.

Uma rajada ensurdecida e cegadora explodiu no escritório. Todos os ocupantes do quarto ficariam cegos e surdos durante ao menos cinco segundos, até que as células foto sensíveis da retina pudessem voltar para a normalidade, e o fluido nos canais semicirculares do ouvido reatasse sua função.

A parede da mansão tinha protegido ao Nick do pior da descarga, embora se tinha treinado até a extenuação para suportar o impacto. Um segundo depois de que a bomba tivesse estalado, cruzou a porta, registrando a parte esquerda, sabendo que Di Stefano fazia o mesmo à direita. Entre os dois cobriam quase 180 graus.

Moveu-se depressa, desarmando a dois homens aturdidos e lhes colocando umas algemas de plástico de última geração. AlBanna estava no chão, em meio de um atoleiro de sangue, e Di Stefano lhe algemou os braços por cima da ferida do peito.



Nick percorreu a habitação com a vista de forma infrutífera. Onde estava Charity? Onde?

Escutou um soluço apenas audível, deu-se rapidamente à volta, e o coração lhe deteve. Simplesmente, deixou de pulsar.

Charity estava estendida de costas contra a parede, atrás do escritório, como se um punho gigante a tivesse arrojado ali sem o menor cuidado. Achava-se coberta de sangue e Worontzoff descansava parcialmente sobre ela.

Alguém estava chorando, emitindo um som de sofrimento animal tão dilacerador, que lhe doía o coração. Charity era consciente disso, embora só fracamente. A cabeça lhe dava voltas e lhe doía todo o corpo. Onde estava? Jogou uma olhada ao redor sem mover a cabeça, em que pese a que ainda via pontinhos diante de seus olhos por causa da potente explosão que tinha tido lugar na habitação.

Outros homens começaram a gritar, agentes vestidos de preto com cascos da mesma cor, que lhes dava um aspecto de insetos alienígenas, levando armas enormes. Entraram na estadia com rapidez controlada.

— Limpo! — gritou um, ouvindo o eco dentro e fora da habitação.

— Limpo!

— Limpo!

— Limpo!

Tinha dificuldade para respirar. Algo acontecia com seu peito; não podia expandir os pulmões. Baixou a vista e viu o Vassily, imóvel, em cima dela. Um dos homens da habitação, que parecia cientista, estava tendido sobre ele, gritando igual a um animal ferido. Destrambelhando furiosamente em uma língua desconhecida. Era russo?

Não podia respirar suportando o peso de dois homens sobre o peito. Não podia respirar; não podia ver; não podia ouvir.

Aquilo não tinha sentido. Nada tinha sentido. Resultava-lhe impossível clarear suas ideias, que não deixavam de dispersar-se. Apitavam-lhe os ouvidos e via pontos.

Moveu a mão ligeiramente e sentiu algo úmido e viscoso no chão. Fazendo um grande esforço, levantou a mão e a levou a cara.

Estava vermelha. Sangue.

De repente, o homem que chorava sobre Vassily, abraçou-o e o tirou de cima.

— Charity! — Nick se ajoelhou a seu lado, escorregando-se levemente no sangue do chão.

— Meu Deus, está ferida! Onde lhe dispararam, carinho? Onde te dói? — Levantou a vista para os homens de preto que enchiam o lugar — Um médico! — gritou — Um médico, aqui!

Umas mãos a apalpavam freneticamente, começando pela cabeça e descendo por seu torso até as pernas.

— Não... — Charity tratou de insuflar ar em seus pulmões — Não estou ferida — conseguiu dizer ao fim enquanto seus pulmões se expandiam em busca de ar — Não... sou eu.

Tinha que ser Vassily. A Charity resultava quase impossível pensar, mas, apesar de que lhe doía tudo, sabia que não tinha nenhuma ferida mortal. Sentia as costas completamente empapada de sangue. Isso, unido à quantidade de sangue que havia no chão, indicava-lhe que a ferida devia



ser grave.

Notou outro par de mãos. Não as do Nick, a não ser a de um dos homens de preto.

— Senhor, afaste-se para que possa examiná-la.

Nick lhe sustentava a mão, escorregadia devido ao sangue.

— Senhor? Não posso examiná-la se não se move.

Charity podia sentir a reticência do Nick ao soltar sua mão e ficar em pé. Jogou uma olhada pelo quarto e lhe fez gestos a um dos homens de uniforme.

— Desfaça-se disso — disse com frieza, assinalando para o homem que não deixava de mugir. Arkady se tinha apoiado contra a parede com o corpo lasso do Vassily embalado entre seus braços, balançando-se para trás e para frente. Seus gritos resultavam dolorosos de escutar, um comprido lamento em russo.

O médico lhe fez uma verificação rápida e conscienciosa em Charity e a declarou essencialmente ileso.

Graças ao Vassily.

Parte do impacto da explosão se estava dissipando, e a lembrança dos momentos prévios começava a retornar. O estridente assobio, o terrorista empunhando uma pistola, apontando para ela. O grito do Vassily, jogando-se sobre ela.

A bala tinha alcançado a ele; não a ela.

Vassily lhe tinha salvado a vida. Charity baixou o olhar a seu corpo morto, que sustentava fortemente o russo que agora estava coberto com o sangue de seu Vor.

Vassily era um criminoso, um renegado. Mas lhe tinha salvado a vida.

A enorme habitação estava agora iluminada e havia gente movendo-se resolutamente por ela. A mala grande cheia de dinheiro em efetivo tinha sido fechada, e um grupo de homens estavam examinando o grande contêiner metálico. Charity cambaleou.

— Acabou-se — grunhiu Nick enquanto tomava em seus fortes braços e se aproximava com passo enérgico até o lugar onde Di Stefano estava intercambiando opiniões com um grupo de homens —. Podem limpar, eu levo isso para casa.

Di Stefano abriu a boca, olhou ao Nick e a fechou de novo.

— Muito bem, deixa daqui.

Detiveram-se um momento no pátio e Charity inspirou profundamente. Parecia que tinham acontecido dias desde que tinha subido essas escadas.

Nick a olhou, sério, ao tempo que contraía com força a mandíbula.

— Assim é como vai ser — anunciou —. Levo-te para casa e para a cama, e não vamos sair nem a tomar ar até que passe uma semana ou me deixem de tremer as mãos. O que antes aconteça. Logo iremos à prefeitura e voltaremos a casar, só que desta vez legalmente. Quero-te e meu filho não nascerá sendo bastardo.

Disse tudo àquilo de maneira beligerante, como se esperasse que ela discutisse. Mas, como sempre acontecia com o Nick, só havia uma resposta possível:

— Sim, Nick.



Epílogo

Parker's Ridge
Nove meses depois

Jacob Franklin Ireland tinha muita pressa em nascer.

Charity Ireland gemeu e o xerife Nick Ireland pisou no acelerador. Teve que segurar-se com força ao volante porque tinha as palmas das mãos úmidas à causa do suor produto da ansiedade.

Estavam em meio de uma violenta tormenta estival e a chuva caía com tal força que os limpador de para-brisas resultavam virtualmente inúteis. Não é que importasse muito. Nick conhecia o caminho ao hospital, apesar de que a situação se assemelhava mais a pilotar um navio que a conduzir um carro.

Charity deixou escapar outro leve gemido, mordendo os lábios.

Nick conduzia a tanta velocidade como podia sem arriscar-se a sofrer um acidente, utilizando suas habilidades de condução ao máximo.

— Aguenta, meu amor — a animou, mantendo um tom de voz suave e consolador apesar de que estava consumido pela ansiedade e o medo. Jogou uma olhada rápida em Charity, que estava estendida no assento do passageiro ofegando entre uma contração e outra.

De repente, viu esticar seu ventre. Deus!

Ela lançou outro grito e Nick pisou no acelerador. Se fosse mais rápido com a chuva que estava caindo, o carro se deslizaria pelo ar. Charity tinha a testa empapada em suor, embora não tanto como ele.

— Nick — gemeu.

— Não passa nada, meu amor. — Tratou por todos os meios de evitar que sua voz transparecesse o pânico que sentia. “Não passa nada?” E que caralho sabia ele? As lições pré-parto o faziam enjoar tanto que não assimilou nada. Sempre que abria um desses livros sobre partos e bebês que Charity lia por toneladas, não conseguia passar do primeiro capítulo sem que um suor frio se apoderasse dele.

Dobrou a esquina e, sabendo que agora tão somente ficava uma via reta até a zona de urgências do hospital, arriscou-se há aumentar um pouco a velocidade, esperando que não houvesse outros condutores tão loucos para sair em metade de uma tormenta que estava descarregando a chuva de todo um ano em uma só tarde.

Ao final de uns minutos, cruzava as portas do hospital junto com Charity, gritando a enfermeiras, médicos, e a qualquer que ficasse por diante. Sua esposa tinha o rosto contraído por causa da agonia e Nick tratou de recordar por que tinha um filho.

As enfermeiras chegaram, rápidas, eficientes e serenas, e subiram ao Charity a uma maca com rodas. Uma delas apalpou o volumoso ventre e lhe levantou a saia, cortou as calcinhas e se sobressaltou.

— O bebê está nascendo! — exclamou. Embora Nick não soubesse o que isso significava, podia vê-lo. Entre as pernas do Charity se apreciava o cocuruto de cabelo preto do bebê.

Seu filho.

Nick se colocou de lado e segurou a mão de Charity enquanto a estimulava a respirar como um idiota.

Enquanto isso, um bando de pessoal médico se congregou aos pés da maca, fazendo sem se



alterar coisas que Nick não desejava presenciar. Charity lhe apertava a mão com tanta força que quase lhe doía. Detestava vê-la sofrer, odiava-o.

Logo, de repente, tudo terminou. Charity rompeu em um grande grito, assombrosamente forte para uma mulher tão pequena, e um bebê avermelhado se deslizou nas atarefadas mãos do médico. Imediatamente, as enfermeiras e doutores começaram a cortar e suturar.

Começou um sonoro pranto e Nick olhou atentamente em sua direção com o coração desbocado. Seu filho. Aquela graciosa criatura que parecia um coelho pelado era seu filho.

Charity rompeu a rir e Nick a olhou, atônito.

— Pareceu-te divertido? — perguntou.

Ela esboçou aquele sorriso que lhe voltava louco.

— Divertido, não — murmurou com suavidade — Maravilhoso.

Alguém lhe tocou no cotovelo.

— Xerife — o chamou uma das enfermeiras — Aqui está seu filho.

Pôs Jake nos braços e Nick baixou o olhar ao rosto do bebê, cujos diminutos rasgos eram uma réplica dos seus. O desespero por nascer já tinha desaparecido. Seu rostinho se mostrava sereno, embora um leve cenho entre suas diminutas sobrancelhas mostrava que se sentia perplexo por este novo mundo.

Nick acariciou a bochecha do Jake com o dedo indicador, assombrado de sua incrível suavidade.

De repente, o bebê abriu uns olhos como pratos; tinham uma viva cor azul e, até sua morte, Nick juraria que seu filho lhe sorriu. Uma mãozinha pequena lhe agarrou o dedo. Seu filho, aferrando-se a sua mão.

Seu filho. Deus bendito! Seu “filho”.

Pela segunda vez na vida, Iceman rompeu a chorar.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>